



UNIVERSIDADE
CATÓLICA
PORTUGUESA

BRAGA

**Contributos para a adaptação da Entrevista Clínica
Geracional à população portuguesa**

Dissertação de Mestrado apresentada à
Universidade Católica Portuguesa para
obtenção do grau de mestre em
Psicologia da Família

Joana Maria Afonso Vilela

Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais

MARÇO 2016



CATÓLICA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS

BRAGA

Contributos para a adaptação da Entrevista Clínica
Geracional à população portuguesa

Dissertação de Mestrado apresentada à
Universidade Católica Portuguesa para
obtenção do grau de mestre em
Psicologia da Família

Joana Maria Afonso Vilela

Sob a Orientação da Prof.^a Doutora **Armanda Paula Cunha Gonçalves**

Agradecimentos

Em especial a minha avó Maria de Lurdes pela oportunidade que me deu enveredar pelos caminhos da psicologia e numa das universidades mais reconhecidas de todo o mundo.

Ao meu avô Luís Ramos por terminar a tarefa, que infelizmente a minha avó deixou perto do fim.

Aos meus pais, aos meus irmãos pelo apoio e paciência em todo este caminho. De modo geral, a toda a minha família.

Também um fundamental agradecimento a todos os casais que colaboraram nesta investigação.

A Doutora Armanda Gonçalves um agradecimento especial pelo gosto que tive em podermos trabalhar em conjuntos e sobretudo por ser uma referencia a nível profissional.

A Doutora Carla pela sua dedicação, pelo seu apoio, por ser uma excelente colega de trabalho e a motivação num momento de menor confiança.

A todos os que de uma forma ou e outra fizeram parte deste percurso.

Resumo

O presente estudo teve como objetivo contribuir para a adaptação e validação da *Intervista Clínica Generazionale (ICG)* de Cigoli e Tamanza (2009), anteriormente submetida a um processo de adaptação transcultural para a língua portuguesa por Raguso, Facchin, Molgora e Gonçalves (2010) e intitulada como Entrevista Clínica Geracional (ECG). A ECG é um instrumento clínico para a avaliação e investigação das relações familiares centrado em particular no conceito de Generatividade das famílias. A ECG é composta por diferentes dimensões a saber pelo Eixo I - As Origens, pelo Eixo II - O Casal e o pelo Eixo III - Passagem Generativa. Foi no presente estudo aplicada a 10 casais portugueses visando o teste das propriedades de medida, especificamente a validade de constructo, através do uso do teste da validade convergente (Freire & Almeida, 2001). Para estudar a validade convergente utilizou-se a análise de comparação usando o *teste de Fisher* para testar a associação entre os Eixos da ECG (Eixo I - As Origens, Eixo II - O Casal e o Eixo III - Passagem Generativa) com outros instrumentos: o *Family Environment Scale (FES)* e o *Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scales (FACES IV)*; a Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal (EASAVIC); e, por último, a *Loyola Generativity Scale (LGS)*, respetivamente; que avaliam constructos teoricamente relacionados (e.g., coesão familiar, expressividade, comunicação, etc) e calculou-se, subsequentemente, as suas correlações (coeficiente de correlação não-paramétrica de *Spearman*). As análises de correlação entre Eixos I (Q1, Q6, Q7), II (Q5,6,8.1/8.2), III (Q3.1/3.2) da ECG com os *scores* das escalas/subescalas da FES ('Ambiente familiar', 'Expressividade') e FACES IV ('Coesão equilibrada', 'Flexibilidade'), EASAVIC ('Próprio', 'outro', total') e LGS mostraram, respetivamente, no mesmo sentido da análise *de Fisher*, que existem coeficientes de correlação positiva estatisticamente significativos, indicando validade convergente para as respetivas dimensões. De salientar que a validade convergente entre Eixo I (Q1) e a subescalas da FES ('Ambiente familiar') apenas foram verificadas para os cônjuges do género feminino, assim como entre o Eixos I (Q7) e a subescalas da FES ('Expressividade'), assim como, entre Eixo I (Q6,7) e a subescalas da FACES IV ('Coesão equilibrada', 'Flexibilidade') apenas ocorreram para os cônjuges do género masculino. Em suma, os presentes resultados mostram que a ECG, na sua versão portuguesa, possui boa qualidade psicométrica e validade, e aponta para a sua utilidade na avaliação da dinâmica familiar para as respetivas dimensões onde foram encontradas validade convergente.

Palavras-Chave: Generatividade, relações familiares, Entrevista Clínica Generaciona

Abstract

This research project aims to contribute to the adaptation and validation of the Interview Clinic Generazionale (ICG) of Cigoli and Tamanza (2009), previously subjected to a process of cultural adaptation to Portuguese by Raguso, Facchin, Molgora and Gonçalves (2010), entitled 'The Clinical Generational Interview' (CGI). The CGI is a clinical tool for the evaluation and research of family relationships focused in particular on the concept of Family Generativity. The CGI is composed by different dimensions namely the Axis I - The family of origin, the Axis II - The couple and the Axis III - The generational passage. In this study the CGI was applied to 10 Portuguese couples in order to analyze their measurement properties, in particular the construct validity through the use of convergent validity procedures (Freire & Almeida, 2001). To study the convergent validity was used the comparison analysis using the Fisher's exact test and the coefficient of non-parametric Spearman correlation to explore the association/correlation between the axes of the CGI (Axis I - The family of origin, Axis II - The couple and Axis III - The generational passage) with other instruments, such as: the Family Environment Scale (FES) and the Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scales (FACES IV); the Scale of Assessment of Satisfaction in Areas of Conjugal Life (EASAVIC) and, lastly, the Generativity Loyola Scale (LGS), respectively; since these instruments assess theoretical constructs related to those covered by the CGI (e.g., family cohesion, expressiveness, communication, etc.). The correlation analysis between Axis I (Q1, Q6, Q7), II (Q5, 6, 8.1 / 8.2), III (Q3.1 / 3.2) of the CGI with the scores of the subscales of FES ('Family environment' and 'Expressive') and of FACES IV ('Balanced Cohesion' and 'Flexibility'), EASAVIC ('Self', 'Other' and total scores) and LGS showed, respectively, in the same sense of Fisher's analysis, statistically significant positive relationships, indicating convergent validity for the respective dimensions. To point out that the convergent validity between Axis I (Q1) and the subscales of the FES ('Family environment') were only founded for the female gender spouses group, as well as the association between the Axis I (Q7) and the subscales of the FES ('expressiveness') and the Axis I (Q6,7) and subscales faces IR ('Balanced cohesion, 'Flexibility') only was observed for the males spouses group. In short, the present results show that the CGI in its Portuguese version, has good psychometric quality and validity, and points to its usefulness in the assessment of family dynamics to the respective dimensions which were found convergent validity.

Key – Word: Generative, family relations, Interview Clinical Generative

Sumário

1. Introdução	12
1.1 Evolução do conceito de Generatividade.....	15
1.2 Modelo Relacional-Simbólico.....	23
1.3 Modelo Circumplexo de Olson	28
1.4 Teoria Intergeracional de Bowen	30
1.5 Modelo da Resiliência Familiar de Froma Walsh	33
2. Metodologia	36
2.1 Adaptação e Validação de Instrumentos de Avaliação	36
2.2 Desenho do estudo: Objectivos gerais e específicos	38
2.3 Participantes.....	39
2.3 Materiais/ instrumentos	40
2.3.1 Questionário sociodemográfico	40
2.3.2 Entrevista Clínica Geracional (Raguso, F., Facchin.F., Molgora.S.,& Gonçalves, 2010)	40
2.3.2.1 Eixo I: As Origens	41
2.3.2.2 Eixo II: O Casal	42
2.3.2.3 Eixo III: Passagem Geracional.....	43
2.3.4 <i>Family Environment Scale (FES) e Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scales (FACES IV)</i>	43
2.3.5 Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal (EASAVIC)	46
2.3.6 Escala de Generatividade de Loyola (LGS)	48
2.4 Procedimentos de recolha de dados da entrevista.....	48
2.5 Procedimentos de análise dos dados das entrevistas.....	49
2.5.1 Eixo I: As Origens – Indicadores da Análise Taxonómica (Cigoli & Tamanza,2009)	50
2.5.2 Eixo I: As origens – Indicadores da Análise Tipológica (Peixoto.R., 2012; Cigoli & Tamanza, 2009).....	52
2.5.3 Eixo II: O Casal – Indicadores da Análise Taxonómica (Cigoli e Tamanza,2009)	54
2.5.4 Eixo II: O casal – Indicadores da Análise Tipológica (Peixoto, 2012; Cigoli & Tamanza,2009)	56
2.5.5 Eixo III: Passagem Geracional – Indicadores da Análise Taxonómica (Cigoli & Tamanza,2009)	58
2.5.6 Eixo III: Passagem Geracional – Indicadores da Análise Tipológica (Peixoto,2012; Cigoli & Tamanza,2009).....	61
2.6 Resultados	63
2.6.1. Caracterização da amostra.....	63

2.6.2 Resultados da Entrevista Clínica Geracional (ECG)	64
Eixo I - As Origens	64
QUESTÃO 1 – Ambiente das origens: Conteúdos mentais e Qualidade dos Afetos	64
QUESTÃO 1.2 – Ambiente das origens: Ritualidade da Família	66
QUESTÃO 4 – ‘Regras de ouro’ da vida familiar para as relações internas e externas da família	67
QUESTÃO 5.1 – Natureza afetiva das recordações: relação com a mãe.....	68
QUESTÃO 5.2 - Natureza afetiva das recordações: relação com a pai.....	70
QUESTÃO 5.3 - Natureza afetiva das recordações: relação com os irmãos.....	71
QUESTÃO 6 – Aprendizagem da relação de casal dos pais	72
QUESTÃO 7 – Relação entre as Estirpes.....	73
Eixo II - O Casal	74
QUESTÃO 1 – O Encontro.....	74
QUESTÃO 2 – Do encontro à relação	75
QUESTÃO 3 – O que casaram no outro	75
QUESTÃO 4 – Encontraram o que procuravam um no outro	76
QUESTÃO 5 – Novas descobertas.....	77
QUESTÃO 6 – Momentos difíceis	78
QUESTÃO 8.1/8.2 – Encontro com a família	78
QUESTÃO 9 – Futuro do Casal	79
Eixo III - Passagem Generativa	80
QUESTÃO 1 – Prefiguração da vida familiar.....	80
QUESTÃO 2 – Imagens realizadas ou não realizadas	81
QUESTÃO 3.1/3.2 – Valores e modelos a passar as filhos.....	81
QUESTÃO 4 – Sentido de eficácia parental	82
QUESTÃO 5 – Identidade dos filhos	83
QUESTÃO 6 – Sofrimento, esperança e confiança nas relações familiares.....	84
2.6.3 Resultados dos Instrumentos.....	85
Resultados da <i>Family Environment Scale</i> (FES) (Matos & Fontaine, 1992).....	85
Resultados da <i>Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scale</i> (FACES IV) (Gouveia-Pereira et al., 2013).....	85
Resultados da Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal (EASAVIC) (Narciso & Costa, 1996)	86
Resultados da Escala de Generatividade de Loyola (LGS) (Alves et al., 2006)	87
2.6.4 Resultados da análise da validade convergente	88

2.6.4.1 Eixo I – FES e FACES	89
2.6.4.2 Eixo II – EASAVIC.....	92
2.6.4.3 Eixo III – LGS	93
3. Discussão dos resultados	94
Referências bibliográficas	109

Índice de Figuras

Figura 1. Mapa Conjugal e Familiar	29
Figura 2. Resultados da validade convergente do Eixo I da ECG e a FES	89
Figura 3. Resultados da validade convergente do Eixo I da ECG e a FACES IV	91
Figura 4. Resultados da validade convergente do Eixo II da ECG e a EASAVIC	92
Figura 5. Resultados da validade convergente do Eixo III da ECG e a LGS	94

Índice de Quadros

Quadro 1 Síntese dos objetivos e procedimentos metodológicos para adaptação e validação da ECG	38
Quadro 2 Grelha de análise do Eixo I	52
Quadro 3 Grelha de análise do Eixo II	57
Quadro 4 Grelha de análise do Eixo III	62
Quadro 5 Descrição dos dados Sociodemográficos	64

Índice de Tabelas

Tabela 1. Resultados da categorização taxonómica da Q1, eixo I da ECG	66
Tabela 1.1 Resultados da categorização tipológica da Q1, eixo I da ECG	66
Tabela 2. Resultados da categorização taxonómica da Q1.2, eixo I da ECG	67
Tabela 2.1 Resultados da categorização tipológica da Q1.2, eixo I da ECG	67
Tabela 3. Resultados da categorização taxonómica da Q4, eixo I da ECG	68
Tabela 3.1 Resultados da categorização tipológica da Q4, eixo I da ECG	68
Tabela 4. Resultados da categorização taxonómica da Q5.1, eixo I da ECG	69
Tabela 4.1 Resultados da categorização tipológica da Q5.1, eixo I da ECG	69
Tabela 5. Resultados da categorização taxonómica da Q5.2, eixo I da ECG	70
Tabela 5.1 Resultados da categorização tipológica da Q5.2, eixo I da ECG	70
Tabela 6. Resultados da categorização taxonómica da Q5.3, eixo I da ECG	71
Tabela 6.1 Resultados da categorização tipológica da Q5.3, eixo I da ECG	71
Tabela 7. Resultados da categorização taxonómica da Q6, eixo I da ECG	72
Tabela 7.1 Resultados da categorização tipológica da Q6, eixo I da ECG	73
Tabela 8. Resultados da categorização taxonómica da Q7, eixo I da ECG	74
Tabela 8.1 Resultados da categorização tipológica da Q7, eixo I da ECG	74
Tabela 9. Resultados da categorização taxonómica da Q1, eixo II da ECG	74

Tabela 9.1 Resultados da categorização tipológica da Q1, eixo II da ECG	75
Tabela 10. Resultados da categorização taxonómica da Q2, eixo II da ECG	75
Tabela 10.1 Resultados da categorização tipológica da Q2, eixo II da ECG	75
Tabela 11. Resultados da categorização taxonómica da Q3, eixo II da ECG	76
Tabela 11.1 Resultados da categorização tipológica da Q3, eixo II da ECG	76
Tabela 12. Resultados da categorização taxonómica da Q4, eixo II da ECG	77
Tabela 12.1 Resultados da categorização tipológica da Q4, eixo II da ECG	77
Tabela 13. Resultados da categorização taxonómica da Q5, eixo II da ECG	77
Tabela 13.1 Resultados da categorização tipológica da Q5, eixo II da ECG	77
Tabela 14. Resultados da categorização taxonómica da Q6, eixo II da ECG	78
Tabela 14.1 Resultados da categorização tipológica da Q6, eixo II da ECG	78
Tabela 15. Resultados da categorização taxonómica da Q8.1/8.2, eixo II da ECG	79
Tabela 15.1 Resultados da categorização tipológica da Q8.1/8.2, eixo II da ECG	79
Tabela 16. Resultados da categorização taxonómica da Q9, eixo II da ECG	80
Tabela 16.1 Resultados da categorização tipológica da Q9, eixo II da ECG	80
Tabela 17. Resultados da categorização taxonómica da Q1, eixo III da ECG	80
Tabela 17.1 Resultados da categorização tipológica da Q1, eixo III da ECG	80
Tabela 18. Resultados da categorização taxonómica da Q2, eixo III da ECG	81
Tabela 18.1 Resultados da categorização tipológica da Q2, eixo III da ECG	81
Tabela 19. Resultados da categorização taxonómica da Q3.1/3.2, eixo III da ECG	82
Tabela 19.1 Resultados da categorização tipológica da Q3.1/3.2, eixo III da ECG	82
Tabela 20. Resultados da categorização taxonómica da Q4, eixo III da ECG	83
Tabela 20.1 Resultados da categorização tipológica da Q4, eixo III da ECG	83
Tabela 21. Resultados da categorização taxonómica da Q5, eixo III da ECG	83
Tabela 21.1 Resultados da categorização tipológica da Q5, eixo III da ECG	83
Tabela 22. Resultados da categorização taxonómica da Q6, eixo III da ECG	84
Tabela 22.1 Resultados da categorização tipológica da Q6, eixo III da ECG	84
Tabela 23. Análise descritiva das Escalas	87
Tabela 24. Matriz de correlações de <i>Spearman</i> entre as subescalas da FES e FACES IV e as questões do Eixo I da ECG	91
Tabela 25. Matriz de correlações de <i>Spearman</i> entre as subescalas da EASAVIC e as questões do Eixo III da ECG	93

Tabela 26. Matriz de correlações de *Spearman* entre a escala LGS e as questões do Eixo III da ECG 94

Índice de Anexos

Anexo 1 Entrevista Clínica Geracional	114
Anexo 2 Consentimento Informado	118
Anexo 3 Tabelas de análise da ECG	120

1.Introdução

Non possiamo di certo riscrivere la storia familiare,
possiamo però, nel presente,
diffondere almeno un po' di speranza e di fiducia nei legami.

Vittori Cigoli, 2009

O conceito de família, do ponto de vista sistémico, pode ser entendida como “uma rede complexa de relações e emoções que não são passíveis de ser pensadas com os instrumentos criados para o estudo isolado dos indivíduos [...] a simples descrição de uma família não serve para transmitir a riqueza e complexidade relacional desta estrutura” (Gameiro, 1992, p.187). Mediante esta afirmação, emerge a necessidade de estudar a família de modo mais aprofundado, procurando compreender o seu funcionamento e quais as variáveis envolvidas no sistema familiar que mais contribuem para o seu equilíbrio, para o que importa, a criação de instrumentos adequados para estudar este grupo tão particular.

Este trabalho de dissertação surge assim no sentido de dar continuidade ao trabalho de adaptação e validação de um instrumento dirigido ao casal, *L'Intervista Clinica Generazionale* (ICG), da autoria de Cigoli e Tamanza (2009) que em português se intitula **Entrevista Clínica Geracional (ECG)** traduzida por Raguso, Facchin, Molgora e Gonçalves (2010) e tendo vindo a ser usada em vários estudos na comunidade científica (Oliveira.T., 2012; Peixoto.R., 2012; Soares.D., 2012). A ECG surge como uma ferramenta inovadora que tem como objetivo orientar a intervenção clínica, tendo como foco central orientar a intervenção nas áreas críticas das relações familiares. O valor da ECG integra a sua capacidade de combinar a intervenção e a exploração das relações familiares através do encontro do entrevistador com o casal parental.

Para verificar e sustentar o modelo proposto pelos autores e de forma a sustentar o nosso projeto, foram tomadas opções teóricas que serão descritas de seguida. Assim de entre os diversos modelos de funcionamento familiar o primeiro foco é o **Modelo Relacional-Simbólico** (Cigoli, 2012; Cigoli & Tamanza, 2009; Cigoli, 2006; Cigoli & Scabini, 2006; Raguso,2006; Scabini & Cigoli 2000, 1991; Cigoli 1997,1992) segundo o qual interpreta a especificidade da família como uma organização de relações primárias, fundadas sobre a diferença de género e sobre a diferença de gerações e que tem como objetivo, e como projeto intrínseco, a Generatividade” (Cigoli & Scabini, 2000).

Segundo Cigoli e Scabini (2000) o laço generativo compreende-se portanto, na sua dupla valência de gerar e de ser gerado. É por esta razão que, quem quer compreender o objeto família é impulsionado a ultrapassar a perspetiva dual, que se limita a examinar a interação

pais/filho (Nelsen, 2002; Darling & Steinberg, 1993) ou, mais especificamente, a interação mãe/criança (Winnicott, 1994; Bowlby,1988), devendo ter em consideração, não só estas componentes de relação, como também, e sobretudo, as interrelações com as várias gerações dentro da família (Raguso, 2006)

O termo Generatividade (Cigoli & Tamanza, 2009) significa, para nós, um conjunto de dinâmicas que contribuem para as gerações futuras por meio da produção, não só de aspetos materiais, como também da partilha das vivências quer passadas, quer presentes ou futuras, assim como valores e conhecimentos dos elementos da família. Conclui-se, assim, que a finalidade da família é então a transmissão de vivências, e para o fazer tem que, inexoravelmente, partir da partilha, resultando na continuidade da história da família ao que segundo Raguso *et al.* (2010) a generatividade é revelador de um compromisso para com as gerações mais novas, constituído pela dupla ação de “transmitir” e de “legar”.

Considerando os instrumentos selecionados para utilizar no trabalho de validação, iremos também debruçarmo-nos sobre o **Modelo Circumplexo do Sistema Conjugal e Familiar de Olson** (Olson, 2011; Olson & Gorall 2003; Olson 2000), que alicerça o *Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scale (FACES IV)* de Olson (2011), adaptada para a população portuguesa por Gouveia-Pereira, Coutinho, Gomes, Martins e Miranda Gomes (2013). O FACES IV permite compreender os diferentes sistemas familiares, através dos construtos de “coesão”, “flexibilidade”, “comunicação” e “satisfação” (Olson,2003). São exatamente estes conceitos que nos permitem uma melhor compreensão da ECG particularmente nas questões relacionadas com as relações familiares e as projeções no futuro.

Uma outra opção teórica é a **Teoria Intergeracional de Bowen** (Bowen, 1998; Bowen, 1978) que preconiza que duas forças vitais que se contrabalançam, ou seja, aquelas que levam a pessoa à união com sua família e aquelas que a impulsionam rumo à individuação (Bowen,1998). Nesta teoria surge ainda o conceito de “massa indiferenciada do eu familiar” que se traduz na capacidade de autonomia pessoal de cada membro dentro do conjunto familiar, ou seja a diferenciação pessoal apesar da aparente fusão familiar e o conceito de “projeção familiar” que diz respeito ao modo pelo qual o grau de diferenciação atingido pelos pais se transmite aos filhos (Bowen,1998). Esta teoria permite também compreender melhor a ECG; nomeadamente através das questões que permitem definir a qualidade das relações familiares, do casal e a opinião de cada elemento.

Por fim, exploramos o **Modelo da Resiliência Familiar de Froma Walsh** (Walsh, 2004) que nos oferece um importante referencial que permite perceber este conceito como a

capacidade de desconstruir e reconstruir o laço quer a nível genealógico (i.e., com os nossos ascendentes e nossos descendentes), quer a nível horizontal que nos define enquanto sujeitos considerando as pertenças. Esta escolha teórica é também um apoio para a compreensão da ECG especialmente nas questões que permitem aceder ao sistema de crenças, aos padrões de organização e aos processos de comunicação da família.

Partindo desta base teórica, podemos então compreender um pouco melhor o padrão intergeracional, que o instrumento que nos propomos adaptar, a ECG, pretende também estudar.

Na parte metodológica, será apresentado o processo de adaptação do instrumento, tendo por base o trabalho de Cigoli e Tamanza (2009).

Especialmente, importa já definir que se optou-se por uma amostra de 10 casais não-clínicos, preferencialmente de classe média/alta, com pelo menos um filho com idades entre os 11 e os 17 anos, pois a adolescência é um espaço/tempo onde os jovens através de momentos de maturação diversificados fazem um trabalho de reintegração do seu passado e das suas ligações infantis, numa nova unidade. Esta reelaboração deverá dar capacidades para optar por valores, fazer a sua orientação sexual, escolher o caminho profissional, integrar-se socialmente. Este processo de crescimento faz-se também com retrocessos, este crescer faz-se sozinho, com os outros adolescentes e com e contra os pais. Como refere Carter & McGoldrick (2001) quando o adolescente entra em conflito, geralmente, com um dos pais, os esforços para diminuir a tensão frequentemente repetem antigos padrões de relacionamentos da família de origem dos pais. Os pais que fizeram um esforço consciente para educar seus filhos de modo diferente, evitando os mesmos “erros” que os seus pais cometeram, muitas vezes tem um brusco despertar. A capacidade dos adolescentes para se diferenciarem dos outros e da família depende do facto de cada vez mais serem responsáveis pelas suas decisões e ao mesmo tempo sentirem a segurança da orientação dos pais, sendo a flexibilidade a chave principal para o sucesso das famílias que se encontram nesta fase do ciclo vital (Carter e McGoldrick, 2001).

O objetivo principal deste estudo é contribuir para a adaptação da ECG através da análise da validade convergente (Freire & Almeida, 2001) comparando as componentes organizadas nos Eixos da ECG com os seguintes instrumentos psicométricos: i) *Family Environment Scale (FES)*, ii) *Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scales (FACES IV)*; iii) Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal (EASAVIC); e iv) Escala de Generatividade de Loyola (LGS). Especificamente serão confrontados os seguintes Eixos-instrumentos para validade convergente de construtos:

- i) Eixo I - *Family Environment Scale (FES)* e o *Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scales (FACES IV)* que nos permite avaliar a “coesão” através da avaliação dos laços emocionais, grau de separação e ligação de cada membro a família, a “flexibilidade” que avalia a capacidade do sistema familiar lidar com a mudança, a “expressividade/comunicação” que avalia a capacidade do sistema familiar agir e partilhar sentimentos sobre si e sobre os outros o “conflito/satisfação” que avalia o grau de conflito e de felicidade expresso pelos membros da família;
- ii) Eixo II - Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal (EASAVIC) que permite avaliar a tomada de decisão e a qualidade as relações sexuais, a privacidade, autonomia e idealização do cônjuge e o apoio emocional entre os cônjuges e a opinião acerca do aspeto físico do cônjuge;
- iii) Eixo III - Escala de Generatividade de Loyola (LGS) que permite avaliar a transmissão do conhecimento e competências a geração seguinte, realizações suscetíveis de virem a ser recordadas por longo período de tempo, ações criativas ou atuação produtiva e o cuidado e responsabilidade por outras pessoas.

De forma a compreender os temas centrais, abrindo espaço à emergência de novos conceitos ou apenas a conceptualização de conceitos já existentes procedeu-se a uma análise de conteúdo inerente ao método de análise da ECG por Cigoli e Tamanza (2009).

1.1 Evolução do conceito de Generatividade

A generatividade não tem sido objeto de estudo da comunidade científica até à última década, embora desde então tenham surgido algumas investigações e reflexões sobre o seu significado e manifestações. Ainda que com as terapias familiares se tenham introduzido conceitos e princípios de carácter intergeracional, como aqueles da lealdade invisível, diferenciação generacional, triangulação, legados, e outros, o conceito de generatividade e a intervenção no sentido da sua promoção têm sido negligenciados pelos terapeutas familiares e investigadores da área (Scabini & Cigoli, 2000; Costa, 2002). A *Intervista Clínica Generazionale* (Cigoli & Tamanza, 2009) vem, deste modo, contribuir para a promoção do estudo e avaliação da generatividade das relações familiares, propondo um modelo de análise muito específico e que, como tal, se diferencia de outros modelos teóricos de investigação e avaliação familiar. Antes de especificarmos as características essenciais deste modelo, designado de relacional-simbólico, passamos a apresentar o conceito de generatividade, sob o

ponto de vista de alguns psicólogos que mais contribuíram para o seu estudo e utilização na prática terapêutica e na investigação.

O conceito de generatividade foi delineado nos anos 50 e 60 por Erikson, para quem a generatividade constituía numa motivação básica do ser humano. Foi, também, definida por ele como uma tarefa psicológica, um estágio de desenvolvimento e um critério de adaptação e maturidade. Para Erikson (1985, cit em Costa, 2002) o sentido de uma identidade generativa define-se do seguinte modo: eu sou o que de mim sobreviver, o que fiz, o que criei, o que dei, transformei, sou finalmente a herança do meu *self* que deixo aos mais novos. O autor chegou a afirmar que o estágio de desenvolvimento designado generatividade/estagnação é o mais importante de todo o ciclo de vida, na medida que tem implicações para o indivíduo, para a sociedade e, em particular, para os jovens em relação a quem o adulto tem ações generativas. Todos os outros estádios estão naturalmente ordenados para este, pois todas as tarefas desenvolvimentais contribuem para a construção da generatividade. O último estágio do desenvolvimento psicossocial, designado de integridade/isolamento é, essencialmente, a reação ao sucesso ou ao fracasso da vivência generativa (Costa, 2002), sendo, por assim dizer, um estágio de recapitulação e avaliação.

Para Erikson a forma mais recompensadora da generatividade estaria associada à parentalidade, ainda que não se restringisse a ela (Costa, 2002). Ele associou-a, igualmente, à criatividade, produtividade, solidariedade e liderança e orientação. Vejam-se os trabalhos psicobiográficos do autor sobre Ghandhi (1948) e Martin Luther King (1964), em quem estas virtudes generacionais são tão evidentes. Do ponto de vista psicológico, a generatividade é experienciada como um desejo e uma necessidade cujo investimento leva ao sentimento de bem-estar do adulto e dos mais novos. Do ponto de vista social e cultural, é uma fonte de contributos para a mudança social e a garantia da continuidade de uma identidade sociocultural, que funcionam como alicerces no desenvolvimento e bem-estar das gerações seguintes.

Como todas as tarefas desenvolvimentais, a tarefa da generatividade tem início na infância e cada momento do desenvolvimento contribui de forma específica para a sua estruturação. Sendo as crianças o principal objeto de generatividade dos adultos, estes funcionam como os seus modelos no desenvolvimento da tarefa generativa. É na juventude que a generatividade começa a emergir como um desejo explícito, embora seja na idade adulta que surja como tarefa por excelência (Costa, 2002). É esperado que na juventude o indivíduo crie objetivos e deseje a generatividade e, progressivamente, descubra as suas capacidades

generativas e investidas nos seus objetivos, para depois experienciar um sentimento de eficácia e uma visão generativa de si próprio, como alguém que contribuiu para si e para os demais.

Em suma, Erikson concebe a generatividade como uma fase da vida adulta, na qual emerge uma preocupação por cuidar do futuro da humanidade e onde a estagnação é definida como a preocupação exclusiva por si mesmo. Segundo Cigoli e Tamanza (2009), a visão generativa de Erikson não é uma visão relacional, visto que ela é concebida como uma energia instintiva (Costa, 2002), que se ativa entre o indivíduo e o produto que gera, o qual não coincide, é certo, com o filho(s), mas com os vários produtos generativos da humanidade, como a arte e a ciência.

Devemos a McAdams e St. Aubin (1992, 1998 cit em Cigoli & Tamanza, 2009) a proposta da conceptualização da generatividade, não como algo interno ao desenvolvimento da pessoa, mas como um construto relacional complexo que integra desejos, crenças e comportamentos, relacionados com a preocupação pelo cuidado das novas gerações e respetivos comportamentos. Os autores afirmam que o desejo generativo inclui quer o movimento de afirmar-se a si mesmo e projetar-se no infinito, quer o movimento de criar laços e desenvolver cuidados face ao que foi gerado. Reúne, portanto, a dimensão pessoal e interpessoal. O seu modelo de generatividade é constituído pelos seguintes elementos-chave: (a) desejo simbólico da imortalidade e de tomar conta de alguém; (b) normas e requisitos socioculturais que estimulam o desenvolvimento crescente da preocupação com as novas gerações; (c) crença na espécie humana e, portanto, num mundo melhor; (d) empenho naquilo que é gerado, conduzindo à ação generativa (e) e, por último, construção de uma narrativa generativa (Costa, 2002; Cigoli & Tamanza, 2009).

Este último elemento é particularmente importante. As histórias de vida partilhadas na família, e numa cultura contribuem para a construção de uma identidade individual, familiar e cultural, permitindo um sentido de singularidade, pertença e continuidade, imprescindível ao bem-estar da pessoa e das sociedades. As narrativas generativas são interiorizadas, desde a infância, e integram, na consciência do adulto, um passado reconstruído, um presente percebido e a antecipação de um futuro (Costa, 2002). Ocupar-se da narração é, também, entrar em contacto com os vários tipos de generatividade, aquela que leva à estagnação ou, pelo contrário, aquela que leva à renovação da vida e à geração. Veremos como a Entrevista Clínica Generacional (ECG) privilegia a narração de episódios passados, de modo a poder-se avaliar a qualidade generativa das relações familiares.

Cigoli e Tamanza (2009) referem, ainda, Kotlre e Snarey, autores que identificam três tipos de generatividade: (a) a biológica, que equivale à geração dos filhos e à sua devida prestação de cuidados; (b) a familiar, que insere os filhos na matriz generacional e ajuda, simultaneamente, na construção da realização pessoal; (c) e a social, que fornece orientação e apoio ao crescimento das novas gerações que não, apenas, os filhos. Estes três tipos de generatividade são comparados às bonecas russas, uma vez que é impossível desenvolver, por exemplo, a generatividade social sem se ter experienciado, antes, a biológica e familiar. Regem-se, por isso, pelo princípio inclusivo.

Ao considerar as relações familiares, os autores da ECG creem que seja impossível não ter como referente epistémico e metodológico o grupo. Assim, Cigoli e Tamanza (2009) concebem a família como um grupo organizado em torno de três diferenças essenciais, mormente, a diferença de género, de geração e estirpe, que se depara com a realidade/problema da generatividade. Ocupar-se da generatividade é ocupar-se, segundo os mesmos autores, de temas como a transmissão e a transferência generacional, em que o primeiro se refere à transmissão dos bens materiais, do *status* e da própria herança genética, enquanto o segundo se refere aos afetos e valores, aos débitos e créditos generativos, aos rituais transferidos de geração em geração, e, ainda, à própria qualidade da transferência, se é fecunda, crítica ou degenerativa. O modelo relacional-simbólico, sobre o qual repousam os alicerces teóricos da ECG, valoriza o simbólico e a tomada de decisão e, portanto, a transferência e não, tanto, a transmissão generacional. O simbólico refere-se àquilo que está invariavelmente presente na relação entre os que geram e os que são gerados, referindo-se à matriz simbólica das relações familiares. Esta matriz é constituída pelas qualidades relacionais éticas e afetivas basilares da família, identificadas pelos autores como sendo a confiança, a esperança, a justiça e a lealdade. A tomada de decisão põe em destaque a responsabilidade de cada membro familiar, cujos efeitos se refletem em todos os outros membros da família, daí o uso da metáfora, pelos autores, do corpo familiar.

Já Erikson e Salomon Asch tinham introduzido nas suas teorias os valores da confiança, da esperança e da justiça como fundamentos da relação humana, bem como Boszormenyi-Nagy (Scabini & Cigoli, 2000; Costa 2002). Estes elementos atravessam as relações familiares, para além da forma histórico-social que eles assumem em cada tempo e lugar. A lealdade não terá a mesma forma hoje que tinha no século XIX, por exemplo, embora continue a ser fulcral para o desenvolvimento de relações generativas. Scabini e Cigoli (2000) acreditam que a patologia está ligada à indiferença cínica dirigida ao confronto destes valores nas relações humanas. Além

disso, creem que as relações familiares sejam o lugar crucial do conflito, que a diferença constitutiva do grupo-família provoca; lugar tanto da alegria como da dor; e sejam lugar da assunção da responsabilidade e do empenho no confronto com o outro.

A pesquisa dos autores da ECG distancia-se da visão cíclica da vida familiar de Erikson, pois não se foca no desenvolvimento do indivíduo inserido numa matriz interativa ampla (familiar e cultural), realizado por estádios sucessivos. A sua paixão reside em caracterizar a matriz e a qualidade da generatividade das relações familiares, mais particularmente, a passagem generativa entre a primeira, a segunda e a terceira gerações (pais, filhos e netos), pondo em destaque a família e, não, o indivíduo e as suas relações fundamentais (Cigoli & Tamanza, 2009). É por isso que a expressão identitária da generatividade de Erikson (eu sou o que de mim sobreviver, o que fiz, o que criei, o que dei, transformei, sou a herança do meu *self* que deixo aos mais novos) se transforma, segundo o modelo relacional-simbólico, naquilo que as várias gerações fizeram e omitiram, transformaram ou deixaram por transformar, e nos valores e contravalores que souberam transferir entre si. Segundo os autores, os eixos privilegiados da passagem generativa são o eixo das origens, que se refere à primeira geração (os avós maternos e paternos); o eixo do casal, que se refere à segunda geração (os novos pais); e o eixo designado de passagem generacional, que se refere à terceira geração (novos filhos) (Scabini & Cigoli, 2000; Cigoli & Tamanza, 2009). O casal é considerado por Cigoli e Tamanza (2009) o espaço privilegiado do cruzamento de histórias generativas e do relance ou bloqueio da generatividade. É na relação conjugal, nas relação dos cônjuges com as suas famílias de origem e com os filhos que geraram, que hão-de emergir as propriedades da relação generativa: fecunda, crítica ou degenerativa. É por essa razão que a ECG é dirigida, apenas, a casais.

O conceito de generatividade está, também, ligado ao conceito psicanalítico de transferência generacional. As dificuldades relacionais do presente estão, frequentemente, marcadas pela tentativa de reparar, corrigir, tornar inócuo, ou de repetir antigos esquemas e paradigmas relacionais (Cigoli & Tamanza, 2009). No entanto, os autores da ECG apontam para dois perigos da conceção clássica deste conceito: um é o de privilegiar unicamente a relação diádica (mãe-bebé; pais-filhos); o outro é o de conceber a transferência generacional como sinónimo de transferência generacional negativa ou traumática. Assim, aquilo que é transferido é, apenas, o não-dito, o não elaborado pelo terror e sofrimentos causados. Os valores, que se podem tornar em recursos familiares eficazes, são esquecidos. Aqueles mesmos autores, não só propõem a relação triangular, em que o casal se define em constante confronto com um terceiro, que pode ser o filho, os pais de cada cônjuge, a sociedade, ou o próprio

terapeuta, como encaram o inconsciente de forma antideterminista (Scabini & Cigoli, 2000; Cigoli & Tamanza, 2009).

O inconsciente generacional é o elemento que espera ser encontrado, significado e tratado por cada membro familiar, que tanto está sujeito à história familiar e cultural, como é sujeito que faz história. Aquilo que foi feito pelas gerações precedentes teve como base certos valores-guia, constituindo a matriz (“útero” Scabini & Cigoli, 2000) sobre a qual a pessoa em desenvolvimento intervém e opera, acionando processos que lhe permitem a incorporação, identificação e elaboração singular daquilo que lhe foi legado. A ECG concede, assim, uma clara atenção ao material inconsciente do casal, que é solicitado através dos estímulos gráficos, mas também através das recordações e de certas questões que são intencionalmente ambíguas, como aquela do eixo do casal, “Com que é que pensam ter casado no outro?” O registo da ambiguidade é, de facto, o que melhor se presta a fazer emergir os aspetos menos conscientes dos sentimentos e ações, ampliando a pesquisa do sentido relacional (Cigoli & Tamanza, 2009).

Vejam, agora, os resultados da pesquisa psicossocial sobre os efeitos da generatividade positiva, ou, fecunda. A recente análise efetuada por McAdams (2006 cit em Cigoli & Tamanza, 2009) revela o seguinte: os adultos generativos exercem práticas parentais eficazes e são, além disso, pessoas responsáveis e empenhadas socialmente. Estes adultos percebem a generatividade como uma oportunidade de transmitirem valores e sabedoria às gerações mais novas, estabelecendo com elas uma relação fundada na confiança e no diálogo. Apresentam um elevado sentido de pertença à comunidade na qual vivem e percebem-se como eficazes do ponto de vista político. São pais empenhados na educação dos filhos; assumem um estilo parental pautado pela disciplina positiva e pela preocupação pelo desenvolvimento físico e mental dos filhos, os quais revelam elevados níveis de autonomia, desenvolvimento moral e maturidade afetiva; investem no processo de transmissão de valores às novas gerações, para além dos seus próprios filhos, bem como na valorização da história familiar e na ligação com a comunidade envolvente. No que diz respeito às relações sociais, são adultos que se percebem ligados a outras pessoas da comunidade à qual pertencem; envolvem-se mais em grupos e organizações políticas, religiosas ou de empenho cívico; interessam-se mais por temas e questões políticas; envolvem-se mais no voluntariado e em atividades caritativas. Por outro lado, os adultos generativos manifestam níveis mais altos de satisfação e bem-estar com a vida e baixos níveis de ansiedade e depressão, tendo uma influência positiva sobre os outros.

Costa (2002) refere, igualmente, alguns dos benefícios da generatividade, bem como malefícios da não-generatividade: as pessoas generativas desfrutam de relações de maior

intimidade e associam ao papel parental mais benefícios do que custos; já o encerramento em si próprio dificulta o provimento de cuidados aos mais novos, dificultando o seu desenvolvimento; dificulta a intimidade, facilitando o distanciamento entre os cônjuges e entre estes e os filhos. A não-generatividade leva a um sentimento geral de insatisfação com a vida, a sentimentos de baixa autoestima, a conflitos interpessoais ou mesmo à depressão.

A generatividade é um bem vulnerável, pois está nas mãos de seres que praticam o bem, mas também o mal. Sabemos que nem sempre aquilo que é deixado às gerações mais novas é bom. Por isso, a generatividade encerra riscos, e onde o maior, talvez, seja o medo de assumir a responsabilidade pelo outro. Os autores da ECG partem do pressuposto de que gerar coloca a pessoa em perigo, expondo-a. Este é o ponto de partida da sua pesquisa (Cigoli & Tamanza, 2009). O risco que a generatividade encerra é, segundo eles, bem evidente na cultura ocidental de hoje, em que as taxas de nupcialidade e natalidade, para além de serem baixas, representam etapas de vida adiadas. De facto, não se conhece outro tempo e cultura em que a sensibilidade ao risco generativo seja tão grande e exasperada, pois o indivíduo da pós-modernidade vê-se entre dois bens aos quais não quer renunciar: de um lado os filhos que gostaria de gerar, do outro, a preservação do próprio “eu”. Estes factos relembram como a vivência da generatividade ressent-se fortemente pelo contexto cultural que a envolve. Denota-se, por isso, a dificuldade que as gerações mais novas têm em prefigurar a família que um dia poderão vir a ser, estando, antes, no centro das suas preocupações a procura por um bom emprego.

Segundo Cigoli e Tamanza (2009), o perigo do ato de gerar consiste na exposição à dor da perda, que a transição a um novo estado de vida (“salto generacional” p. 4) traz, inevitavelmente, consigo. Não há, assim, espaço para acolher o novo e o inesperado. É, por essa razão, que os autores associam à estagnação a patologia, enquanto à crise, que as decisões importantes da vida trazem, não. Exemplos de estagnação psíquica são, por exemplo, os sentimentos de rancor, a resignação depressiva, a utilização sistemática da violência e do abuso na relação com o outro, mas, também, os comportamentos omissos, como a própria recusa de dar o salto e, com isso, a inibição da generatividade. Os valores e contravalores emergem, precisamente, das ações realizadas e omitidas entre as gerações, isto é, emergem da forma como a crise foi gerida e enfrentada. O conceito de crise assume uma particular importância na pesquisa relacional-simbólica. A crise é entendida pelos autores como um processo de “separação-recomposição” (Cigoli & Tamanza, 2009). A separação não é entendida, apenas, como uma cisão que deixa um espaço vazio, nem tão pouco, coincide com a cisão que, juntamente, com a negação, tem o objetivo de destruir a relação para sempre. A separação deve

ser entendida como uma cisão que tem como função preparar de novo o caminho para a relação. O objetivo é separar para voltar a ligar. A separação é uma invariante relacional que opera no interior de qualquer eixo, e que ao operar num dos eixos afeta, invariavelmente, os outros. Um exemplo: uma crise na relação de casal, ou na relação pais-filhos, pode dar origem a um processo de separação-recomposição na relação entre os pais e respectivas famílias de origem (Cigoli & Tamanza, 2009).

Os autores da ECG têm, deste modo, em conta a fragilidade do ser humano. Eles estão conscientes que o salto generacional realiza-se sob várias vestes e que se devem considerar as vicissitudes históricas que lhe dão origem. O filho inesperado pode, por exemplo, mudar positivamente a vida dos pais, fazendo com que os mesmos passem a encará-la com outros olhos; o filho muito esperado pode, pelo contrário, expor os pais a sofrimento inesperados; o tornar-se pai e mãe permite ver os próprios pais de outra forma, experimentando novos sentimentos (Cigoli & Tamanza, 2009). Como tal, um dos objetivos da ECG é o reconhecimento dos erros e delitos familiares. O mal generativo e seus efeitos não são negados, embora se acredite que cada membro familiar, segundo as suas capacidades, possa tomar a seu cuidado o outro, ainda antes de fazer algo por si mesmo (Cigoli & Tamanza, 2009). A ECG é encarada, pelos autores, como uma ocasião para se encetar um processo de avaliação das relações familiares, que tem em mira a sua respetiva cura, ou melhor, a promoção do bem possível (Cigoli & Tamanza, 2009). Ela pretende tornar-se num instrumento capaz de ajudar o casal a revisitar os destinos herdados, religando-os à sua história generacional, e, assim, prepará-lo para um novo espaço de decisão na relação com o outro.

Também Costa (2002) refere que os guiões fornecidos aos mais novos são, frequentemente, assustadores, e até contraditórios, colocando os jovens perante um conflito entre a necessidade de viver o presente (procura do prazer imediato e consumismo) e a obrigação de investir, de forma quase violenta, num futuro ameaçador e cheio de incertezas e competição. Neste contexto é natural que o adolescente abandone a exploração por medo de fazer investimentos e, como forma de autoproteção, permaneça numa identidade difusa, receando compromissos e investimentos em relações de intimidade. Note-se como Costa (2002) salienta objetivos de intervenção, tendo como referência o conceito de generatividade, semelhantes aos dos autores da ECG, embora deixe na sombra o reconhecimento do mal generativo e o conflito/crise que o mesmo acarreta: promover as relações, desencorajando o individualismo; promover a responsabilidade, desencorajando o hedonismo; encorajar as escolhas e objetivos, desencorajando o determinismo; facilitar a criatividade e produção de

ideias; encorajar a cooperação, desencorajando a competição; encorajar a solidariedade, desencorajando o narcisismo.

1.2 Modelo Relacional-Simbólico

O Modelo Relacional-Simbólico foi estruturado por Vittorio Cigoli e Eugenia Scabini nos anos 90, após um extenso trabalho interdisciplinar que se realizou num dos centros mais importantes a nível internacional, quer pela produção científica, quer pelos intercâmbios de pesquisa e atividades de formação, no Centro de Estudos e Pesquisas sobre a Família da Universidade Católica de Milão, criando assim um ponto de vista particular para compreender a família (Cigoli, 2012). Este paradigma destaca a família como instituição fundamental do mental. A instituição familiar é uma estrutura simbólica que é fundada a partir de relacionamentos, que tem características próprias, que a tornam específica e a diferenciam de outras organizações sociais.

Os autores propõem que se identifiquem organizações familiares em vez de sistemas familiares, como apontava a teoria geral dos sistemas, definido assim a família como uma estrutura organizadora de relações que conecta e vincula entre ela as diferenças fundamentais do ser humano, aquelas entre gêneros (masculino e feminino), entre gerações (quem gera e quem é gerado) e entre estirpes (genealogia materna e paterna) e que tem um objetivo intrínseco: a geração. Esta última não deve confundir-se com a reprodução, tendo como fim subordinado a geração de mentes – pessoas e sua oferta ao mundo das relações sociais. (Cigoli & Scabini, 2012).

Diante disso, constata-se que os autores não confundem geração com reprodução, revelando, assim, que o vínculo familiar não se restringe apenas ao âmbito biológico, mas também permite a construção do real a partir do simbólico. Dos elementos até então expostos, ressalta-se, portanto, a necessidade de evidenciar uma função específica da família, qual seja, a mediação. Entendem-se que apesar das constantes mutações pelas quais a família é conhecida, ainda permanece intacta na tarefa de mediar o mundo externo para cada um, ou seja, fazer com que conheça a realidade com os valores socialmente reconhecidos.

A família é, então, concebida como um emaranhado de relações afetivas que se constituem a partir de uma série de afetos fundamentados na organização de filiação, de parentesco como também de valores que fortalecem ou não a organização, no sentido em que aproximam ou afastam os seus membros. Partilhando a opinião de Carter e McGoldrick (2001) a família compreende todo o sistema emocional de pelo menos três, e agora frequentemente de

quatro gerações; originando assim subsistemas emocionais, reagindo aos relacionamentos passados, presentes e antecipando futuros, dentro do sistema familiar maior de três gerações.

Segundo Cigoli e Scabini (2000) o corpo familiar vive e transforma-se ao longo do tempo, desdobrando-se em três áreas distintas, mas profundamente entrelaçadas. A primeira é a da interação, o aqui e agora da ação recíproca, da circularidade que se cria no presente, num espaço definido. A segunda é a relacional, composta por tudo aquilo que se viveu durante as diferentes gerações. A terceira é a área simbólica, que conecta os dois planos anteriores, como um tecido de significados e valores ao qual está ligado o patrimônio narrativo da família. Estes valores construídos através das próprias experiências e histórias convertem-se em estruturas de significado e interpretação que podem ligar ou não como o efeito que pode ter sobre os seus membros.

Percebemos, então que existem forças dinâmicas que se atraem ou se contrapõem, segundo um conceito fundamental, o conflito é concebido e baseia-se na essência desta rede simbólica de relações, e pode ser generativo ou degenerativo conforme a direção que toma sobre os vínculos ou seja, positivo enquanto fortalece a união (generativo) e negativo enquanto promove a desunião (degenerativo) (Cigoli e Tamanza, 2009).

Assim, este paradigma é desenvolvido a partir de três eixos conceituais: o princípio organizador que estrutura a relação e introduz a dimensão afetiva da filiação; o princípio simbólico que atua na produção de significado e interpretação de afetos e paixões regulando a relação e o princípio dinâmico, que gere os movimentos da relação, unindo ou desunindo (Cigoli, 2012).

Posto isto, analisemos as qualidades simbólicas da relação familiar. A família durante a sua existência precisa de manter o equilíbrio, por isso todas as relações dentro da família se orientam por dois polos que interagem de forma complexa. Portanto, no polo afetivo, que tem como preocupação o cuidar, criar relação e a projeção no futuro, podemos identificar a dimensão da confiança, que é a base de qualquer relação e a dimensão da esperança, que projeta a relação no futuro através do compromisso e no polo ético que tem como preocupação as normas influenciadas pelo contexto cultural e a regulação da relação podemos identificar a dimensão da justiça, não significando necessariamente igualdade mas compromisso de cada elemento e a dimensão da lealdade, através do compromisso em manter a relação.

Segundo uma visão utilitarista, as relações seriam baseadas em contratos, com vista à gratificação recíproca. Todavia, numa visão ética, baseada no princípio da justiça, as trocas seriam realizadas para cumprir o próprio dever. Existe, porém, uma terceira via de

compreensão, com a qual se identifica o enfoque relacional-simbólico, que está baseada na categoria de dom, de oferecer e confiar no outro, sendo que o dom tem como outra face o débito e a obrigação. Por exemplo, o nascimento de um filho é fruto de um dom, o dom da vida, mas o filho que recebeu a vida dos seus pais está ligado ao débito de reconhecimento por aquilo que recebeu (Cigoli, 2012).

Tal como afirma Cigoli (2012), podemos delinear o modelo nos seus fundamentos antropológico-científicos. Então, a ideia principal é que, o modelo se refere-se à pessoa enquanto ser em relação com, dando valor ao mundo dos vínculos e a pertença, relegando para segundo plano a individualidade. Nós, de facto, somos gerados. Só posteriormente se dá privilégio às ciências da ação humana.

Contudo não se deve dar só importância às mudanças culturais da família. Numa visão vertical percebemos que as transformações das relações familiares, ao longo dos séculos, foram-se alterando, o que nos permite identificar mudanças de centralidade. Assim, durante algum tempo a primeira centralidade foi as famílias de origem, sobretudo a relação com os antepassados, evidente na atribuição dos mesmos nomes de geração em geração, nas partilhas da heranças familiares e no estatuto. A segunda centralidade considera a relação de casal, a sua formação e o seu destino, destacando-se das origens e reivindicando o seu espaço, visível na atribuição de nomes ao filho que nada tem a ver com a família e evidenciando o vínculo do casal e o conflito de géneros. A terceira centralidade diz respeito à criança, transformando-se realmente no filho, gerado pelo casal e gerador da família, visível no facto de, muitas vezes ser o nascimento do filho que cria a verdadeira união nos pais e frequentemente também com a família de origem, no caso os avós (Cigoli, 2012). Estas três centralidades são exatamente os temas abordados nos três eixos da Entrevista Clínica Geracional, instrumento que nos propomos a adaptar a população portuguesa.

Percebemos, então que o modelo não reconhece a natureza dramática da relação familiar e não se ocupa de modo algum da “normalidade” das várias formas de famílias (monoparentais, monogâmicas, reconstituídas, homossexuais...)

É ainda importante referir que a dimensão relacional e simbólica devem de ser, enquadradas no tempo, na história e no processo de desenvolvimento familiar, o que aponta um outro conceito-chave deste enfoque que é o das transições familiares. Considerando a dimensão temporal, podemos perceber com mais naturalidade a estrutura relacional de uma família, pois permite-nos analisar a forma como as famílias conectam o passado, o presente e o futuro.

Segundo Cigoli e Scabini (2000), esta visão temporal permite compreender a família de forma histórica e reconhecer os momentos fundamentais ou transições-chave do ciclo da vida da família.

Partindo de uma visão intergeracional do relacionamento familiar percebemos os sintomas e as disfunções em relação ao funcionamento normal ao longo do tempo como ajudando a restabelecer o momento desenvolvimental da família. Consideramos então os problemas acerca do curso que a família seguiu no passado, as dificuldades com as tarefas que está a tentar dominar e as do futuro. A família é assim mais do que a soma das partes, logo as pessoas desenvolvem-se na medida em que se movimentam juntas através da vida (Carter & McGoldrick, 2001).

Uma outra consideração importante a fazer a este respeito tem a ver com as mudanças socioculturais dos nossos tempos pois é cada vez mais difícil determinar quais os padrões “normais” e isso é muitas vezes causa de grande *stress* para os membros da família, que tem poucos modelos para as passagens que estão atravessando. Aponta também a teoria que dado que a família é considerada um corpo vivo envolto no seu tecido simbólico prevê que os símbolos familiares se tornarão mais palpáveis em alturas de transição, evidenciando a sua estrutura com os seus pontos fortes e pontos fracos, bem como a forma como a família enfrenta a mudança. A dificuldade que a transição encerra em si decorre da ambiguidade e incerteza do processo, dos riscos que lhe são inerentes e do elemento de perda que qualquer mudança implica e inclui uma dimensão de dor. As várias transições-chave são marcadas por eventos críticos, havendo outras transições não normativas decorrentes da experiência da própria família (Cigoli & Scabini, 2000).

Devemos, portanto, encarar a transição como um processo e não apenas uma passagem, em que todos os membros da familiar estão incluídos e envolvidos em tarefas de desenvolvimento, específicas de cada transição. Uma das consequências desta visão é a forma como a família é estudada, no que diz respeito ao lugar da interação e da relação. Tendo sido ao longo dos anos um ponto fulcral de observação à medida que as interações foram evoluindo, passaram a ser vistas como sequências temporais definindo-se tipologias familiares e estilos de interação conjugal funcionais e disfuncionais. A grande limitação é o facto de apenas dar a conhecer os vínculos traçados na situação e no contexto onde se dá o intercâmbio, não revelando informação acerca da estrutura cultural e social na qual a família vive e com a qual interage, nem sobre a história familiar, pano de fundo para as suas vivências (Cigoli & Scabini, 2000).

Quanto à relação, sendo que é algo que não se revela de imediato mas que tem manifestações importantes nos momentos de transição, inclui o que liga e vincula os membros da família e que rapidamente escapa à sua consciência. Na relação está incluída a história específica da família, estreitamente ligada à subcultura social a que pertencem e inclui o que é sedimentado ao nível de valores, ritos, mitos e modelos de relação. Significa, isto, que a interação está condicionada pelos tipos e qualidade das relações que se estruturam na família (Cigoli & Scabini, 2012) daí que seja importante o estudo da família nestas duas dimensões, porque as mesmas interações em famílias diferentes terão significados diferentes conforme a construção e atribuição de significados familiar. Mais uma vez, percebemos nestas afirmações a importância e intencionalidade do instrumento que nos propomos a adaptar a população portuguesa.

Em resumo, compreendemos que as transições familiares, sobretudo nas sociedades pós-modernas são cada vez menos normativas e ritualizadas, sendo marcadas por um certo individualismo. Por exemplo, hoje em dia, são cada vez mais os filhos a decidirem quando passar a vida adulta.

Entendemos também que dentro do ciclo de vida da família, para cada transição existem várias tarefas desenvolvimentais, que obrigam a que cada membro e a família cumpram certos objetivos éticos e afetivos. Por exemplo, quando os filhos saem de casa, o casal deve reinvestir na sua relação recíproca (pólo afetivo) e deve revivificar o pacto conjugal (pólo ético). Da mesma forma, os pais devem promover a descolagem dos filhos (pólo afetivo) e devem legitimar os filhos adultos (pólo ético). Os filhos devem preocupar-se em cuidar da geração dos avós (pólo afetivo) e reconhecê-los como os portadores da história e valores familiares (pólo ético). Por fim, como membros da sociedade devem passar de uma geração parental a uma geração social (Cigoli & Scabini, 2012).

A Entrevista Clínica Geracional (ECG), partindo desta perspetiva, permite conhecer a fundo a realidade pessoal, conjugal e familiar, tendo em conta a especificidade do casal e da família.

1.3 Modelo Circumplexo de Olson

De entre os distintos modelos de funcionamento familiar¹, o modelo Circumplexo do Sistema Conjugal e Familiar de Olson, é um dos modelos mais estudados e usados para várias investigações (e.g. ciclo vital, estrutura familiar). Este modelo é peculiarmente útil para o diagnóstico relacional, uma vez que se centra no sistema e integra três dimensões que são frequentemente ponderadas como pertinentes nos modelos familiares e nas abordagens de terapia familiar, nomeadamente a coesão familiar, ou seja, ligação emocional que se estabelece entre os membros de uma família; a flexibilidade familiar definida como a capacidade do sistema familiar mudar a sua estrutura de poder, as regras e o papel das relações em resposta a uma situação de *stress* situacional e de desenvolvimento, a comunicação familiar que tem o objetivo de facilitar o movimento das outras duas dimensões, não estando representada graficamente (Olson, 2000; Olson & Gorall, 2003) e mais recentemente a satisfação familiar, que pretende perceber o grau de felicidade que cada membro sente na sua família (Olson, 2011). Para aceder a estas dimensões foi desenvolvido o instrumento *Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scale* que se encontra atualmente na quarta versão (FACES IV) (Olson, 2011) e que apresenta algumas inovações face às versões anteriores de maneira a aceder de forma mais fiel ao funcionamento dos sistemas familiares. Em Portugal, encontra-se em processo de validação (Gouveia-Pereira *et al.*, 2013).

O autor descreve o seu entendimento do funcionamento dos sistemas familiares, criando o Mapa Conjugal e Familiar (Figura 1) que nos permite perceber que é através do cruzamento das duas primeiras dimensões em eixos diferentes, a coesão familiar no eixo sincrónico (horizontal) e flexibilidade familiar no eixo diacrónico (vertical) que melhor podemos compreender os diferentes tipos de sistemas familiares. A comunicação familiar e a satisfação familiar não são representadas neste mapa uma vez que se trata de dimensões facilitadoras e resultantes dos movimentos das outras dimensões. Ao cruzar estas duas dimensões de cinco níveis cada, este modelo faz surgir 25 estilos de relacionamentos familiares, onde é possível distinguir três grandes tipos de sistemas, os funcionamentos familiares funcionais ou equilibrados, meio-termo e disfuncionais ou desequilibrados. Os funcionamentos familiares funcionais encontram-se no centro deste modelo, revelando níveis equilibrados em ambas as dimensões, coesão e flexibilidade familiar, o que corresponde a nove estilos de relacionamento familiar, sendo considerados como os sistemas mais funcionais e, como tal, aqueles que melhor

¹ No presente estudo é pertinente focarmo-nos no modelo Circumplexo de Olson, não descurando a existência de outros modelos familiares similares (e.g. Mc Master Model de Miller; Family Process Model de Skinner; Darlington Family Assessment System de Wilkinson; Beavers Family Systems Model de Beavers e Hampson).

protegem os seus membros do *stress* situacional e desenvolvimental (Olson & Gorall, 2003). Os funcionamentos familiares meio-termo, correspondentes aos 12 estilos familiares representados a cinzento na Figura 1, representam relacionamentos familiares com níveis extremos numa das dimensões e níveis equilibrados na outra dimensão, o que faz deste funcionamento familiar menos funcional que o anterior, mas de menor risco para o desenvolvimento dos seus membros que o tipo de sistemas familiares seguinte. Os funcionamentos familiares desequilibrados representam os quatro estilos de funcionamento familiar que ocupam níveis extremos em ambas as dimensões, coesão e flexibilidade familiar, pelo que são considerados modelos familiares disfuncionais.

Na conceção do funcionamento familiar de Olson (2000) não é espectável que os sistemas familiares funcionais operem constantemente em níveis equilibrados de coesão e flexibilidade familiar. Quando necessário, um sistema funcional está apto a alterar a sua estrutura e atingir níveis extremos em resposta a determinantes do ciclo vital familiar. Deste modo, o que distingue realmente um sistema funcional de um sistema familiar disfuncional é que o primeiro não se fixa, por longos períodos de tempo, nos níveis extremos das dimensões de coesão e flexibilidade familiar (Olson & Gorall, 2003).

Nesta conceção da funcionalidade familiar podemos, então, verificar dois tipos de mudança, de primeira e de segunda ordem. A mudança de primeira ordem corresponde diretamente à dimensão de flexibilidade familiar, ou seja, são todas as alterações que o sistema familiar realiza por forma a manter a sua estrutura inalterada, a forma como se define. Já as mudanças de segunda ordem implicam a mudança de um estilo de funcionamento familiar para outro, uma mudança do próprio sistema, razão porque este tipo de mudança é mais característico dos sistemas familiares equilibrados que, em resposta às necessidades desenvolvimentais e aos períodos de *stress* a que são submetidos, estão mais aptos a modificar os seus níveis de coesão e flexibilidade familiar, revelando o carácter dinâmico do Modelo Circumplexo (Olson, 2000).

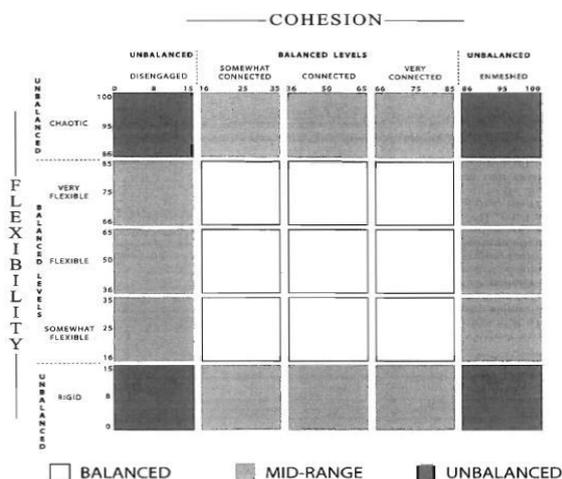


Figura 1. Mapa Conjugal e Familiar. Adaptada de “FACES IV and the Circumplex Model: Validation Study”, de D. Olson, 2011, *Journal of Marital & Family Therapy*, 3(1), p. 75.

Concluindo, a hipótese central do Modelo Circumplexo (Olson, 2000), designada por hipótese curvilínea, pressupõe que níveis equilibrados de coesão e flexibilidade familiar são condutivos a um funcionamento familiar saudável, enquanto níveis desequilibrados de coesão e flexibilidade estão associados ao funcionamento familiar problemático (Olson, 2011). A acrescentar a isto, Olson e Gorall (2003) puderam verificar que o contexto cultural não pode ser desconsiderado, uma vez que pode desempenhar uma forte implicação nos níveis destas dimensões, privilegiando um tipo específico de funcionamento familiar mais próximo dos níveis extremos deste modelo sem que isso signifique necessariamente disfuncionamento familiar. No entanto, estes autores puderam concluir a validade do Modelo Circumplexo, mesmo que estejam presentes ligeiras alterações de estruturas familiares, tais como as famílias monoparentais, reconstruídas e homossexuais, ou até em diversas culturas (Gorall & Olson, 2003).

1.4 Teoria Intergeracional de Bowen

Murray Bowen propõem a conceptualização de família como um sistema intergeracional aberto com dimensão histórica e desenvolvimento futuro. Desta forma será possível garantir e melhorar as dinâmicas familiares, ou seja, a subsistência do sistema familiar, tornando a família apta e funcional na sua relação específica. Assim a sua teoria permite-nos entender melhor o funcionamento dos indivíduos que sentem mais necessidade de estar junto da família como aqueles que necessitam de isolamento.

A sua teoria baseia-se no balanço entre fusão, ou seja completa dependência de outra pessoa e diferenciação, refere-se à afirmação de sua singularidade, à sua individuação e ao seu direito de pensar e expressar-se independentemente dos valores defendidos pela sua família. Estas noções estão interligadas, no estudo da complexidade da formação emocional do indivíduo, com os conceitos de massa indiferenciada do ego; diferenciação do *self*; processo de projeção familiar; processo de transmissão multigeracional; posição entre irmãos; e triângulo, que apresentaremos a seguir.

Discorrendo sobre os conceitos desta teoria surge como o mais notável o conceito de fusão, sabendo que a base da fusão são as ligações emocionais não-resolvidas, em que uma pessoa tem necessidade de outra para ser capaz de atuar em termos de ego. Essa necessidade pode variar de uma simbiose real (um não poder viver sem o outro) para a uma dependência psicológica de nível mais brando (um sente-se melhor e funciona melhor quando apropriadamente ligado a outro), a um bom grau de solução da ligação e a um grau muito baixo

de fusão. A necessidade que uma pessoa tem de outra para se completar (seja qual for o nível em que isto se dê) é algo trazido desde a família de origem para todos os relacionamentos futuros.

Para Bowen (1998) a fusão emocional na família ocorre quando as escolhas individuais são postas de lado com o objetivo de adquirir harmonia com o sistema, através de um sentido de responsabilidade para com as reações dos outros ou do corte emocional da tensão gerada na relação, sendo que quanto maior for a tendência familiar para a fusão, menor será a flexibilidade para se adaptarem ao *stress*.

Um outro conceito será a tentativa da segunda geração para a diferenciação transgeracional, ou seja, capacidade de individualização ao longo das gerações familiares; a diferenciação do *self*: as pessoas diferenciam-se umas das outras no sistema familiar em termos de funcionamento através dos pensamentos e sentimentos.

Bowen (1998) descreve a diferenciação do *self*, ou do si mesmo, como a capacidade do indivíduo funcionar de forma autônoma, tomando ele próprio as suas decisões, mantendo, no entanto, a ligação emocional ao significado do sistema relacional familiar, dependendo o nível de diferenciação do *self* de diversos fatores, tais como o nível de *stress*, as diferenças individuais derivadas das reações de diferentes *stressores* e o grau de contato individual para com toda a família. No caso de esta diferenciação causar ansiedade oferece uma moldura ideal para a emergência do processo de triangulação.

Segundo Elkaim (1998), Bowen observou que quando o sistema familiar é ansioso, apresenta um processo de relacionamento característico que ele denominou de triangulação emocional, ou seja, cada componente é representado sucessivamente por uma das três partes, onde duas pessoas não se conseguem relacionar sem uma terceira, que em geral, serve à função de diminuir as tensões no par inicial. Assim o relacionamento entre duas pessoas torna-se instável e expande-se para compor unidades de três indivíduos. Refere-se assim a um sistema interacional, em que quando o par apresenta um nível de ansiedade suficiente, geralmente um dos parceiros desse par passa a sentir maior desconforto na relação, o que o move para falar sobre o parceiro com um terceiro importante. Na família, vários triângulos se formam e se desfazem de forma repetitiva (Elkaim, 1998).

Conforme afirma Garrido e Espina (2007) depois de muitos anos de experiência Bowen conclui que o caminho mais favorável para a mudança em respeito às famílias, centra-se na definição do si mesmo dentro da família de origem evitando especialmente considerar os contextos emocionais da família nuclear.

Segundo Bowen (1998), dessa maneira podemos postular que todas as crianças nascem fusionadas mas indiferenciadas em relação à sua família. Durante o seu desenvolvimento, a sua principal tarefa será diferenciar-se para alcançar autonomia e independência. Na família, as crianças experimentam tanto a sensação de pertença quanto a de diferenciação. Assim, pertencer significa participar, saber-se membro da família, partilhar as suas crenças, valores, regras, mitos e segredos. Já diferenciar refere-se à afirmação de sua singularidade, à sua individuação e ao seu direito de pensar e expressar-se independentemente dos valores defendidos pela sua família.

Por isso a pessoa mais diferenciada é aquela com discernimento e autonomia mais funcionais, capaz de separar o que é seu e o que é do outro. Segundo a teoria Boweniana a marca do ajustamento pessoal é a objetividade racional e a individualidade. (Elkaïm, 1998) Concluímos, então, que uma pessoa diferenciada é capaz de fazer a separação entre pensar e sentir e, para, além disso, permanecer independente da família de origem.

Toda esta teorização faz-nos considerar também o conceito de sistema emotivo nuclear familiar, que está relacionado com processos desenvolvidos no seio do par conjugal e da família nuclear, destinados a solucionar as dificuldades decorrentes de ligações emocionais não resolvidas. Assim quanto mais alto o nível de diferenciação do ego numa família, mais capazes serão os indivíduos que a compõem de manter seus níveis de ansiedade e menos radicais serão as mudanças funcionais. A teoria boweniana formulou quatro processos funcionais. Em relação ao distanciamento emotivo ou *cut-off*: casos extremos de distância emocional de carácter físico e real (quando as pessoas vivem longe) ou interno, quando cada pessoa faz uso de vários mecanismos intrapsíquicos e fisiológicos para evitar o contacto com o outro.

Quanto a projeção familiar, conceito que diz respeito ao modo pelo qual o grau de diferenciação atingido pelos pais se transmite aos filhos de maneira não uniforme interliga-se com o caso no facto de as relações da primeira geração com a segunda geração serem muito semelhantes e fruto das mesmas (Elkaïm, 1998). Já Bowen (1988) refere que a projeção intergeracional ocorre em todas as famílias, variando o seu grau, podendo muitas influências intergeracionais determinar se o indivíduo se tornará o foco do *stress* familiar e em que estágio do ciclo de vida é que isto poderá acontecer. Revela assim que o impacto das crises e o tempo que duram influenciam a vulnerabilidade de determinado indivíduo, considerando os eventos traumáticos como sendo mais significativos na ênfase dos processos familiares do que a origem desses mesmos eventos.

A hipótese central da teoria de Bowen (1998) é que, quanto mais, as pessoas mantêm o contato emocional com a geração anterior, menos reativas serão nas relações atuais. Contrariamente, para o autor, quando há corte emocional, o grupo familiar atual pode experimentar pressão emocional intensa em válvulas de escape efetivas. Esta tensão familiar é como “pisar ovos”, pois mantêm-se questões que poderiam ser evitadas com o corte entre as gerações. O triângulo facilita o atalho, já que os membros da família ajudam os outros a partir da sua própria posição em relação ao corte.

Temos também o padrão de transmissão multigeracional, ou seja, o modo pelo qual os processos de projeção familiar, repetidos de geração em geração durante longos períodos de tempo, levam os diferentes ramos da família a alcançar níveis mais baixos ou mais altos de diferenciação. Bowen (1978) descreve este processo como os padrões, temas e papéis no triângulo que são passados de geração em geração, da projeção do pai para a criança. Explica que o impacto será diferente para cada criança, dependendo do grau de fusão com o triângulo que forma com os pais. Assim, foca-se, pelo menos, em três gerações da família no que toca a lidar com o sintoma presente.

1.5 Modelo da Resiliência Familiar de Froma Walsh

Ao longo das últimas décadas, o conceito de resiliência tem sido objeto de estudo das mais diversas áreas do conhecimento científico, que estudam o ser humano e o seu ambiente de relacionamento. Tem sido definida como a capacidade manifestada por alguns seres humanos para lidar, amenizar ou evitar os efeitos negativos que certas situações, consideradas com elevado potencial stressante podem interferir no desenvolvimento do ser humano.

Trata-se, assim, de um fenómeno complexo que assume notável importância, sobretudo num contexto em que macro adversidades sociais, políticas e económicas, aparentemente de difícil resolução a curto prazo, se agravam cada vez mais, em todo o mundo, especificamente nas regiões mais desfavorecidas.

No entanto, a sua definição tem sido alvo de alguns ajustes, pois inicialmente, o conceito dirigia-se unicamente ao indivíduo por se considerar a família resiliente, como uma família que anteriormente teria sido disfuncional, ao passar por situações de *stress*, que causaram mudanças às quais a família teve de se adaptar. Definir-se-ia então, pessoas resilientes, aquelas que desenvolvem habilidades que as capacitam para responder de forma efetiva às demandas da vida quotidiana, assumindo o cuidado e o compromisso com a sua própria vida e daqueles que delas dependem. Assim, seria uma maneira de lidar com as adversidades, sabendo dos riscos

possíveis mas não perdendo a capacidade de mobilizar os recursos para enfrentar essa situação. (Walsh, 2004)

Contrapondo esta visão, propõe-se, atualmente, uma concepção sistémica da resiliência vinculada por um contexto ecológico e evolutivo, apresentando o conceito de resiliência familiar como composto pelos processos interativos, ao longo do tempo, entre o indivíduo e conseqüentemente a família. Desta forma e mediante Walsh (2007) ampliando a compreensão das famílias ditas normais, que por analogia serão caracterizadas por um comportamento funcional, este conceito torna-se um marco útil para identificar e apontar determinados processos chave que permitem às famílias superar os estados persistentes de crise e *stress*. Apresenta-se, deste modo, como um conceito valioso e construído numa trajetória gradativa.

Dadas as constatações podemos então concluir que o conceito evolui do indivíduo, pelos traços de personalidade, para a família, numa construção relacional e redes sociais mais amplas, numa visão ecológica (Souza & Ceveny, 2006).

A família resiliente caracteriza-se, então por um processo interacional, formando uma unidade funcional (Walsh, 2004) o que irá permitir enfrentar períodos de crise, desorganização, privações prolongadas e efetivamente se reorganizar, respondendo assim de forma positiva às demandas da vida quotidiana.

Este enfoque fundamenta-se na convicção de que tanto o crescimento do indivíduo como da família podem ser alcançados e demonstrar maior sucesso caso haja oportunidade de existir uma colaboração de todos os membros em relação à adversidade. Examina-se, assim, cada família tendo em conta os seus recursos específicos, limitações particulares quanto aos desafios com que se deparam. Estas situações podem variar, desde as tensões previsíveis nas épocas normativas de transição do ciclo vital, como por exemplo o divórcio, um novo matrimónio, o nascimento de um filho, a morte de um ente querido ou a perda do emprego; até a situações de tensão prolongadas como a imigração ou a violência.

Um outro fator de sucesso, e possivelmente o de maior contributo é a forma como a família enfrenta os designados desafios e os integra no seu percurso, sendo isso, decisivo para a sua recuperação e manutenção. Dai também ser perceptível que os mesmos processos em famílias diferentes podem não ter o mesmo sucesso.

Segundo Walsh (2004), podemos identificar diferentes chaves da família resiliente. Nomeadamente o sistema de crenças da família, ou seja, se a família consegue primeiramente dar sentido a adversidade, secundariamente adotando assim, uma perspectiva positiva e por fim uma dimensão de transcendência e espiritualidade. Estes conceitos podem traduzir-se,

inicialmente, na percepção do significado e da evolução do evento responsável pelo *stress*, na crença associada como lente para ver o mundo, na evolução de valores, opiniões e atitudes, na influência da cultura, no desenvolvimento das experiências ao longo da vida. Ainda, ter uma capacidade de esperança e otimismo, percebendo que são capazes de lidar com os problemas afirmando assim, recursos e habilidades, repensando a dor não só individualmente mas também familiar tentando, desta forma, construir ou reequilibrar o projeto de vida. E quanto à última dimensão, ter a capacidade de ultrapassar a crença de um destino já definido percebendo uma continuidade entre passado, presente e futuro, reconhecer assim uma filosofia de vida e valores gerais que permitam superar as contrariedades, ter abertura para aceitar desculpas e perdas, capacidade de desenvolver relações naturais vendo assim a possibilidade de aprendizagem com a crise e a mudança.

Uma outra categoria reporta-se aos recursos organizacionais, designadamente a flexibilidade, conexões e recursos sociais e económicos.

Quanto ao primeiro recurso, refere-se a estrutura familiar que permite promover e integrar o processo de adaptação dos membros, modelos organizacionais para suportar interna e externamente os recursos de mudança, uma estrutura flexível, ou seja, a capacidade da unidade de homeostase e morfogénese, reorganizar a liderança e rotinas, ter regras assimétricas de proteção parental, no entanto, papéis parentais simétricos e mútua responsabilidade. Em relação às conexões, ter uma capacidade de incrementar interações interpessoais e geracionais, adquirir um suporte na comunidade tentando estabelecer empatia nessas designadas relações. Por fim, quanto aos recursos sociais e económicos, promover a circulação de informação durante a crise, poder ter apoio da família alargada quer quanto à dinâmica familiar ou a situação económica.

Para o sucesso completo destas famílias é também importante que se verifiquem processos comunicativos compostos por mensagens claras, ou seja, a comunicação verbal e não-verbal deve ser direta, clara, específica e autêntica o que consequentemente levará à expressão clara de regras, opiniões e expectativas e assim interações claras; partilha emocional, por exemplo, a tolerância de emoções negativas, o repensar sentimentos e ações sem atribuir culpas e assim desenvolver interações positivas utilizando o humor, partilha e o prazer e a proatividade resolvendo os problemas colaborativamente entre os membros existindo negociação e apoio. Tem especial importância a coerência narrativa pois permite aos membros da família conferir um sentido as suas experiências de crise.

De acordo com Walsh (2007), os acontecimentos trágicos tem, muitas vezes, a capacidade de nos fazer despertar para o que realmente importa na vida e inspiram-nos a redefinir a nossa identidade, a reordenar as nossas prioridades, e tomar a iniciativa de cuidar para beneficiar os outros. Assim, uma conclusão acerca da resiliência familiar é que estas abordagens emergem como particularmente pertinentes na nossa época, pois preparam a família e os seus membros para enfrentar as incertezas e os desafios do futuro, numa condição de apoio mútuo, flexibilidade e inovação; circunstâncias indispensáveis quando se pretender construir famílias com uma fortaleza evolutiva frente a um mundo que está em contínua e rápida mudança.

2. Metodologia

2.1 Adaptação e Validação de Instrumentos de Avaliação

O presente estudo pretende contribuir para o processo de tradução e adaptação de um instrumento de avaliação e investigação das relações familiares, centrado no conceito de generatividade, nomeadamente, a *Intervista Clinica Generazionale* (Cigoli & Tamanza, 2009). Trata-se, portanto, de dar continuidade ao trabalho de investigação que está a ser desenvolvido em colaboração com a *Alta Scuola di Psicologia “Agostino Gemelli”* de Milão, sob a coordenação do Professor Vittorio Cigoli (Raguso *et al.*, 2010). Importa, por isso, clarificar em que consiste a adaptação de um instrumento de avaliação a uma nova população, com uma cultura e língua diferentes, particularmente, quando este instrumento é de natureza qualitativa, como é o caso da Entrevista Clínica Generacional (ECG).

De um modo geral, podemos dizer que a tradução e adaptação de um instrumento de avaliação consistem em assegurar uma equivalência linguística, semântica e cultural com o instrumento original e replicar, na medida do possível, as suas propriedades psicométricas (Flick, 2005). Partimos, deste modo, de uma perspetiva universalista, que considera, ao contrário da perspetiva absolutista, que os construtos que avaliamos em psicologia, bem como nas ciências humanas em geral, não são iguais em todas as culturas. Com isto, defende-se a necessidade de se verificar se o conceito (construto) existe na cultura que o quer adotar e, no caso de existir, se é interpretado da mesma maneira que na cultura original (Pais-Ribeiro, 1999). Assim, a tradução e adaptação de um determinado instrumento para uma nova população, deve implicar três tipos de procedimentos essenciais: teóricos, empíricos e analíticos (Freire & Almeida, 2001).

No que diz respeito aos procedimentos teóricos, não basta traduzir o instrumento original para o idioma-alvo, mas interessa verificar qual o fundamento teórico do construto-chave do instrumento e se esse mesmo fundamento é conhecido e aplicável na nova cultura. Interessa, portanto, verificar não só se todo o conteúdo do instrumento é compreendido pela nova população e se se aplica culturalmente a ela (equivalência semântica e cultural), mas se representa o construto-base a que se refere. Para isso, recorre-se a grupos de discussão ou a entrevistas semiestruturadas com a população, à qual o instrumento se destina, e com especialistas do domínio conceptual em causa (Freire & Almeida, 2001; Castillo, 2008). Nesta fase, os procedimentos são de natureza qualitativa, baseando-se, sobretudo no consenso entre especialistas da cultura (o próprio povo) e especialistas de uma certa área de investigação, ou seja, baseando-se numa validade de fé (validade facial), pois está dependente do julgamento subjetivo destes especialistas, não possuindo uma validade empírica (Pais-Ribeiro, 1999), no sentido de testada estatisticamente. Esta validade é, também, designada de validade de conteúdo, uma vez que o seu maior propósito é verificar em que medida o instrumento avalia aquilo que pretende avaliar, ou seja, em que medida as suas questões, itens ou estímulos, recolhem informação válida para responder às questões-chave do construto que lhe é subjacente. Em suma, esta etapa do processo de adaptação de um instrumento pretende: (a) verificar se o conteúdo do instrumento traduzido é compreendido (se vocabulário é adequado; se os itens são culturalmente aplicáveis); (b) investigar a equivalência conceptual do construto-chave do instrumento (se o conceito existe na cultura-alvo); (c) apreciar a adequabilidade do conteúdo e estrutura do instrumento (se as questões são claras, apresentam uma sequência lógica, fáceis de responder, éticas); (d) explorar a relevância e representatividade das questões (se o grau em que os conjuntos de itens/questões representam adequadamente os domínios que avaliam).

Contudo, a adaptação de um instrumento não se esgota, porém, numa boa tradução do instrumento original, nem na sua comprovada validade facial, sendo necessário compará-lo com instrumentos que avaliem construtos, por um lado, associados ao seu e, por outro, construtos diferentes do seu. De uma validade, por assim dizer, interna, onde o que se avalia é, sobretudo, a representatividade dos itens/questões do instrumento, passa-se para uma validade “externa” cuja finalidade é verificar, em que medida os resultados produzidos pelo instrumento adaptado, são comparáveis aos resultados dos instrumentos, de referência, já utilizados no contexto da cultura-alvo, e com o mesmo propósito e/ou conteúdo equivalente. A esta validade dá-se o nome de validade convergente (Pais-Ribeiro, 1999; Castillo, 2008).

2.2 Desenho do estudo: Objetivos gerais e específicos

Segue-se, agora, uma síntese dos procedimentos metodológicos a realizar na adaptação e validação da ECG. Importa referir que a avaliação da validade de construto refere-se, nesta fase do processo da investigação, à validade de tipo convergente, e que a primeira versão traduzida da ECG contemplará, apenas, os estímulos verbais.

Os objetivos e respetivos procedimentos com o sinal de visto foram previamente realizados (Raguso *et al.*, (2010).

Neste estudo temos como objetivo avaliar a validade convergente da ECG através dos seguintes procedimentos:

- a) Contactar com instrumentos que meçam o mesmo e/ou construtos semelhantes;
- b) Proceder à análise taxonómica e tipológica da ECG;
- c) Proceder à análise convergente.

Quadro 1. Síntese dos objetivos e procedimentos metodológicos na adaptação e validação da ECG

Objetivos	Procedimentos
1. Traduzir o instrumento original	✓ Tradução
2. Avaliar a validade de conteúdo da ECG	
2.1 Verificar se o conteúdo do instrumento traduzido é compreendido (o vocabulário é adequado; os itens são culturalmente aplicáveis?)	✓ Aplicação junto de um grupo de participantes com características semelhantes aos do público – alvo - população (uso de técnicas qualitativas – <i>focus groups</i> , <i>brainstorming</i>)
2.2 Apreciar a adequabilidade do conteúdo e formato do instrumento (as questões são claras, fáceis de responder, gramaticalmente corretas, éticas?)	
2.3 Investigar a equivalência conceptual do construto – chave do instrumento; 2.4 Explorar a relevância e representatividade das questões	✓ Recolha da opinião de profissionais de psicologia (uso de técnicas qualitativas - <i>focus groups</i> , <i>brainstorming</i>)

2.5 Administração piloto da primeira versão da ECG (apenas do conjunto de estímulos verbais)	✓ Alteração e/ou eliminação das instruções e questões que causam mais problemas de compreensão
2.6 Continuação do trabalho de tradução/adaptação do instrumento	✓ Retrotradução
3. Avaliar a validade convergente da ECG	
3.1 Contactar com instrumentos que meçam o mesmo e/ou construtos semelhantes	- Escolha e caracterização dos instrumentos - Definição da amostra - Definição dos procedimentos
3.2 Proceder à análise taxonómica e tipológica da ECG	- Análise das entrevistas considerando o modelo de análise taxonómica e tipológica da grelha de análise da ECG
3.3 Proceder à análise convergente	- Análise dos resultados dos instrumentos aplicados; - Confronto dos resultados obtidos, de modo a avaliar a validade convergente da ECG

2.3 Participantes

Com base no que foi referido por Raguso *et al.*, (2010), ou seja, que tal como no estudo piloto e no projeto dos autores do instrumento, o casal parental pode ser considerado a “*unidade de análise necessária e suficiente*” para compreender os processos de transmissão intergeracional (Cigoli & Tamanza, 2009) assim, será preferencial uma população de 10 casais não-clínicos, tendencialmente de classe média/alta e com pelo menos um filho em fase adolescente, entre os 11 e os 17 anos, pois esta revela-se como uma fase de maior intercâmbio geracional.

Especificamente, a amostragem é delimitada, à partida, por certos critérios: i) possuir os conhecimentos necessários e experiência do assunto em questão, para responder às perguntas da entrevista; ii) capacidade de reflexão e articulação; iii) tempo para ser inquirido e disposição para participar no estudo (Flick, 2005). Assim, apesar de uma definição *a priori*, a decisão de amostragem visa a seleção de casos, com base nos critérios definidos, seguindo a amostragem, de acordo com a relevância dos casos, ou seja mesmo com a definição dos participantes já esclarecida, põem-se a hipótese de após a recolha mediante os critérios ser ainda feita uma seleção considerando a relevância desses mesmos dados para o processo.

2.3 Materiais/ instrumentos

Para se proceder a validação do construto-chave da ECG, bem como das suas principais dimensões, propomo-nos, agora, apresentar instrumentos validados para a população portuguesa e cujos construtos e respetivas dimensões se assemelham aos da ECG. A aplicação destes instrumentos, juntamente, com a ECG, permite-nos verificar em que medida os seus resultados são comparáveis aos resultados daqueles instrumentos, já utilizados no contexto da cultura-alvo, com o mesmo propósito e/ou conteúdos equivalentes. Uma vez que a entrevista generacional está dividida em três eixos distintos e, dado que não seria possível encontrar num só instrumento, validado para a população portuguesa, todos os construtos avaliados naqueles eixos, optámos por escolher um, ou, dois, instrumentos para cada um deles. Segue-se, em primeiro lugar, a apresentação da ECG e de seguida os outros instrumentos a aplicar.

2.3.1 Questionário sociodemográfico

O questionário sociodemográfico foi construído para obter informações necessárias para a caracterização da amostra. O questionário sociodemográfico integra as seguintes dimensões: tipo de união, tempo de união, filiação, idades, habilitações literárias, profissão.

2.3.2 Entrevista Clínica Geracional (Raguso, F., Facchin.F., Molgora.S., & Gonçalves, 2010)

A Entrevista Clínica Geracional é um instrumento de investigação e avaliação das relações familiares, mais precisamente, das relações entre gerações, cuja aplicação é feita a casais com, pelo menos, um filho. A entrevista está, deste modo, organizada em três eixos: (a) o eixo respeitante às origens de cada membro do casal; (b) o eixo respeitante à formação e desenvolvimento das relações de casal; (c) o eixo respeitante à passagem generacional. O primeiro eixo é constituído por oito questões; o segundo por nove, e o terceiro por seis. As questões do primeiro e segundo eixos contêm dois tipos de estímulos, o verbal e o gráfico-simbólico. Em cada um destes eixos, são apresentados uma série de quadros, uns relativos às origens de cada membro do casal, outros relativos à relação de casal. Cada cônjuge é convidado a escolher o quadro que melhor representa o ambiente familiar de origem e o quadro que melhor representa a atual relação de casal. A série de quadros referente ao eixo um, é composta por quadros em que figuram unicamente paisagens, sendo a figura humana excluída; a segunda série de quadros, usada no eixo dois, é composta por quadros em que figuram cenas conjugais (Cigoli & Tamanza, 2009).

A elaboração da *ICG* passou por várias etapas. Primeiramente, os autores realizaram uma pesquisa de instrumentos de investigação e avaliação, que versassem sobre as relações familiares e íntimas ou, mesmo, sobre a generatividade. Com isto, os autores quiseram apurar (Cigoli & Tamanza, 2009): (a) se não haveria, já, algum instrumento que respondesse às questões levantadas pela ECG; (b) aspetos eficazes e críticos dos instrumentos pesquisados; (c) o processo da sua elaboração, de modo a delinear com precisão o da própria ECG; (d) a especificidade e carácter inovador da ECG. Os autores concentraram-se, sobretudo, nos aspetos formais e metodológicos dos instrumentos, isto é, sobre as entrevistas que propiciavam uma análise e avaliação sistemática dos dados empíricos. Visto isto, foram eleitas seis entrevistas (nenhuma delas validada para a população portuguesa): *Oral History Interview* (OHI); *Current Relationship Interview* (CRI); *Camberwell Family Interview* (CFI); *Darlington Family Interview* (DFI); *Intervista Familiare Strutturata*; e *Intervista sulla Storia Personale* (Cigoli & Tamanza, 2009).

Seguiu-se a elaboração das questões, tendo em conta a sua congruência semântica com o construto-chave da entrevista, e a sua capacidade para representar os três eixos referidos; além disso, deveriam facilitar o diálogo entre os membros do casal e promover a emergência de afetos, bem como de imagens representativas da vida familiar, respeitantes, sobretudo ao eixo um e dois. A seleção das questões foi, depois, efetuada com a ajuda da realização de *focus groups* com profissionais da psicologia (Cigoli & Tamanza, 2009). A eleição dos quadros efetuou-se pela aplicação de um estudo piloto a uma amostra de 335 sujeitos. Os seus resultados permitiram eliminar as imagens de difícil compreensão, ou percebidas como desajustados aos objetivos da entrevista.

Terminada a versão preliminar da entrevista (quer no que respeita à elaboração do guião, quer no que respeita à definição do sistema de cálculo) foi feita uma primeira aplicação a uma amostra de 30 casais, da classe média-alta, casados e com, pelo menos, um filho. Através desta amostra pretendeu-se, essencialmente, avaliar a coerência interna da entrevista, averiguando a correspondência semântica de cada estímulo verbal e gráfico com o conceito de generatividade; selecionando estímulos verbais e gráficos discriminativos de cada eixo; e individuando as regras de cálculo para a avaliação de cada eixo (Cigoli & Tamanza, 2009). Segue-se o conteúdo específico de cada eixo: Eixo I – As Origens; Eixo II – O Casal e Eixo III – Passagem Geracional.

2.3.2.1 Eixo I: As Origens

Uma vez que as questões do primeiro eixo remetem para a experiência familiar de origem de cada membro do casal, elas são colocadas de forma alternada a cada um deles.

Contudo, ambos são convidados a comentar as respostas que cada um dá. Antes, ainda, de se iniciarem as questões é feita uma breve introdução (*warming-up*), que pretende ajudar cada um daqueles a remontar ao seu ambiente familiar de origem e, desta forma, facilitar o seu envolvimento na realização da entrevista (Cigoli & Tamanza, 2009).

Através da questão um, dois e três, pretende-se perceber que representações e afetos que emergem em cada membro do casal, quando lhes é pedido que falem sobre o seu ambiente familiar de origem e o representem através de uma paisagem, ao mesmo tempo, que se pretende conhecer os comentários recíprocos à escolha pictórica que cada um faz. No sentido de aprofundar, cada vez mais, a evocação das origens, a questão quatro indaga sobre as regras de ouro de cada família de origem, isto é, sobre as regras que regulavam, fundamentalmente, as relações entre os seus vários membros e as relações destes com o exterior. A questão cinco indaga sobre as recordações de infância de cada membro do casal, relativamente à relação com o pai, mãe, irmãos e outras figuras significativas. As questões seis e sete continuam a evocar recordações da sua infância, mas, desta vez, referentes à relação conjugal dos pais de cada um, e à relação destes com os seus próprios pais (avós dos entrevistados). Estas duas últimas questões colocam, portanto, cada membro do casal numa terceira posição, na medida em que os levam a posicionarem-se como observadores, implicados, das relações entre outros significativos (Cigoli & Tamanza, 2009). Há, ainda, a referir que a questão seis indaga sobre o que cada membro do casal aprendeu com a vida de casal dos seus pais, introduzindo o tema da identificação, operante entre as gerações e, conseqüentemente, o tema da natureza das relações entre aqueles e estes (Cigoli & Tamanza, 2009). A última questão convida, novamente, ao comentário recíproco das respostas de cada membro do casal (Anexo 1)

2.3.2.2 Eixo II: O Casal

As questões deste eixo são dirigidas ao casal, cabendo aos seus membros decidir como se organizam para lhes responder. A primeira e segunda questões debruçam-se sobre o encontro entre ambos, pesquisando a forma como se conheceram e os fatores que levaram a que o primeiro encontro desse origem a uma relação duradoura no tempo. As três questões seguintes centram-se naquilo que cada membro procurou no outro (desejos de infância não atendidos, aspetos da vida não explorados); a questão seis pergunta sobre os momentos mais difíceis da vida em casal, bem como sobre as estratégias usadas para os enfrentar. Na questão sete voltam-se a utilizar os estímulos gráficos e simbólicos, pedindo a cada membro do casal que escolha a imagem que melhor representa a relação com o outro e os sentimentos nela experienciados. Depois de cada um fazer a sua escolha e respetivo comentário, é-lhes pedido que comentem a

resposta do outro cônjuge. A questão oito leva a refletir sobre a relação de cada membro do casal com a família de origem do outro. Cada membro é, assim, remetido para o primeiro encontro com a família de origem do seu parceiro, sendo convidado a ilustrá-lo com um episódio da vida quotidiana, ou, outra imagem/metáfora representativa do mesmo. No final, cada membro comenta a resposta dada pelo parceiro. A questão nove, que ajuda a fazer a passagem para o último eixo da entrevista, incita o casal a perspetivar o seu futuro, não esquecendo que o futuro (tal como o passado) está no presente da relação (Cigoli & Tamanza, 2009).

2.3.2.3 Eixo III: Passagem Geracional

As perguntas um e dois colocam os membros do casal, entre aquilo que idealizaram sobre a vida em família, antes de se unirem, e entre aquilo que, na realidade, experienciaram na sua vida familiar quotidiana, identificando os sonhos realizados e aqueles que ficaram por realizar. A questão três é, por assim dizer, a questão-chave de toda a entrevista, uma vez que pergunta sobre aquilo que os pais consideram importante transmitir aos filhos, introduzindo o tema da continuidade e/ou descontinuidade entre aquilo que cada membro do casal recebeu da sua família de origem e aquilo que os dois desejam transmitir à geração seguinte. As questões quatro e cinco são, de certo modo, um desdobramento da questão três: na quatro pergunta-se se o casal pensa ter conseguido transmitir aos filhos aquilo que considera importante; na cinco desafiam-se os pais a pensarem naquilo que cada filho (no caso de ser mais que um) tem de único, e naquilo que tem em comum com cada um deles. Por fim, a última questão leva a uma recapitulação dos episódios familiares que, por um lado, foram causa de sofrimento e, por outro, causa de uma maior esperança e confiança nas relações familiares. O seu objetivo é avaliar a capacidade dos pais reconhecerem os elementos de risco e proteção, iminentes à sua própria história familiar, dando conta daquilo que triunfa: se o bem, se o mal (Cigoli & Tamanza, 2009).

2.3.4 Family Environment Scale (FES) e Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scale (FACES IV)

Tendo em conta que o primeiro eixo da ECG nos reporta ao ambiente familiar de origem de cada cônjuge e à relação destes com as figuras de vinculação, escolhemos os seguintes instrumentos: *Family Environment Scale* - FES (Moos & Moos, 1994; adaptação portuguesa por Matos & Fontaine, 1992; versão retrospectiva por Pascoal & Narciso cit em Lopes, 2008) e *Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scales* - FACES IV (Olson, 2011 e versão portuguesa de Gouveia-Pereira *et al.* (2013).

Relativamente ao *Family Environment Scale* (FES), que consiste numa escala que avalia o ambiente familiar em três dimensões: Relacional, Crescimento Pessoal e Manutenção do Sistema, o mesmo permite assim descrever o ambiente familiar, contrastar a percepção dos pais e dos filhos e planejar e monitorizar mudanças familiares. O conjunto de itens iniciais da FES foi desenvolvido a partir de entrevistas estruturadas com membros de diferentes tipos de famílias e adaptação de itens de outras escalas de clima social. Pode ser utilizada em três formas: para avaliação do ambiente real (forma R), do ambiente idealizado (forma I) ou do ambiente esperado (forma E). Também pode ser utilizada para avaliar o resultado de intervenções, o nível de adaptação de crianças e adultos ao ambiente familiar, e para discriminar o ambiente familiar de grupos que diferem quanto à idade, etnia e saúde mental. Uma outra possibilidade é nomeadamente, a que usamos, ou seja, a percepção da qualidade do clima relacional na família de origem durante a infância e juventude. Para os autores da escala, a sua principal virtude está na visão da família em múltiplas dimensões, promovendo, assim, a compreensão dos contextos familiares e respetivo impacto na vida dos seus elementos, evitando visões reducionistas de um sistema que se assume como naturalmente complexo (Moos & Moos,1994)

A versão original da FES é constituída por 90 itens agrupados em 10 subescalas. Cada uma destas está organizada em três dimensões: a dimensão do Crescimento Pessoal (Independência, Orientação para o Sucesso, Orientação Intelectual e Cultural, Orientação para as Atividades Recreativas, e Ênfase na Moral e Religião), a dimensão Manutenção do Sistema (Organização e Controlo) e a dimensão Relação (Coesão, Expressividade e Conflito). Especificamente, para a tarefa a que nós propomos apenas será utilizada a dimensão Relação, composta por 27 itens distribuídos por três subescalas: subescala A: Coesão – avalia o grau de envolvimento, de ajuda e de apoio entre os diferentes membros da família (itens positivos 1,7,10,16,22,25 e itens negativos 4,13,19); subescala B: Expressividade – avalia o grau em que os elementos da família são incentivados a expressar e agir os seus sentimentos abertamente (itens positivos 2,11,14,20,26 e itens negativos 5,8,17,23); subescala C: Conflito – avalia a quantidade de agressões e conflitos expressos abertamente pelos membros da família (itens positivos 9,3,15,18,24 e itens negativos 6,12,21,27), cuja resposta se enquadra numa escala de tipo *Likert*, de 6 pontos: 1 (*discordo totalmente*); 2 (*discordo*); 3 (*discordo moderadamente*); 4 (*concordo moderadamente*); 5 (*concordo*) e 6 (*concordo totalmente*). Os resultados serão definidos por escala e pela soma dos pontos de resposta, sendo que valores mais elevados nas subescalas coesão e expressividade significam melhor ambiente familiar e valores mais baixos na subescala conflito corroboram essa categorização.

A FES apresenta uma boa consistência interna (Moos & Moos, 1994), mais concretamente, a nível da coesão, da expressividade e do conflito, os valores médios do *alfa de Cronbach* são respetivamente de 0.77, 0.62 e 0.75 na replicação, e de 0.78, 0.69 e 0.75 na amostra inicial apresentada no manual do instrumento. Quanto à validade de conteúdo do instrumento, foi pedido a sujeitos não treinados que distribuíssem os itens que o compõem pelas várias subescalas. Os resultados mostraram que 39 dos 45 itens apresentados foram colocados corretamente por 67% dos sujeitos (Moos & Moos, 1994). A validade discriminante e a validade de construto foram avaliadas em vários estudos, evidenciando sua boa capacidade de discriminação entre famílias com ambiente familiar funcional daquelas com problemas (Moos & Moos, 1994)

O interesse por esta subescala justifica-se, na medida em que se avalia a dimensão normativa das famílias de origens de cada cônjuge, bem como o tipo de relação existente entre todos os membros, dimensões, igualmente, avaliadas na ECG. Obtendo um bom retrato das origens de cada cônjuge não se consegue fazer uma cobertura de todos os aspetos focados na ECG, como por exemplo, a caracterização da relação de casal dos pais, ou a relação dos membros da família com o exterior, portanto aplicaremos ainda a adaptação de Gouveia-Pereira *et al.*, (2013) da *Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scales (FACES IV)* que pretende avaliar o funcionamento das famílias dos adolescentes, através da apreciação da coesão, definida pelas ligações afetivas que existem entre os vários elementos e adaptabilidade, pela mudança que o sistema opera na liderança de papéis e regras em resposta a situações de *stress* ou crise familiar de acordo com o Modelo Circumplexo de Olson e Colaboradores.

O *FACES IV* (Olson 2011) é um questionário de autoavaliação que mede o funcionamento familiar em duas dimensões, a coesão e a adaptabilidade. A dimensão da coesão mede os laços emocionais entre cada membro e os restantes, avaliando deste modo, o grau de separação ou ligação de cada elemento à família, enquanto a dimensão da adaptabilidade avalia a capacidade que o sistema conjugal ou familiar tem de mudar, em termos de estrutura, regras ou papéis, em resposta a determinada situação ou a acontecimento stressante. (Tribuna, 2000). De modo a tornar a análise dos dados mais exaustiva e compreensível iremos utilizar, tal como refere Gouveia-Pereira *et al.* (2003), 8 subescalas que integram as diferentes questões do instrumento. Assim temos: a Escala de Coesão Equilibrada, a Escala de Flexibilidade Equilibrada, a Escala Desequilibrada Desligada, a Escala de Desequilibrada Emaranhada, a Escala Desequilibrada Caótica, a Escala do Nível de Comunicação e a Escala do Nível de Satisfação. As escalas utilizadas no presente estudo, foram as seguintes: 1) escala de coesão

equilibrada, 2) escala de flexibilidade equilibrada, 3) escala do nível de comunicação e 4) escala do nível de satisfação. Estas escalas são as mais relevantes, pois coincidem do ponto de vista teórico com as componentes exploradas no Eixo I da ECG. Particularmente, a escala de coesão equilibrada avalia os laços emocionais entre cada membro e os restantes; o grau de separação ou ligação de cada membro a família (itens 1,7,13,19,25,31,37); a escala de flexibilidade equilibrada avalia a capacidade que o sistema conjugal ou familiar tem de mudar em termos de estrutura, regras ou papéis face acontecimento stressantes (itens 2,8,14,20,26,32,39); a escala do nível de comunicação avalia a capacidade da família de partilhar sentimentos sobre si e a relação com os outros (itens 43,44,45,46,47,48,49,50,51,52) e a escala do nível de satisfação avalia a capacidade da família de partilhar sentimentos sobre si e a relação com os outros (itens 43,44,45,46,47,48,49,50,51,52). A cotação é feita através de uma escala de tipo Likert, de 5 pontos: 1 (*discordo totalmente*); 2 (*discordo*); 3 (*Não concordo nem discordo*); 4 (*concordo*) e 5 (*concordo totalmente*). Os resultados são obtidos somando os pontos de resposta por cada subescala é atribuído um nível a cada subescala.

Uma análise da fiabilidade do *Alpha de Cronbach* foi conduzida para examinar a consistência interna das seis escalas. A análise da fiabilidade do *Alpha* para a validação das escalas é incluída com finalidades comparativas. Relativamente as escalas do FACES IV que utilizamos coesão equilibrada =.89, flexibilidade equilibrada =.80. Assim a fiabilidade é aceitável para finalidades de pesquisa, e talvez para a aplicação a indivíduos com outros pontos da informação disponíveis. A análise de fiabilidade do *Alpha de Cronbach* também foi utilizada para as escalas de validação comunicação familiar e satisfação familiar variando entre.91 e.93. (Rebelo, 2008). Este instrumento é considerado como tendo um bom nível de fidelidade, uma fácil administração e cotação e é apreciado em investigação, por ser fidedigno permitindo, ainda, a distinção entre famílias problemáticas e não sintomáticas e por ser um bom instrumento discriminatório da diversidade étnica (Tribuna, 2000).

2.3.5 Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal (EASAVIC)

Para o eixo dois, escolhemos a Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal – EASAVIC, desenvolvida por Narciso e Costa (1996) que permite avaliar a perceção subjetiva que cada indivíduo tem da sua relação conjugal, casamento ou união de facto. A EASAVIC é um instrumento de autoavaliação da satisfação em áreas da vida conjugal. A escala é constituída por 44 itens, organizados em 10 áreas da vida conjugal, relativas, por sua vez, à dimensão *funcionamento conjugal* (5 das 10 áreas), e à dimensão *amor* (as restantes 5 áreas).

A organização destas 10 áreas é a seguinte (Narciso & Costa, 1996): Funções Familiares (FF); Tempos Livres (TL); Autonomia (AUT); Relações Extrafamiliares (REF); Comunicação e Conflitos (CC); Sentimentos e Expressão de Sentimentos (SES); Sexualidade (SEX); Intimidade Emocional (IE); Continuidade (C); Características Físicas e Psicológicas (CFP). Dos 44 itens, 16 representam zonas cujo foco é o casal, que avalia a tomada de decisões e a qualidade das relações sexuais (1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 14, 15, 16, 17, 18, 25, 28, 35, e, 38); 14 representam zonas cujo foco é o outro, que avalia a privacidade e autonomia e a idealização do cônjuge (8, 11, 13, 20, 22, 24, 27, 30, 32, 34, 37, 40, 42 e 44); 14 representam zonas cujo foco é o próprio, que avalia o apoio emocional entre os cônjuges e a opinião acerca do aspeto físico do cônjuge (9, 10, 12, 19, 21, 23, 26, 29, 31, 33, 36, 39, 41 e 43). A cotação é feita através de uma escala de *Likert* em 6 pontos. Cada item é, então, avaliado segundo as seguintes possibilidades (Narciso & Costa): *Nada Satisfeito* (1); *Pouco Satisfeito* (2); *Razoavelmente Satisfeito* (3); *Satisfeito* (4); *Muito Satisfeito* (5); *Completamente Satisfeito* (6). Os resultados são obtidos por subescalas, através da soma do valor atribuído a cada questão e posteriormente resultante da soma do total das subescalas. Logo a EASAVIC deve ser interpretada do seguinte modo: resultados mais elevados correspondem a níveis mais altos de satisfação conjugal

O estudo psicométrico da escala revelou o seguinte (Narciso & Costa, 1996): (a) a análise fatorial discriminou dois fatores principais, o que está em consonância com o pressuposto teórico subjacente, segundo o qual a avaliação da satisfação conjugal não se pode limitar à avaliação da funcionalidade conjugal, mas deve considerar a avaliação do amor; (b) as correlações internas (entre as várias áreas e o resultado global da escala) são superiores a 0.60, sendo mais elevadas as correlações que se referem à dimensão amor; (c) a correlação entre os resultados relativos à dimensão amor e aos da dimensão funcionamento conjugal é superior a 0.90; (d) as correlações entre as várias áreas da vida conjugal são, de um modo geral, superiores a 0.50; as correlações entre as áreas relativas à dimensão amor são as mais elevadas, sendo superiores a 0.70; (e) a correlação entre as duas dimensões é superior a 0.70; (f) a correlação entre a EASAVIC e a ESGGW – escala invertida em relação à EASAVIC, medida critério – é superior a 0.70; (g) os coeficientes alfa encontrados para cada um dos fatores são bastante elevados (>0.90), indicando uma elevada consistência interna (Narciso & Costa, 1996). Apesar da escala nos oferecer bastante informação sobre a relação de casal, estamos conscientes que, tal como avaliado na ECG, o seu processo de crescimento e as motivações mais profundas fiquem por avaliar.

2.3.6 Escala de Generatividade de Loyola (LGS)

Para o Eixo III escolhemos a Escala de Generatividade de Loyola (LGS) na versão de investigação portuguesa de Alves (et al. 2006) da versão original de McAdams, D.P., & de St. Aubin, E (1992).

A Escala de Generatividade de Loyola é vista pelos seus criadores como uma medida de preocupação generativa, sendo composta por 20 itens, que refletem várias dimensões da generatividade encontradas na literatura, como (a) a transmissão de conhecimentos e competências a outros, nomeadamente à geração seguinte, (b) a contribuição para a melhoria das condições de vida na comunidade, (c) realizações suscetíveis de virem a ser recordadas por um longo período de tempo, (d) ações criativas ou atuação produtiva e, finalmente, (e) o cuidado e a assunção de responsabilidade por outras pessoas (Alves, et al. 2006). Apesar de a escala abarcar estas várias dimensões da generatividade, os seus autores propõem a extração de apenas um valor global que resultará do somatório das pontuações atribuídas pelos respondentes a cada item, havendo o cuidado de cotar de forma inversa os itens apresentados sob forma de negação, nomeadamente os itens 2, 5, 9, 13, 14, 15. Os itens são, assim, avaliados de acordo com uma escala que explícita a frequência com que as asserções neles contidas se aplicam ao inquirido, indo desde “nunca se aplica” (0), “aplica-se ocasionalmente” (1) aplica-se várias vezes (2) até “aplica-se com muita frequência” (3). O *score* total da escala traduz o grau em que um adulto manifesta uma preocupação em causar um impacto positivo e duradouro nas gerações seguintes, podendo oscilar entre o mínimo de 0 e o máximo de 42.

No que diz respeito às características psicométricas da LGS em estudos portugueses prévios (Fanco-Borges et al. 2009) o alpha de Cronbach obtido foi de 0,79, a partir de uma amostra de 391 estudantes universitários. Já para McAdams e de St. Aubin (1992) a consistência interna da LGS, expressa pelo coeficiente *Alpha de Cronbach* para os 20 itens, foi de 0.84.

2.4 Procedimentos de recolha de dados da entrevista

Nesta fase, foi aplicada a ECG, questionada a opinião acerca da ECG e aplicados os questionários já descritos, a uma unidade de análise total de 10 casais previamente contactadas mediante o critério de inclusão específico. A duração foi pontual através de uma aplicação única sendo o ambiente de estudo não constricto e a intervenção do investigador a mínima, permitindo a emergência da realidade da família e do casal.

Para seleccionar os participantes, mais especificamente 7 casais, foi pedida a colaboração do Centro Cultural e Desportivo Ancorense (CCDA), nomeadamente na valência de Futebol

através do diretor técnico das equipas de *Infantis* e *Juvenis*, para que os casais cumprissem com o critério de inclusão. Após a sugestão de alguns participantes, os mesmos foram contactados de modo a apresentar o estudo, validar o consentimento informado e marcar um encontro com data e hora definidas para aplicarmos a entrevistas e os questionários.

O local da aplicação, para os já referidos 7 casais, foi em sede do CCDA, que dispõem de várias salas multifuncionais. O local escolhido foi igualmente adequado a estudos desta natureza pois proporcionou o ambiente e condições físicas ideais para a realização das entrevistas, especialmente proporcionou privacidade e conforto.

Quanto aos restantes 3 casais, foram selecionados mediante amizades e conhecimentos pessoais, pelo que as entrevistas se realizaram em casa dos participantes, respeitando igualmente as condições necessárias para a aplicação.

Todas as entrevistas foram gravadas em áudio para possibilitar uma análise correta e aprofundada dos dados.

Todos os procedimentos éticos foram igualmente respeitados, sendo que foi entregue a cada casal participante uma cópia do consentimento informado (Anexo 2).

2.5 Procedimentos de análise dos dados das entrevistas

Para analisar os dados das entrevistas seguiu-se o mesmo método de trabalho utilizado por Cigoli e Tamanza (2009), tendo, porém, em conta que a presente amostra não inclui os estímulos não-verbais, previstas para o eixo um e dois. Assim, a análise consistiu em três procedimentos essenciais: (a) divisão de cada entrevista em unidades de análise, correspondentes ao número total de questões; (b) classificação taxonómica de cada unidade de análise, consoante a tabelas de categorias definidas pelo autor; (c) estabelecimento da correspondência entre a classificação taxonómica e a classificação tipológica, nomeadamente fecunda, ambivalente e falida (Peixoto, 2012) de cada unidade de análise; mediante as indicações do autor. A classificação taxonómica consiste em atribuir a cada unidade de análise (cada resposta) um determinado significado, consubstanciado em categorias pré-definidas, por Cigoli e Tamanza (2009) e descritas de seguida. Este significado não traduz, por isso, a síntese dos aspetos mais importantes da resposta do entrevistado, mas, sim, os princípios teóricos de todo o quadro conceptual da entrevista, ou seja, pretende-se assim atribuir a cada unidade de análise lógico-discursiva uma categoria semântica representativa dos conteúdos evocados. Relativamente a análise tipológica o que se pretende é que partindo das categorias semânticas resultantes estabelecer ligações com as categorias tipológicas.

Os resultados de cada eixo foram posteriormente confrontados com os resultados das escalas supramencionadas, para se proceder à validação do construto-chave da ECG.

Seguem-se os conteúdos a ter em conta aquando a análise dos dados da ECG. Em relação a cada eixo são primeiramente apresentados os indicadores da análise taxonómica e posteriormente os indicadores atribuídos à análise tipológica.

2.5.1 Eixo I: As Origens – Indicadores da Análise Taxonómica (Cigoli & Tamanza, 2009)

Questão 1

Muito bem. Agora poderiam fazer-nos ver o vosso ambiente de vida, cada um o seu? Quem começa?

Nesta questão importa avaliar a capacidade de cada cônjuge trazer à memória, mental e afetivamente, as suas origens, de tal modo que as memórias se tornem em memórias visuais (vivas), daí a utilização do verbo “ver”. Por outro lado, avalia a sua visão generativa, pois a questão não se foca, unicamente, nas suas famílias de origem, mas nas “origens”, ou seja, nos momentos históricos, sítios/locais e tradições familiares, bem como nas relações com a família mais alargada. A classificação deverá ter em conta a qualidade dos conteúdos mentais trazidos à memória (ricos, pobres, disfuncionais, ambíguos, contraditórios, idealizados, positivos ou negativos), bem como a qualidade dos afetos a eles associados (ricos, pobres, disfuncionais, ambíguos, contraditórios, idealizados, positivos ou negativos).

Questão 1.2

Pensando na família, quais eram os momentos importantes da vida familiar? Voltem com a mente, seja a situações de vida quotidiana, seja a momentos particularmente significativos da vida da família. Que acontecia?

A classificação taxonómica vai, aqui, desde a ausência de ritualidade familiar à sua presença ativa e reconhecida. Importa, portanto, atender à presença de momentos importantes, que introduzem a diferença entre o tempo comum (dia a dia) e o tempo sagrado, isto é, o tempo que é sentido como separado/distinto do primeiro, uma vez que imprime significado e valor à vida do quotidiano (momentos ritualizados pela festa, luto e outro tipo de circunstâncias).

Questão 4

Quais eram as "regras de ouro" da vida familiar para as relações internas da família e com o exterior? Por quem e de que forma eram sustentadas?

Nesta questão trata-se de avaliar a vida normativa da família de cada cônjuge, respeitante quer às relações entre os membros familiares, quer às relações destes com o exterior (o não familiar). A classificação contempla a falta de regras, a sua presença rígida/formal (não interiorizadas pelos seus membros), opressiva ou construtiva.

Questões 5.1, 5.2 e 5.3

Podem relatar algumas recordações de infância que digam respeito:

À relação entre si e a sua mãe.

À relação entre si e o seu pai.

À relação entre irmãos (se não houver irmãos, entre primos ou amigos).

Nesta questão importa estar atento aos sentimentos que são comunicados pelo entrevistado ao verbalizar as recordações de infância, de modo a perceber-se quais as emoções associadas às recordações que servem para caracterizar as relações com as figuras de vinculação e irmãos. A natureza afetiva das recordações pode ser classificada segundo a seguinte classificação: carente/instrumental; construtiva/expressiva e ambígua/contraditória.

Questão 6

Que aprenderam na vossa família de origem acerca da relação de casal e da vida de casal? Encontraram "regras de ouro" também a este respeito? Deem-me um exemplo da relação entre os vossos pais através de uma ou duas recordações.

A questão seis quer explorar em que medida o novo casal é uma repetição dos casais que lhe deram origem, ou, em que medida o não é (está em causa, numa linguagem psicanalítica, a transferência intergeracional). O verbo “aprender” deve ser entendido no sentido de “fazer seu”, ou, pelo contrário, de não fazer seu e, portanto, rejeitar. As recordações evocadas ajudam a tornar presente o tipo de relação de casal que os pais de cada cônjuge tinham, facilitando-lhes a tarefa. A classificação taxonómica vai desde a desvalorização daquilo que os pais lhes transmitiram enquanto casal, à sua valorização; passando pela idealização e imitação.

Questão 7

Podem dizer-me, ainda através de recordações, alguma coisa a respeito da relação entre os vossos pais e as suas famílias de origem? Que acontecia?

A pergunta serve para trazer à memória a relação dos pais de cada cônjuge com as suas famílias de origem. Também neste caso opera a transferência generacional, pois o estilo relacional das famílias transmite-se de geração em geração. O teor das recordações permitem qualificar aquilo que vem à memória, confrontando-o com aquilo que é dito. A classificação vai desde a ausência de recordações, ou, desde a presença de recordações dolorosas, a recordações de relações construtivas; passando por recordações ambíguas e contraditórias.

2.5.2 Eixo I: As origens – Indicadores da Análise Tipológica (Peixoto.R., 2012; Cigoli & Tamanza, 2009)

O casal de **Origens Fecundas** é caracterizado pela capacidade de cada um dos membros de não se fechar sobre a sua própria família e de reconhecer as famílias de origem como uma fonte de identificação benéfica.

O casal de **Origens Ambivalentes** é caracterizado por falhas relevantes, como a ausência e o abandono de algum membro. Existem crises explosivas e outras silenciosas nas relações entre membros do casal e a sua família de origem, existindo também sentimentos de repúdio, hostilidade e confusão, ao mesmo tempo que existem identificações positivas. Pode existir no casal por um dos membros ser de *origem falida*.

O casal de **Origens Falidas** é caracterizado pela existência da combinação de indiferença e de abuso, seja material, psicológico ou sexual, com tentativas recorrentes de alienação de um dos pais ou de uma das famílias de origem. O casal experiencia sentimentos como angústia profunda, terror, desespero e desconfiança.

Segue-se a grelha de análise do eixo um.

Quadro 2. Grelha de Análise do Eixo I

Eixo I – As Origens		
Questão	Classificação taxonómica	Classificação tipológica
1. Ambiente das origens	Conteúdos mentais: ricos, pobres, disfuncionais, ambíguos, contraditórios, idealizados, positivos ou negativos.	Fecundo: mentalização e sentimentos ricos e positivos Ambivalente: mentalização e sentimentos ambíguos contraditórios e idealizados

	Qualidade dos afetos: ricos, pobres, disfuncionais, ambíguos, contraditórios, idealizados, positivos ou negativos.	Falido: mentalização e sentimentos pobres, negativos, e disfuncionais
1.2 Ambiente das origens	Ausência de ritualidade familiar ou ritualidade ativa e reconhecida	Fecundo: ritualidade ativa e reconhecida Ambivalente: Falido: Ausência de ritualidade
4. Regras de ouro	Ausência de regras; presença rígida/formal (não interiorizadas pelos seus membros); opressiva ou construtiva	Fecundo: presença construtiva de regras Ambivalente: presença rígida/formal de regras Falido: ausência de regras ou existência de regras opressivas
5.1 Relação com a mãe	Natureza afetiva das recordações: carente/instrumental; construtiva/expressiva; ambígua/contraditória.	Fecundo: construtiva/expressiva Ambivalente: ambígua/contraditória. Falido: carente/instrumental;
5.2 Relação com o pai	Natureza afetiva das recordações: carente/instrumental; construtiva/expressiva; ambígua/contraditória.	Fecundo: construtiva/expressiva Ambivalente: ambígua/contraditória. Falido: carente/instrumental;
5.3 Relação com os irmãos	Natureza afetiva das recordações: carente/instrumental; construtiva/expressiva; ambígua/contraditória.	Fecundo: construtiva/expressiva Ambivalente: ambígua/contraditória. Falido: carente/instrumental;
6. Aprendizagem da relação de casal dos pais	Desvalorização; Valorização; idealização e imitação.	Fecundo: valorização Ambivalente: idealização, imitação Falido: desvalorização
7. Relação entre as estirpes	Recordações de relações construtivas; recordações ambíguas e contraditórias; ausência de recordações; presença de recordações dolorosas.	Fecundo: recordações de relações construtivas; Ambivalente: recordações ambíguas e contraditórias. Falido: ausência de recordações; presença de recordações dolorosas

Fonte: Cigoli, V. & Tamanza, G. (2009). *L' Intervista Clinica Generazionale*. Milano:

Raffaello Cortina Editore

2.5.3 Eixo II: O Casal – Indicadores da Análise Taxonómica (Cigoli e Tamanza, 2009)

Questão 1

Como é que se conheceram?

A questão que abre o presente eixo serve para evidenciar o momento que deu início à história do casal. As primeiras palavras proferidas pelos cônjuges podem revelar necessidade, acaso, ou, antes o tempo favorável (*kairos*). A necessidade não deve ser, à partida, entendida como degenerativa, já que pode desenvolver-se em direções positivas. O acaso caracteriza-se, sobretudo, pela falta da procura da pessoa certa, pressupondo isto um reconhecimento lento e progressivo do outro e, não, um reconhecimento imediato e total; encaixa aqui o amor à primeira vista/encontro imediato da pessoa certa. Por outro lado, é preciso não esquecer que as perguntas que se seguem a esta, esclarecem as primeiras palavras dadas pelos entrevistados. A classificação incide, a partir de agora, sobre as respostas do casal, entendidas como uma só.

Questão 2

O que fez com que o vosso encontro se tenha tornado um laço?

A questão dois está ligada à primeira, embora ofereça a possibilidade de se distinguir encontro de relação, na medida em que poucos encontros se tornam em relação. O encontro pode derivar numa união precipitada, em que a identidade do casal não foi devidamente construída, e onde existem dúvidas sobre se existe uma verdadeira relação; por outro lado, o encontro pode transformar-se numa relação em que a identidade do casal foi, de forma progressiva e consciente, construída e onde o desejo de ter uma relação é claro. Há que avaliar a presença e ausência de todos estes elementos.

Questão 3

Com que é que pensam ter casado no outro?

A questão três exige que os participantes se situam a um nível metafórico e sejam capazes de reconhecer as necessidades e expectativas mútuas, que conduziram quer o encontro quer a edificação da relação. A abordagem psicodinâmica refere-se a um pacto secreto, isto é, a um pacto íntimo e inconsciente entre ambos os parceiros, que faz com que se liguem reciprocamente. Também a abordagem cognitiva destaca o peso dos valores e das motivações conscientes e latentes, relativamente à emergência do encontro e relação. Importa verificar se o reconhecimento deste pacto secreto existe, ou não, e se é valorizado, ou, pelo contrário, banalizado.

Questão 4

Encontraram aquilo que procuravam um no outro?

Esta pergunta indaga sobre a satisfação daquelas expectativas e necessidades, ou seja, indaga em que medida elas foram desatendidas, parcialmente atendidas ou atendidas satisfatoriamente. Também a pesquisa psicossocial se ocupou de avaliar o construto “satisfação”, relativo à relação conjugal, considerando-o como uma variável preditiva da relação de casal.

Questão 5

Que descobriram de novo no outro?

O casal é, aqui, confrontado com aquilo que é novo e inesperado. Trata-se daquilo que está para além das necessidades e expectativas que esperamos ver atendidas, pois trata-se de reconhecer o outro como diferente de mim e, portanto, não completamente previsível e adaptável àquilo que esperamos dele. O novo e o inesperado pode atacar a relação (pô-la em perigo), ou, mesmo matá-la; mas, também, a pode renovar ou, melhor, vivificar. Em qualquer dos casos, o inesperado é sempre desconcertante.

Questão 6

Houve algum momento particularmente difícil na relação? Como o enfrentaram?

Não existem histórias conjugais sem dificuldades ou momentos críticos. O mais importante é perceber se existe, da parte do casal, o seu reconhecimento e de que forma são enfrentados por ele. O que está em causa é, portanto, o tipo de empenho que se põe na relação, nestes momentos, bem como os sentimentos aí aflorados: de desconfiança e impotência, de angústia, ou de transformação vivificante? No geral, a pesquisa psicossocial trata este aspeto através do construto do conflito e sua gestão (destrutiva, construtiva, etc.). Para o modelo relacional-simbólico, o conflito é considerado como inerente à relação e, como tal, o construto mais importante torna-se o do empenho/responsabilidade pela relação.

Questões 8.1 e 8.2

Agora gostaria que falassem do encontro entre vocês e as respetivas famílias de origem, com a família dele(a). Podem ilustrar o encontro com algum episódio retirado da vida quotidiana ou também através de metáforas ou imagens?

Comentem reciprocamente aquilo que o parceiro acabou de dizer a propósito do seu encontro com a vossa família de origem.

O encontro com o parceiro pressupõe sempre a sua família de origem. A pesquisa trata do tema através de construtos como, vizinhança/distância entre pais e filhos, embora os mesmos sejam avaliados individualmente, isto é, junto de cada membro do casal. Aqui, interessa verificar de que modo se cruzam as famílias de origem dos dois cônjuges. No geral, o casal faz parte da história de, apenas, uma das famílias de origem, tendo em conta a conjuntura sociocultural do casal (hoje em dia, a família da mãe tem um papel preponderante), e as necessidades do casal. Não interessa, por isso, avaliar o equilíbrio da influência das famílias de origem, nem tão pouco o valor histórico e afetivo de cada uma delas. Procura-se, antes, identificar sentimentos de angústia e rejeição derivados da “assimilação” de uma das culturas familiares; sentimentos de contágio e distância, relativamente a uma cultura familiar que se rejeita; ou, pelo contrário, sentimentos positivos, em que ambos os membros do casal se sentem acolhidos pelas respetivas famílias de origem e veem respeitada a sua autonomia. Do comentário recíproco podem emergir sentimentos de recusa, de separação, de diferença crucial entre as origens, ou de acolhimento e de diferença capaz de se gerir.

Questão 9

Como prefiguram o futuro de casal?

Prefigurar o futuro é um modo de pôr a nu as propriedades, presentes, da relação de casal. Trata-se de identificar sentimentos de confiança e desconfiança, esperança e desespero na relação; ou seja, trata-se de perceber se a angústia é combatida ou negada. Com isto, evidencia-se a qualidade da relação.

2.5.4 Eixo II: O casal – Indicadores da Análise Tipológica (Peixoto, 2012; Cigoli & Tamanza, 2009)

O casal com **Relação Fecunda** caracteriza-se pela existência da capacidade de cada um dos membros em investir no laço que os une, reconhecendo no outro o que faz pelo próprio, independentemente dos seus defeitos. Passa pela expressão de áreas exclusivas do casal e de momentos mágicos (áreas e momentos construídos pelos dois e dotados de significado pelos dois membros) e pela capacidade de partilhar alegrias, dores, saúde e doença.

O casal com **Relação Ambivalente** caracteriza-se por ter uma relação com um sentimento recorrente de perigo, seja do seu fim, acompanhado de sentimentos de isolamento e

marginalização, seja da vivência de constrição e aprisionamento, existindo tentativas de libertação, conscientes ou não. Uma outra característica passa pela dificuldade do casal em desenvolver as áreas exclusivas do casal e as vivências conjuntas de alegrias e de dores.

O casal com **Relação Falida** tem uma espécie de “antirelação”, já que existe a tentativa sistemática de exploração das fraquezas do outro. Estes casais são ainda caracterizados por um ambiente de humilhação, de desprezo e de violência física e ainda pela existência de perturbações na sexualidade do casal.

Segue-se a grelha de análise do eixo dois.

Quadro 3. Grelha de Análise do Eixo II

Eixo II – O Casal		
Questão	Classificação taxonómica	Classificação tipológica
1. O encontro	Necessidade, acaso, ou tempo favorável.	Fecundo: tempo favorável Ambivalente: acaso Falido: necessidade
2. Do encontro à relação	Há/não há distinção entre encontro e relação; estado da identidade de casal: não existe; existe; é procurada.	Fecundo: há distinção entre encontro e laço e existe identidade de casal Ambivalente: identidade de casal procurada Falido: não existe distinção entre encontro e laço e não existe identidade de casal
3. O que casaram no outro	Reconhecimento do pacto secreto existente; inexistente; valorizado; banalizado.	Fecundo: reconhecimento do pacto secreto existente e valorizado Ambivalente: banalização do pacto secreto Falido: inexistência de pacto secreto
4. Encontraram o que procuravam no outro	Expetativas e necessidades atendidas satisfatoriamente; parcialmente atendidas e desatendidas.	Fecundo: expetativas e necessidades atendidas satisfatoriamente. Ambivalente: expetativas e necessidades parcialmente atendidas Falido: Expetativas e necessidades desatendidas

<p>5. Novas descobertas</p>	<p>Renovação ou vivificação, sentimento de estagnação; destruição da relação.</p>	<p>Fecundo: renovação ou vivificação Ambivalente: sentimento de estagnação Falido: destruição da relação,</p>
<p>6. Momentos difíceis</p>	<p>Falta/presença de empenho e responsabilidade pela relação; sentimentos de desconfiança e impotência, de angústia, ou de transformação vivificante.</p>	<p>Fecundo: presença de empenho e responsabilidade pela relação Ambivalente: sentimentos de desconfiança e impotência, de angústia ou de transformação vivificante Falido: falta de empenho e responsabilidade na relação</p>
<p>8.1 e 8.2 Encontro com a família</p>	<p>Reconhecimento da diferença ou sentimentos positivos; identificar sentimentos de angústia e rejeição e sentimentos de contágio e distância.</p>	<p>Fecundo: reconhecimento da diferença e sentimentos positivos Ambivalente: sentimentos de angústia e rejeição Falido: sentimentos de contágio e distância</p>
<p>9. Futuro do casal</p>	<p>Identificar sentimentos de confiança e desconfiança, esperança e desespero na relação.</p>	<p>Fecundo: sentimentos de confiança e esperança na relação Ambivalente: sentimento de desconfiança mas esperança na relação Falido: sentimento de desconfiança e desespero na relação</p>

Fonte: Cigoli, V. & Tamanza, G. (2009). *L' Intervista Clinica Generazionale*. Milano: Raffaello Cortina Editore

2.5.5 Eixo III: Passagem Geracional – Indicadores da Análise Taxonómica (Cigoli & Tamanza, 2009)

Questão 1

Antes de se casarem ou de se juntarem como casal como imaginavam a vida familiar?

Podem apresentar algum exemplo de imagem?

O verbo imaginar assume, aqui, o mesmo sentido que o verbo prefigurar da última questão do eixo dois, referindo-se à construção mental de mundos visíveis, ainda que passados.

A classificação vai desde a ausência de prefigurações - como se a vida familiar fosse naturalmente prevista, pré-definida nas suas funções -, passando por prefigurações divergentes, marcadas por dúvidas e medos; até à presença do prazer de imaginar, sustentado pela esperança e confiança.

Questão 2

Na realidade da vida quotidiana que imagens se realizaram e que imagens não se realizaram? O que aconteceu igual e o que aconteceu de forma diferente?

A capacidade do casal parental prefigurar o futuro é confrontada com a realidade da vida familiar e, portanto, com aquilo que se conseguiu realizar. Não se trata de um confronto entre o ideal e o real (objeto de estudo típico da pesquisa psicossocial), mas o confronto da distância entre a capacidade de prefigurar e a capacidade de realizar. A classificação vai da impossibilidade de um confronto, faltando o primeiro termo de comparação - “acontece/é a vida”: imagens estereotipadas e sentimentos de estagnação; até ao reconhecimento de uma vida familiar que se constrói entre os dois termos de comparação. Entre estas duas possibilidades, surge um confronto alimentado pela dúvida e pelo medo, derivado das perspectivas que divergem em sentidos opostos.

Questões 3.1 e 3.2

Que consideram importante transmitir aos vossos filhos? Que valores? Que modelos de vida? É alguma coisa que tenha a ver com o que vocês receberam dos vossos pais?

A generatividade comporta a passagem de valores e de modelos de vida. Certos valores podem, no entanto, ser contravalores e certos modelos de vida podem ser estereotipados ou caracterizados pelo uso/abuso das relações. Tendo em conta a especificidade desta entrevista é, aqui, introduzido o tema daquilo que é recebido/não recebido das famílias de origem, chamando a atenção para o fato das origens não se esgotarem no casal. A classificação vai desde a dificuldade do casal parental reconhecer valores e modelos de vida ou de comunicá-los, ao entrevistador, de forma estereotipada, até à consciência de que há uma transmissão intencional dos mesmos, de geração em geração. Entre as duas situações situam-se sentimentos de angústia e dúvida, e sentimentos constrangedores, relativos a contravalores recebidos das gerações precedentes. Neste caso, e para efeitos de classificação, as perguntas 3.1 e 3.2 constituem uma só questão, ainda que sejam propostas uma de cada vez, sendo a segunda uma forma de apurar o processo generativo das famílias.

Questão 4

Pensam ter conseguido passar (ou que conseguirão passar) esses valores e modelos de vida? (Que poderia ser um obstáculo? E um recurso?).

A questão quatro está ligada à anterior, evidenciando, todavia, o tema da eficácia. Foi a abordagem cognitiva que evidenciou a variável “eficácia”, ajudando a centrar a nossa atenção nos efeitos, bem como nos sentimentos a eles associados. Por outro lado, é, igualmente, importante o processo de atribuição (quem é responsável da eficácia e da ineficácia?), evidenciado, também, por aquela abordagem. A classificação vai desde o sentimento de ineficácia e impotência (atribuindo a responsabilidade ao caráter, ao modo de ser inato de cada um dos pais), até ao sentimento de uma eficácia, que prevê a apropriação que os filhos fazem daquilo que é transmitido. Entre estas duas condições encontra-se aquela que é dominada pela angústia da dúvida (o ponto de interrogação fixo – Cigoli & Tamanza, 2009), e aquela que delega a responsabilidade nos filhos, cabendo-lhe a ele a escolha dos valores e modelos de vida.

Questão 5

Pensem nos filhos (no caso de ser mais que um). A quem saíram e o que têm de específico?

Esta questão aponta, claramente, para o caráter generativo da família. Fala-se de filhos (e não de crianças) como membros de um corpo familiar que trespassa as gerações. “A quem saíram”, refere-se ao sentimento de pertença múltipla, enquanto a especificidade refere-se àquilo que é próprio e único de cada filho. O filho (s) está, então, num ponto de interseção que cruza elementos, como o género, a ordem do nascimento, expectativas das gerações precedentes acerca do seu destino; e por outro, elementos, como, o seu caráter, o seu modo de relacionar-se com os outros e o seu modo de viver o sentido de pertença. Um ato generativo, por excelência, é o de dar nome ao filho², ao qual devemos estar atentos no momento da entrevista. A classificação vai desde a réplica (o filho é como que um duplo), ou, da ausência do sentido de pertença familiar, até ao sentimento de pertença e, simultaneamente, unicidade/diferenciação. Entre estas duas classificações, situa-se a dúvida angustiante, acerca da pertença do filho, e/ou a minimização do problema das origens.

² Repare-se como nos dias de hoje, os filhos são destacados dos seus antepassados e, pelo contrário, aproximados aos pais e mundo mediático envolvente. Não é de estranhar, portanto, que os filhos tenham ora o nome do pai ou mãe, ora o nome de personagens de telenovelas.

Questão 6

O que trouxe maior dor e o que ofereceu esperança/confiança na vida familiar?

A última questão serve um propósito reflexivo sobre as relações familiares, mas também de recapitulação. Pretende-se obter uma visão de conjunto sobre o corpo familiar: reconhecimento de dores passadas e presentes, bem como dos recursos familiares existentes (sentimentos de confiança, esperança e eficácia disponíveis). A classificação vai desde a fixação em sentimentos de raiva, vazio e alienação, à comunicação de sentimentos de êxito, por se ter conseguido superar as dificuldades e por se acreditar na vida em família. Entre as duas posições opostas, encontram-se sentimentos de dúvida e de confusão acerca da vida familiar.

2.5.6 Eixo III: Passagem Geracional – Indicadores da Análise Tipológica (Peixoto,2012; Cigoli & Tamanza,2009)

O casal que apresenta uma **Passagem Fecunda** é capaz de investir no presente-futuro, ligando-o ao passado familiar, ao mesmo tempo que consegue abordar os desafios presentes. Este tipo de casal é ainda caracterizado pela forma como consegue lidar com dúvidas e medos e pela forma como sabe reconhecer a especificidade de cada filho.

O casal que apresenta uma **Passagem Ambivalente** é caracterizado pela intenção em passar valores, mesmo que sejam das suas famílias de origem, mas teme que não seja suficiente, culpando muitas vezes o exterior pela falta de sucesso e havendo sentimentos de angústia em relação ao futuro.

O casal que apresenta uma **Passagem Falida** não consegue encontrar uma forma de fazer a passagem. Este tipo de casal acredita que cada um deve construir a sua própria vida e que em breve os laços deixarão de existir. Os filhos acabam por ou viver uma projeção sobre o si da incapacidade parental em lidar com os eventos da vida ou por verem os seus problemas ligados pelos pais à genética ou às características sociais.

Segue-se a grelha de análise do eixo três.

Quadro 4. Grelha de Análise do Eixo III

Eixo III – Passagem Generativa		
Questão	Classificação taxonómica	Classificação tipológica
1. Prefiguração da vida familiar	Prazer de imaginar; prefigurações divergentes e ausência de prefigurações.	Fecundo: prazer de imaginar Ambivalente: prefigurações divergentes Falido: ausência de prefigurações
2. Imagens realizadas	Reconhecimento de confronto, confronto alimentado pela dúvida e pelo medo e impossibilidade de confronto	Fecundo: reconhecimento de confronto Ambivalente: confronto alimentado pela dúvida e pelo medo Falido: impossibilidade de confronto
3.1 e 3.2 Valores e modelos a passar aos filhos	Transmissão precisa de valores; sentimentos de angústia e dúvida; dificuldade de reconhecer valores e modelos de vida.	Fecundo: transmissão precisa de valores Ambivalente: sentimentos de angústia e dúvida, transmissão estereotipada Falido: dificuldade de reconhecer valores e modelos de vida
4. Sentido de eficácia parental	Sentimento de eficácia construtiva; sentimentos de angústia ou eficácia delegada e sentimento de ineficácia e impotência.	Fecundo: sentimento de eficácia construtiva Ambivalente: sentimentos de angústia ou eficácia delegada Falido: sentimento de ineficácia e impotência
5. Identidade dos filhos	Sentimento de pertença (unicidade/diferenciação); sentimentos de dúvida e angústia ou minimização dos problemas de origens e ausência de sentimentos de pertença ou réplica.	Fecundo: sentimento de pertença (unicidade/diferenciação) Ambivalente: sentimentos de dúvida e angústia, minimização dos problemas de origens Falido: ausência de sentimentos de pertença familiar ou réplica

6. Sofrimento, esperança e confiança na vida familiar	Sentimentos de êxito; sentimentos de dúvida; de confusão acerca da vida familiar e sentimentos de raiva, vazio e alienação	Fecundo: sentimentos de êxito Ambivalente: sentimentos de dúvida e confusão Falido: sentimentos de raiva, vazio, alienação
--	--	---

Fonte: Cigoli, V. & Tamanza, G. (2009). *L' Intervista Clinica Generazionale*. Milano: Raffaello Cortina Editore

Quanto aos restantes instrumentos os mesmos foram analisados a partir do total de respostas dadas pela amostra e segundo as subescalas já determinadas, seguindo as respectivas orientações dos autores.

2.6 Resultados

2.6.1. Caracterização da amostra

A amostra do presente estudo incluiu 10 casais heterossexuais (ver Quadro 2. para descrição dos Dados Sociodemográfica), onde 60% dos casais tem um casamento religioso e 40% tem um casamento civil. Os casais do presente estudo tem um tempo de relação conjugal que varia entre os 14 e os 30 anos de duração ($M=20.80$, $DP=4.96$), apresentando ter entre 1 a 3 filhos ($M=1.80$, $DP= 0.63$), com idades compreendidas entre os 3 e os 20 anos de idade, onde 60% dos casais tem 2 filhos, 30% tem 1 filho e, somente, um casal tem 3 filhos. Cada um dos casais que compõe a presente amostra possui pelo menos um filho na fase da adolescente (entre os 11 e os 17 anos de idade). Ao nível da escolaridade, 50% dos casais são compostos por membros que possuem o mesmo grau académico, que varia entre o 6º ano de escolaridade e a licenciatura, tanto para o membro masculino, como feminino dentro do casal; sendo que em 40% dos casais as mulheres apresentam um grau superior ao dos homens e, somente, um casal apresenta integrar um membro masculino com um grau superior ao da mulher. Os casais apresentam profissões diversificadas. Em geral, os participantes apresentam idades compreendidas entre 34 e os 55 anos ($M= 42.95$).

Quadro 5. Descrição dos dados Sociodemográficos

Casal	Tipo de união	Tempo de união	Filhos	Idade		Escolaridade		Profissão	
				M	F	M	F	M	F
1	Casamento Civil	16 anos	M 13 anos M 11 anos	38	34	7º	12º	Pintor	Ass.técnica
2	Casamento Religioso	30 anos	M 16 anos M 12 anos	46	43	9º	Lic.	Construtor	Fun.Publica
3	Casamento Civil	23 anos	F 20 anos M 16 anos	55	51	12º	9º	Gestor de Frota	Escrituraria
4	Casamento Religioso	21 anos	F 17 anos	47	46	Lic.	Lic.	Enf.	Enf.
5	Casamento Civil	27 anos	M 13 anos M 10 anos	45	45	Lic.	Lic.	Empresário	Ass.Social
6	Casamento Religioso	22 anos	M 12 anos M 3anos	41	40	12º	12º	Tec.artes gráficas	Chefe de vendas
7	Casamento Religioso	17 anos	M 14 anos	46	43	6º	6º	Tec.vendas	Ass.Textil
8	Casamento Religioso	20 anos	F 17 anos	41	40	10º	Lic.	Tec.manutenção	Enf.
9	Casamento Religioso	18 anos	M 14 anos F 10 anos M 4 anos	44	38	8º	12º	Chefe de armazem	Téc.de emprego
10	Casamento Civil	14 anos	F 13 anos F 8 anos	38	38	Lic.	Lic.	Bancário	Agente de Seguros

2.6.2 Resultados da Entrevista Clínica Geracional (ECG)

De seguida serão apresentados os resultados da Entrevista Clínica Geracional (ECG). De acordo com Cigoli e Tamanza (2009) (ver também: Peixoto, 2012) a análise ao nível taxonómica e tipológica efetuada no Eixo I (Origens) tem como unidade de análise o total dos participantes (n=20), tendo particularmente analisado as diferenças qualitativas entre o grupo dos cônjuges masculinos e femininos quanto à saturação das categorias dentro do Eixo. Relativamente ao Eixo II e ao Eixo III é de ressaltar que a unidade de análise, não é mais cada elemento do casal, separadamente, mas sim o casal em si mesmo.

Eixo I - As Origens

QUESTÃO 1 - Ambiente das origens: Conteúdos mentais e Qualidade dos Afetos

A questão 1 da ECG explora o ambiente familiar de origem através da qualidade representacional de elementos cognitivos e afetivos de cada membro do casal (e.g., Cigoli & Tamanza, 2009). Os resultados podem ser encontrados na Tabela 1. Na nossa amostra, a análise taxonómica evidencia a presença de 7 indicadores categoriais relativas aos conteúdos mentais que variam entre mentalizações pobres (i.e., 1) pobres de conteúdo, 2) pobres de conteúdo contraditórios, 3) pobres de conteúdo positivos) e ricos (i.e., 4) ricos de conteúdo ambivalentes, 5) ricos de conteúdo ambivalentes positivos, 6) ricos de conteúdo disfuncionais e 7) ricos de conteúdo positivos). Considerando, o total da amostra a categoria conteúdo mental ‘Pobre de conteúdo’ foi o que mais saturou (n= 8) constituindo 40% do total da amostra, sendo igualmente distribuído para homens (n=4) e mulheres (n=4). Nesta categoria os participantes invocam das

suas representações mnemónicas poucos detalhes e fraca elaboração de conteúdos mentais relativamente ao ambiente familiar de origem, incluindo carência de narrativas descritivas relativas a lugares, tradições, momentos históricos, relações sociais e gerações precedentes (e.g., '[...] tive uma infância opa normal [...]' (M-Casal1); '[...] não é que me lembre muito mas era normal [...] os meus pais e a minha irmã [...]' (F-Casal2); '[...] era escola e casa e essencialmente era isso [...]' (F-Casal3); '[...] o meu pai era ausente, a minha mãe cuidava de nós [...]' (M-Casal6); '[...] era um ambiente familiar [...]' (F-Casal7); '[...] deixar a mãe, a vida em Moçambique [...]' (M-Casal7); '[...] uma família normal, uma vida normal [...]' (F-Casal9); '[...] cada um seguiu a sua vida [...]' (M-Casal9).

Relativamente aos conteúdos afetivos a análise taxonómica mostrou a presença de 5 categorias que, também, variam entre afetos de qualidade pobre (i.e., 1) afetos pobres) e ricos, (i.e., 2) afetos ricos, 3) afetos ricos ambivalentes e 4) afetos ricos positivos); assim como, simples 5) afetos positivos. No total a categoria conteúdo afetivo 'Rico Positivo' foi a que mais saturou (n=8), sendo igualmente distribuído para homens (n=4) e mulheres (n=4) Nesta categoria os participantes invocam uma diversidade de sentimentos especialmente positivos (e.g., '[...] minha infância foi um dos períodos mais felizes da minha vida [...]' (M-Casal1); '[...] com as minhas irmãs eramos muito unidas e então tínhamos sempre a proteção umas das outras [...]' (F-Casal1); '[...] ajudávamo-nos todos uns aos outros [...]' (F-Casal2); '[...] um ambiente muito familiar [...] livre, aberto, e seguro [...]' (F-Casal4); '[...] lembro-me de uma adolescência muito, muito divertida, alegre e feliz [...]' (M-Casal5); '[...] vivemos sempre numa casa muito grande, muitos amigos e experiencias diferentes [...]' (F-Casal5); '[...] fui um miúdo extremamente feliz porque tinha muitos amigos [...]' (M-Casal8); '[...] feliz, somos muito próximos e estamos juntos com regularidade [...]' (M-Casal10). Por fim, a análise tipológica nesta questão do Eixo I evidencia a presença das 3 categorias a saber: 1) falido 2) ambivalente e 3) fecundo. Embora o grupo em geral tivesse demonstrado dificuldade em recordar uma série de memórias ricas ao nível de conteúdo mental, o mesmo recorda uma serie de memórias ao nível afetivo, ao que se reflete na análise tipológica na maior saturou na categoria 'Fecundo' (n=9) sendo, ainda assim, menos frequente para o grupo dos cônjuges masculinos (n=4) e mais frequente no grupo dos cônjuges femininos (n=5). Os resultados podem ser encontrados na Tabela 1.1.

Tabela 1. Resultados da categorização taxonómica da Q1, eixo I do ECG

CATEGORIZAÇÃO TAXONÓMICA				
		Casais n= 10		
ECG - EIXO I		Homem = 10	Mulher =10	Total =20
	TAXONOMIA	contagem (frequência)	contagem (frequência)	contagem (frequência)
Q1	CM			
	Pobres	4(40%)	4(40%)	8(40%)
	Pobres Contraditórios	1(10%)	0(0%)	1 (5%)
	Pobres Positivos	1(10%)	1(10%)	2(10%)
	Ricos Ambivalentes	0 (0%)	1(10%)	1(5%)
	Ricos Ambivalentes Positivos	1(10%)	0(0%)	1(5%)
	Ricos Disfuncionais	1(10%)	0(0%)	1(5%)
	Ricos Positivos	2 (20%)	4 (40%)	6(30%)
Q1	CA			
	Pobres	3 (30%)	2 (20%)	5(25%)
	Positivos	2 (20%)	2 (20%)	4(20%)
	Ricos	1 (10%)	1(10%)	2(10%)
	Ricos Ambivalentes	0(0%)	1(10%)	1(5%)
	Ricos Positivos	4(40%)	4(40%)	8(40%)

Tabela 1.1 Resultados da categorização tipológica da Q1, eixo I da ECG

CATEGORIZAÇÃO TIPOLOGICA				
		Casais n= 10		
ECG - EIXO I		Homem =10	Mulher =10	Total =20
	TIPOLOGIA	contagem (frequência)	contagem (frequência)	contagem (frequência)
Q1				
	Ambivalente	4 (40%)	3 (30%)	7(35%)
	Falido	2(20%)	2(20%)	4(20%)
	Fecundo	4 (40%)	5 (50%)	9(45%)

QUESTÃO 1.2 – Ambiente das origens: Ritualidade da Família

A questão 1.2 da ECG explora os momentos importantes da vida familiar, como algo a que se atribui significado e valor pessoal com o decorrer do tempo de vida (e.g., Cigoli & Tamanza, 2009). Os resultados podem ser encontrados na Tabela 2. Na nossa amostra, a análise taxonómica evidenciam a presença de 3 classificações categoriais que variam desde a 1) ausência de ritualidade até à 2) ritualidade ativa e reconhecida, assim como mostra uma nova categoria não previamente classificada no método de Cigoli e Tamanza (2009), a saber: 3) ritualidade quotidiana. No total a categoria ‘Ritualidade Ativa e Reconhecida’ foi a que mais saturou (n= 14), sendo igualmente distribuído para homens (n=7) e mulheres (n=7). Nesta categoria os participantes relembram vários momentos passados em família e significativos (e.g., ‘[...] o fim de semana, o domingo era dia da família [...]’ (M-Casal4); [...] os momentos das refeições que estávamos todos reunidos a mesa e depois os acontecimentos típicos das

aldeias, as matanças e lavouras [...] (F-Casal4); [...] o natal, por exemplo, lembro-me de ter muito entusiasmo quando recebíamos alguém ou íamos visitar [...] (M-Casal5); [...] visitávamos a família nas épocas festivas, mas realmente o nosso convívio era muito mais com amigos, muitos professores [...] (F-Casal5); [...] era mais as festas, o natal, o estarmos todos juntos em casa [...] (M-Casal6); [...] era nas festas de anos e nos natais, na pascoa era assim mais gente, no natal iam todos lá a casa, a pascoa era a festa maior [...] (F-Casal7); [...] vínhamos ca cima visitar a família, nas férias, na pascoa, no natal [...] (F-Casal8); [...] a família junta-se nas datas festivas para celebrar um aniversário ou um natal, a família quando vinha de férias [...] (F-Casal9); [...] natais, das festas de família, dos aniversários, quer fosse meu, dos meus primos, do meu irmão... sempre tivemos uma tradição de familiar [...] (M-Casal10) Correspondentemente, a análise tipológica mostrou que a categoria de ‘Fecundo’ foi a que mais saturou (n=14), sendo igualmente distribuída para homens (n=7) e mulheres (n=7), ocorrendo somente (n=6) observações dentro da categoria ambivalente. Os resultados podem ser encontrados na Tabela 2.1.

Tabela 2. Resultados da categorização taxonómica da Q1.2, eixo I da ECG

CATEGORIZAÇÃO TAXONÓMICA				
		Casais n= 10		
ECG - EIXO I		Homem = 10	Mulher =10	Total =20
	TAXONOMIA	contagem (frequência)	contagem (frequência)	contagem (frequência)
Q1.2				
	Ausência de ritualidade	1 (10%)	2 (20%)	3(15%)
	Ritualidade ativa e reconhecida	7(70%)	7(70%)	14(70%)
	Ritualidade rotineira	2(20%)	1(10%)	3(15%)

Tabela 2.1 Resultados da categorização tipológica da Q1.2, eixo I da ECG

CATEGORIZAÇÃO TIPOLOGICA				
		Casais n= 10		
ECG - EIXO I		Homem =10	Mulher =10	Total =10
	TIPOLOGIA	contagem (frequência)	contagem (frequência)	contagem (frequência)
Q1.2				
	Ambivalente	3(30%)	3(30%)	6(100%)
	Fecundo	7(70%)	7(70%)	14(100%)

QUESTÃO 4 – ‘Regras de ouro’ da vida familiar para as relações internas e externas da família

A questão 4 da ECG explora a dimensão normativa da família expressa na existência de regras que regem a vida dos membros familiares e suas relações com o mundo exterior (e.g., Cigoli & Tamanza, 2009). Os resultados podem ser encontrados na Tabela 3. Na nossa amostra,

a análise taxonómica evidenciam a presença de 4 classificações categoriais representativas da existência de regras em diferentes tipos, a saber: 1) Presença de regras, 2) Presença de regras construtivas, 3) Presença de regras informais e construtivas e 4) Presença de regras rígidas mas construtivas. No total a categoria ‘Presença de regras informais e construtivas’ foi a que mais saturou (n=8), sendo igualmente distribuído para homens (n=4) e mulheres (n=4). Nesta categoria os participantes recordam vários valores transmitidos pelos seus pais de forma natural e que foram importantes para o seu dia-a-dia (e.g. ‘[...] foram adquiridas tão naturalmente, que nem era preciso dizer [...]’ (F-Casal4); ‘[...] íamos aprendendo sem que houvesse uma autoridade, uma imposição [...]’ (M-Casal4); ‘[...] a trave mestra que me passaram foi o respeito [...]’ (M-Casal5); ‘[...] sempre respeitei muito os outros e sempre olhei os outros dessa forma, as bases com que me educaram foram acho que foram as mais importantes [...]’ (F-Casal8); ‘[...] um relacionamento comigo e com ela de muito respeito, ela dizia que não podia dar mais e eu respeitava [...]’ (M-Casal8); ‘[...] da educação...do respeito... olhavam para nós e praticamente não precisavam de dizer nada [...]’ (F-Casal10). Relativamente à classificação tipológica encontramos apenas 2 categorias, a saber: 1) ambivalente e 2) fecunda. Em correspondência com a análise taxonómica, no total a categoria ‘Fecundo’ foi a que mais saturou (n=14), sendo igualmente distribuída por homens (n=7) e mulheres (n=7). Os resultados podem ser encontrados na Tabela 3.1.

Tabela 3. Resultados da categorização taxonómica da Q4, eixo I da ECG

CATEGORIZAÇÃO TAXONÓMICA				
ECG - EIXO I	TAXONOMIA	Casais n= 10		
		Homem = 10	Mulher =10	Total =20
Q4		contagem (frequência)	contagem (frequência)	contagem (frequência)
	Presença de regras	2(20%)	2(20%)	4(20%)
	Presença de regras construtiva	1(10%)	1 (10%)	2(25%)
	Presença de regras informais e construtivas	4(40%)	4(40%)	8(40%)
	Presença de regras rígidas mas construtivas	3 (15%)	3 (15%)	6 (30%)

Tabela 3.1 Resultados da categorização tipológica da Q4, eixo I da ECG

CATEGORIZAÇÃO TIPOLOGICA				
ECG - EIXO I	TIPOLOGIA	Casais n= 10		
		Homem =10	Mulher =10	Total =10
Q4		contagem (frequência)	contagem (frequência)	contagem (frequência)
	Ambivalente	3(30%)	3(30%)	6(30%)
	Fecundo	7(70%)	7(70%)	14(70%)

QUESTÃO 5.1 – Natureza afetiva das recordações: relação com a mãe

A questão 5.1 da ECG explora a natureza afetiva das recordações das relações com o progenitor feminino (e.g., Cigoli & Tamanza, 2009). Os resultados podem ser encontrados na Tabela 4. Dentro das classificações taxonômicas previstas, a nossa amostra mostrou a presença de 4 categorias, a saber: 1) sentimento experienciado como ambíguo, 2) sentimento experienciado como construtivo, 3) sentimento experienciado como expressivo e 4) sentimento experienciado como instrumental. No total a o sentimento experienciado como ‘Expressivo’ foi a que mais saturou (n=11), sendo mais presente nos homens (n=6) que nas mulheres (n=5). Nesta categoria os participantes identificam vários momentos de carinho e de compreensão com a mãe (e.g. ‘[...] papel de mão galinha, sempre a proteger-nos [...]’ (M-Casal4); ‘[...] uma proximidade muito especial [...]’ (M-Casal5); ‘[...] herdei um bocadinho o espírito revolucionário da minha mãe [...]’ (F-Casal5); ‘[...] fazíamos muitas coisas juntas [...]’ (F-Casal8); ‘[...] era muito apegado a minha mãe... [...]’ (M-Casal10)). Convergentemente, a análise tipológica mostrou que estão presentes as 3 categorias previstas pelo modelo de Cigoli e Tamanza (2009), nomeadamente 1) falido 2) ambivalente 3) fecundo. No total a categoria fecundo foi a que mais saturou (n=13) representativa do sentimento experienciado como ‘Expressivo’, sendo vigorante no grupo dos homens (n=7) comparativamente com o grupo das mulheres (n=6). Os resultados podem ser encontrados na Tabela 4.1.

Tabela 4. Resultados da categorização taxonômica da Q5.1, eixo I da ECG

CATEGORIZAÇÃO TAXONÓMICA				
		Casais n= 10		
ECG - EIXO I		Homem = 10	Mulher =10	Total =20
	TAXONOMIA	contagem (frequência)	contagem (frequência)	contagem (frequência)
Q5.1				
	Ambígua	0(0%)	1(10%)	1(5%)
	Construtiva	1(10%)	1(10%)	2(10%)
	Expressiva	6(60%)	5(50%)	11(55%)
	Instrumental	3(30%)	3(30%)	6(30%)

Tabela 4.1 Resultados da categorização tipológica da Q5.1, eixo I da ECG

CATEGORIZAÇÃO TIPOLOGICA				
		Casais n= 10		
ECG - EIXO I		Homem =10	Mulher =10	Total =10
	TIPOLOGIA	contagem (frequência)	contagem (frequência)	contagem (frequência)
Q5.1				
	Ambivalente	0 (0%)	1 (10%)	1(5%)
	Falido	3(30%)	3(30%)	6(30%)
	Fecundo	7(70%)	6(60%)	13(65%)

QUESTÃO 5.2 - Natureza afetiva das recordações: relação com o pai

A questão 5.2 da ECG explora a natureza afetiva das recordações das relações com o progenitor masculino (e.g., Cigoli & Tamanza, 2009). Os resultados podem ser encontrados na Tabela 5. Dentro das classificações taxonómicas previstas, a nossa amostra mostrou a presença de 5 categorias, a saber: 1) sentimento experienciado como ambíguo; 2) sentimento experienciado como carente; 3) sentimento experienciado como construtivo; 4) sentimento experienciado como expressivo e 5) sentimento experienciado como instrumental. No total a categoria ‘Expressiva’, na natureza da relação afetiva com o pai, foi a que mais saturou (n= 7), sendo menos presente nos homens (n= 2) e mais presente nas mulheres (n=5). Nesta categoria os participantes identificaram vários momentos de afeto e compreensão com o pai (e.g. ‘[...] estava sempre a espera que ele chegasse para brincar comigo [...]’ (F-Casal1); ‘[...] acabávamos de almoçar e íamos ao café jogar a partidinha de sueca [...]’ (M-Casal2); ‘[...] íamos para a praia e a pesca [...]’ (M-Casal4); ‘[...] o meu pai defendia-me sempre [...]’ (F-Casal5); ‘[...] tínhamos uma relação de maior afeto [...]’ (F-Casal8); ‘[...] era uma pessoa atenta e preocupada [...]’ (F-Casal9)). Na presente questão do ECG as 3 categorias previstas foram observadas, sendo elas: 1) falido 2) ambivalente 3) fecundo. No total a categoria ‘Fecundo’ foi a que mais saturou (n=9), sendo mais presente nas mulheres (n=6) que nos homens (n=3). Os resultados podem ser encontrados na Tabela 5.1.

Tabela 5. Resultados da categorização taxonómica da Q5.2, eixo I da ECG

CATEGORIZAÇÃO TAXONÓMICA				
		Casais n= 10		
ECG - EIXO I		Homem = 10	Mulher =10	Total =20
	TAXONOMIA	contagem (frequência)	contagem (frequência)	contagem (frequência)
Q5.2				
	Ambígua	2 (20%)	1(10%)	3(15%)
	Carente	2 (20%)	2 (20%)	4(10%)
	Construtiva	1 (10%)	1(10%)	1(10%)
	Expressiva	2(20%)	5 (50%)	7(35%)
	Instrumental	3 (30%)	1 (10%)	4(20%)

Tabela 5.1 Resultados da categorização tipológica da Q5.2, eixo I da ECG

CATEGORIZAÇÃO TIPOLOGICA				
		Casais n= 10		
ECG - EIXO I		Homem =10	Mulher =10	Total =10
	TIPOLOGIA	contagem (frequência)	contagem (frequência)	contagem (frequência)
Q5.2				
	Ambivalente	2 (20%)	1(10%)	3(15%)
	Falido	5(50%)	3(30%)	8(40%)
	Fecundo	3(30%)	6(60%)	9(45%)

QUESTÃO 5.3 - Natureza afetiva das recordações: relação com os irmãos

A questão 5.3 da ECG explora a natureza afetiva das recordações das relações com os irmãos (e.g., Cigoli & Tamanza, 2009). Os resultados podem ser encontrados na Tabela 6. Dentro das classificações taxonômicas previstas, a nossa amostra mostrou a presença de 4 categorias, a saber: 1) sentimento experienciado como ambíguo; 2) sentimento experienciado como construtivo; 3) sentimento experienciado como expressivo e 4) sentimento experienciado como instrumental. No total a categoria ‘Expressiva’ foi a que mais saturou (n= 13), sendo menos presente nos homens (n=5) e mais presente nas mulheres (n=8). Nesta categoria os participantes identificaram muitos momentos de brincadeira, de companheirismo, de afeto para com os irmãos (e.g. ‘[...] a minha é ótima, sempre próximas em tudo [...]’ (F-Casal1); ‘[...] sempre muito unidos [...]’ (M-Casal2); ‘[...] sempre nas brincadeiras [...]’ (F-Casal3); ‘[...] conhecemo-nos muito bem e somos muito apoiadas umas nas outras [...]’ (F-Casal5); ‘[...] sempre nós demos bem, encobríamo-nos uns aos outros [...]’ (M-Casal6); ‘[...] uma boa relação com os meus irmãos, somos 7 e lidamos todos bem, era sempre animado [...]’ (M-Casal9)). A análise tipológica encontrou as 3 categorias previstas, a saber: 1) falido 2) ambivalente e 3) fecundo. Em correspondência com a análise taxonômica, no total a categoria fecundo foi a que mais saturou (n= 15), sendo menos presente nos homens (n=6) e mais presente nas mulheres (n=9). Os resultados podem ser encontrados na Tabela 6.1.

Tabela 6. Resultados da categorização taxonômica da Q5.3, eixo I da ECG

CATEGORIZAÇÃO TAXONÔMICA				
		Casais n= 10		
ECG - EIXO I		Homem = 10	Mulher =10	Total =20
	TAXONOMIA	contagem (frequência)	contagem (frequência)	contagem (frequência)
Q5.3				
	Ambígua	2 (20%)	0 (0%)	2(10%)
	Construtiva	1(10%)	1(10%)	2(10%)
	Expressiva	5 (50%)	8(61,5%)	13(65%)
	Instrumental	2(66,6%)	1 (10%)	3(15%)

Tabela 6.1 Resultados da categorização tipológica da Q5.3, eixo I da ECG

CATEGORIZAÇÃO TIPOLOGICA				
		Casais n= 10		
ECG - EIXO I		Homem =10	Mulher =10	Total =10
	TIPOLOGIA	contagem (frequência)	contagem (frequência)	contagem (frequência)
Q5.3				
	Ambivalente	2(20%)	0	2(10%)
	Falido	2(20%)	1(10%)	3(15%)
	Fecundo	6(60%)	9(90%)	15(75%)

QUESTÃO 6 – Aprendizagem da relação de casal dos pais

A questão 6 da ECG explora o que cada membro do casal aprendeu com a vida de casal dos seus pais, introduzindo o tema da identificação, operante entre as gerações e, conseqüentemente, o tema da natureza das relações entre aqueles e estes (Cigoli & Tamanza, 2009). Os resultados podem ser encontrados na Tabela 7. Quanto a questão 6 encontramos 4 categorias, sendo elas: 1) idealização 2) imitação 3) desvalorização e 4) valorização. No total a categoria valorização foi a que mais saturou (n= 14), sendo igualmente distribuído para homens e mulheres. Na questão 6. Aprendizagem da relação de casal com os pais a categoria que saturou foi a valorização (n=14). Nesta categoria os participantes descrevem a relação dos pais apreciando momentos positivos entre ambos (e.g. ‘[...] o relacionamento era bom [...]’ (M-Casal1); ‘[...] muito unidos, sempre lutaram pela família [...]’ (F-Casal2); ‘[...] eu sempre vi os meus pais muito amigos um co outro [...]’ (M-Casal2); ‘[...] muito cúmplices em tudo, o meu avô consultava sempre a minha avó para tudo [...]’ (F-Casal4); ‘[...] apesar de algumas quezílias e estavam em pé de igualdade [...]’ (F-Casal5); ‘[...] acima de tudo presença nos momentos mais precisos e segurança [...]’ (M-Casal6); ‘[...] muito unidos, foi sempre tudo na base do respeito [...]’ (F-Casal7); ‘[...] transmitiam muitos afetos um ao outro, estavam sempre aos beijinhos e aos carinhos [...]’ (F-Casal8); ‘[...] andam sempre a viajar, convivem muito um com o outro [...]’ (M-Casal10)). Quanto a questão 6 estão presentes 3 categorias, são elas 1) falido, 2) ambivalente e 3) fecundo. No total a categoria ‘Fecundo’ foi a que mais saturou (n= 14), sendo igualmente distribuída para mulheres e homens. Os resultados podem ser encontrados na Tabela 7.1.

Tabela 7. Resultados da categorização taxonômica da Q6, eixo I da ECG

CATEGORIZAÇÃO TAXONÔMICA				
		Casais n= 10		
ECG - EIXO I		Homem = 10	Mulher =10	Total =20
	TAXONOMIA	contagem (frequência)	contagem (frequência)	contagem (frequência)
Q6				
	Idealização	2 (20%)	1 (10%)	3(15%)
	Imitação	0 (0%)	1 (10%)	1(5%)
	Desvaloriza	1(10%)	1(10%)	2(10%)
	Valorização	7(70%)	7(70%)	14(70%)

Tabela 7.1 Resultados da categorização tipológica da Q6,eixo I da ECG

CATEGORIZAÇÃO TIPOLOGICA				
		Casais n= 10		
ECG - EIXO I		Homem =10	Mulher =10	Total =10
	TIPOLOGIA	contagem (frequência)	contagem (frequência)	contagem (frequência)
Q6				
	Ambivalente	2(20%)	2(20%)	4(20%)
	Falido	1(10%)	1(10%)	2(10%)
	Fecundo	7(70%)	7(70%)	14(70%)

QUESTÃO 7 – Relação entre as Estirpes

A questão 7 da ECG coloca cada membro do casal numa terceira posição, na medida em que os levam a posicionarem-se como observadores, implicados, das relações entre outros significativos (e.g., Cigoli & Tamanza, 2009). Os resultados podem ser encontrados na Tabela 8. Na questão 7 estão presentes 4 categorias, nomeadamente 1) ausência de recordações 2) presença de recordações 3) presença de recordações ambíguas e 4) presença de recordações construtivas. No total a categoria presença de recordações construtivas foi a que mais saturou (n=13) sendo menos presente nos homens (n=6) e mais presente nas mulheres (n=7). Na questão 7. Nesta categoria os participantes identificam vários momentos de encontro com a família alargada (e.g. ‘[...] os meus pais davam-se muito bem com ao pais deles e mesmo sogros com sogros, havia um bom ambiente... [...]’ (F-Casal1); ‘[...] mas eles sempre se deram bem [...]’ (M-Casal2); ‘[...] havia uma boa relação entre os meus pais e os meus avós [...]’ (M-Casal3); ‘[...] um grande sentimento de entajuda do princípio ao fim [...]’ (M-Casal4); ‘[...] relação de cuidado, de apoio, pedir conselhos [...]’ (F-Casal4); ‘[...] foi estruturando e cristalizando toda a família a sua volta e dos negócios, o meu avó era a figura [...]’ (M-Casal5); ‘[...] a minha avó inda hoje é viva e a minha mãe sempre teve uma relação complicada com ela mas nunca e podem faltar uma a outra [...]’ (F-Casal5); ‘[...] apesar de a minha avó paterna não aceitar a minha mãe, quando ela precisou e sempre a tratou como se fosse mãe [...]’ (F-Casal10)). Na questão 7 estão presentes as 3 categorias, são elas 1) falido, 2) ambivalente e 3) fecundo. No total a categoria ‘Fecunda’ foi a que mais saturou (n=14), sendo menos presente nos homens (n=6) e mais presente nas mulheres (n= 8). Os resultados podem ser encontrados na Tabela 8.1.

Tabela 8. Resultados da categorização taxonômica da Q7, eixo I da ECG

CATEGORIZAÇÃO TAXONÔMICA				
		Casais n= 10		
ECG - EIXO I		Homem = 10	Mulher =10	Total =20
	TAXONOMIA	contagem (frequência)	contagem (frequência)	contagem (frequência)
Q7				
	Ausência de recordações	3 (30%)	0 (0%)	3(15%)
	Presença de recordações	0(0%)	1(10%)	1(5%)
	Presença de recordações ambíguas	1(10%)	2 (20%)	3(15%)
	Presença de recordações construtivas	6 (60%)	7 (70%)	13(65%)

Tabela 8.1 Resultados da categorização tipológica da Q7, eixo I da ECG

CATEGORIZAÇÃO TIPOLOGICA				
		Casais n= 10		
ECG - EIXO I		Homem =10	Mulher =10	Total =10
	TIPOLOGIA	contagem (frequência)	contagem (frequência)	contagem (frequência)
Q7				
	Ambivalente	1(10%)	2(20%)	3(15%)
	Falido	3(30%)	0	3(15%)
	Fecundo	6(60%)	8(80%)	14(70%)

Eixo II - O Casal

QUESTÃO 1 - O Encontro

A questão 1 da ECG explora o encontro entre ambos, pesquisando a forma como se conheceram (e.g., Cigoli & Tamanza, 2009). Os resultados podem ser encontrados na Tabela 9. Na questão 1 foram encontradas 2 categorias, são: elas 1) acaso e 2) tempo favorável. No total a categoria tempo favorável foi a que mais saturou (n=12). Nesta categoria os participantes relembram o momento em que se conheceram (e.g. '[...] foi numa discoteca [...]' (Casal1); '[...] foi na escola de enfermagem [...]' (Casal4); '[...] Foi no primeiro dia de aulas do 10ºano [...]' (Casal5); '[...] na escola, na boémia dos intervalos, no café...prontos criou-se uma amizade [...]' (Casal6); '[...] precisamente num dia 14 de fevereiro, dia dos namorados [...]' (Casal9); '[...] No trabalho [...]' (Casal10)). Na questão 1 foram encontradas 2 categorias, são elas: 1) ambivalente e 2) fecundo. No total a categoria 'Fecundo' foi a que saturou (n=12). Os resultados podem ser encontrados na Tabela 9.1.

Tabela 9. Resultados da categorização taxonômica da Q1, eixo II do ECG

CATEGORIZAÇÃO TAXONÔMICA		
ECG - EIXO II	TAXONOMIA	Casais n=10 contagem (frequência)
Q1	Acaso	8 (40%)
	Tempo Favorável	12 (60%)

Tabela 9.1 Resultados da categorização tipológica da Q1, eixo II da ECG

CATEGORIZAÇÃO TIPOLOGICA		
ECG - EIXO II	TIPOLOGIA	Casais n=10 contagem (frequência)
Q1	Ambivalente	8 (40%)
	Fecundo	12 (60%)

QUESTÃO 2 – Do encontro à relação

A questão 2 da ECG explora a os fatores que levaram a que o primeiro encontro desse origem a uma relação duradoura no tempo (e.g., Cigoli & Tamanza, 2009). Os resultados podem ser encontrados na Tabela 10. Na questão 2 encontramos 2 categorias, são elas: 1) é procurada a identidade de casal e 2) há distinção entre encontro e relação e existe identidade de casal. No total a categoria que mais saturou foi há distinção entre encontro e relação e existe identidade de casal (n=12). Nesta categoria os participantes identificam como fundamental a convivência entre ambos antes de assumirem um vínculo socialmente reconhecido (e.g. ‘[...] convivíamos, fomos nos conhecendo [...]’ (Casal1); ‘[...] tornamo-nos bons amigos, percebemos que tínhamos ideias parecidas [...]’ (Casal2) ‘[...] tínhamos uma afinidade e foi um laço que ainda hoje vivemos [...]’ (Casal6); ‘[...] Primeiro gosta-se do que se vê, depois da conversa e da companhia [...]’ (Casal10)). Na questão 2 encontramos 2 categorias, são elas: 1) ambivalente e 2) fecundo. No total a categoria que saturou foi ‘Fecundo’ (n= 16). Os resultados podem ser encontrados na Tabela 10.1.

Tabela 10. Resultados da categorização taxonómica da Q2, eixo II do ECG

CATEGORIZAÇÃO TAXONÓMICA		
ECG - EIXO II	TAXONOMIA	Casais n=10 contagem (frequência)
Q2	É procurada a identidade de casal	4 (20%)
	Há distinção entre encontro e existe identidade	12 (60%)

Tabela 10.1 Resultados da categorização tipológica da Q2,eixo II da ECG

CATEGORIZAÇÃO TIPOLOGICA		
ECG - EIXO II	TIPOLOGIA	Casais n=10 contagem (frequência)
Q2	Ambivalente	4 (20%)
	Fecundo	16 (80%)

QUESTÃO 3 – O que casaram no outro

A questão 3 da ECG explora as necessidades e expectativas mútuas, que conduziram quer o encontro quer a edificação da relação (e.g., Cigoli & Tamanza, 2009). Os resultados podem ser encontrados na Tabela 11. Quanto a questão 3 estão presente 2 categorias, nomeadamente: 1) reconhecimento do pacto secreto existente e banalizado e 2) reconhecimento do pacto secreto existente e valorizado. No total a categoria reconhecimento do pacto secreto

existente e valorizado foi a que saturou (n=16). Nesta categoria os participantes reconhecem que ao longo do tempo foram construindo um laço forte, partilhando valores e motivações (e.g. ‘[...] a personalidade dele ia bem com o que eu acho ideal [...]’ (Casal1); ‘[...] acho que amor proibido é melhor [...]’ (Casal2); ‘[...] costumamos casar com o oposto, e ele é mais tolerante e eu mais impulsiva [...]’ (Casal4); ‘[...] foi sobretudo pela companhia diária que tínhamos [...]’ (Casal6); ‘[...] acho que casamos pela nossa maneira de ser [...]’ (Casal10)). Na questão 3 foram encontradas 2 categorias, são elas: 1) ambivalente e 2) fecundo. No total a categoria ‘Fecundo’ foi a que saturou (n= 16). Os resultados podem ser encontrados na Tabela 11.1.

Tabela 11. Resultados da categorização taxonómica da Q3, eixo II do ECG

CATEGORIZAÇÃO TAXONÓMICA		
ECG - EIXO II	TAXONOMIA	Casais n=10 contagem (frequência)
Q3	Reconhecimento do pacto secreto existente e banalizado	4(20%)
	Reconhecimento do pacto secreto existente e valorizado	16 (80%)

Tabela 11.1 Resultados da categorização tipológica da Q3,eixo II da ECG

CATEGORIZAÇÃO TIPOLÓGICA		
ECG - EIXO II	TIPOLOGIA	Casais n=10 contagem (frequência)
Q3	Ambivalente	4 (20%)
	Fecundo	16 (80%)

QUESTÃO 4 – Encontraram o que procuravam um no outro

A questão 4 da ECG explora as expetativas e necessidades atendidas satisfatoriamente ou idealizadas (e.g., Cigoli & Tamanza, 2009). Os resultados podem ser encontrados na Tabela 12. Relativamente a questão 4 encontramos 2 categorias, são elas: 1) expetativas atendidas satisfatoriamente e 2) inexistência de expetativas. No total a categoria expetativas atendidas satisfatoriamente foi a que saturou (n= 14). Nesta categoria os participantes reconhecem que a relação se foi construindo ao longo dos anos melhorando a satisfação conjugal (e.g. ‘[...] sim, embora haja momentos complicados na vida [...]’ (Casal1); ‘[...] eu acho que encontrei apesar de termos as nossas arrelias [...]’ (Casal4); ‘[...] quando os dois rumam para o mesmo lado o barco chega a bom porto [...]’ (Casal6); ‘[...] vamos moldando a medida que também o tempo vai passando [...]’ (Casal10)). Quanto a questão 4 estão presentes 2 categorias, nomeadamente: 1) ambivalente e 2) fecundo. No total a categoria que saturou foi ‘Fecundo’ (n= 14). Os resultados podem ser encontrados na Tabela 12.1.

Tabela 12. Resultados da categorização taxonómica da Q4, eixo II da ECG

CATEGORIZAÇÃO TAXONÓMICA		
ECG - EIXO II	TAXONOMIA	Casais n=10 contagem (frequência)
Q4	Expetativas atendidas satisfatoriamente	14 (70%)
	Inexistência de expetativas	6 (30%)

Tabela 12.1 Resultados da categorização tipológica da Q4, eixo II da ECG

CATEGORIZAÇÃO TIPOLÓGICA		
ECG - EIXO II	TIPOLOGIA	Casais n=10 contagem (frequência)
Q4	Ambivalente	6 (30%)
	Fecundo	14 (70%)

QUESTÃO 5 – Novas descobertas

A questão 5 da ECG explora as necessidades e expectativas que se espera ver atendidas, pois trata-se de reconhecer o outro como diferente (e.g., Cigoli & Tamanza, 2009). Os resultados podem ser encontrados na Tabela 13. Na questão 5, foram encontradas 2 categorias, sendo elas: 1) renovação e 2) sentimentos de estagnação. No total a categoria renovação foi a que saturou (n=14). Nesta categoria os participantes reconhecem que ao longo da relação se foram adequando um ao outro e ultrapassando as várias etapas do ciclo vital da família de forma positiva (e.g. ‘[...] a paixão vai acabando e fica o amor [...]’ (Casal1); ‘[...] acho que estamos sempre a descobrir coisas novas um no outro, porque senão não fazia sentido nenhum [...]’ (Casal4); ‘[...] tivemos uns tempos difíceis, esses momentos deram para fortalecer [...]’ (Casal6); ‘[...] as coisas foram surgindo naturalmente [...]’ (Casal7)). Relativamente a questão 5 encontramos 2 categorias, sendo elas: 1) ambivalente e 2) fecundo. No total a categoria ‘Fecundo’ foi a que saturou (n=14). Os resultados podem ser encontrados na Tabela 13.1.

Tabela 13. Resultados da categorização taxonómica da Q5, eixo II da ECG

CATEGORIZAÇÃO TAXONÓMICA		
ECG - EIXO II	TAXONOMIA	Casais n=10 contagem (frequência)
Q5	Renovação	14 (70%)
	Sentimentos de estagnação	6 (30%)

Tabela 13.1 Resultados da categorização tipológica da Q5, eixo II da ECG

CATEGORIZAÇÃO TIPOLÓGICA		
ECG - EIXO II	TIPOLOGIA	Casais n=10 contagem (frequência)
Q5	Ambivalente	6 (30%)
	Fecundo	14 (70%)

QUESTÃO 6 – Momentos difíceis

A questão 6 da ECG explora os momentos mais difíceis da vida em casal, bem como sobre as estratégias usadas para os enfrentar (e.g., Cigoli & Tamanza, 2009). Os resultados podem ser encontrados na Tabela 14. Quanto a questão 6, encontramos 3 categorias, são elas: 1) presença de empenho e responsabilidade pela relação, 2) sentimentos de impotência e angústia e 3) sentimentos de transformação vivificante. No total a categoria presença de empenho e responsabilidade pela relação foi a que saturou (n= 12). Nesta categoria os participantes reconhecem momentos críticos na relação e refletem a forma como foram enfrentados (e.g. ‘[...] houve e enfrentamo-los os dois levantando a cabeça sozinhos e lutando contra essas divergências [...]’ (Casal1); ‘[...] tivemos, mas depois lá conseguimos resolver [...]’ (Casal3); ‘[...] eu nunca desisti, foi sempre a luta porque era a pessoa que eu gostava, era a pessoa que eu amava [...]’ (Casal6); ‘[...] e a relação que temos, continuamos a sair e tínhamos conversas, nós conversamos como amigos [...]’ (Casal8)). Na questão 6 foram encontradas 2 categorias, são elas: 1) ambivalente e 2) fecundo. No total a categoria ‘Fecundo’ foi a saturou (n=14). Os resultados podem ser encontrados na Tabela 14.1.

Tabela 14. Resultados da categorização taxonómica da Q6, eixo II da ECG

CATEGORIZAÇÃO TAXONÓMICA		
ECG - EIXO II	TAXONOMIA	Casais n=10 contagem (frequência)
Q6	Presença de empenho e responsabilidade pela relação	12 (60%)
	Sentimentos de impotência e angústia	2 (10%)
	Sentimentos de transformação vivificante	6 (30%)

Tabela 14.1 Resultados da categorização tipológica da Q6, eixo II da ECG

CATEGORIZAÇÃO TIPOLOGICA		
ECG - EIXO II	TIPOLOGIA	Casais n=10 contagem (frequência)
Q6	Ambivalente	6 (30%)
	Fecundo	14 (70%)

QUESTÃO 8.1/8.2 – Encontro com a família

A questão 8.1/8.2 da ECG explora a relação de cada membro do casal com a família de origem do outro (e.g., Cigoli & Tamanza, 2009). Os resultados podem ser encontrados na Tabela 15. Na questão 8.1/ 8.2 foram encontradas 5 categorias, são elas: 1) reconhecimento da diferença, 2) reconhecimento da diferença e sentimentos positivos, 3) sentimentos de angústia 4) sentimentos de contágio e 5) sentimentos de contágio e distância. No total a categoria reconhecimento da diferença e sentimentos positivos foi a que saturou (n=12). Na questão 8.1/8.2 Encontro com a família a categoria que saturou foi reconhecimento da diferença e

sentimentos positivos (n=12). Nesta categoria os participantes relembram o modo como se cruzaram as famílias de origem reforçando que cada membro do casal se sente acolhido pelas respectivas famílias de origem (e.g. ‘[...] já se conheciam todos, assim dia a dia e aceitaram muito bem a relação [...]’ (Casal1); ‘[...] a partir de um momento perceberam que nos gostávamos um do outro e até fomos passar férias juntos [...]’ (Casal2); ‘[...] moramos perto uns dos outros e havia ali muito convívio entre todos [...]’ (Casal3); ‘[...] depois houve uma cumplicidade muito grande [...]’ (Casal5); ‘[...] como se conheciam e já sabiam as origens e tudo foi normal [...]’ (Casal7); ‘[...] até por questões profissionais acabou por ser uma aceitação rápida [...]’). Quanto a questão 8.1/8.2 estão presentes 3 categorias, nomeadamente: 1) falido, 2) ambivalente e 3) fecundo. No total a categoria que saturou foi ‘Fecundo’ (n=16). Os resultados podem ser encontrados na Tabela 15.1.

Tabela 15. Resultados da categorização taxonómica da Q8.1/8.2, eixo II da ECG

CATEGORIZAÇÃO TAXONÓMICA		
ECG - EIXO II	TAXONOMIA	Casais n=10 contagem (frequência)
Q8.1/8.2	Reconhecimento da diferença	1 (10%)
	Reconhecimento da diferença e sentimentos positivos	12 (60%)
	Sentimentos de angústia	1 (10%)
	Sentimentos de contágio	1 (10%)
	Sentimentos de contágio e distância	1 (10%)

Tabela 15.1 Resultados da categorização tipológica da Q8.1/8.2, eixo II da ECG

CATEGORIZAÇÃO TIPOLOGICA		
ECG - EIXO II	TIPOLOGIA	Casais n=10 contagem (frequência)
Q8.1/8.2	Falido	2 (10%)
	Ambivalente	2 (20%)
	Fecundo	16 (70%)

QUESTÃO 9 – Futuro do Casal

A questão 9 da ECG explora as perspetivas de futuro do casal e auxilia a passagem para o eixo seguinte (e.g., Cigoli & Tamanza, 2009). Os resultados podem ser encontrados na Tabela 16. Quanto a questão 9 estão presentes 2 categorias, nomeadamente: 1) sentimentos de confiança e esperança na relação e 2) sentimentos de desconfiança. No total a categoria sentimentos de confiança e esperança na relação foi a que saturou (n= 16). Nesta categoria os participantes refletem a qualidade da relação analisando o passado e perspetivando o futuro (e.g. ‘[...] depositando confiança um no outro vamos envelhecer bem juntinhos [...]’ (Casal1); ‘[...] é uma grande prova de amor, nos dias de hoje, um casal sobreviver [...]’ (Casal2); ‘[...] pelo menos como tem sido até agora [...]’ (Casal4); ‘[...] unidos, a ultrapassar as dificuldade

e pensar nos nossos filhos [...] ‘ (Casal6); ‘[...] disfrutar da vida a dois [...] ‘ (Casal8)). Na questão 9 encontramos 2 categoria, são elas: 1) ambivalente e 2) fecundo. No total a categoria ‘Fecundo’ foi a que saturou (n= 16). Os resultados podem ser encontrados na Tabela 16.2.

Tabela 16. Resultados da categorização taxonómica da Q9, eixo II da ECG

CATEGORIZAÇÃO TAXONÓMICA		
ECG - EIXO II	TAXONOMIA	Casais n=10 contagem (frequência)
Q9	Sentimentos de confiança e esperança na relação	16 (80%)
	Sentimentos de desconfiança	4 (20%)

Tabela 16.1 Resultados da categorização tipológica da Q9, eixo II da ECG

CATEGORIZAÇÃO TIPOLOGICA		
ECG - EIXO II	TIPOLOGIA	Casais n=10 contagem (frequência)
Q9	Ambivalente	4 (20%)
	Fecundo	16 (70%)

Eixo III - Passagem Generativa

QUESTÃO 1 - Prefiguração da vida familiar

A questão 1 da ECG explora os sonhos e ideais acerca da vida familiar antes de se unirem como casal (e.g., Cigoli & Tamanza, 2009). Os resultados podem ser encontrados na Tabela 17. Na questão 1 foram encontradas 3 categorias, são elas: 1) ausência de prefigurações 2) prazer de imaginar e 3) prefigurações concretizadas. No total a categoria que saturou foi prazer de imaginar (n=12). Nesta categoria os participantes reforçam os sentimentos de confiança e esperança da relação (e.g. ‘[...] já pensávamos e falávamos que seria mais o menos isto [...] ‘ (Casal2); ‘[...] próprio espaço, os filhos, viajar ou conhecer [...] ‘ (Casal5); ‘[...] uma vida de casal segura [...] ‘ (Casal6); ‘[...] imaginava-me com mais filhos [...] ‘ (Casal8)). Na questão 1 encontramos 2 categorias, são elas: 1) ambivalente e 2) fecundo. No total a categoria ‘Fecundo’ foi a que mais saturou (n=18). Os resultados podem ser encontrados na Tabela 17.1.

Tabela 17. Resultados da categorização taxonómica da Q1, eixo III da ECG

CATEGORIZAÇÃO TAXONÓMICA		
ECG - EIXO II	TAXONOMIA	Casais n=10 contagem (frequência)
Q1	Ausência de prefigurações	2 (10%)
	Prazer de imaginar	12(60%)
	Prefigurações concretizadas	6 (30%)

Tabela 17.1 Resultados da categorização tipológica da Q1, eixo III da ECG

CATEGORIZAÇÃO TIPOLOGICA		
ECG - EIXO II	TIPOLOGIA	Casais n=10 contagem (frequência)
Q1	Ambivalente	2 (10%)
	Fecundo	18 (90%)

QUESTÃO 2 – Imagens realizadas ou não realizadas

A questão 2 da ECG explora aquilo que, na realidade, experienciaram na sua vida familiar quotidiana, identificando os sonhos realizados e aqueles que ficaram por realizar (e.g., Cigoli & Tamanza, 2009). Os resultados podem ser encontrados na Tabela 18. Na questão 2 encontramos 5 categorias, são elas: 1) confronto alimentado pela dúvida e pelo medo 2) imagens estereotipadas 3) impossibilidade de confronto 4) reconhecimento do confronto e 5) sentimentos de estagnação. No total a categoria reconhecimento do confronto foi a que saturou (n=10). Nesta categoria os participantes conseguem confrontar a distância entre a capacidade de prefigurar e a capacidade de realizar (e.g. ‘[...] acho que aconteceu tudo dentro do que esperávamos [...]’ (Casal2); ‘[...] temos que imaginar mas ir pensando no dia a dia [...]’ (Casal3); ‘[...] o essencial já fomos realizando [...]’ (Casal4)). Na questão 2 foram encontradas 3 categorias, sendo elas: 1) falido 2) ambivalente e 3) fecundo. No total a categoria que mais saturou foi ‘Fecundo’ (n=10). Os resultados podem ser encontrados na Tabela 18.1.

Tabela 18. Resultados da categorização taxonómica da Q2, eixo III da ECG

CATEGORIZAÇÃO TAXONÓMICA		
ECG - EIXO II	TAXONOMIA	Casais n=10 contagem (frequência)
Q2	Confronto alimentado pela dúvida e pelo medo	4 (20%)
	Imagens estereotipadas	2 (10%)
	Impossibilidade de confronto	2 (10%)
	Reconhecimento de confronto	10 (50%)
	Sentimentos de estagnação	2 (10%)

Tabela 18.1 Resultados da categorização tipológica da Q2, eixo III da ECG

CATEGORIZAÇÃO TIPOLOGICA		
ECG - EIXO II	TIPOLOGIA	Casais n=10 contagem (frequência)
Q2	Falido	2 (10%)
	Ambivalente	8 (40%)
	Fecundo	10 (50%)

QUESTÃO 3.1/3.2 – Valores e modelos a passar aos filhos

A questão 3.1/3.2 da ECG explora aquilo que os pais consideram importante transmitir aos filhos, introduzindo o tema da continuidade e/ou descontinuidade entre aquilo que cada membro do casal recebeu da sua família de origem e aquilo que os dois desejam transmitir à

geração seguinte (e.g., Cigoli & Tamanza, 2009). Os resultados podem ser encontrados na Tabela 19. Quanto a questão 3.1/3.2 estão presentes 3 categorias, nomeadamente: 1) sentimentos de angústia e dúvida 2) transmissão estereotipada e 3) transmissão precisa de valores. No total a categoria transmissão precisa de valores foi a que saturou (n=12). Na questão 3.1/3.2 Valores e modelos a passar aos filhos a categoria que saturou foi transmissão precisa de valores (n=12). Nesta categoria os participantes identificam vários valores e modelos de vida que transmitem aos seus filhos, refletindo que a uma transmissão intencional entre as gerações (e.g. ‘[...] é importante transmitir o que nos tentaram transmitir a nós [...]’ (Casal1); ‘[...] mas a coisas que já são nossas [...]’ (Casal2); ‘[...] respeito, humildade, trabalho, laços familiares [...]’ (Casal4); ‘[...] a educação [...]’ (Casal6); ‘[...] que lutem por eles, pelo que desejam [...]’ (Casal8)). Quanto a questão 3.1/3.2 encontramos 3 categorias, são elas: 1) ambivalente 2) fecundo. No total a categoria de ‘Fecundo’ foi a que mais saturou (n=12). Os resultados podem ser encontrados na Tabela 19.1.

Tabela 19. Resultados da categorização taxonómica da Q3.1/3.2, eixo III da ECG

CATEGORIZAÇÃO TAXONÓMICA		
ECG - EIXO II	TAXONOMIA	Casais n=10 contagem (frequência)
Q3.1/3.2	Sentimentos de angústia e dúvida	4 (20%)
	Transmissão estereotipada	4 (20%)
	Transmissão precisa de valores	12 (60%)

Tabela 19.1 Resultados da categorização tipológica da Q3.1/3.2, eixo III da ECG

CATEGORIZAÇÃO TIPOLOGICA		
ECG - EIXO II	TIPOLOGIA	Casais n=10 contagem (frequência)
Q3.1/3.2	Ambivalente	8 (40%)
	Fecundo	12 (60%)

QUESTÃO 4 – Sentido de eficácia parental

A questão 4 da ECG explora o sentimento de eficácia parental através dos valores e modelos de vida que o casal pensa ter transmitido aos filhos (e.g., Cigoli & Tamanza, 2009). Os resultados podem ser encontrados na Tabela 20. Na questão 4 encontramos 2 categorias, são elas: 1) sentimentos de eficácia construtiva e 2) sentimentos de angústia e eficácia delegada. No total a categoria sentimento de eficácia construtiva foi a que mais saturou (n=12). Nesta categoria os participantes consideram que tem consigo passar os valores essenciais mas preveem a apropriação que os filhos fazem daquilo que lhes é transmitido (e.g. ‘[...] eles absorvem bem os valores que lhes passamos e até hoje nunca nos deram problemas [...]’ (Casal1); ‘[...] eles interiorizam bem o que lhes dizemos e mostramos, mas a sociedade é um

obstáculo [...] ‘ (Casal5); ‘[...] nos cumprimos a nossa parte e ela também tem de cumprir com a dela [...] ‘ (Casal8)). Na questão 4 foram encontradas 2 categorias, são elas: 1) ambivalente e 2) fecundo. No total a categoria de fecundo foi a que mais saturou (n=12). Os resultados podem ser encontrados na Tabela 20.1.

Tabela 20. Resultados da categorização taxonómica da Q4, eixo III da ECG

CATEGORIZAÇÃO TAXONÓMICA		
ECG - EIXO II	TAXONOMIA	Casais n=10 contagem (frequência)
Q4	Sentimentos de eficácia construtiva	12 (60%)
	Sentimentos de angustia e eficácia delegada	8 (40%)

Tabela 20.1 Resultados da categorização tipológica da Q4, eixo III da ECG

CATEGORIZAÇÃO TIPOLOGICA		
ECG - EIXO II	TIPOLOGIA	Casais n=10 contagem (frequência)
Q4	Ambivalente	8 (40%)
	Fecundo	12 (60%)

QUESTÃO 5 – Identidade dos filhos

A questão 5 da ECG explora o que os pais consideram que cada filho tem de único, e naquilo que tem em comum com cada um deles (e.g., Cigoli & Tamanza, 2009). Os resultados podem ser encontrados na Tabela 21. Na questão 5 foram encontradas 2 categorias, sendo elas: 1) sentimentos de dúvida e angústia e 2) sentimentos de pertença (unicidade/diferenciação). No total a categoria que saturou foi sentimentos de pertença (n=12). Nesta categoria os participantes identificam aspetos semelhantes a eles mesmos e aspetos específicos de cada um dos seus filhos (e.g. ‘[...] tem aspetos de ambos, mas muitas coisas já são dele [...] ‘ (Casal2); ‘[...] não sei bem, acho que foi absorvendo coisas dos dois e é assim [...] ‘ (Casal3); ‘[...] é a mistura dos 2, e luta por aquilo que acredita [...] ‘ (Casal8); ‘[...] a personalidade ainda se esta a formar mas cada um tem aspetos diferentes [...] ‘ (Casal9); ‘[...] são diferentes, apesar de tudo acho que tem a sua personalidade [...] ‘ (Casal10)). Na questão 5 encontramos 2 categorias, sendo elas: 1) ambivalente e 2) fecundo. No total a categoria que mais saturou foi ‘Fecundo’ (n=12). Os resultados podem ser encontrados na Tabela 21.1.

Tabela 21. Resultados da categorização taxonómica da Q5, eixo III da ECG

CATEGORIZAÇÃO TAXONÓMICA		
ECG - EIXO II	TAXONOMIA	Casais n=10 contagem (frequência)
Q5	Sentimentos de dúvida e angústia	8 (40%)
	Sentimentos de pertença (unicidade/diferenciação)	12 (60%)

Tabela 21.1 Resultados da categorização tipológica da Q5, eixo III da ECG

CATEGORIZAÇÃO TIPOLOGICA		
ECG - EIXO II	TIPOLOGIA	Casais n=10 contagem (frequência)
Q5	Ambivalente	8 (40%)
	Fecundo	12 (60%)

QUESTÃO 6 – Sofrimento, esperança e confiança nas relações familiares

A questão 6 da ECG explora a capacidade dos pais reconhecerem os elementos de risco e proteção, imanentes à sua própria história familiar, dando conta daquilo que triunfa (e.g., Cigoli & Tamanza, 2009). Os resultados podem ser encontrados na Tabela 22. Relativamente a questão 6 estão presentes 3 categorias, nomeadamente: 1) sentimentos de êxito 2) sentimentos de dúvida e confusão e 3) sentimentos de vazio. No total a categoria sentimentos de êxito foi a que mais saturou (n= 10). Na questão 6. Sofrimento e esperança e confiança na vida familiar a categoria que saturou foi sentimentos de êxito (n=12). Nesta categoria os participantes refletem sobre as relações familiares e compreendem que apesar de todas as dificuldades, momentos críticos muitas vezes relativos a família alargada, sentem-se satisfeitos com a sua vida familiar (e.g.; ‘[...] a maior esperança são os nossos filhos [...]’ (Casal1); ‘[...] somos uma família unida [...]’ (Casal3); ‘[...] o conceito de família que nos temos, os 4 juntos [...]’ (Casal5); ‘[...] a nossa relação também nos dá confiança [...]’ (Casal8); ‘[...] a nossa imortalidade, são as nossas filhas [...]’ (Casal10)). Relativamente a questão 6 estão presentes 3 categorias, nomeadamente: 1) Falido 2) ambivalente e 3) fecundo. No total a categoria que saturou foi ‘Fecundo’ (n=10). Os resultados podem ser encontrados na Tabela 22.1.

Tabela 22. Resultados da categorização taxonómica da Q6, eixo III da ECG

CATEGORIZAÇÃO TAXONÓMICA		
ECG - EIXO II	TAXONOMIA	Casais n=10 contagem (frequência)
Q6	Sentimentos de êxito	10 (50%)
	Sentimento de dúvida e confusão	8 (40%)
	Sentimentos de vazio	2 (10%)

Tabela 22.1 Resultados da categorização tipológica da Q6, eixo III da ECG

CATEGORIZAÇÃO TIPOLOGICA		
ECG - EIXO II	TIPOLOGIA	Casais n=10 contagem (frequência)
Q6	Falido	2 (10%)
	Ambivalente	8 (40%)
	Fecundo	10 (50%)

2.6.3 Resultados dos Instrumentos

Resultados da Family Environmet Scale (Matos & Fontaine, 1992)

Na tabela 23 pode ser encontrada a análise descritiva da Escala FES nas suas diferentes subescalas de interesse para o presente estudo, a saber: 1) ‘Coesão’ - avalia o grau de envolvimento, de ajuda e de apoio entre os diferentes membros da família, 2) ‘Expressividade’ - avalia o grau em que os elementos da família são incentivados a expressar e agir os seus sentimentos abertamente, 3) ‘Conflito’ - avalia a quantidade de agressões e conflitos expressos abertamente pelos membros da família e 4) ‘Ambiente familiar’ - computação de variável calculada com os valores das subescalas anteriores: [(coesão + expressividade) – conflito]] para o grupo dos cônjuges masculinos e o grupo dos cônjuges femininos. Para todas as subescalas, não foram encontradas diferenças entre homens e mulheres ($p > 0,05$). Em média tanto o grupo dos cônjuges masculinos como os cônjuges femininos os valores médios mais elevados nas subescalas coesão (homens: $M= 34,0$ $DP= 4,3$; mulheres: $M=34,8$ $DP=3,9$) e expressividade (homens: $M= 34,4$ $DP=4,2$; mulheres: $M=33,6$ $DP=5,4$) e valores mais baixos na subescala conflito (homens: $M=25,6$ $DP=4,9$; mulheres: $M=27,4$ $DP=5,9$) indicando melhor ambiente familiar (Lopes, 2008). Os presentes valores médios são semelhantes a observações anteriores de outros grupos amostrais (Silva, 2003). Por fim, para análise da coerência existente nas respostas dos participantes a cada um dos itens para as diferentes subescalas do FES, foi usado o coeficiente *Alpha de Cronbach*. Os coeficientes alfa encontrados para cada um das escalas são superiores 0,60 (i.e., Coesão: 0,69; Expressividade: 0,66; Conflito: 0,69). Ainda que estes valores sejam relativamente baixos, indicam uma aceitável consistência interna, sobretudo para fins de pesquisas exploratórios (Hair et al., 2005, 2006).

Resultados da Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scale (FACES IV) (Gouveia-Pereira et al., 2013)

Do mesmo modo, na Tabela 23 podem ser encontradas medidas da análise descritiva da Escala FACES IV que avalia o ambiente familiar através das seguintes subescalas adotadas no presente estudo: 1) ‘coesão equilibrada’ – avalia o laço emocional que une os elementos familiares; ‘flexibilidade equilibrada’ – avalia a capacidade de mudança relativamente a liderança e as regras familiares; 3) ‘comunicação’ - avalia a capacidade da família de partilhar sentimentos sobre si e a relação com os outros e 4) ‘satisfação’ - avalia o grau de felicidade sentido pelos membros da família (Gomes & Gouveia-Pereira, 2014). Para todas as subescalas, não foram encontradas diferenças entre homens e mulheres ($p > 0,05$). Em média tanto o grupo dos cônjuges masculinos como os cônjuges femininos apresentam valores médios na escala de

coesão, ambos valores caracterizam um nível conectado entre os diferentes membros da família (Masculino: M=26,9 DP=3,6; Feminino: M=27,8 DP=4,0). Da mesma forma, tanto o grupo dos cônjuges masculinos (M=24,8 DP=3,0) como os cônjuges femininos (M= 25,2 DP= 2,1) apresentam valores médios na escala de flexibilidade indicando capacidade de mudança flexível dentro do sistema família. Ainda, tanto o grupo dos cônjuges masculinos (M= 37,9 DP=5,4) como os cônjuges femininos (M= 38,3DP=5,7) apresentam um nível elevado de capacidade de comunicação dos sentimentos dentro do sistema familiar. Por fim, tanto o grupo dos cônjuges masculinos (M= 34,6 DP=7,8) como os cônjuges femininos (M= 35,1 DP=7,3) apresentam baixos níveis de satisfação enquanto medida do grau de felicidade sentido pelos membros da família. Os presentes valores médios são semelhantes a observações anteriores de outros grupos amostrais (Rebelo,2008). Relativamente à consistência interna das escalas do FACES IV, na presente investigação os coeficientes de alfa encontrados variam de 0,63 a 0,95, indicando consistência interna das escalas. Especificamente, o nível da coesão equilibrada, da flexibilidade equilibrada, da comunicação e satisfação, os valores médios do *Alpha de Cronbach* são respetivamente de 0,74, 0, 63, 0,90 e 0.95. Assim, os coeficientes alfa encontrados para os níveis de comunicação e satisfação são bastante elevados (igual ou superior a 0,90), indicando uma elevada consistência interna, similar a outros estudos (e.g., Rebelo, 2008).

Resultados da Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal (EASAVIC) (Narciso & Costa, 1996)

Na tabela 23 podem ser encontrados a análise descritiva da Escala EASAVIC que avaliar a perceção subjetiva de satisfação que cada indivíduo tem da sua relação nas diferentes subescalas de interesse: 1) ‘CASAL’ avalia a tomada de decisões e a qualidade das relações sexuais relativamente ao casal; 2) ‘PRÓPRIO’ avalia a privacidade e autonomia e a idealização do cônjuge, 3) ‘OUTRO’ - avalia o apoio emocional recebido do outro e 4) uma pontuação global através da média aritmética das pontuações do total dos itens (n=44) (Santos, 2010). Para todas as subescalas, não foram encontradas diferenças entre o grupo dos cônjuges masculino e feminino ($p > 0,05$). Subsequentemente, as medidas descritivas para o grupo casal (n = 10) foi determinado pela média dos valores de cada subescala da EASAVIC para cada casal. Os valores médios da pontuação global da Escala EASAVIC, assim como das subescalas (casal, próprio, outro) podem ser encontrados na tabela 23. Relativamente à consistência interna das escalas do EASAVIC, na presente investigação os coeficientes de alfa encontrados para as diferentes

subescalas (i.e., casal, próprio e outros) são de 0,90, indicando elevada consistência interna das escalas e consistentes com os coeficientes encontrados no estudo de Narciso e Costa (1996).

Resultados da Escala de Generatividade de Loyola (LGS) (Alves et al., 2006)

Na tabela 23 podem ser encontrados a análise descritiva da Escala LGS que avalia a generatividade, incluindo o nível de transmissão de conhecimentos e competências a outros, nomeadamente à geração seguinte, o cuidado e a assunção de responsabilidade por outras pessoas, entre outro (Alves, et al. 2006). Para a Escala LGS, não foram encontradas diferenças entre o grupo dos cônjuges masculino e feminino ($p > 0,05$). Subsequentemente, as medidas descritivas para o grupo casal ($n = 10$) foi determinado pela média dos valores de cada subescala da LGS para cada casal. Os casais apresentam uma pontuação média de 35, 4 (DP: 2.8) num máximo possível de 42, apresentando desta forma, uma preocupação de generatividade que remete, por sua vez, para a extensão em que os casais expressam uma preocupação consciente em ter um impacto positivo e duradouro nas gerações seguintes. O presente valor médio é semelhante a observações anteriores de outros grupos amostrais (Rebello & Borges, 2006). A partir da nossa amostra, o *Alpha de Cronbach* obtido da LGS, indica uma aceitável consistência interna e homogeneidade entre os itens da escala, expressa com o coeficiente de alpha de 0,64.

Tabela 23. Análise descritiva das Escalas

	Homem (n= 10)				Mulher (n= 10)				Casal ³ (n= 10)			
	M	DP	Min	Máx	M	DP	Min	Máx	M	DP	Min.	Máx
FES												
Coesão ¹	34,0	4,3	27	42	34,8	3,9	29	39	--	--	--	--
Expressividade ¹	34,4	4,2	30	42	33,6	5,4	26	43	--	--	--	--
Conflito ¹	25,6	4,9	19	34	27,4	5,9	18	36	--	--	--	--
Ambiente Familiar ^{2,1}	42,8	10,1	25	57	41,0	10,8	23	53	--	--	--	--
FACES IV									--	--	--	--
Coesão equilibrada ¹	26,9	3,6	19	31	27,8	4,0	22	34	--	--	--	--
Flexibilidade equilibrada ¹	24,8	3,0	21	30	25,2	2,1	22	28	--	--	--	--
Comunicação ¹	37,9	5,4	29	46	38,3	5,7	28	48	--	--	--	--
Satisfação ¹	34,6	7,8	20	43	35,1	7,3	23	44	--	--	--	--

EASAVIC

Casal ¹	72,8	7,8	58	80	72,3	7,9	61	84	72,5	7,2	59,5	80
Próprio ¹	70,1	5,7	63	80	69,7	8,6	56	82	69,9	6,1	61	81
Outro ¹	70,2	4,7	64	80	69,0	8,6	56	81	69,6	6,1	62	80
Total ¹	213	15,6	188	240	211	23,7	174	243	212	18,2	186	242

LGS –

Generatividade¹	35,6	3,0	31	42	34,8	3,3	39	42	35,4	2,8	33	42
-----------------------------------	------	-----	----	----	------	-----	----	----	------	-----	----	----

¹ Não existem diferenças entre homens e mulheres para os resultados de todas as escalas/subescalas demonstrado através do teste de diferenças de médias usando o teste emparelhado não-paramétrico de *Wilcoxon (Wilcoxon matched-pairs test; p Sig. (2-tailed) > 0.05)*. ² Computação da variável ‘Ambiente Familiar’ da Escala FES: (Subescala FES coesão + Subescala FES expressividade) – Subescala FES conflito (Lopes, 2008). ³ Uma vez que não foram encontradas diferenças entre o grupo dos cônjuges masculino e feminino, as medidas descritivas para o grupo casal (n = 10) foi determinado pela média dos valores de cada subescala da EASAVIC e LGS para cada casal. Nota: A média (M) e o desvio padrão (DP) estão arredondados a uma casa decimal.

2.6.4 Resultados da análise da validade convergente

Procedeu-se em seguida à análise de validade convergente dos Eixos da ECG, Eixo I, II, III, com os scores das subescalas da FES e FACES IV, EASAVIC e LGS, respetivamente. O *Teste Exato de Fisher* e o *Coefficiente de Correlação de Spearman* foram utilizados para as associações entre as classificações tipológicas do ECG para cada questão correspondente aos Eixos e as subescalas adotadas neste estudo das diferentes escalas, avaliando desta forma a validade convergente. Neste sentido, no presente estudo foi utilizada estatística não paramétrica dada o tamanho da amostra e o valor de *p* inferior a 0.05 foi usado para significância estatística. Os processamentos foram realizados através do programa SPSS. Nas figuras 2, 3, 4 e 5, podem ser encontrados a associação entre os Eixos da ECG e as subescalas, assim como nas tabelas 24, 25 e 26 podem ser encontrados os coeficientes das correlações da pontuação da análise tipológica do ECG para cada questão correspondente aos Eixos e as subescalas adotadas neste estudo das diferentes escalas. Para a análise inicial de exploração da associação entre aos Eixos e as subescalas usamos o *teste Exato de Fisher*, teste este não-paramétrico adequado para a comparação de duas populações a partir de pequenas amostras (menos 5 observações por célula, usando tabelas 2x2), as classificações tipológicas da ECG do tipo ‘Ambíguo’ e ‘Falido’ foram agregadas sendo reclassificado como ‘Não-fecundo’, produzindo uma classificação tipológica numa variável dicotómica (i.e., ‘Fecundo’ vs. ‘Não-Fecundo’). Da mesma forma, e de modo a tornar possível a o *Teste Exato de Fisher*, as variáveis contínuas das escalas para cada instrumento foram transformadas em variáveis dicotómicas usando a média como ponto corte para classificar dimensões abaixo e acima da média (e.g., FES ‘Maior-Coesão’ vs. ‘Menor-Coesão’).

2.6.4.1 Eixo I – FES e FACES

Foram encontradas associações entre Eixos I da ECG com os *scores* das subescalas da FES. Primeiramente, ao comparar a proporção da dimensão Fecunda para as diferentes questões do Eixo I-ECG entre as proporções das variáveis dicotômicas das subescalas do FES, verificou-se que questões do Eixo I-ECG e as subescalas da FES não são totalmente independentes, ou seja, encontraram-se algumas associações entre as mesmas, indicadas pelo *Teste Exato de Fisher*, com um nível de significância de 5%. Nomeadamente, esta análise indica que as proporções da classificação tipológica-ECG da Q1. (i.e., ambiente familiar de origem através da qualidade representacional de elementos cognitivos e afetivos distribuídas em Fecundo vs. Não-fecundo) estão associadas com a subescala ‘Ambiente familiar’, para o grupo das mulheres (ver figura 2). Embora haja uma tendência para se encontrar o mesmo efeito entre a classificação tipológica-ECG da Q7 (i.e., qualidade das recordações relativa às relações com outros significativos) e a subescala Expressividade-FES para o grupo dos homens (ver figura 2.), o nível de significância manifesta-se somente marginalmente significativo ($p = 0,09$). Por outro lado, as análises de correlação entre Eixos I da ECG com os *scores* das subescalas da FES mostraram, no mesmo sentido da análise de *Fisher*, que existem coeficientes de correlação positiva de magnitude forte (Franzblau, 1958), estatisticamente significativos, não só para o total da Q1-Eixo I e o total da subescala ‘Ambiente familiar’-FES ($r_s = 0,74$; $p \leq .01$), como também entre o total da Q7-Eixo I e a subescala ‘Expressividade’ – FES para o grupo dos homens ($r_s = 0,72$; $p \leq .05$). Estes resultados sugerem que as dimensões alcançadas através da ECG convergem com algumas das subescalas da FES de forma diferenciada de acordo com o género. Especificamente, estes resultados sugerem que a capacidade dos cônjuges femininos de representar elementos cognitivos e afetivos (classificada tipologicamente como ambiente familiar fecundo da ECG) converge com índices elevados de coesão e expressividade, numa relação inversa com o nível de conflito (‘Ambiente familiar’-FES); e a capacidade dos cônjuges masculinos de evocar recordações construtivas do ambiente familiar com outros significativos (medido através da Q7-Eixo I-ECG) converge com maior expressividade representada pelas representações das redes de relação da história familiar que incluem um diálogo aberto e direto entre os membros da família, sobre diversos temas, tais como: sentimentos, problemas pessoais, financeiros, etc (‘Expressividade’ – FES).

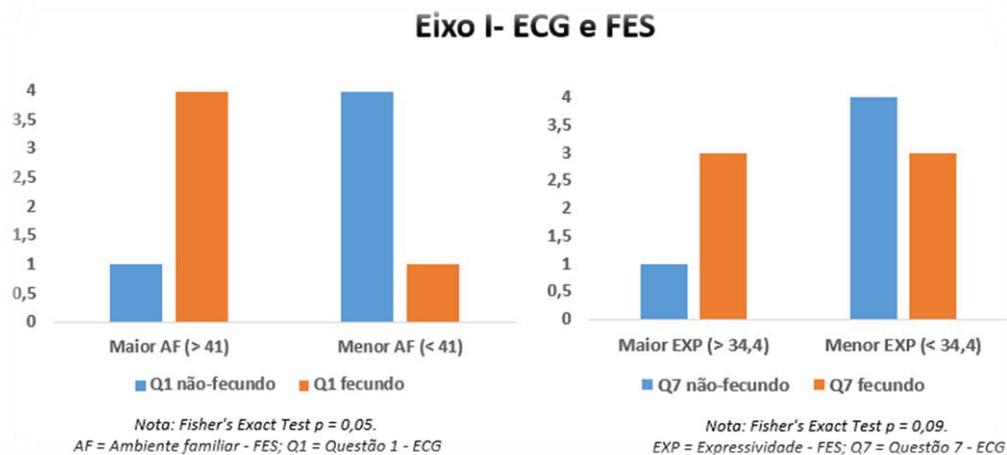


Figura 2. Resultados da validade convergente do Eixo I da ECG e a FES

Do mesmo modo, as presentes análises encontraram associações entre Eixos I da ECG com os scores das subescalas da FACES IV somente para o grupo dos homens. A comparação entre as proporções das questões do Eixo I-ECG entre as proporções das variáveis dicotômicas das subescalas do FACES IV (nota: as dimensões dicotômicas criadas com o valor médio enquadram adequadamente as pontuações apresentadas na tabela de conversão da FACES IV indicada por Gouveia e colaboradores (2013)), evidencia que questões do Eixo I-ECG e as subescalas da FACES IV estão associadas para os cônjuges masculinos indicado pelo *Teste Exato de Fisher*, com um nível de significância de 5%. Nomeadamente, esta análise indica que as proporções da classificação tipológica-ECG da Q6-Eixo I (i.e., valorização e/ou desvalorização dos padrões de relação de casal dos pais distribuída em Fecundo vs. Não-fecundo) estão associadas com a subescala ‘Coesão equilibrada’- FACES IV (i.e., ‘Muito Conetado’ vs. ‘Pouco Conetado’) e a subescala ‘Flexibilidade’- FACES IV (i.e., ‘Muito Flexível’ vs. ‘Pouco flexível’). Por sua vez, embora o *Teste Exato de Fisher* indique uma tendência para se encontrar o mesmo efeito entre a classificação tipológica-ECG da Q7 (i.e., qualidade das recordações relativa às relações com outros significativos) e a mesma subescala (i.e., ‘Coesão equilibrada’- FACES IV) para o grupo dos homens (ver figura 3); o nível de significância manifesta-se somente marginalmente significativo ($p = 0,07$). Por outro lado, as análises de correlação entre Eixos I da ECG com os *scores* das subescalas da FACES IV mostraram, no mesmo sentido da análise de *Fisher*, que existem coeficientes de correlação positiva de magnitude forte, estatisticamente significativos, não só para o total da Q6-Eixo I e o total das subescalas ‘Coesão equilibrada’- FACES IV ($r_s = 0,66$; $p \leq .05$) e ‘Flexibilidade’- FACES IV ($r_s = 0,74$; $p \leq .05$), como para o total da Q7-Eixo I e a subescala ‘Coesão

equilibrada’ - FACES IV ($r_s = .72$; $p \leq .05$). Estes efeitos foram somente encontrados no grupo dos homens. As presentes correlações sugerem que a ECG e subescalas da FACES IV convergem. Especificamente, estes resultados sugerem que a valorização dos padrões de relação de casal dos pais (medido através Q6-Eixo I) - converge, não só com a ligação emocional que os elementos da família estabelecem entre si (‘Coesão equilibrada’- FACES IV) como também maior a dinâmica entre estabilidade e mudança dentro do sistema familiar (‘Flexibilidade’- FACES IV). Adicionalmente, os presentes resultados, sugerem, também, que a maior qualidade das recordações relativa às relações com outros significativos (medido através Q7-Eixo I) converge com maior conectividade na ligação emocional que os elementos da família estabelecem entre si (‘Coesão equilibrada’- FACES IV).

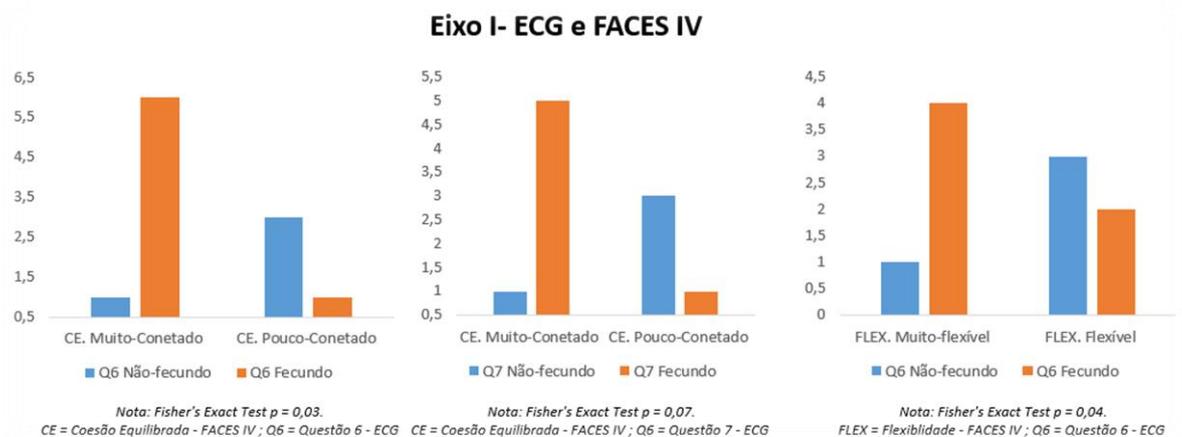


Figura 3. Resultados da validade convergente do Eixo I e a FACES IV

Tabela 24. Matriz de correlações de *Spearman* entre as subescalas da FES e FACES IV e as questões do Eixo I da EGG

EIXO I	FES								FACES IV							
	Coesão		Express.		Conflito		AF		Coesão e.		Flexibilidade e.		Comunicação		Satisfação	
	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M
Q1	.04	.35	-.14	.45	-.36	-.46	.18	.74**	-.04	.21	.18	-.14	-.11	.46	-.04	.24
Q1.2	-.15	.04	-.38	.31	-.27	.35	-.12	-.08	-.46	.12	.04	.19	-.19	.12	.19	-.11
Q4	-.30	-.04	-.15	.23	-.15	-.35	.00	.46	-.15	-.19	-.04	-.12	.08	.27	-.15	-.27
Q5.1	-.42	-.11	-.04	.46	.07	.38	-.23	.22	-.08	-.22	-.04	.25	-.27	-.11	-.53	-.14
Q5.2	.48	-.04	.31	.04	-.08	-.22	.30	.18	.13	.51	.04	-.04	.31	-.25	.13	-.36
Q5.3	.46	.47	.00	.47	.00	-.30	.22	.48	-.07	.00	-.04	.47	.25	.30	.36	.17
Q6	.00	.04	.27	.31	-.19	.35	.27	-.08	.66*	.12	.74*	.19	.15	.17	.04	-.11
Q7	.32	.57	.72*	.39	-.03	-.18	.39	.48	.72*	.36	.43	.22	.50	.32	.36	.52

Nota: * $p < 0, 05$. ** $P < 0, 01$. FES = Family Environment Scale; FACES IV = Family Adaptation and Cohesion Scale; H = Homem; M = Mulher.

2.6.4.2 Eixo II – EASAVIC

Relativamente à validade convergente entre Eixos II da ECG com os scores das subescalas da EASAVIC, foram também encontradas associações e correlações estatisticamente significativas. Ao comparar a proporção das diferentes questões do Eixo II-ECG entre as proporções das subescalas do EASAVIC, verificou-se que questões do Eixo II-ECG e as subescalas da EASAVIC não são totalmente independentes, ou seja, encontraram-se algumas associações entre as mesmas, indicadas pelo *Teste Exato de Fisher*, com um nível de significância de 5%. Nomeadamente, esta análise indica que as proporções da classificação tipológica-ECG das questões 5, 6 e 8.1/8.2 (i.e., Fecundo vs. Não-fecundo) estão associadas com as subescalas ‘Próprio’, ‘Outros’ e ‘Total’ (‘Maior satisfação’ vs. ‘Menor Satisfação’) dentro da unidade casal (ver figura 4). Similarmente, as análises de correlação entre Eixos II da ECG com os scores das subescalas da ‘Próprio’, ‘Outros’ e ‘Total’ - EASAVIC mostraram, no mesmo sentido da análise de *Fisher*, que existem coeficientes de correlação positiva de magnitude forte para o total da Q5,6 e 8.1/8.2 -Eixo II e o total das subescalas ‘Próprio’ - EASAVIC ($r_s = 0,80$; $p \leq .01$), ‘Outros’ - EASAVIC ($r_s = 0,72$; $p \leq .05$) e ‘Total’ - EASAVIC ($r_s = 0,65$; $p \leq .05$). As presentes correlações sugerem que a ECG e subescalas da EASAVIC convergem. Especificamente, estes resultados sugerem que 1) o reconhecimento da renovação das necessidades e expectativas nas várias etapas do ciclo vital da família de forma positiva (medido através Q5-Eixo II), 2) a presença de empenho e responsabilidade pela relação (medido através Q6-Eixo II) e 3) reconhecimento da diferença e sentimentos positivos relativamente a cada membro do casal com a família de origem (medido através Q8.1/8.2-Eixo II) converge com os maiores níveis de satisfação em diferentes áreas da vida (‘Total’ – EASAVIC), sobretudo com satisfação do próprio (e.g., percepção de apoio emocional entre os cônjuges/‘Próprio’ - EASAVIC) e do outro (e.g., satisfação com privacidade, autonomia e idealização dos cônjuges/‘Outros’ - EASAVIC).

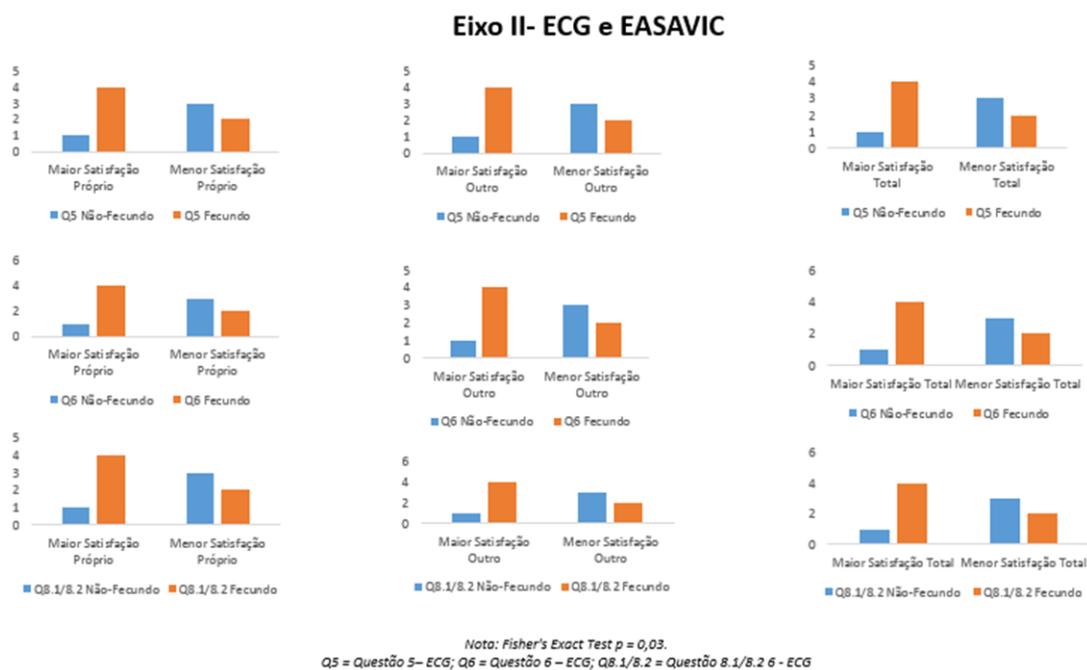


Figura 4. Resultados da validade convergente do Eixo II e a EASAVIC

Tabela 25. Matriz de correlações de *Spearman* entre as subescalas da EASAVIC as questões do Eixo II da EGG

	EASAVIC			
	<i>Casal</i>	<i>Próprio</i>	<i>Outro</i>	<i>Total</i>
EIXO II	Casal	Casal	Casal	Casal
<i>Q 1</i>	.14	.50	.32	.36
<i>Q 2</i>	-.04	.18	.09	.09
<i>Q 3</i>	-.18	-.04	-.04	-.09
<i>Q 4</i>	.27	.50	.31	.34
<i>Q 5</i>	.50	.80**	.72*	.65*
<i>Q 6</i>	.50	.80**	.72*	.65*
<i>Q 8.1/8.2</i>	.50	.80**	.72*	.65*
<i>Q 9</i>	.35	.55	.52	.52

Nota: * $p < 0,05$. ** $p < 0,01$. EASAVIC = Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal

2.6.4.3 Eixo III - LGS

Por fim, a análise convergente entre Eixos III da ECG com os *scores* da LGS, foram somente encontradas associações e correlações estatisticamente significativas com uma das questões do Eixo III. Ao comparar a proporção das diferentes questões do Eixo III-ECG entre as proporções das variáveis dicotômicas da escala LGS, verificou-se que a questão 3.1/3.2 do Eixo III-ECG e a escala LGS ('Alto' vs. 'Baixo') encontram-se associadas (*Teste Exato de Fisher*, $p \leq 0,05$). Similarmente, as análises de correlação entre a questão 3.1/3.2 do Eixo III-

ECG com os scores da escala LGS mostrara uma correlação positiva de magnitude moderada ($r_s = 0,54$; $p \leq .05$). A presente correlações sugere que a ECG e a escala LGS convergem. Especificamente, estes resultados sugerem a questão do ECG, que identificou a importância de transmitir aos filhos valores precisos – transmissão contínua de valores ao longo das gerações – converge com o índice da LGS que reflete a preocupação de transmitir, intencionalmente e baseado em crenças, a melhoria das condições de vida na comunidade e o cuidado e a assunção de responsabilidade por outras pessoas. Embora os itens da LGS não analisa explicitamente questões relacionadas com a educação das crianças e dos jovens (ou membros da família diretamente), a preocupação ou importância para a transmissão de valores converge com a questão do Eixo III-ECG com a qual os resultados mostram estar associados.

Figura 5. Resultados da validade convergente do Eixo III e a LGS

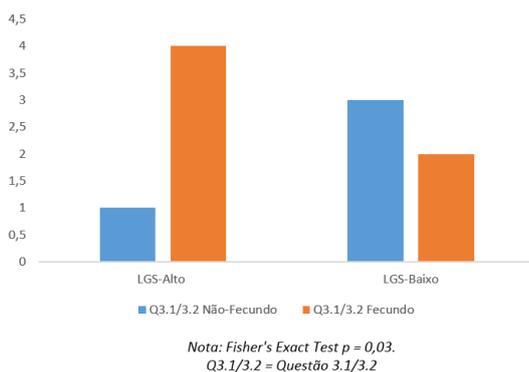


Tabela 26. Matriz de correlações de *Spearman* entre a escala LGS e as Questões do Eixo III da EGG

	ECG	LGS
Eixo III		Casal
<i>Q 1</i>		-.05
<i>Q 2</i>		.04
<i>Q 3.1/3.2</i>		.54*
<i>Q 4</i>		.25
<i>Q 5</i>		.22
<i>Q 6</i>		.18

Nota: * $p < 0,05$. LGS = Escala de Generatividade de Loyola

3. Discussão dos resultados

A Entrevista Clínica Geracional (ECG) anteriormente submetida a um processo de adaptação transcultural para a língua portuguesa (Raguso et al., 2010), foi no presente estudo aplicada a 10 casais portugueses visando o teste das propriedades de medida, especificamente a validade de constructo, através do uso do teste da validade convergente (Almeida & Freire, 2007). Para estudar a validade convergente utilizou-se e análise de comparação usando o *teste de Fisher* para testar a associação entre os Eixos da ECG (Eixo I - As Origens, Eixo II - O Casal e o Eixo III - Passagem Generativa) com outros instrumentos que avaliam constructos teoricamente relacionados (e.g., coesão familiar, expressividade, comunicação, etc) e calculou-se, subsequentemente, as suas correlações (coeficiente de correlação não-paramétrica de *Spearman*). As análises de correlação entre Eixos I (*Q1, Q6, Q7*), II (*Q5,6,8.1/8.2*), III

(Q3.1/3.2) da ECG com os scores das escalas/subescalas da FES ('Ambiente familiar', 'Expressividade') e FACES IV ('Coesão equilibrada', 'Flexibilidade'), EASAVIC ('Próprio', 'outro', total') e LGS mostraram, respetivamente, no mesmo sentido da análise de *Fisher*, que existem coeficientes de correlação positiva estatisticamente significativos, indicando validade convergente para as respetivas dimensões. De salientar que a validade convergente entre Eixo I (Q1) e a subescalas da FES ('Ambiente familiar') apenas foram verificadas para os cônjuges do género feminino, assim como entre o Eixos I (Q7) e a subescalas da FES ('Expressividade'), assim como, entre Eixo I (Q6,7) e a subescalas da FACES IV ('Coesão equilibrada', 'Flexibilidade') apenas ocorreram para os cônjuges do género masculino. Em suma, os presentes resultados mostram que a ECG, na sua versão portuguesa, possui boa qualidade psicométrica e validade, e aponta para a sua utilidade na avaliação da dinâmica familiar para as respetivas dimensões onde foram encontradas validade convergente (Freire & Almeida, 2007).

Especificamente, a validade convergente do Eixo I da ECG - "As origens" - foi avaliada através das suas correlações com as subescalas da *Family Environment Scale* (FES) que hipoteticamente medem constructos aparentemente similares, tais como o ambiente familiar, expressividade, etc. Os presentes resultados revelaram duas correlações com o total do Eixo I-ECG e da FES, porém, diferencialmente verificados relativamente ao género. Nomeadamente, e em primeiro lugar, uma questão do Eixo I-ECG (i.e., Q1) mostrou, através do alcance de correlações positivas e estatisticamente significantes ($p < 0,01$) de magnitude forte ($r_s = 0,74$) que possui qualidade psicométrica e validade de convergência com a variável Ambiente Familiar-FES para os cônjuges femininos. De fato, a Q1-Eixo I da ECG - Ambiente das origens - e a escala FES têm ambos instrumentos como objetivo medir um constructo bastante similar, nomeadamente o ambiente familiar especificamente nas famílias de origem colocando os respondentes mentalmente na sua adolescência (Moos & Moos, 1994). Especificamente a versão retrospectiva (R) da FES (Pascal & Narciso cit in Lopes, 2008) utilizada no presente estudo, permite descrever o Ambiente Familiar, estimulando os respondentes a mentalizar a fase da adolescência. De forma similar, apesar de não restrita à fase da adolescência, a Q1-Eixo I da ECG permite-nos também uma visão generativa, pois a questão não se foca, unicamente, nas suas famílias de origem, mas nas "origens", ou seja, nos momentos históricos, sítios/locais e tradições familiares, bem como nas relações com a família mais alargada. Ainda, a Q1-Eixo I avalia a capacidade de cada cônjuge trazer à memória, mental e afetivamente, as suas origens, de tal modo que as memórias se tornem em memórias visuais (vivas) (Cigoli.V., 2013). Assim, através da Q1-Eixo I podemos especificar a qualidade dos conteúdos mentais e dos afetos,

relativos a esta fase do desenvolvimento, que variam entre fecundas e menos fecundas (i.e., ambíguas ou falidas) considerando as classificações interpretativas de Peixoto (2012) e Cigoli e Tamanza (2009). Coincidentemente, e utilizando os itens relativos à Dimensão da Relação do FES (Moos & Moos, 1994), tornou-se possível ter aceder também a um conjunto de conteúdos mentais e afetivos representados da seguinte forma: 1) grau de envolvimento, de ajuda e de apoio entre os diferentes membros da família (componente que define o constructo de coesão), 2) grau em que os elementos da família são incentivados a expressar e agir os seus sentimentos abertamente (componente que define o constructo de expressividade), assim como o 3) grau de agressões e conflito expressos pelos membros da família sentidos na família de origem (componente que define o constructo de conflito). Assim, os presentes resultados sugerem que a classificação tipológica fecundo (que apresenta maior incidência para o grupo cônjuges femininas do que nos cônjuges masculinos), representada pela classificação taxonómica de acesso moderado a memórias ricas ao nível de conteúdo mental, mas elevado acesso a memórias afetivas-sentimentos positivos (e.g., '[...] com as minhas irmãs eramos muito unidas e então tínhamos sempre a proteção umas das outras [...] ' (F-Casal1); '[...] ajudávamo-nos todos uns aos outros [...] ' (F-Casal2)) converge com índices elevados de coesão e expressividade, numa relação inversa com o nível de conflito ('Ambiente familiar'-FES) (e.g., '[...] um ambiente muito familiar [...] livre, aberto, e seguro [...] ' (F-Casal4)). Por fim, este resultado sugere que a Q1 do Eixo-I da ECG na sua versão portuguesa possui alguma qualidade psicométrica e validade e aponta para a sua utilidade como medida de ambiente familiar, sobretudo para o membro do cônjuge feminino. Em segundo lugar, a Q7 do Eixo I-ECG mostrou, através do alcance de correlações positivas e estatisticamente significantes ($p < 0,05$) de magnitude forte ($r_s = 0,72$) que possui, também, qualidade psicométrica e validade de convergência com a subescala Expressividade-FES, mas neste caso, somente para os cônjuges masculinos. De fato, a Q7-Eixo I da ECG – 'Relação com as Estirpes' - e os itens da subescala Expressividade-FES produzem ambos instrumentos a evocação mnésica de componentes que caracterizam as relações intrínsecas da família. De fato, enquanto que a Q7-Eixo I da ECG permite aceder a memórias da relação dos pais de cada cônjuge com as suas famílias de origem, operada na transferência generacional, a subescala Expressividade-FES acede à expressão de sentimentos experienciados relacionadas com a dimensão relacional. Os presentes resultados sugerem que a classificação tipológica fecunda da Q7-Eixo I representada por recordações construtivas das relações entre outros significativos (e.g., '[...] mas eles sempre se deram bem [...] ' (M-Casal2); '[...] havia uma boa relação entre os meus pais e os meus avós [...] ' (M-Casal3); '[...] um

grande sentimento de entreaajuda do princípio ao fim [...] ‘ (M-Casal4)) converge com índices elevados de expressão dos seus sentimentos na relação aberta com os elementos da família (‘Expressividade’-FES) (e.g., índices mais elevados de concordância em itens da subescala como: ‘Quase sempre na minha família contávamos o que sentíamos uns aos outros’, ‘Contávamos uns aos outros os nossos problemas pessoais.’, ‘ As questões de dinheiro e de pagamento de contas eram faladas abertamente em minha casa’). Assim, estes resultados sugerem que a Q7 do Eixo-I da ECG na sua versão portuguesa (Raguso et al., 2010) possui alguma qualidade psicométrica e validade, sendo possível através do uso da Q7 do Eixo-I da ECG medir a qualidade expressiva inter-relacional, sobretudo para o membro do cônjuge masculino.

Uma evidência para o facto de ser mais significativa a convergência entre os instrumentos para os cônjuges femininos na Q1do Eixo-I da ECG (i.e. 1- Muito bem. Agora poderiam fazer-nos ver o vosso ambiente de vida, cada um o seu? Quem começa?) é o facto de que na nossa amostra, num total de 10 casais, em 7 desses mesmos casais foram as mulheres que iniciaram voluntariamente a descrição do seu ambiente de vida nas origens, como se pode confirmar nas grelhas de análise das entrevistas que se encontram em anexo (Anexo 5) logo podemos ter em hipótese que possa ser mais fácil ou mais evidente para as mulheres descrever, através de respostas mais curtas e específicas, os conteúdos mentais e qualificar os afetos relativos aos seus ambientes de vida na adolescência. No que diz respeito a Q7 do Eixo-I da ECG (i.e. 7- Podem dizer-me, ainda através de recordações, alguma coisa a respeito da relação entre os vossos pais e as suas famílias de origem? Que acontecia?) em 6 dos 10 casais foram os homens que iniciaram a resposta, como se pode confirmar nas grelhas de análise das entrevistas que se encontram em anexo (Anexo 5), e referem ter uma relação muito próxima, sobretudo com um dos avós, sobretudo do final de vida dos mesmos.

No caso da FES era esperada convergência nomeadamente, na dimensão Coesão que avalia o grau de envolvimento, de ajuda e de apoio entre os diferentes membros da família (Moos & Moos, 1994) com a Q1.2 – Ambiente das origens e Q7 - Relação com as estirpes do Eixo-I da ECG; na dimensão Expressividade, que avalia o grau em que os elementos da família são incentivados a expressar e agir os seus sentimentos abertamente (Moos & Moos, 1994) com a Q1 – Ambiente das origens, a Q5.1/5.2/5.3 - Relação com os membros da família e com a Q6 – Aprendizagem da relação de casal e por último na dimensão Conflito, avalia a quantidade de agressões e conflitos expressos abertamente pelos membros da família (Moos e Moos,1994) era esperada convergência em relação a Q4 – Regras de ouro do Eixo- I da ECG.

A importância desta mesma questão é reforçada teoricamente pela Teoria Intergeracional de Bowen (Bowen,1998; Bowen 1978) que preconiza que existem duas forças vitais que se contrabalançam, ou seja, aquelas que levam a pessoa à união com a sua família e aquelas que a impulsionam rumo à individuação. Conforme afirma Garrido e Espina (2007) depois de muitos anos de experiência Bowen conclui que o caminho mais favorável para a mudança em respeito às famílias, centra-se na definição do si mesmo dentro da família de origem evitando especialmente considerar os contextos emocionais da família nuclear. Também sobre este mesmo aspeto Costa (2002) afirma que as narrativas generativas são interiorizadas, desde a infância, e integram, na consciência do adulto, um passado reconstruído, um presente percebido e a antecipação de um futuro.

Ainda, para a validade convergente do Eixo I da ECG foram conduzidas correlações com as subescalas da versão portuguesa da *Family Adaptation and Cohesion Scale* (FACES IV) (Gouveia-Pereira et al., 2013), que hipoteticamente medem constructos aparentemente similares, por exemplo: coesão, flexibilidade, etc. Os resultados evidenciam convergência entre o total do Eixo I-ECG e da FACES IV, somente para os cônjuges masculinos. Especificamente, as questões 6 e 7 do Eixo I-ECG mostram, através do alcance de correlações positivas e estatisticamente significantes ($p < 0,05$) de magnitude forte ($r_s > 0,60$) que as mesmas possuem qualidade psicométrica e validade de convergência (Almeida & Freire, 2007) o constructo de coesão equilibrada - FACES IV para os cônjuges masculinos. De fato, ambas os itens dos diferentes instrumentos em questão (i.e., 6 e 7 do Eixo I-ECG e coesão equilibrada - FACES IV) produzem componentes que caracterizam as relações familiares. De fato, do mesmo modo que a Q6-Eixo I e Q7-Eixo I da ECG permite aceder a memórias acerca do tipo de relação intergeracional (Q6-Eixo I: memórias da relação de casal dos seus pais e Q7-Eixo I: memória de relações dos pais de cada cônjuge com as suas famílias de origem) a subescala coesão equilibrada - FACES IV acede a diferentes componentes que retratam a relação entre os membros de família. O constructo de coesão equilibrada - FACES IV acede, particularmente, aos laços e ligações emocionais, coligações, interesses, tomadas de decisão, tempos e espaços partilhados, para além dos limites intergeracionais (i.e., grau de separação e ligação de cada membro da família) entre os membros da família. Especificamente, a subescala coesão equilibrada - FACES IV permite medir componentes como quanto os membros da família estão envolvidos, sentem-se muito próximos, apoiam-se uns aos outros, incluindo, apoio na tomada de decisão importantes durante tempos difíceis, partilha e participação nos tempos livres uns com os outros. Do mesmo modo, a Q6-Eixo I, na presente amostra masculina mostra que a

valorização da relação de casal dos seus pais escrutinam verbalizações narrativas idênticas às componentes exploradas pela subescala coesão equilibrada - FACES IV, por exemplo, 1) ligações emocionais (e.g., '[...] o relacionamento era bom [...] ' (M-Casal1)); 2) apoio dos outros (e.g., '[...] eu sempre vi os meus pais muito amigos um co outro [...] ' (M-Casal2)); 3) apoio durante tempos difíceis (e.g., '[...] acima de tudo presença nos momentos mais precisos e segurança [...] ' (M-Casal6) e 4) partilha de tempos livres (e.g., '[...] andam sempre a viajar, convivem muito um com o outro [...] ' (M-Casal10)). Também, a Q7-Eixo I, na presente amostra masculina mostra que as recordações construtivas das relações entre outros significativos incluem a identificação de componentes similares às exploradas pela subescala coesão equilibrada - FACES IV, por exemplo 1) ligações emocionais (e.g. '[...] havia uma boa relação entre os meus pais e os meus avós [...] ' (M-Casal3)) e 2) apoio dos outros '[...] um grande sentimento de entreajuda do princípio ao fim [...] ' (M-Casal4)). Os presentes resultados sugerem que a classificação tipológica fecunda da Q6 e Q7-Eixo I representadas, respetivamente, pela valorização da relação de casal dos seus pais e por recordações construtivas das relações entre outros significativos converge com índices elevados de coesão das relações entre os membros da família (coesão equilibrada - FACES IV). Assim, estes resultados sugerem que as Q7 e 6 do Eixo-I da ECG na sua versão portuguesa possui alguma qualidade psicométrica e validade, sendo possível através do uso da Q6 e Q7 do Eixo-I da ECG medir a qualidade expressiva inter-relacional, sobretudo para o membro do cônjuge masculino. Por fim, os resultados da validade convergente do Eixo I da ECG com as subescalas da FACES IV (Gouveia-Pereira et al., 2013) evidenciam convergência entre o total da Q6 do EixoI-ECG e da subescala Flexibilidade equilibrada do FACES IV para os cônjuges masculinos ($p < 0,05$). De fato, a Q6-Eixo I, na presente amostra masculina mostra que a valorização da relação de casal dos seus pais, que incluem dimensões relacionada com a funcionalidade familiar, incluindo a capacidade do sistema familiar lidar com a mudança representada especificamente por verbalizações narrativas idênticas às componentes exploradas pela subescala flexibilidade equilibrada - FACES IV, por exemplo, 1) membros da família mostram capacidade de ajustar a mudanças e tentativa de novas formas de lidar com os problemas (e.g., '[...] mas também em 50 anos de casados também tiveram muitas discussões, e algumas exageradas...mas que me ensinou que há que haver tolerância' (M-Casal4); 2) presença de disciplina justa dentro do sistema familiar ('[...] disciplina familiar...horários para tudo...educação, acima de tudo presença nos momentos mais precisos e segurança sobretudo para os meus filhos (M-Casal6)); 2) alternância de responsabilidade dentro do sistema familiar (e.g., 'o meu a pai apesar de tudo

era muito trabalhador a minha mãe as vezes ate de mais fazia tudo para tudo correr bem (M-Casal9)); 3) presença de regras e papéis claros dentro do sistema familiar ‘a mãe trazia a comida e o pai pescava’ (M-Casal4)). Estas componentes caracterizam o constructo de flexibilidade equilibrada através da conceção da funcionalidade familiar caracterizado por mudanças, ou seja, alterações que o sistema familiar realiza por forma a manter a sua estrutura inalterada, ou mudanças de resposta às necessidades desenvolvimentais. Assim, estes resultados sugerem que a Q6 do Eixo-I da ECG na sua versão portuguesa (Raguso et al., 2010) possui alguma qualidade psicométrica e validade, sendo possível através do uso da Q6 do Eixo-I da ECG medir as mudanças no funcionamento do sistema familiar o membro do cônjuge masculino.

Relativamente a FACES IV era esperada convergência na dimensão Coesão que avalia os laços emocionais entre cada membro e os restantes; o grau de separação ou ligação de cada membro a família (Gouveia-Pereira, et al., 2014) com a Q1.2 – Ambiente das origens e a Q7 – Relação com as estirpes do Eixo – I da ECG; na dimensão Flexibilidade, que avalia a capacidade que o sistema conjugal ou familiar tem de mudar em termos de estrutura, regras ou papéis face a acontecimento stressantes (Gouveia-Pereira et al., 2014) com a Q4 – Regras de ouro e a Q6 – Aprendizagem da relação de casal do Eixo – I da ECG; na dimensão Comunicação, que avalia a capacidade da família de partilhar sentimentos sobre si e a relação com os outros (Gouveia-Pereira et al., 2014) com a Q4 – Regras de ouro e a Q5.1/5.2/5.3 – Relação com os membros da família do Eixo-I da ECG e por fim na dimensão Satisfação, que avalia o grau de felicidade sentido pelos membros da família com a Q1 – Ambiente das origens e a Q4 – Regras de ouro do Eixo-I da ECG.

Especificamente quanto a estas questões encontramos como evidência teórica o modelo relacional-simbólico que compreende a família como uma organização de relações primárias, fundadas sobre a diferença de género e sobre a diferença de gerações tendo como objetivo a generatividade (Cigoli e Scabini, 2000), portanto tendo em consideração não só a relação como sobretudo as interrelações entre as várias gerações (Raguso.F., 2006). A este propósito Cigoli e Tamanza (2009) consideram que o casal é o espaço privilegiado do cruzamento de histórias generativas e do relance ou bloqueio da generatividade. É na relação conjugal, e nas relações dos cônjuges com as suas famílias de origem e com os filhos que geraram, que hão-de emergir as propriedades da relação generativa. Afirmam mesmo que As dificuldades relacionais do presente estão, frequentemente, marcadas pela tentativa de reparar, corrigir, tornar inócuo, ou de repetir antigos esquemas e paradigmas relacionais (Cigoli & Tamanza, 2009).

O Eixo II da ECG foi correlacionado com Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal (EASAVIC) (Narciso & Costa, 1996) de modo a avaliar a validade convergente (Almeida & Freire, 2007) entre construtos, uma vez que teoricamente apresentam a medição de construtos similares, incluindo dimensões relacionadas com a autoavaliação da satisfação em áreas da vida conjugal. Os resultados revelaram correlações moderadas a elevadas com o total da Eixo II-ECG e do EASAVIC com o total valor da escala (somatório da diferentes subescalas: satisfação enquanto casal, próprio e outros), sobretudo para as subescalas do próprio e do outro. A validade convergente foi satisfatória e confirmada através do alcance de correlações positivas estatisticamente significantes ($p < 0.05$). Na nossa amostra, o Eixo II da ECG demonstrou que participantes reconhecem que ao longo da relação se foram adequando um ao outro e ultrapassando as várias etapas do ciclo vital da família de forma positiva – Renovação - acedendo às necessidades do próprio cônjuge e as expectativas que cada cônjuge espera do outro (Q5-Eixo II, Novas descobertas - e.g., ‘[...] eu acho que com o passar dos anos a gente vai descobrindo facetas que desconhecia num é... o que eu acho que ate hoje, fora uma coisita ou outra é tudo relativo passa [...]’ (Casal1); ‘[...] acho que estamos sempre a descobrir coisas novas um no outro, porque senão não fazia sentido nenhum [...]’ (Casal5); ‘[...] estou a ter outra visão das coisas...estamos a aprender outra vez [...]’ (Casal6); ‘[...] é a lutarmos pelas mesmas coisas, pelo bem estar um do outro [...]’ (Casal7); ‘[...] descobrimos que o sexo não é sempre igual, acho que tem vindo a melhorar n minha opinião, não em quantidade mas em qualidade [...]’ (Casal8).

Adicionalmente, Eixo II da ECG os participantes reconhecem momentos críticos na relação e refletem a forma como foram enfrentados - presença de empenho e responsabilidade pela relação - através da descrição de momentos mais difíceis da vida em casal, bem como sobre as estratégias usadas para os enfrentar (Q6 – Eixo II, Momentos difíceis - e.g., ‘[...] houve momentos que foram mais difíceis e enfrentamo-los os dois levantando a cabeça sozinhos e lutando contra essas divergências [...]’ (Casal1); ‘[...] e tentamos superar os dois sozinhos uns dias melhor outros dias pior, mas a estratégia é o amor que vai vencendo [...]’ (Casal2); ‘[...] criaram algum mal estar, irritabilidade e dificuldades, esses momentos deram para fortalecer [...]’ (Casal5); ‘[...] tivemos uns tempos difíceis, esses momentos deram para fortalecer [...]’ (Casal6); ‘[...] se calhar tinha que acontecer para eu valorizar o que tinha e tivemos ali um momento difícil [...]’ (Casal8).

Por fim, o Eixo II da ECG os participantes reconhecem diferenças e sentimentos positivos com o modo como se cruzaram as famílias de origem reforçando que cada membro

do casal se sente acolhido pelas respectivas famílias dos cônjuges, através da descrição do tipo de relação de cada membro do casal com a família de origem do outro (Q8.1/8.2 - Eixo II, Encontro com a família – e.g., ‘[...] talvez me foi um bocadinho difícil adaptar-me porque tem uma personalidade totalmente diferente das dos meus pais...mas depois adaptai-me bem [...]’ (Casal1); ‘[...] a partir de um momento perceberam que nos gostávamos um do outro e até fomos passar férias juntos [...]’ (Casal2); ‘[...] compreendemos bem e soubemos lidar bem com as diferenças [...]’ (Casal5); ‘[...] mas assim que perceberam que era serio nunca puseram, os meus sogros, entaves nunca disseram nada [...]’ (Casal9).

No mesmo modo, a EASAVIC permitiu aceder a diferentes áreas da vida conjugal, salientando os níveis de satisfação nestas diferentes áreas, ou seja, níveis mais altos de satisfação relativamente a si e ao outro cônjuge em diferentes áreas da vida conjugal (e.g., satisfação com a autonomia e privacidade, com a profissão, com os sentimentos, com a expressão de sentimentos, com o grau de desejo sexual, com o prazer, dentro da vida conjugal, com o apoio emocional, com os níveis de confiança com o nível de admiração que sente pelo cônjuge, com o nível de atenção prestada aos interesses, com as expectativas quanto ao futuro da relação conjugal, com o aspeto físico do cônjuge, com as características e hábitos do cônjuge). Estes mesmos aspetos apesar de não serem evidentes nas respostas da ECG, em que se verificou convergência entre os instrumentos; foram aspetos referidos pelos participantes neste mesmo Eixo II da ECG mas nas outras questões que a completam, o que nos leva a concluir que todo o eixo pode ser validado; nomeadamente na Q1- O encontro (e.g., ‘[...] acho que amor proibido é melhor [...]’ (Casal2); ‘[...] quando a vi interessei-me por ela, mas num cheguei a falar com ela [...]’ (Casal7); ‘[...] o que acho que nos aproximou foi essencialmente o falar muito um com o outro já desde ai passávamos imensas horas a falar e a conversar [...]’ (Casal8); ‘[...] Primeiro gostam do que veem, depois gostam da conversa, da companhia...depois tudo veem [...]’ (Casal10)); na Q2- Do encontro a relação (e.g., ‘[...] a primeira coisa é claro que foi a parte física, e a atração que [...]’ (Casal1); ‘[...] na altura uma coisa que vi e que gostei foi a espontaneidade dela, a forma alegre como vivia o dia a dia, isso de alguma forma me cativou...porque sendo eu uma pessoa diferente, mais sossegado, mais reservado [...]’ (Casal4); ‘[...] e encontramos-nos numa passagem de ano e afinal percebemos que realmente havia algo mais e então começamos a ter uma relação [...]’ (Casal5); ‘[...] a foi uma coisa da adolescência e sem duvida foi um laço que toda a vida o vivemos ate hoje [...]’ (Casal6); ‘[...] e o que me chamou atenção nela foi a forma como ela olhava e fazia assim com os olhos, naqueles oculinhos que tinha e fisicamente eu gostava das tuas pernas, andava sempre

assim com umas saias engraçaditas...ainda me lembro da saia de veludo [...] ‘ (Casal8); na Q3- O que casaram o outro (e.g., ‘[...] e ele é mais tolerante e eu mais impulsiva [...] ‘ (Casal4); ‘[...] gente já tinha uma afinidade muito grande [...] ‘ (Casal6); ‘[...] é uma pessoa que sabe falar, sabe conversar, embora eu seja uma pessoa mais histérica entre aspas, ferve mais em pouca água [...] ‘ (Casal6)); na Q4 – Encontravam o que procuravam (e.g., ‘[...] havendo amor, respeito e confiança eu acho que é a parte mais fundamental [...] ‘ (Casal1); ‘[...] Essencialmente encontrámos respeito um pelo outro...apesar de também termos as nossas dificuldades e arrelias [...] ‘ (Casal4); ‘[...] ele não...deu-me luta...foi o 1º que me deu grande luta e foi ao contrário em vez de desistir lutei por ele e foi se calhar por ai que a coisa resultou [...] (Casal 8)) e na Q9 – Futuro de casal (e.g., ‘[...] vamos conseguir envelhecer juntos como eu vi no olhar dele [...] ‘ (Casal1); ‘[...] já começamos a pensar que daqui a pouco estaremos os dois num é [...] ‘ (Casal2); ‘[...] uma imagem: velinhos de pantufas; juntos até ao fim [...] ‘ (Casal4); ‘[...] conversando sempre com tranquilidade com...e com garraCasal6 daqui a 20 anos espero... dar aos netos o que agora no é tao fácil dar e ter tempo, estar com eles [...] ‘ (Casal7); ‘[...] gostava que fossemos um velinhos unidos [...] ‘ (Casal 8); ‘[...] neste momento os objetivos de casal passam por planear a curto prazo e disfrutar da vida...dar um passeio de mochila as costas, ir passar um fim de semana aqui ou ali [...] ‘ (Casal8)).

Quanto a ESAVIC era esperada convergência entre a dimensão Casal, que avalia a tomada de decisões e a qualidade das relações sexuais (Narciso & Costa, 1996) com a Q1 – O encontro; a Q2 – Do encontro a relação; a Q6 – Momentos difíceis e a Q9 – Futuro do casal do Eixo-II da ECG; na dimensão Próprio, que avalia a privacidade e autonomia e a idealização do cônjuge (Narciso & Costa, 1996) com a Q4 – Encontraram o que procuravam um no outro e a Q5 – Novas descobertas do Eixo-II da ECG e na dimensão Outro, que avalia o apoio emocional entre os cônjuges e a opinião acerca do aspeto físico do cônjuge (Narciso & Costa, 1996) com a Q3 – O que casaram no outro e Q8.1/8.2 – Encontro com a família do Eixo-II da ECG.

Particularmente para estas questões, é a teoria da resiliência familiar de Froma Walsh que oferece um referencial teórico adequado pois permite compreender a família como capacidade de desconstruir e reconstruir o laço quer a nível genealógico (i.e., com os nossos ascendentes e nossos descendentes), quer a nível horizontal que nos define enquanto sujeitos considerando as pertenças. Segundo Walsh (2007) ter a capacidade de ultrapassar a crença de um destino já definido percebendo uma continuidade entre passado, presente e futuro, reconhecendo assim uma filosofia de vida e valores gerais que permitam superar as contrariedades, ter abertura para aceitar desculpas e perdas, a capacidade de desenvolver

relações naturais vendo assim a possibilidade de aprendizagem com a crise e a mudança são os princípios necessários para que sobretudo o casal ao longo da sua vivência se vá renovando e construindo a sua história. Mesmo em relação aos momentos difíceis refere que os acontecimentos trágicos tem, muitas vezes a capacidade de nos fazer despertar para o que realmente importa na vida e inspiram-nos a redefinir a nossa identidade, a reordenar as nossas prioridades, e tomar a iniciativa de cuidar para beneficiar os outros (Walsh, 2007), o que legitima o facto de os casais mostrarem presença e empenho pela relação. Assim, a família resiliente caracteriza-se, então por um processo interacional, formando uma unidade funcional (Walsh, 2004) o que irá permitir enfrentar períodos de crise, desorganização, privações prolongadas e efetivamente se reorganizar, respondendo assim de forma positiva às demandas da vida quotidiana. Logo ter uma capacidade de esperança e otimismo, percebendo que são capazes de lidar com os problemas afirmando assim, recursos e habilidades, repensando a dor não só individualmente mas também familiar tentando, desta forma, construir ou reequilibrar o projeto de vida (Walsh, 2004).

Especialmente para a última questão (Raguso.F., 2006) afirma que as pessoas se diferenciam umas das outras no sistema familiar em termos de funcionamento através dos pensamentos e sentimentos. Portanto podemos afirmar que o processo de diferenciação relativamente à família de origem e em relação ao parceiro são preditores da relação entre pais e filhos. Para Bowen (1998), esta diferenciação permite o acolhimento dos filhos como pessoa autónoma e não um prolongamento de si mesmos. Já para Cigoli e Tamanza (2009) a separação deve ser entendida como uma cisão que tem como função preparar de novo o caminho para a relação. O objetivo é separar para voltar a ligar. Por esta razão, é importante que os casais reconheçam as diferenças e tenham sentimentos positivos em relação as famílias de origem.

A validade convergente do Eixo III da ECG – Passagem Geracional - foi avaliada através das suas correlações com a Escala de Generatividade de Loyola (LGS) na versão de investigação portuguesa de Alves et al. (2006) da versão original de McAdams & Aubin (1992) que medem construtos relacionados, tais como a “preocupação generativa” ou generatividade. Os resultados revelaram correlações moderadas a elevadas com o total da ECG e do LGS com a generatividade somente com uma questão da ECG (i.e., Q3.1/3.2). A validade convergente (Almeida & Freire, 2007) foi satisfatória e confirmada através do alcance de correlações positivas e estatisticamente significantes ($p < 0.05$). De fato, ambos os itens dos diferentes instrumentos em questão (i.e., 3.1/3.2 do Eixo III-ECG e LGS) produzem componentes que caracterizam as a transmissão global de valores e modelos de vida de pais para filhos, sobretudo

indicadas pelos elevados níveis de consciência dos mesmos. De fato, do mesmo modo que a Q3.1/3.2 -Eixo III da ECG permite aceder a informação que pais consideram importante transmitir aos filhos, introduzindo o tema da continuidade e/ou descontinuidade entre aquilo que cada membro do casal recebeu da sua família de origem e aquilo que os dois desejam transmitir à geração seguinte (Cigoli & Tamanza, 2009), a escala LGS acede ao valor global de transmissão do conhecimento e competências à geração seguinte, medida de preocupação generativa, incluindo itens que refletem várias dimensões generativas (e.g., transmissão e conhecimentos e competências a outros nomeadamente à geração seguinte, a contribuição para melhoria das condições de vida na comunidade, realização suscetível de vierem a ser recordadas por um longo período de tempo, cuidado e a assunção de responsabilidade por outras pessoas). De fato, o presente resultados sugerem que a classificação tipológica fecunda da Q3.1/3.2-Eixo III representada por transmissão precisa de valores, onde os participantes identificaram vários valores e modelos de vida que transmitem aos seus filhos, refletindo que a uma transmissão intencional entre as gerações (e.g., e.g. ‘[...] é importante transmitir o que nos tentaram transmitir a nós [...]’ (Casal1); ‘[...] respeito, humildade, trabalho, laços familiares [...]’ (Casal4); ‘[...] que lutem por eles, pelo que desejam [...]’ (Casal8)) converge com índices elevados da LGS (i.e., elevados índices de consciência e/ou preocupação na transmissão do conhecimento e competências às gerações seguintes).

Quanto a LGS era esperada convergência entre o objetivo A, que avalia a transmissão de conhecimentos e competências a geração seguinte (Alves et al., 2012) com a Q3.1/3.2 - Valores e modelos a passar aos filhos do Eixo-III da ECG; com o objetivo C, que avalia as realizações suscetíveis de vierem a ser recordadas por um longo período de tempo (Alves et al., 2012) com a Q1 – Prefigurações da vida familiar e a Q6 – Sofrimento, esperança e confiança na vida familiar do Eixo-III da ECG; com o objetivo D, que avalia as ações criativas ou atuação produtiva (Alves et al., 2012) com a Q2 – Imagens realizadas do Eixo-III da ECG e, por último, com o objetivo E, que avalia o cuidado e a assunção de responsabilidade por outras pessoas (Alves et al., 2012) com a Q4 – Sentido e eficácia parental e a Q5 – Identidade dos filhos do Eixo-III da ECG.

Nomeadamente, para esta questão, pertencer significa participar, saber-se membro da família, partilhar as suas crenças, valores, regras, mitos e segredos (Cigoli.V., 2012). A este propósito também (Alves et al., 2012) afirmam que os adultos generativos exercem práticas parentais eficazes e são, além disso, pessoas responsáveis e empenhadas socialmente. Estes adultos percebem a generatividade como uma oportunidade de transmitirem valores e sabedoria

às gerações mais novas, estabelecendo com elas uma relação fundada na confiança e no diálogo. Apresentam um elevado sentido de pertença à comunidade na qual vivem e percebem-se como eficazes do ponto de vista político. São pais empenhados na educação dos filhos; assumem um estilo parental pautado pela disciplina positiva e pela preocupação pelo desenvolvimento físico e mental dos filhos, os quais revelam elevados níveis de autonomia, desenvolvimento moral e maturidade afetiva; investem no processo de transmissão de valores às novas gerações, para além dos seus próprios filhos, bem como na valorização da história familiar e na ligação com a comunidade envolvente (Alves et al., 2012). No que diz respeito às relações sociais, são adultos que se percebem ligados a outras pessoas da comunidade à qual pertencem; envolvem-se mais em grupos e organizações políticas, religiosas ou de empenho cívico; interessam-se mais por temas e questões políticas; envolvem-se mais no voluntariado e em atividades caritativas. Por outro lado, os adultos generativos manifestam níveis mais altos de satisfação e bem-estar com a vida e baixos níveis de ansiedade e depressão, tendo uma influência positiva sobre os outros (Agostinho, 2009).

Limitações do estudo e indicação metodológicas para estudos futuros

O presente estudo evidencia várias limitações. Para além do número da amostra ser demasiado pequeno ($n=10$ casais), e embora o nosso estudo através das análises adotadas exibem alguns indicadores de que os eixos do ECG sugerem estar associados com constructos similares medidos através de instrumentos psicométricos adotados, futuros estudos deverão avaliar a análise discriminante das escalas, isto é, mostrando que as dimensões da ECG mostram, não só correlação com outros constructos convergentes (correlação positiva), mas também que os mesmos itens se correlacionam negativamente com outros constructos a que não pertencem. Mais ainda, futuros estudos deverão, sempre que possível, utilizar uma triangulação metodológica, ou seja utilizar múltiplos métodos para estudar a validade de construto entre a ECG e outros instrumentos psicométricos. Segundo Flick (2005b), a triangulação consiste num processo complexo de colocar cada método em confronto com outro para a maximização da sua validade (interna e externa), tendo como referência o mesmo assunto de investigação. Assim, fazendo uso das fraquezas e virtudes de cada método, o principal objetivo desta integração de métodos é a convergência de resultados da investigação, resultados válidos e que condizem às mesmas conclusões. Numa conceção mais aberta, realista e pragmática, surgem algumas conceções que remetem, não apenas para a triangulação como validação cumulativa, mas também como forma de ter diferentes perspetivas do fenómeno em

estudo (complementaridade), permitido um retrato mais completo e holístico do fenómeno de estudo (Flick 2005a,2005b). De fato, na história da investigação encontramos o conceito de triangulação, que para alguns é uma das formas de combinar vários métodos qualitativos entre si (Flick,2005a e 2005b) e de articular métodos quantitativos e qualitativos (Fielding e Schreier,2001; Flick 2005a). O motivo pelo qual este modelo de investigação deverá ser usado em futuros estudos passa por aquilo que Shulman (1989) designou de “modelo ponte” entre a perspectiva quantitativa e a perspectiva qualitativa prende-se com o conjunto de convergências que ambos os métodos oferecem, nomeadamente ambos tratam de fenómenos reais, com processos sociais e atribuem sentido aos dados. Na realidade, qualquer que seja o modelo aplicado a investigação, o mesmo é afetado por conhecimentos, teorias e experiências anteriores do investigador, pois as hipóteses não podem ser testadas em completo isolamento porque estão sempre envolvidas num conjunto de crenças, nem que seja o facto de o investigador estar sempre integrado numa comunidade e por se pautar por atitudes, valores e crenças (Flick, 2005b). Uma outra justificação vantajosa para a adoção deste método refere-se ao facto de há vários anos existir na pesquisa empírica a combinação destas tradições, sendo metodologias aceites pelas comissões científicas e tendo conduzido a resultados de investigação aceitáveis que influenciaram o conhecimento (Fielding e Schreier,2001). Especificamente na psicologia, Campbell e Fiske (1959) advogavam que a obtenção de dados de diferentes fontes e a sua análise recorrendo a estratégias distintas, melhoraria a validade dos resultados, pois consideram que dessa forma a hipótese é testada por diferentes métodos o que será uma mais-valia. No entanto, como em todos os métodos, este não é exceção, são-lhe apontadas algumas críticas, especialmente se se cingir a uma questão de validade. A principal limitação é precisamente o seu maior recurso pois o uso de múltiplas fontes de informação como forma de ultrapassar os erros e exatamente a duplicação dos erros de cada um dos métodos (Fielding e Schreier, 2001)

Relativamente ao que diz respeito a construção e validação de escalas, Almeida e Freire (2007) referem que quanto ao 5º passo, análise dos resultados da versão definitiva é importante: a) o estudo da sensibilidade; b) o estudo da fidelidade: estabilidade e consistência; c) estudo da validade: conteúdo, critério; construto e d) definir parâmetros de interpretação dos resultados; e) comparar com estudos diferenciais e f) avaliar a capacidade diferencial (subgrupos de sujeitos ou situações). Especificamente no nosso estudo procedemos apenas a um aspeto da validade de construto, sendo que se trata da avaliação com base em diferentes tipos de informação, nomeadamente a análise de convergência, ou seja correlacionar o instrumento significativamente com outras variáveis com as quais o construto medido pelo instrumento deve

de acordo com a teoria encontra-se relacionado (Coutinho,2014). Assim, futuros estudos, de modo a garantir a viabilidade dos resultados deverão, num paradigma metodológico misto, considerar os seguintes aspetos a par de uma análise qualitativa sistemática: 1) análise discriminante, ou seja perceber se o instrumento não se encontra correlacionado com outras variáveis com as quais o construto deveria, em termos teóricos, diferir e 2) análise fatorial, partindo das intercorrelações entre os itens ou entre os resultados num conjunto de provas para se identificarem as componentes gerais e/ou diferenciadas que possam explicar a variância comum neles encontrada.

Referências bibliográficas

- Almeida, L. e Freire, T. (2007), *Metodologia da Investigação em Psicologia e Educação* (4ª Ed.). Braga: Psiquilíbrios.
- Alves, J. F., Santos, P.L., Alves, C. F., Alves, A., Brito, L., & Cunha, F. (2006). Generatividade em estudantes e profissionais de educação. *Revista psicológica*, 43, 143-156.
- Bardin, L. (2002). Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70
- Bowen, M, (1978). *Family Therapy in Clinical Practice*. New York, Aronson
- Bowen, M. (1998). *De la familia al individuo. La diferenciación del si mismo en el sistema familiar*. Barcelona: Paidós
- Campbell, D.T., & Fiske D.W. (1959) Convergent and discriminant validation by the multitrait-multimethod matrix. *Psychological Bulletin*, 56, 81-105
- Carter, B & Goldrick, M. (1995). *As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar: uma estrutura para a terapia familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas
- Carretero-Dios, H. e Pérez, C. (2007), “Normas para el desarrollo y revisión de estudios instrumentales: consideraciones sobre la selección de tests en la investigación psicológica”, *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 7, 3, 863-882.
- Cigoli, V. (2003), “La coppia tra scenari di origine e nuova nascita”, in Andolfi, M. e Cigoli, V. (Ed.) *La famiglia d'origine. L'incontro in psicoterapia e nella formazione*, Franco Angeli, Milano, pp.125-146.
- Cigoli, V. (2006), *L'albero della discendenza*, Raffaello Cortina, Milano
- Cigoli, V. (2012). A identidade familiar: O modelo relacional/simbólico. *Pessoas & Sintomas Psicologia Da Familia Faculdade de Filosofia de Braga Universidade Católica Portuguesa*, 16, 5 of 9.
- Cigoli, V. & Scabini, E. (2000). *Il familiare - Legami, simboli e transizioni*. Milano: Raffaello Cortina Editore
- Cigoli, V. & Scabini, E. (2006). *Family Identity. Ties, Symbols, and Transitions*. London: Lawrence Erlbaum Associations.
- Cigoli, V & Scabini, E.(2012). *Alla ricerca del familiare. Il modello relazionale-simbolico*. Milano: Raffaello Cortina.
- Cigoli, V. e Scabini, E. (2007), “La mediación familiar: el horizonte relacional-simbólico”, in Bramante, D. et all. *El cuidado de los vinculos. Mediacion familiar y comunitaria*, Univer-sidad del Rosario Editora, Bogotá, pp. 28-70.

- Cigoli, V. & Tamanza, G. (2009). *L' Intervista Clinica Generazionale*. Milano: Raffaello Cortina Editore
- Cigoli, V. e Tamanza, G. (2009), “Il sistema di codifica e di misurazione”, in *L'Intervista Clinica Generazionale*, Raffaello Cortina, Milano.
- Costa, M. (2002). *Generatividade: questões de desenvolvimento e de intervenção psicológica*. Cadernos de Consulta Psicológica
- Coutinho, C. (2014) *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática*, 2ªed., Almedina.
- Elkaïm, M. (1998). *Panorama das Terapias Familiares*. Vol.1. São Paulo: Summus
- Erikson, H. E. (1959), “Identity and the Life Cycle”, in *Psychological Issues: International University Press*, New York.
- Esteves, M. (2006), “Análise de Conteúdo”, in J. A. Lima e J. A. Pacheco (Orgs.). *Fazer Investigação – Contributos para a elaboração de dissertações e teses*. Porto: Porto Editora.
- Franco-Borges, G., & Vaz-Rebelo, P. (2009). *Contributos para o Estudo do Desenvolvimento do Adulto: Reflexões em torno da Generatividade*. Trabalho realizado no âmbito do IPCDVS-FEDER/POCTI-SFA-160-192.
- Fielding, N., e M. Schreier (2001), “Introduction: On the Compatibility between Qualitative and Quantitative Research Methods”, em *Forum Qualitative Sozialforschung/Forum: Qualitative Social Research* (revista on-line), 2: 1 (54parágrafos). Disponível em: <http://qualitative-research.net/fqs/fqs-eng.htm>
- Flick, U. (2005a), *Métodos Qualitativos na Investigação Científica*, 2.ª ed., Ed.Monitor.
- Flick, U. (2005b), “Triangulation in Qualitative Research”, em Flick, U., E. V.Kardorff, e I. Steinke (eds.), *A Companion to Qualitative Research*, Sage, pp. 178-183.
- Freire, T., & Almeida, L. S. (2001). *Escalas de avaliação: Construção e validação*. In E. M. Fernandes, & L. S. Almeida (Eds.), *Métodos e técnicas de avaliação: Contributos para a prática e investigação psicológicas* (pp. 109-128). Braga: Universidade do Minho, Centro de Estudos em Educação e Psicologia.
- Fortin, M. (1999), *O processo de Investigação – da conceção à realização*. Loures: Lusociência.
- Gameiro, J. (1992). *Voando sobre a psiquiatria. Análise epistemológica da psiquiatria contemporânea*. Porto: Edições Afrontamento.

- Garrido, M. & Espina, A. (2007). *Terapia Familiar. Aportaciones psicoanalíticas y transgeneracionales*. Madrid: Editorial Fundamentos
- Genofre, R.M. (1997) *Família: uma leitura jurídica. A família contemporânea em debate*. São Paulo; Educ/Cortez
- Gouveia-Pereira, M., Coutinho, S., Gomes, H., Martins, C. & Miranda, M. (2013) Validação do Instrumento FACES IV para a População Portuguesa. Manuscript in preparation
- Hair, J. F. Anderson, R. E. Tatham, R. L.; Black, W. C. *Análise multivariada de dados*. Porto Alegre: Bookman, 2005. 600p. Hair, J. F., Black, W. C., Babin, B. J., Anderson, R. E., & Tatham, R. L. (2006). *Multivariate data analysis*. Prentice Hall Pearson Education
- Haynes, S. N., Nelson, K. e Blaine, D. (1999), "Psychometric issues in assessment re-search", in. P. C. Kendall, J. N. Butcher e G. N. Holmbeck. (Eds.). *Handbook of Research Methods in Clinical Psychology* (2nd Ed.). USA: Wiley. pp. 125 – 154. 12
- Haynes, S. N., Richard, D. C. S. e Kubany, E. (1995), "Content validity in psychological assessment: A functional analyses to concepts and methods", *Psychological Assessment*, 7, 238-247.
- Lanz, M. & Rosnati, R. (2002). *Metodologia della ricerca sulla famiglia*. Milão: Edizione Universitarie di Lettere Economia Diritto.
- Levi-Strauss, C. (1972). *As estruturas elementares do parentesco*. Rio de Janeiro: Vozes
- Machado, M. (2008). *Aliança parental, Coesão e Adaptabilidade Familiar ao longo do ciclo vital da família*. Mestrado integrado em Psicologia Clínica e da Saúde – Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Universidade de Lisboa.
- McAdams, D. P. & de St Aubin, E. (1992). A theory of generativity and its assessment through self-report, behavioral acts, and narrative themes in autobiography. *Journal of Personality and Social Psychology*, 62, 1003-1015
- McAdams, D. P. & Hart, H. M. & Maruna, S. (1998). The anatomy of generativity. In Dan P. McAdams and Ed de St Aubin (Eds). *Generativity and Adult Development: How and why we care for the next generation*. Washington, DC: APA
- McAdams, P. (2006). *Moral Personality, Generativity, and the Redemptive Self*. Northwestern University
- Minuchin, S. (1982). *Famílias: Funcionamento e Tratamento*. Porto Alegre: Artes Médica

- Moos, R. H. (1990). Conceptual and Empirical Approaches to Developing Family-Based Assessment Procedures: Resolving the Case of the Family Environment Scale. *Family Process*, 29, 199 – 208.
- Moos, R.H., Moos, B.S. (1994) Family Environment Scale manual... Palo Alto 3rd ed (CA): Consulting Psychologists Press.
- Narciso, I. & Costa, M. E. (1996). Amores Satisfeitos, mas não Perfeitos. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 12, 115 – 130.
- Nicolò, A. M. e Trapanese, G. (ed.) (2005), *Quale psicoanalisi per la famiglia*, Franco Angeli, Milano.
- Oliveira.T. (2012). A Construção do Projeto Parental - Análise com recurso à Entrevista Clínica Geracional. *Dissertação de Mestrado Universidade Católica Portuguesa Faculdade de Filosofia*, 1 of 100.
- Olson, D. H. (2000). *Circumplex Model of Marital and Family Systems*. *Journal of Family Therapy*, 22, 144-167.
- Olson, D. & Gorall, D. (2003). Circumplex Model of Marital and Family Systems. In F. Walsh (Ed.), *Normal family processes: Growing diversity and complexity* (3ª ed., pp. 514-548). New York: Guilford Press.
- Olson, D. (2011). FACES IV and the Circumplex Model: Validation Study. *Journal of Marital & Family Therapy*, 3 (1), 64-80.
- Pais-Ribeiro,J. (1999). Investigação e avaliação em Psicologia e Saúde. Lisboa: Climepsi
- Peixoto,R. (2012). O Casal na Perspetiva Relacional – Simbólica e a Qualidade Conjugal: uma análise conceptual e metodológica. *Dissertação de Mestrado em Psicologia da Família*. Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa.
- Raguso, F. (2005).“A construção da identidade e o seu fundamento relacional: uma leitura psicológica”, in *O desafio do Multiculturalismo: entre identidade e reconhecimento. Uma leitura a partir de Charles Taylor*, Universidade do Minho, Braga, *Dissertação de Doutoramento não publicada*, pp. 83-112.
- Raguso.F. (2006). O Modelo Relacional em Psicologia: desafios e perspetivas. *Revista Pessoas E Sintomas Faculdade de Filosofia de Braga Universidade Católica Portuguesa*, 3(2), 12 of 15.
- Raguso, F., Facchin, F., Molgora, S., & Gonçalves, A. (2010). Tradução e adaptação ao contexto português da Entrevista Clínica Generazionale. Em V. Cigoli e M. Gennari

- (Eds.), *Close relationships and community psychology: An international perspective* (pp. 265-275). Milano: FrancoAngeli
- Ribeiro, M. (2010) *Léxico da Família – Família e Psicologia: Intervenções Educativas, preventivas e terapêuticas* Parede: Principia
- Roudinesco, E. (2003). *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed
- Scabini, E. e Rossi, G. (ed.) (2006), *Le Parole della Famiglia*, Vita e Pensiero, Milano.
- Scabini, E. e Cigoli, V. (2000) *Il familiare. Legami, simboli e transizioni*, Raffaello Cortina, Milano.
- Soares, D. (2012). *Paternidade e Geratividade na Transição para a Parentalidade*. *Dissertação de Mestrado Universidade Católica Portuguesa Faculdade de Filosofia*.
- Souza, M. T. S., & Cerveny, C. M. O. (2006). Resiliência psicológica: Revisão de literatura e análise de produção científica. *Revista Interamericana de Psicologia*. 40(1), 119-12
- Tamanza, G. (2009), “Le Regole di Calcolo e la Selezione degli Item”, in *L’Intervista Clinica Generazionale*, Raffaello Cortina, Milano.
- Tribuna, M. F. (2000). *Famílias de acolhimento e vinculação na adolescência*. Dissertação de Mestrado em Famílias e Sistemas Sociais. Instituto Superior Miguel Torga. Coimbra: Texto Policopiado.
- Villemor-Amaral, A. E. (2008). A Validade Teórica em Avaliação Psicológica. *Psicologia: Ciência E Profissão*, 28(1), 98–109. <http://doi.org/10.1590/S1414-98932008000100008>
- Walsh, F. (2004). *Resiliência familiar. Estratégias para seu fortalecimento*. Buenos Aires: Amorrortu editores
- Walsh, F. (2007). *Traumatic Loss and Major Disasters: Strengthening Family and Community Resilience*. FPI, Inc

ANEXOS

ANEXO 1

Entrevista Clínica Geracional



A ENTREVISTA CLÍNICA GERACIONAL VERSÃO FINAL – ESTÍMULOS VERBAIS



Abertura

Estão a participar numa investigação que estuda acontecimentos generacionais, que dizem respeito a todas as famílias. Para tal, vamos colocar-vos algumas questões. Podemos fazer alguns intervalos, de modo a não tornar a tarefa demasiado pesada. No final, vamos pedir-vos um comentário sobre a entrevista e sobre como se sentiram na relação connosco. Os resultados desta investigação vão servir para os psicólogos clínicos e sociais melhorarem a sua própria sensibilidade na relação com as famílias e em relação às suas histórias de vida. Se tiverem alguma questão podem fazê-la à vontade.

Warming up

Bom, em primeiro lugar pedimos-vos que se coloquem mentalmente, que se imaginem nas vossas origens, ou seja, no ambiente de vida, lugares, nos momentos históricos, nas tradições, nas relações familiares e de parentesco como se estivessem a voltar atrás no tempo (convidamos-vos a usar os olhos da criança e do adolescente que está ainda em vocês).

Poderão surgir na mente de cada um imagens e cenários. Pedimos-vos que os focalizem. Têm alguns minutos para que cada um faça esta imersão no passado, fechando os olhos.

Eixo I

1- Muito bem. Agora poderiam fazer-nos ver o vosso ambiente de vida, cada um o seu? Quem começa?

1.2- Pensando na família, quais eram os momentos importantes da vida familiar? Voltem com a mente, seja a situações de vida quotidiana, seja a momentos particularmente significativos da vida da família. Que acontecia?

4- Quais eram as "regras de ouro" da vida familiar para as relações internas da família e com o exterior? Por quem e de que forma eram sustentadas?

5- Podem relatar algumas recordações de infância que digam respeito:

5.1- à relação entre si e a sua mãe.

5.2- à relação entre si e o seu pai.

5.3- à relação entre irmãos (se não houver irmãos, entre primos ou amigos).

6- Que aprenderam na vossa família de origem acerca da relação de casal e da vida de casal? Encontraram "regras de ouro" também a este respeito? Deem-me um exemplo da relação entre os vossos pais através de uma ou duas recordações.

7- Podem dizer-me, ainda através de recordações, alguma coisa a respeito da relação entre os vossos pais e as suas famílias de origem? Que acontecia?

Eixo II

A segunda sessão da entrevista diz respeito à relação de casal. As perguntas são dirigidas e referem-se ao casal em conjunto e vão ser os mesmos parceiros a decidir como responder e reagir às questões propostas.

1- Como é que se conheceram?

2- O que fez com que o vosso encontro se tenha tornado um laço?

3- Com que é que pensam ter casado no outro?

4- Encontraram aquilo que procuravam um no outro?

5- Que descobriram de novo no outro?

6- Houve algum momento particularmente difícil na relação? Como o enfrentaram?

8.1- Agora gostaria que falassem do encontro entre vocês e as respetivas famílias de origem. Podem ilustrar o encontro com algum episódio retirado da vida quotidiana ou também através de metáforas ou imagens.

8.2- Comentem reciprocamente aquilo que o parceiro acabou de dizer a propósito do seu encontro com a vossa família de origem.

9- Como prefiguram o futuro de casal?

Eixo III - Passagem generacional

1- Antes de se casarem ou de se juntarem como casal como imaginavam a vida familiar? Podem apresentar algum exemplo de imagem?

2- Na realidade da vida quotidiana que imagens se realizaram e quais ainda não se realizaram? O que aconteceu igual e o que aconteceu de forma diferente?

3.1- Que consideram importante transmitir aos vossos filhos? Que valores? Que modelos de vida?

3.2- É alguma coisa que tenha a ver com o que vocês receberam dos vossos pais?

4- Pensam ter conseguido passar (ou que conseguirão passar) esses valores e modelos de vida? (Que poderia ser um obstáculo? E um recurso?).

5- Pensem nos filhos. A quem saíram e o que têm de específico?

6- Que trouxe maior dor e o que ofereceu esperança/confiança na vida familiar?

Agradecemos a vossa participação.

ANEXO 2
Consentimento Informado



CONSENTIMENTOS INFORMADO



CAROS PARTICIPANTES...

No âmbito do Mestrado de Psicologia da Família da Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa, Centro Regional de Braga pretendo realizar a dissertação de conclusão sobre o tema: “A Adaptação da Entrevista Clínica Geracional à População Portuguesa”

Este projeto de dissertação surge no sentido de dar continuidade ao trabalho de adaptação e validação de um instrumento dirigido ao casal, *L'Intervista Clinica Generazionale* (ICG), da autoria de Cigoli e Tamanza (2009) que em português se intitula Entrevista Clínica Geracional (ECG) adaptada por Raguso, Facchin, Molgora e Gonçalves (2010). Surge como uma ferramenta inovadora com o objetivo de orientar a intervenção clínica com foco nas áreas críticas das relações familiares. O valor da entrevista é a sua capacidade de combinar a intervenção e a pesquisa sobre as relações familiares através do encontro com o casal parental.

Neste sentido solicito a vossa participação no referido estudo e a autorização para gravar em suporte áudio esta sessão, com fins puramente académicos sendo que a confidencialidade dos dados é absolutamente garantida pois quer a gravação e a análise de conteúdo posteriormente efetuada serão utilizados apenas para a elaboração do trabalho científico mantendo total o sigilo profissional.

Ressalvo o carater voluntario da participação no estudo ao que em qualquer momento poderá ser interrompida, sem qualquer consequências.

Em nome de todo o grupo de investigação, agradeço desde já a vossa colaboração, disponibilizando o contato para quaisquer dúvidas ou esclarecimentos.

Joana Vilela

(Contato: joanavilela13@gmail.com)

Eu, _____ e
eu, _____

declaro que aceito participar no estudo referido, compreendi o que me é solicitado e sei que posso interromper este consentimento em qualquer altura.

Data

Assinaturas

Anexo 3

Tabelas de análise da ECG

Casal 1	Eixo I – As Origens		
Questão	Unidade de análise	Classificação taxonómica	Classificação tipológica
1. Ambiente das origens	(F) quês que comece eu?!...eu, voltando a trás, num é ahah a minha infância foi um dos períodos mais felizes da minha vida, porque era um ambiente familiar muito calmo, eramos muitas crianças. Além de haver muitas crianças era um ambiente calmo. Os meus pais são pessoas calmas e havia um ambiente saudável, num havia discussões os meus pais davam-se muito bem, ocupavam-se muito de nós, passear ao fim de semana, íamos almoçar todos juntos e depois lidávamos muito numa aldeia, onde fazíamos muitas atividades, ir ao campo, ao monte, tínhamos vizinhos que eram agricultores então os meus pais deixavam-nos ir com eles. Já que com eles não podíamos ter essas experiências tinhas com os vizinhos, tinham animais e prontos eu tenho uma boa recordação da minha infância. Era um ambiente de muita brincadeira, os meus pais são alegres e como, hora bem...as minhas três irmãs, duas mais velhas e eu três, temos 2/3 anos de diferença umas das outras, depois as outras duas que nasceram mais tarde e que já faz grande diferença, de 12/14 anos de nós, portanto eramos 3 que depois passamos a 5, mas enquanto 3 eramos muito unidas e então tínhamos sempre a proteção umas das outras e havia sempre brincadeira, então foi ótimo...	Conteúdos mentais: Ricos Positivos	Fecundo
	(M) eu prontos nasci em frança estive la até aos 7 anos, depois viemos para ca para Portugal, o meu pai trabalhava bastante era muito raro tar em casa, a nossa relação também não era muito fértil num eramos assim muito (próximos?) ...chocávamos bastante os dois um com o outro mas fora essas divergências tive uma infância opa normal...depois perdi-me um bocadito quando era adolescente e fiz algumas asneiras e assim o que também se calhar piorou um bocado a relação com o meu pai, mas tive uma infância também feliz a bem dizer...	Qualidade dos afetos: Ricos Positivos	
1.2 Ambiente das origens	(F) Num percebi bem a pergunta... (que momentos, em família, eram mais significativos?) olhe...eu para mim era o acordar, o acordar em casa era um momento muito...muito...marcante porque? Porque nos acordávamos, tavamos felizes por que o meu pai ponha logo música ao acordar dançava com a minha mãe, esta a ver este ambiente a tomarmos o pequeno-almoço, quem é que não contagia num é...são pessoas mesmo muito alegres. Num é que tenham uma vida muito abonada mas são pessoas que são felizes com pouco e dai a grande felicidade...de com pouco estarmos felizes e acordávamos assim, então	Conteúdos mentais: Pobres Contraditórios	Ambivalente
		Qualidade dos afetos: Pobres	
		Ritualidade rotineira	Ambivalente

	o dia acabava por correr bem num é porque acordar com esta boa disposição, com esta energia era ótimo...para mim era isso era as manhãs...		
	(M) eu não...eu era mais as...prontos tipo quando tínhamos um ambiente assim mais familiar, talvez ao fim de semana nas horas do almoço e assim quando conversávamos mais um bocado e estávamos mais relacionados mais juntos, visto que o meu pai também trabalhava fora e aproveitávamos mais os almoços e o jantares assim de fim-de-semana para socializar mais um bocado e falar, conversar.		
4. Regras de Ouro	(M) as minhas eram mais sustentadas...pela...pela...minha mãe e a educação e o respeito e essas coisas era a minha mãe...as coisas que ela mais tentava impregnar ou...que nos fossemos educados, que fossemos respeitosos em relação aos outros e era mais a minha mãe que tratava dessas coisas visto que o meu pai trabalhava fora e estava mais ausente...	Presença de regras construtiva	Fecundo
	(F) eu basicamente também é a mesma coisa a minha mãe foi uma pessoa que nunca trabalhou, cuidou sempre das filhas, o meu pai num queria que ela trabalha-se derivado a ter tantas filhas tinha muito trabalho em casa, também era mais a figura maternal que imponha as regras em casa e era muito na base do respeito para com os outros sempre, queria que a gente quando saísse de casa respeitasse as regras dos sítios onde estávamos e as pessoas com quem nos lidávamos		
5.1 Relação com a mãe	(F) eu posso falar sobre isso...eu por exemplo tenho uma relação muito melhor com o meu pai do que com a minha mãe, mais por causa do feitio, o meu pai é mais meiguinho mais atencioso, a minha mãe também o é mas não o demonstra, não sabe demonstrar e então não é de dar muito um beijinho, um carinho e então eu ligo-me mais a personalidade do meu pai...normalmente costuma-se dizer isso, as meninas são mais pro pai num é...e eu olhe é mesmo isso...	Instrumental	Falido
	(M) eu não, a minha relação com sempre foi assim mais...ate a uns tempos para ca que eu agora hoje em dia talvez me relacione melhor com o um pai do que com a minha mãe mas quando era mais novo era a minha mãe, que também me relacionava mais	Construtiva	Fecundo

5.2 Relação com o pai	(F) a uns dias... (M) uuhm temos as nossas chatices...um momento positivo ou negativo.. (o que preferir) o meu pai também é um bocado com a mãe dela é uma pessoa que num demonstra o carinho tem uma forma muito especial de demonstrar que num esta a demonstrar nada mas eu percebo porque é meu pai. Mas assim algum momento que me tivesse marcado... (F) tiveste a uns dias...na passagem de ano...um momento marcante... um abraço forte um beijinho coisa que num é costume, nunca tiveram... (M) sim aha sim... (F) num foi...foi...num é?	Carente	Falido
	(F) com o meu pai eu estava sempre a espera que ele chegasse do trabalho para brincar comigo, que era ele que se ocupava de brincar comigo, brincadeiras as vezes sem jeito nenhum mas eu adorava pronto e ele também...era aqueles momentos especiais, quando ele vinha, que eu sabia que ele ia estar la para brincar um bocadinho comigo.	Expressiva	Fecundo
5.3 Relação com os irmãos	(F) a minha é ótima, nunca me zanguei com as minhas irmãs, tenho uma irmã que fez ontem 39 anos e tenho outra com 18, a mais nova, e depois tenho outras duas no meio e nunca tivemos uma zanga...temos assim uma discussãozita a conversar e assim...coisas em que num nos entendemos, que num temos a mesma opinião, mas ter uma zanga não...temos uma boa relação e num tenho qualquer problema com as minhas irmãs pra além de sermos 5...	Expressiva	Fecundo
	(M) eu só tenho uma irmã e o nosso relacionamento é bom, quando eramos mais novos num...num era muito bom que ela andava sempre a tentar arranjar-me confusões ca minha mãe...ela é mais velha...porque ela era muito pegada a minha mãe... e tentava arranjar disputas entre nós...sei lá por ciúmes talvez...num sei qual era a ideia dela...mas agora atualmente ela também é uma mulher e já num há essas coisas, mas em pequenas era complicado... tínhamos algumas zangas....	Ambígua	Ambivalente
6. Aprendizagem da relação de casal dos pais	(F) eu baseio-me muito na minha vida como casal no que aprendi, do que eu vi do que é viver em casal com os meus pais, por exemplo...a minha mãe e que gere a casa e que desempenha as tarefas domésticas, porque também não trabalha e ocupa-se num é...ehm em termos financeiros também éO meu pai e que gama mas é a minha mãe que gere as despesas e praticamente...bem num é bem assim porque eu também trabalho mas mais o menos e a mesma coisa que aprendi com os meus pais que a gente vive...	Valorização Imitação	Fecundo
	(M) na minha casa também era mais o menos a mesma coisa, apesar de a minha mãe também trabalhar, sempre trabalhou toda vida trabalhou, mas era ela que geria a casa e o dinheiro e essas coisas e também foi...opa num terei grande...também o relacionamento era assim bom, mas como o meu pai era para mim também era pra minha mãe, assim uma pessoa que num	Valorização	Fecundo

	demostra muito o carinho e essas coisas, mas opa num tirei nada negativo, mas em termos relacionais de homem e mulher		
7. Relação entre as estirpes	(M) é assim a relação entre os meus pais e os meus avós... a minha avô materno não a conheci, a minha avó materna faleceu tinha eu meus 11/ 12 anos, era das pessoas que eu mais gostava, inclusive até mais que a minha mãe, eu fui criado por ela, estive muitos anos com ela...da minha parte paterna viveram até mais tarde, faleceram a meu dúzia de anos, mas era uma relação mais distante...que eles eram lá de cima de Melgaço também e estávamos muito pouco com eles, até foi mais na parte final da vida deles que nos relacionamos mais um bocado, mas dava-se bem os meus pais com os meus avós tanto com os tios, o relacionamento era mais com a minha avô materna...	Presença de recordações construtivas	Fecundo
	(F) Eu também é igual os meus pais davam-se muito bem com ao pais deles e mesmo sogros com sogros, havia um bom ambiente...	Presença de recordações construtivas	Fecundo

Casal 1	Eixo II – O Casal		
Questão	Unidade de Análise	Classificação taxonómica	Classificação tipológica
1.O encontro	(M) aah (F) quês falar tu? (M) conhecemo-nos, conhecemo-nos...numa discoteca num foi.. (F) não a primeira vez que nos vimos...já ta a meter a pata na poça...a primeira vez que nos vimos, vimo-nos não nos conhecemos numa praia daqui, depois mais tarde, eu um dia a tarde fui passear com as minha colegas e fomos a discoteca e aí conhecemo-nos apresentamo-nos. Foi ai, mas a primeira vez que nos vimos... (M) foi n' afife (F) é foi em Afife na praia... (M) quer dizer a primeira vez que te vi...eu já te tinha visto antes...mas assim a serio foi numa discoteca em Barroselas...que nos apresentamos, o primeiro beijo, essas coisas assim...	Tempo favorável	Fecundo
2. Do encontro à relação	(F) eu tenho a minha opinião mas gostava de ouvir a dele... (M) ooh claro que na altura eramos jovens e assim a primeira coisa é claro que foi a parte física, e a atração que...quer dizer... (F) eu por exemplo quando o vi, se calhar pode achar estranho aquilo que eu vou dizer, normalmente não ligo a parte física, num ligo mas quando o vi, num foi o físico foi o olhar...achei que era uma pessoa especial e que iria ficar pra minha vida...que ia ser o meu marido, o pai dos meus filhos e que talvez morrêssemos velhinhos junto (risos) nunca se sabe...	Há distinção entre encontro e relação e existe identidade de casal	Fecundo
3. O que casaram no outro	(F) com que é casas-te em mim...num me digas que foi co aspeto físico porque esse vai mudando ao longo dos anos (risos) ... (M) não assim era uma rapariga sossegada, simpática, bonita também, porque o físico também conta num podemos dizer que não mas achei que era uma pessoa que era o ideal para mim para estabelecer o resto da minha vida...de resto é isso...depois de nos conhecermos melhor de foi isso... (F) eu acho que uma mulher quer encontrar além de muita coisa num homem é...é a segurança. Num é?! Que o que a gente vê nos nossos pais, aquela segurança e procura-se sempre essa tranquilidade e eu ao lado	Reconhecimento do pacto secreto existente e valorizado.	Fecundo

	dele sentia-me sempre segura amada e prontos achei que foi basicamente isso... e gostei da pessoa que ele é em si, num é a personalidade dele ia bem com o que eu acho ideal para eu me sentir bem com ele. M. enganei-te bem num é (risos) é a vezes que acho isso (risos)		
4. Encontraram o que procuravam no	(F) sim (M) sim...é”	Expetativas atendidas satisfatoriamente	Fecundo
5. Novas descobertas	(F) eu acho que com o passar dos anos a gente vai descobrindo facetas que desconhecia num é...porque quando uma pessoa esta apaixonada num vê nada e depois a paixão vai acabando e fica o amor... num é...quando fica...neste caso fica o amor, mas a certas atitudes que a gente as vezes num...num esta a espera e magoou-a, mas depois vem um dia que faz as pazes e prontos...quando num são coisas muito sérias num é... o que eu acho que ate hoje, fora uma coisita ou outra é tudo relativo passa. (M) já não me lembro da pergunta, desculpa... (Que descobriram de novo um no outro?) ... (F) achas que eu sou sempre igual...manteve sempre os mesmo ideias...agora prontos a coisas que mudam mas num foi nada assim..... esta mais madura, como pessoa que ela era assim mais brincalhona antigamente e que agora já deixou de ser mas isso também é próprio da idade mesmo	Renovação	Fecundo
6. Momentos difíceis	(M) Houve, houve momentos que foram mais difíceis e enfrentamo-los os dois levantando a cabeça sozinhos e lutando contra essas divergências que há e que acontecem (F) eu acho que como casal nos num nos apoiamos nem nos pais nem...na família, nos tentamo-nos sempre desenrascar os dois, mas num envolvemos mais ninguém e há dias difíceis num é como todas as famílias num é e tentamos superar os dois sozinhos uns dias melhor outros dias pior, mas a estratégia é o amor que vai vencendo...	Presença de empenho e responsabilidade pela relação; sentimentos de transformação vivificante.	Fecundo

<p style="text-align: center;">8.1 e 8.2 Encontro com a família</p>	<p>(M) Num foi bem um encontro foi, visto que eu já conhecia os pais dela desde pequenos que eles eram amigos dos meus pais e vice-versa num é...nós costumávamos lidar já com eles e foi mais acho que um reencontro porque já a bastante tempo que não estávamos juntos e assim, mas eles era conhecidos nossos num foi aquele...vais conhecer meu pai, a minha mãe, num foi bem isso porque eu já os conhecia...já tínhamos passado até o natal juntos...coisas assim em que já tínhamos feito em conjunto e numa relação já boa... (F) e eu é igual, eu já os conhecia mas era mais pequenita por que nos fazemos diferença de 5 anos, portanto eu não me recordo dos pais dele...e engraçado mas recordo-me mais da avó, porque se calhar era uma personalidade mais marcante e é dela que eu me recordo, dos pais dele não, mas sim tive uma boa reação, são boas pessoas, pessoas de respeito, trabalhadoras e prontos...talvez me foi um bocadinho difícil adaptar-me porque tem uma personalidade totalmente diferente das dos meus pais. São pessoas mais enérgicas, mais nervosas, ocupadas e mexeu um bocadinho comigo no início ma depois adaptei-me bem. É foi aquela fase da adaptação e depois a minha sogra é um escorpião, num filtra diz tudo que acha que pensa e chocava-me, mas agora ate aprecio porque pessoas frontais não há melhor, pode chocar mas ao menos...” (F) eu já sabia num é que ele conhecia melhor a minha família que ele a dele porque ele era mais velho recorda-se melhor e sei que ele se da muito bem com os meus pais porque a gente vai la uma vez por semana, para estarmos juntos, almoçar ao domingo e tratam-no muito bem, talvez até melhor que a mim porque são inteligentes...ao cuidar dele, ele gosta de estar e leva a filha e os netos...não gostam muito dele e sei que ele também gosta muito deles e há uma boa relação (M) ela com a minha mãe ao princípio chocavam um bocadinho, havia aquela empatia, aquela amizade e visto o que ela disse da minha mãe ser muito direta ao princípio as coisas não corriam assim tao bem como ela...agora acho que sim, com o meu pai não teve assim nada especial</p>	<p>Sentimentos de contágio; reconhecimento da diferença e sentimentos positivos.</p>	<p>Fecundo</p>
<p>9. Futuro do casal</p>	<p>ta difícil essa pergunta (risos) (F) eu acho que é uma grande prova de amor num é nos dias de hoje um casal sobreviver e eu acho que a receita esta no amor porque foi o que nos...lá esta eu olho, olhando para trás os casais todos que se juntaram ao mesmo tempo do que nos</p>	<p>Sentimentos de confiança e</p>	<p>Fecundo</p>

	<p>acho que sobreviveu um de muitos, portanto ai esta num é esta difícil hoje em dia com tanta informação com tanta coisa acontecer...ehehe...mas eu acho que havendo amor, respeito e confiança eu acho que é a parte mais fundamental num casal é confiança, num havendo confiança num há mais nada... e eu acho que se continuarmos a depositar confiança um no outro vamos conseguir envelhecer juntos como eu vi no olhar dele...mas isto é um pensamento não sei se irá acontecer (M) já estamos a 16 anos juntos acho que também em princípio, não deve haver nenhuma pedra pelo caminho que havemos de chegar la, até ao final, mas só a vida o dirá...</p>	<p>esperança na relação.</p>	
--	---	------------------------------	--

Casal 1		Eixo III - Passagem Generativa	
Questão	Unidade de análise	Classificação taxonómica	Classificação tipológica
1. Prefiguração da vida familiar	(M) antes casarmos...já pensava mais o menos...também sou um bocado mais velho do que ela...e não houve nada assim que me surpreende-se. (F) eu também era mais o menos isto que imaginava...os dois juntos a tentar ultrapassar os obstáculos...filhos...sempre me imaginei com filhos uma casa...viver independente da família, quer dizer só mesmo nos o núcleo e ...e é isso quem tem vindo acontecer	Prazer de imaginar	Fecundo
2. Imagens realizadas e não realizadas	(F) eu acho que o que eu imaginava, aquilo que...que era nós os dois e filhos já aconteceu...essa já está...agora gostava de...um dos meus objetivos era formar os meus filhos, que eles tivessem uma boa educação e tamos a caminhar pra isso vamos lá ver se conseguimos atingir o objetivo e acho que o que eu queria esta...o que eu desejei esta – se a concretizar aos poucos. (M) eu igual também...imaginava-me com filhos e estar bem no casal e com as crianças e esta a acontecer...	Imagens estereotipadas Confronto alimentado pela dúvida e pelo medo	Fecundo

<p>3. e 3.1 Valores e modelos a passar aos filhos</p>	<p>(M) É importante transmitir...o que nos tentaram transmitir a nós os nossos pais sermos, respeitosos, educados, uma formação num é pra que tenham uma vida melhor ca nossa...tanto eu como ela num estudamos nem nos forma-mos nem nada e é isso que eu espero num é...que dizer pelo menos com mais ferramentas (F) é eu na minha opinião em tento sempre inculcar na educação deles serem miúdos agradecidos porque...e educados num é...porque a gente esta a habitua-los a viver com pouco pra quando haja algo mais eles se sentirem sortudos num é ...darem valor porque a gente num quer dizer que dando-lhes tudo o que eles querem estamos a dar uma boa educação, eu acho que isso é negativo, eu fui educada que para conseguir ter mais alguma coisa para além do básico, tinha que lutar pra isso, por exemplo eles tem os seus peteiros num é a gente tenta-lhes inculcar isso e quando a gente vê que da para darmos alguma coisa extra tudo bem, quando num da eles se quiserem tem de o pagar do bolso deles para assim também darem um bocadinho de valor, porque tudo de mão beijada eles acabam por ser miúdos materialistas e num darem valor.... (F) eu é (M) sim também no meu ver, a educação que...por muito que...vai sempre buscar a educação que os pais nos deram, mesmo que uma pessoa tente mudar e ser diferente vamos sempre la dar, ao que os nossos pais nos transmitiram... (F) eu acho que tivemos uma boa educação tanto da minha parte como da dele e por mais que nos queiramos modernizar...é verdade que inculcamos outro tipo de valores, mas os que nos passaram foram bons e a gente tenta-os passar aos nossos filhos...</p>	<p>Transmissão precisa de valores</p>	<p>Fecundo</p>
<p>4. Sentido de eficácia parental</p>	<p>(F) eu acho que sim, acho que sim...nem sei bem como é que ei de explicar eles absorvem bem os valores que a gente lhes dá...porque também temos filhos que são...são bons meninos...que a pais que mesmo tem essa consciência, por mais que tentem passar uma boa educação aos filhos são crianças difíceis que é complicado e nós graças a deus tivemos uns filhos maravilhosos até ao dia de hoje nunca nos deram problemas...são miúdos educados a gente vai falar com os diretores de forma e passam-nos boas informações e isso para nos é um sucesso, quer dizer que estamos a passar uma boa educação, as vezes há...aquelas duvidas...será que? porque num há um manual de como ser pais e a gente tem que ter a consciência que as vezes, de pararmos e pensarmos, será que estou a fazer bem e depois ouvindo estas opiniões do futebol, da escola...acho que esta a correr bem</p>	<p>Sentimento de eficácia construtiva</p>	<p>Fecundo</p>

<p>5. Identidade dos filhos</p>	<p>(M) o mais velho tem tudo a ver comigo seja fisicamente e ate acho que psicologicamente, o mais novo é mais a mãe mais sossegado, mais calmo assim mais ponderado até, o mais velho é mais o pai mais explosivo, mais extrovertido e as pareenças são essas, fisicamente também é muito parecido comigo e psicologicamente também, o mais novo é mais a mãe o mais velho e mais o pai. (F) eu também eu sou da mesma opinião, o mais velho tem tudo a ver com o pai tanto que ate chocam um bocadinho por serem tao parecidos e eu e o meu pequeno também acho que fisicamente e psicologicamente tem tudo a ver, eu as vezes vejo certas atitudes que ele tem que estou a ver a mim quando era da idade dele mais sossegado, tem o lado arisca mais controlado e o mais velho não, é mais explosivo as vezes não mede certas coisas...também é da idade esta na pré-adolescência, esta tudo acontecer ao mesmo tempo e as vezes eles não geram bem mas acho que tem sido tudo muito...a gente é que num gosta e quer que eles sejam os filhos perfeitos...</p>	<p>Réplica</p>	<p>Ambivalente</p>
<p>6. Sofrimento, esperança e confiança na vida familiar</p>	<p>(M) até aos dias de hoje, assim o que me marcou mais foi a morte da minha avó, e o que me trouxe maior felicidade foi os meus filhos, a partir desse momento uma pessoa sente-se mais realizada...é uma coisa que é nossa e o princípio da nossa vida e são os dois marcos, um deles pela negativa e outro pela positiva. (F) eu...eu.ora bem eu acho que o melhor momento da minha vida foi o nascimento dos meus filhos, aquele amor que começa desde que a gente fica grávida e começar a sentir e até hoje foi dos melhores momentos da minha vida...os mais infelizes acho que é mesmo quando os vejo doentes...quando os vejo hospitalizados e a velos sofrer que num conseguimos fazer nada por eles é uma dor que não se consegue descrever é uma angustia...uma num sei...porque já tive um episodio grave com o mais velho no hospital e para mim foi dos priores momentos da minha vida.</p>	<p>Sentimentos de dúvida e confusão</p>	<p>Ambivalente</p>

Casal 2	Eixo II - O Casal		
Questão	Unidade de Análise	Classificação taxonómica	Classificação tipológica

Casal 2	Eixo I – As Origens			
Questão	Unidade de análise	Classificação taxonómica		Classificação tipológica
1. Ambiente das origens	<p>(M) Eu sou sincero num é que me lembre muito, muito, muito, mas o ambiente acho que não era mau, era...nos somos uma família muito grande eee era o que havia a gente tinha que se sujeitar ao que havia e num...a minha mãe conseguiu cria-los todos e num, como é que ei-de dizer era diferente do que é agora, tínhamos aquilo e nós sujeitávamos aquelas coisas eeee...num era mau pronto, eu penso eu que não era mau, em relação a muitas num era mau, dava-nos aquilo que tinha e nos fazíamos, ajudávamos todos uns aos outros e dentro disso acho que... (M) fugindo um bocadinho desculpa lá mas uma pessoa como a lembrar, nesse aspeto os meus eram muito liberais (F) eram nove filhos (M) tava tudo bem mas se enerva-se num havia quem pudesse estar a beira dele, mas era só mais fogo-de-artifício, como diz o outro, dificilmente...antigamente ate se batia mais, mas dificilmente ele nos batia e se batia era assim uma sapatada nada de...hoje pronto é totalmente diferente, acho que num batemos nos filhos e eles apoderam-se mais de nós ate, nós num podemos bater e depois damos certas coisas, quem pode num é, certas coisas e porque num fazem, o telemóvel essas coisas todas e depois e um bocado difícil controla-los, dai tudo...hoje quem pode hoje tem tudo...e dar-lhe para vir... (F) querem uma coisa tem e... num era bem assim, para coisa tinha sua hora (M) e queixamo-nos as vezes, porque eles também num sabem o correto e eu digo-lhe muitas vezes, dantes não queríamos ouvir os pais, mas vai bater aquilo que nos diziam...igualzinho...o meu pai dizia assim, quando tiveres filhos tu as de ver o que vai ser e num falha e nesse aspeto por mais que queiramos fugir podemos ter um bocadinho outras ideias mas...como se diz quem sai aos seus... é igualzinho nos temos sempre pareçença com o pai, se num é este e aquele...temos um bocado, não temos bastante dos pais agora podemos e mudar um bocado num é com a mentalidade e assim...e pelo menos os nossos, por exemplo o pequeno, ela sabe muito bem, detesta ouvir-me falar alto, ele para ele e como quem lhe espeta sei lá e eu sinto isso e então eu tento as vezes num falar pra...alguma vez eu tinha palavra pra dizer ao meu pai que esta a falar alto...essas coisas num tem nada haver e num continuamos a dizer que nos queixamos e as vezes até convém ver que pra uma pessoa se sentir mais relaxada, o</p>	Conteúdos mentais: Pobre Positivos	Qualidade dos afetos: Ricos	Ambivalente

	<p>dia-a-dia quem quer fazer a vida tem que, como temos responsabilidades temos que... (bom! já vamos a isso assim mais a serio)</p>			
	<p>F) eu era diferente, a minha família é pequena, os meus pais, mais o meu pai era rigoroso connosco, nos estudos, em tudo o que fazíamos em casa e mesmo na educação e pronto lembro-me de muitas coisas que, ele era muito rígido sobretudo na educação, mas de resto...</p>	<p>Conteúdos mentais: Pobre</p>	<p>Qualidade dos afetos: Pobre</p>	
<p>1.2 Ambiente das origens</p>	<p>F. eu pronto...lembro-me só...que que acontecia, o meu pai saia para o trabalho, tinha problemas com o álcool e havia ali situações com o problema com o álcool, por vezes a gente, apesar de ele ser...ele era um pai muito trabalhador, mas a mãe e que era a mãe e o pai, sempre foi, mas também não havia assim grandes convívios num havia, sair não se saia com o pai e com a mãe, a nossa união era a mesa não havia grandes conversas, a minha mãe sempre foi uma boa mãe mas dentro daquilo que ela foi educada também...que por exemplo...num sei se...eu vou falar isto...num sei se posso falar (força) ...era uma boa mãe, não há duvidas nisso, criou-nos e estamos muito bem-criados...mas pronto não era a mãe como eu sou agora...que filha começas-te a namorar, precisas de ir ao médico, pra tomar pilula, precisas disto, vamos tratar disso num há necessidade de acontecer nada, filha correu bem a escola, que tal, precisas de ajuda ou disto, daquilo ou ...filho então...como é...o futebol, o treino, e a escola, conta-me o que se passa...isto é agora mas antigamente não havia...era só a preocupação de trabalhar, para ganhar dinheiro e nos dar de comer e prontos...não os condeno, nunca, nunca na vida, mas era a educação que eles tiveram</p>	<p>Ausência de ritualidade</p>		<p>Ambivalente</p>
	<p>(M) é...é o meu pai trabalhava, a minha mãe não trabalhava, tinha a minha avó ahm...pronto essencialmente era isso, conversávamos a noite em casa...mas como é que ei-de dizer era uma vida totalmente diferente, daquela que os meus filhos tem agora...</p>	<p>Ritualidade rotineira</p>		
<p>4. Regras de Ouro</p>	<p>(F) foi sempre o meu pai... e ensinavam-nos um bocadinho de tudo sou capaz de semear umas batatas como qualquer coisa e isso é bom</p>	<p>Presença de regras rígidas mas construtivas</p>		<p>Fecundo</p>
	<p>(M) eram por o meu pai que levava o dinheiro para casa e a minha mãe fazia o resto das coisas, tratava de tudo até um ponto depois começamos a trabalhar e ir a tropa e só dois é que estudaram ate mais tarde...depois o resto... (então, essa era uma</p>			

	<p>regra...assim que se acabasse os estudos iam trabalhar) era e estudos era só ate onde se chegasse, e por isso e que eu me deixei andar e a segunda vez que reprovei foi trabalhar e nas férias, nas da primária era mais ir apanhar pinhas e se se apanhasse 2 sacos de pinhas já se podia ir brincar</p>		
5.1 Relação com a mãe	<p>(F) (risos) por acaso eu tenho uma..... (M) então diz...a ver se eu me começo a lembrar de alguma (F) eu foi a minha mãe uma vez atras de mim ate ao monte (risos) eu essa lembra-me porque é assim eu era mais rebelde um bocadinho que a minha irmã e as vezes claro num queria fazer tanto trabalho ao chegar da escola, porque eu também andei sempre muito a estudar, era mais dedicada e ela mandava-me fazer o jantar, era tudo de casa e houve uma altura que eu disse que não, que não, que não...e ela foi atras de mim</p> <p>(M) eu sei la talvez já tinha ai 17 anos, e assim a que mais me lembra...andava a trabalhar em Caminha e então esperava por o monitor e uma vez comecei a fumar e a minha mãe passou por ali e viu-me la sentado e eu apercebi-me que viu mas pronto segui sempre e uma vez fomos ao médico e então fomos a casa do povo e aquilo parece que foi feito já por ela e pelo medico sabes... (F) já namoravas comigo (M) e enta o médico começou a fazer perguntas e isto e aquilo e fuma? Fumo, pronto o que a minha mãe queria ouvir era isso...se eu digo que não já estava... e depois comecei a dar beijos no cinzeiro (risos) e agora já deixamos os 2 prai a 2 anos</p>	Instrumental	Falido
5.2 Relação com o pai	<p>(M) vou falar antes que me esqueça, eu...eu com essa fiquei, ainda hoje me lembra porque eu respondi mal ao meu pai e sinto ainda as vezes...andava a trabalhar e ai ade mota po trabalho e o meu pai tinha o vício, acabávamos de almoçar e ia ao café jogar a partidinha de sueca dele, jogava-se muito naquela altura, ainda pra mais na aldeia, eu acho que eu ai ainda era...tinha ai uns 14/15 anos...mas eu lembra-me como se fosse hoje...e então o meu pai ia jogar a partida e então em vez de pegarmos a uma pegávamos as duas, duas menos um quarto e eu o que que eu queria era chegar ao fim do trabalho e sair mais cedo e então disse-lhe ao meu pai ah num sei que você vai jogar partida depois saímos tarde isto e aquilo...o meu pai foi como quem lhe espetasse uma faca e ele ficou muito ofendido, e sentiui-se muito e reparei nele e realmente fiquei e até hoje num me esquece dessa e então ele ficou muito chateado comigo, que ele nem era de ficar chateado, na altura mas depois passava e então ele tamem ficou tao coiso que deixou de ir jogar as cartas e então eu ai e que fiquei...ainda hoje se lembro de</p>	Expressiva	Fecunda

	<p>alguma coisa e que achei que foi assim mais...ficou-me ali espetada aquela...e depois ele dizia-me assim...passado algum tempo...anda que tu quando tiveres filhos vais ver...e é essa é igualzinho...</p> <p>(F) o meu pai num é de bater num é de...mas houve, quando nós, quando ele tinha que bater mesmo ai a coisa era seria (M) batia pouco mas bem (F) é verdade só me lembro de duas também, nunca me bateu só...me lembro dessas duas...foi uma vez que apanhou-me o maço de tabaco, que dizer ele num me bateu mas ameaçou-me bem e o deitou pro fogão e que não adiantou nada eu dizer que era doutra colega (M) num sabíamos nos que aquilo deixava um cheiro, na roupa em tudo, nos depois de deixarmos de fumar é que sentimos, nós íamos fumar um cigarrinho, uma chiclete e já passou o cheiro (F) num passava nada, nós achávamos que os nossos pais eram burros e nós agora e que...e outra foi uma vez que me arrancou o telefone (M) por minha causa (F) os meus pais não concordavam muito com o nosso namoro e foi complicado e ele num...até ao dia do casamento... (M) é o mal de muitos pais, como ela era estudada e eu não preferiam um estudado e que ela se sentisse... o que é que eu e ela fomos marrões e hoje estamos felizes e se calhar hoje andavas ai...divorciada...até podias andar bem, mas o que... (F) não lutamos muito os dois...</p>		
5.3 Relação com os irmãos	<p>(F) ui...péssimo eu sempre tive uma péssima relação com a minha irmã...a minha irmã eram sempre intrigas com os meus pais e ate não a muito tempo que isso acabou acho eu, não a muito tempo porque foi no divórcio dela, a partir dai é que as coisas começaram a acalmar mas eu sempre me deu muito mal ca minha irmã e feitos completamente diferentes, tudo diferente...</p> <p>(M) eu, eu acho que foi boa com tantos, que num tenho que apontar o dedo a nenhum...tinha um como eu, e senti um bocadinho a falta porque pronto (F) era mais velho, 25 anos quando faleceu (M) que era mais rigoroso e então quando as minhas irmãs saiam e eu gostava dele...ela sabe muito bem...e aos irmãos e as irmãs também a coisas que se podem evitar...como a minha irmã mais nova e isso e então resmungo e então dizem num tens nada haver...mas num tenho e tenho num é... (F) são muito unidos mesmo que num tenham razão tentam chegar acordo...</p>	Expressiva	
6. Aprender	(F) dos meus pais aprendi uma coisa que ainda agora contínuo, que nunca gostei na parte da relação dos meus pais que foi a mulher depender do homem, nunca gostei por	Valorização	

	<p>isso lutei sempre para que fosse independente, nunca quis depender de ninguém e eu vi isso um bocadinho nos meus pais a minha mãe sempre foi muito dependente dele e é difícil, acho que é... foi uma coisa que me marcou e depois também em relação a outros valores sempre foram muito unidos, claro que tiveram as suas coisas, mas sempre foram um casal que lutaram pela família e os filhos em 1º lugar e a casa digamos assim, claro que eles também lhe faleceram muito cedo os pais e se calhar isso fez com que eles se aproximassem mais</p>	Idealização	
	<p>(M) eu sempre vi os meus pais muito amigos um co outro, o que dizia um...a minha mãe queria fazer obras na casa, deixava o meu pai ir trabalhar e com um machado destruía tudo e o meu pai chegava a casa ralhava-nos, mas depois fazia, tinha que fazer e a minha mãe depois ajudava...acho que eles trabalharam por filhos só e acho que continuam a trabalhar...eu ate dia a S. nós criamos dois filhos e queixamo-nos eles num sei...</p>		
7. Relação entre as estirpes	<p>(F) os meus avós faleceram eu era tão pequena...mas lembro-me de bastantes divergências porque realmente, tanto do lado do meu pai como da minha mãe, então em partilhas...deus me livre...eu dou-me bem com todos eles é que chatearam-se quando eram mais...quando houve essa tal...isto porque havia bens.. (F) já eram mais velhos...mas nota-se uma diferença grande... (F) agora e que eu estou a pensar nós os dois que diferença temos em famílias, tanto é que eu refugiava-me muito na família dele sempre desde os 14 anos... (M) é uma família que fala muito alto (risos) e as vezes a minha mãe ta doente e nós não controlamos e quando damos por ela tamos todos (risos)</p>	Presença de recordações construtivas	Fecunda
	<p>(M) nos como não havia bens, só bem uns com os outros...o meu pai tem 14 irmãos vivos...faleceu o meu pai a 2 anos mas ficaram todos...eu acho que...e a da minha mãe não era muito grande...mas eles sempre se deram bem...eu acho que nunca tive...nunca vi nenhum irmão, pai, ou este ou aquele, zangada um ano, mês, uns dias...só aquelas broncas que é normal discutem e depois passa e até tínhamos um que era bem perigoso mas de resto...eles viviam todos em Guimarães e muitas vezes do verão vinham cá...era uma família que juntava-se sempre e as vezes eramos muitos...ela nem tanto... (M) nesse aspeto era pobre mas era rica em...prontos todos se davam bem...se os outros tinham, nós não tínhamos nada haver co isso...</p>		

1. O encontro	(M) ainda tenho uma recordação que alguém me dizia ela andava a volta do teu irmão do teu irmão eee...num era assim qualquer coisa e (F) era teu primo (M) e ela ia ao futebol e ou nunca me deu a entender que...que...que... (F) que andava interessada (M) e eu era novo deixava-me andar e depois foi assim... (F) eu tinha 14 anos tu tinhas 17 (M) e depois foi no dia 19 (F) de abril de 1986 (risos)	Tempo favorável.	Fecunda
2. Do encontro à relação	(M) isso agora é contigo... (risos) eu sei que tu me pediste em casamento na discoteca Rock House e foi lá que casamos (M) e moramos la perto, a 50m sequer, eu acho que foi por...por...depois ela andava a estudar...ela é de Gondarém eu é que sou de Lanhelas...e a colegas e tudo...foi andando, fomo-nos aproximando e depois umas cartinhas e telefonemas (F) e ia ao futebol (M) até chegou a ir com o pai também (F) até cheguei a ir a discoteca com o pai e com a mãe (M) e tínhamos as coisas muito interessantes (M) de Lanhelas a Gondarém são... (F) 3 km (M) e o pai dava-lhe 10/ 15 mim pra tirar o carro, ir ter comigo, tomar café, por o carro na garagem e tar la em cima...jasus... (risos) (F) e ele já estava a minha porta a espera mas isso já foi quando tinha 18/19 anos (M) mas foi ai que começou (F) tinha aulas de musica e ele vinha de bicicleta só para me ver porque num tínhamos contato (M) tinha aulas de musica numa capelinha que eu muitas vezes ia a pé, ate pela linha pro pai dela num me ver, e uma vez cheguei la entrei assim pra um canto pra num me ver, mas o tio veio busca-la e eu nem com ela estive....	Há distinção entre encontro e relação; estado da identidade de casal: existe	Fecunda
3. O que casaram no outro	(M) a paciência que tivemos um com o outro, porque os pais num deixavam que eu e que era... (F) acho que amor proibido é melhor (M) é isso e acho que ali mostramos que gostávamos um do outro eee até na altura em que foste estudar para o Porto...que eu dizia que se fosses se zangamo-nos e num sei que num sei que mais...num pensava era no resto num é...eu acho que eu e ela nós anos todos que namoramos que foram 14, o máximo que tivemos zangados foi pra ai 2 dias ou 3 num foi... (F) mas sempre em contato (risos) (F) e os conflitos q tínhamos era por causa dos meus pais (M) e quando uma vez chegas-te ali a cima e foi que vai ter que ser cos meus pais num querem e temos que acabar mesmo (F) ele...não num temos... (M) e aguentamo-nos e pronto (F) nos pensávamos era em estar juntos, em viver juntos, em ter a nossa família, era uma coisa que nos falávamos muito e então no inicio do casamento nos queríamos era...começar...	Reconhecimento do pacto secreto existente valorizado	Fecunda

4. Encontraram o que	(F) sim (M) acho que sim, sim!	Expectativas e necessidades atendidas satisfatoriamente.	Fecunda
5. Novas descobertas	(F) descobrimos...eu em relação a ele por exemplo ele é, um bocadinho... (M) não tenhas medo, podes dizer (F) eu não oh...se eu agora tivesse medo havia de ser bonito...é muito...é uma pessoa que explode assim com muita facilidade, mas dali a 5 min já esta bem tem mau feitio é...é...fala tudo e mais alguma coisa e dali a pouco...são 5 min de raiva dali a pouco (M) era tal como era o meu pai...então quando é pos rapazes e que e tal eu faço e num sei que e depois começo-me a rir e pronto e já esta (F) tem mau feitio... (M) mas há quem tenha mais...há quem tenha mais... (F) obrigada! (risos) (M) atenção ah, eu num disse que tu...	Renovação	Fecunda
6. Momentos difíceis	(M) depois de casados...ou antes... (F) uiui (M) antes de casarmos oooooh, acho que foi essa de 3dias ou 4 que se não fosse uma tia dela (F) toda a família do meu lado e do lado dele eram a favor da nossa relação só os meus pais e que não e a minha irmã no meio (M) e quando ela foi estudar po Porto (F) só dissemos foi uma coisa isto entre nos não ca família ou assim foi quando casamos e eu comecei a trabalhar e foi colocada em Faro e ele foi comigo e deixou o trabalho e esteve muito tempo sem trabalhar (M) ela num conta que eu arrumava a casa, fazia o comer...era a mulher a trabalhar e o homem em casa e apreendi a fazer tudo... (F) foi feliz...mas nós agora acho que temos outra maneira de ver...se falhar paciência, faz-se menos (M) e tamem a morte do meu irmão e do meu pai...e uma pessoa fica assim andamos aqui, andamos aqui e num vale a pena e se pensássemos assim...quando se esta chateado e assim oh pa tu pensa bem que tu vais morrer como eu...e se pensássemos bem, friamente...num havia certas coisas	Presença de empenho e responsabilidade pela relação; sentimentos de impotência	Fecunda

8.1 e 8.2 Encontro com a família	(F) bem eu praticamente sempre convivi com eles a partir do momento em que começamos a namorar (M) e nós também como os pais dele era um bocadinho rigorosos, num digo logo mas começou a ir lá comer mas e nesse aspeto eles era porreiros e fomos passar férias juntos ainda em solteiros e essas coisas... (F) assim também estavam connosco e tinham a oportunidade de conhecer...eu acho que queriam era ternos mais a beira mais na mão num é (M) controlar mais (F) mas eu com os pais dele nunca tive problemas sempre fui bem recebida (M) e eu com os pais dele também não...uma vez proibiram-me...mais o pai, a mãe não...ela ia ao Porto e ia carregada de coisas e eu fui leva-la no carro do meu irmão que me emprestou e o pai disse-lhe que se eu a fosse levar que num entrava mais lá e então nos decidimos e vou te levar e num entrei...ai uns 3 meses talvez e depois ela disse ah a minha mãe disse pa ires lá comer e pronto já esta	Reconhecimento da diferença; sentimentos positivos.	Fecunda
9. Futuro do casal	(F) pra nos eu acho que ótimo, num temos nada aaah..... (como é que se veem daqui a uns tempos) (M) aaah o que eu quero é saúde e logo se vê (F) já começamos a pensar que daqui a pouco estaremos os dois num é (M) pois sim e é sinal que eles também tem alguma coisa pela frente e eles se um dia quiserem criar uma família também tem que fazer alguma coisa, mas de certeza que em quanto poderem aonde quiserem estar lá connosco e depois vão lá ter connosco...	Sentimentos de confiança e esperança na relação.	Fecunda

Casal 2	Eixo III - Passagem Generativa		
Questão	Unidade de análise	Classificação taxonómica	Classificação tipológica
1. Prefiguração da vida familiar	(M) eu, eu a vida familiar que eu pensava era a família eee (F) o que nós mais queríamos era ter um filho, mas perspetivamos muito isso, andamos sempre, tanto é que foi na pior altura da nossa vida que nos tivemos o mais velho (M) eu acho que o que pensávamos era o que esta a acontecer...estarmos bem, podiam ser 3 mas temos 2 e dar tudo o que nos podemos dentro daquilo que...eu estou satisfeito...aaah? (F) olha se num tiveres meu filho...ooh claro que estou senão num estava aqui	Prefigurações concretizadas	Fecunda

2. Imagens realizadas e não realizadas	(F) de diferente eu vou já dizer...aaah quando era solteira (M) aiaiai vais dizer...podes dizer (risos) (F) quando era solteira este menino adorava-me dar presentes e casamos e nunca mais me deu um presente, agora já me começa a dar outra vez e tal...oooh mas isso também num é o mais importante (M) e eu explico porque (risos) porque agora a carteira é dos dois e é diferente e eu pra mim num é coisa que me puxe muito e eu gostava mas as vezes a vida num da e se tiver que lhe dar uma coisa ela se calhar vai ter que vir comigo pa escolher, ver se fica bem e então ela compra e digo assim olha essa olha foi eu que te dei...	Imagens estereotipadas	Fecunda
3.1 e 3.2 Valores e modelos a passar aos filhos	(F) eu sempre, primeiro sempre quis e quero que eles continuem a estudar dentro das possibilidades pra terem um futuro melhor e tentar nunca depender de ninguém e também uma educação e uma das coisas que eu também gosto e que ajudem os outros, não sejam egoístas, mesmo em termos dos colegas na escola (M) e tem-se notado em muitas coisas...e ao que vemos tamos satisfeitos também... (F) sim, sim temos muita coisa que sim, outras não, outras acho que já é do próprio...já são nossas (M) é também porque vamos mudando um bocadinho com o tempo...	Transmissão precisa de valores; sentimentos de angústia e dúvida.	Fecunda
4. Sentido de	(F) é um obstáculo, a sociedade porque não é fácil, as vezes eles inseridos em certos grupos, num é fácil porque não têm a mesma educação, os mesmos valores é diferente alem de que eles interiorizam bem aquilo que nos lhes dizemos o que é bom (M) que depois no meu disto tudo é preciso ter sorte que eles consigam ser seguros do que estão a fazer...	Sentimento de impotência	Ambivalente
5. Identida de dos filhos	(M) aaah...eu sou o primeiro a falar (risos) saíram ao lado da mãe em termos de, um pra já em termos de estudar e isso ate temos que ser nos a dizer-lhe pa parar...também porque tem outra possibilidade...se calhar eu também era um estudioso (risos) la esta quem sai aos seus...e do pai o futebol (F) e da mãe também... (M) eee é isso	Sentimento de pertença (unicidade/diferenciação)	Fecunda
6. Sofrimento, esperança e confiança na vida familiar	(F) nós perdemos um bebé...mas pronto foi duro...são momentos complicados (M) é assim ainda era pequenino mas se eu senti ela então (F) foi entre os 2 e...outros momentos foram quando os miúdos foram pro hospital e um já foi operado 3 vezes e ainda por cima ele não mexia os pés e sentimos assim mede e (M) e ele estar ali a sofrer...agora num é nada mas... (F) é agora já passou...	Sentimentos de êxito; sentimentos de dúvida e de confusão acerca da vida familiar.	Fecunda

Casal 3	Eixo I – As Origens			
Questão	Unidade de análise	Classificação taxonómica		Classificação tipológica
1. Ambiente das origens	(F) ...sei lá íamos para a escola, só simplesmente a vida não era tao fácil como é agora em todas as situações económicas e tudo.....não sei...fala tu...eu lembro-me de poucas coisas sinceramente... (F) e o meu era mais o menos a mesma coisa, pelo menos a minha mãe...nunca me deixava sair...já tinha vinte e tal anos quando comecei a sair por isso...e a gente...lembro-me de ir para a primaria, lembro-me, que era perto de casa, depois para o liceu...não, pro ciclo...que era no jardim D. Fernando, mas era mais o menos isso, era escola...que na altura num podíamos, quer dizer...num é que não nos deixassem mas não tinham possibilidade pra gente ter uma vida diferente, portanto era só aquilo, o meu pai trabalhava no estaleiro, a minha mãe era a lavoura e la ia para o jornal como se costuma dizer...pronto la ficávamos muitas vezes sozinhos em casa...os irmãos...mantinham-se ali a espera que a mãe chegasse e era assim...	Conteúdos mentais: Pobre Positivos	Qualidade dos afetos: Ricos	Fecundo
	(M) ahmahm...era escola, era casa, essencialmente era isso escola-casa, casa-escola, não havia assim o ritmo era... (F) os nossos pais não nos deixavam ir assim.... (M) era um ritmo...num é como agora podem praticar desporto, podem praticar isto, podem praticar aquilo...pronto íamos para a escola de manhã, vínhamos pra casa, comer, fazer os deveres e essencialmente era isso a nossa...pelo menos a minha era assim...	Conteúdos mentais: Pobre	Qualidade dos afetos: Pobre	
1.2 Ambiente das origens	(F) eu pronto...lembro-me só...que que acontecia, o meu pai saia para o trabalho, tinha problemas com o álcool e havia ali situações com o problema com o álcool, por vezes a gente, apesar de ele ser...ele era um pai muito trabalhador, mas a mãe e que era a mãe e o pai, sempre foi, mas também não havia assim grandes convívios num havia, sair não se saia com o pai e com a mãe, a nossa união era a mesa não havia grandes conversas, a minha mãe sempre foi uma boa mãe mas dentro daquilo que ela foi educada também...que por exemplo...num sei se...eu vou falar isto...num sei se posso falar (força) ...era uma boa mãe, não há duvidas nisso, criou-nos e estamos muito bem-criados...mas pronto não era a mãe como eu sou agora...que filha começa-te a namorar, precisas de ir ao médico, pra tomar pilula, precisas disto, vamos tratar disso num há necessidade de acontecer nada, filha correu bem a escola, que tal, precisas de ajuda ou disto, daquilo ou ...filho então...como é...o futebol, o treino, e a escola, conta-me o que se passa...isto é agora mas antigamente não havia...era só a	Ausência de ritualidade		

	<p>preocupação de trabalhar, para ganhar dinheiro e nos dar de comer e prontos...não os condeno, nunca, nunca na vida, mas era a educação que eles tiveram (também teve a mesma experiência)...</p> <p>(M) é...é o meu pai trabalhava, a minha mãe não trabalhava, tinha a minha avó ahm...pronto essencialmente era isso, conversávamos a noite em casa...mas como é que ei-de dizer era uma vida totalmente diferente, daquela que os meus filhos tem agora...</p>		
4. Regras de Ouro	<p>(F) é assim...ahm eles tentaram que nos fossemos sempre pelo bom caminho, a maneira deles, não como eu faça agora e se calhar ate nem faço bem em facilitar a vida aos miúdos, mas no tempo que estamos não podemos agir da mesma forma como ele agiam...eu lembro-me dos meus irmãos saírem a noite uma vez e a minha mãe de zangada não lhes abriu a porta, como quem ides apreender a lição, pa próxima não ides...inclusive ate me fez isso a mim uma vez...olha por causa dele (risos) mas de resto...eu acho que nos educaram bem mas como era na altura e sempre foi a minha mãe e até...o meu pai era uma pessoa que vivia num mundo diferente, ouvia mal...muito mal desde pequenino e trabalhava, mas para ele o mais importante era, num quer dizer que num gostasse de nós...mas desconfio que era o primeiro a chegar ao trabalho, as 6h da manha ou...era o primeiro sempre a chegar e o que interessava era ir trabalhar e sempre foi muito trabalhador, mas a mãe e que foi sempre mãe e pai</p> <p>(M) aquilo que nos passavam em termos de valores, era que fossemos educados que não prejudicassem ninguém, aqueles sermões sempre a mesa, de costume, pronto e depois o meu pai era a única pessoa que trabalhava la pra casa...pronto e a minha avó...não trabalhava, trabalhou muitos anos no estaleiro, depois deixou de trabalhar, a minha mãe trabalhava mas como teve uma doença muito grave deixou de trabalhar pronto e o meu pai é que era a pessoa da casa, o chefe da casa mesmo e os valores que nos passava era sempre que fossemos educados...</p>	Presença de regras rígidas mas construtivas	
5.1 Relação com a mãe	<p>(F) uma vez deu-me uma tarefa por ter chumbado na 4ªclasse...pronto ok...levei uma tarefa jeitosa (risos) por não ter passado no 4 ano... é essa porque essa doeu (risos)</p> <p>(M) eu não tenho assim nada especial...assim a única coisa que me lembro ...que, que...a minha mãe foi trabalhar para lisboa e o que me lembro e que a minha mãe se preocupou sempre e que eu estivesse bem, com o bem-estar e fiquei entregue a essa minha avó que foi quem me criou durante algum tempo, de mais num tenho assim...</p>	Instrumental	

5.2 Relação com o pai	<p>(M) a recordação que em tenho de especial é assim, o meu pai não era meu pai era padrasto, mas era ele mesmo que era, é meu pai, o outro pai nunca foi um pai presente se quer e pronto isso é uma recordação que me marca pra vida, porque ele é que é o meu verdadeiro pai...</p>	Expressiva	Fecunda
	<p>(F) eu do meu pai e assim tenho momentos bons e momentos maus prontos quando ele bebia tinha assim...mas também como ele vivia num mundo diferente do nosso, até o meu marido quando o conheceu também achou assim...tínhamos muita mania de lhe fazer umas partidas e cai com facilidade e brincávamos com ele...mas até era assim cómico...</p>		
5.3 Relação com os irmãos	<p>(F) é assim eu tenho 2 irmãos, melhor eu tenho 6 irmãos mas os outros 3 são meus irmãos e não crescemos juntos, os 2 irmãos que eu tenho são personalidades completamente diferentes, um é como eu, o outro é aquela pessoa que, é mole, completamente mole, quase que deixa fazer gato-sapato dele, foi o que lhe aconteceu depois de casar... mas sempre foi um relacionamento bom entre nós, embora eu tenha uma personalidade mais parecida, é porque nós somos da borga e da boa disposição e somos muito parecidos nisso e então dávamo-nos ainda melhor tanto que quando ele começou a namorar e ia la pra uma terriola, eu safava-me as custas dele, ir de mota com ele e enquanto ele e a namorada iam dar uma volta, eu ficava com outros amigos e eu safava-me ou ia a discoteca, ou ia passear, senão a minha mãe não me deixava... e com o outro não, porque era muito diferente e há outra diferença positiva entre nós ele era o melhor de escola, era o mais estudioso, filosofo como se costuma dizer e então eramos um bocadinho diferente, não havia aquela relação que eu tinha com o outro... (não sei se tem irmãos) ... (M) Não no tenho irmãos (em relação ao primos, vizinhos...)</p>	Expressiva	
	<p>(M) tinha um primo que cresceu comigo e dávamo-nos muito bem nunca tivemos problemas...</p>		
6. Aprendizagem da relação de	<p>(F) É assim eu posso dizer que a minha mãe muitas vezes dizia assim..."a deixa estar que um dia que tiveres filhos e tal e num sei que num sei que mais..." e isso eu digo o mesmo agora aos meus filhos..."deixa estar que quando vocês tiverem a vossa casa e num sei que ides dar mais valor a isto ou aquilo"...pronto de uma maneira geral, foi mais isso porque uma vez que a maneira de eles verem as coisa era assim um</p>	Valorização Idealização	

	<p>bocadinho diferente eu num foi muito atras, mas dou a educação aos meus filhos dentro daquilo que me deram a mim do respeito...</p> <p>(M) nós...nós é assim nos vamos sempre buscar ou copiar aquilo que os nossos pais nos dizem não é só que a vida agora não é aquilo que eles preveem e eles admiram-se muito das coisas que os netos agora fazem, é diferente a vida embora a gente vá buscar algumas coisas boas deles...é muito diferente a vida não é aquele que eles tinham antigamente...</p>		
7. Relação entre as estirpes	<p>(F) Só conheci o pai da minha mãe...mas a relação que eu...eu era novinha só me lembro de irmos visita-lo e quando ia as festas la da terra com a minha mãe passávamos la o fim-de-semana mas era só assim nessa base, porque a minha mãe começou a trabalhar tinha 7 anos de idade, a servir, por isso afastou-se da família dela muito pequenina mesmo...</p> <p>(M) do que me lembro havia uma boa relação entre os meus pais e os meus avós...era essencialmente uma das avós vivia com a gente e com a questão as pais do meu pai...moravam muito perto ali de nós e a gente ia la e o eu pai dava-se muito bem e a gente...fazíamos aquelas visitas volta e meia...</p>	Presença de recordações construtivas	Fecunda

Casal 3	Eixo II - O Casal		
Questão	Unidade de Análise	Classificação taxonómica	Classificação tipológica
1. O encontro	(F) olha nós conhecemo-nos por causa de...foi... (M) da mota (F) por causa da mota do Fiúza, ou seja foi numas festa d'Agonia, no mês de agosto eu e um grupo de amigas fomos ver o rally num foi...e depois aparecete lá de mota e ele era amigo de um vizinho meu, meu amigo...mas eu não o conhecia a ele, pronto e depois esse meu vizinho interessou-se pela mota dele e apresentou-nos nessa altura apresentou-nos e a partir dai olha pronto...nunca mais o deixei... (M) pois (risos)	Tempo favorável.	Fecunda
2. Do encontro à relação	(F) olha num te sei explicar...porque são sentimentos que a gente não sabe explicar...começamos a conversar, começamos ah entendermos, embora ele fosse divorciado, e fosse uma fase difícil que passei, não por ele ser divorciado mas por a reação da minha mãe, e foi uma fase complicada porque a minha mãe num aceitava aquilo era um escândalo para ela, mas com o tempo foi aceitando de tal ordem que... ai hoje o Aires gosta...o que é que eu vou fazer para o Aires, com o tempo correu muito bem graças a deus... (M) foi instantâneo e foi crescendo...	Há distinção entre encontro e relação; estado da identidade de casal: existe	Fecunda
3. O que casaram no outro	(F) eu a ele sei o que foi, foi o macacão amarelo (risos) nunca mais me esqueceu. (M) nesse dia estávamos... (F) o macacão amarelo chamou-lhe atenção...num sei comecei a conversar com ele e gostei...e tanto que por exemplo eu não sabia que ele era separado só soube talvez ao fim de 15 dias de conviver com ele e na altura podia dizer assim não num quero mas num dava, eu já não conseguia e então enfrentei a tempestade que viria que era o caso da minha mãe e pronto de outras pessoas que se metiam a meter veneno, mas enfrentemos... (M) eu quando a vi não queria porque tinha saído de uma relação complicada e havia qualquer coisa que me dizia...que digo assim...fogo ainda agora sai de uma já me estou a meter noutra, mas foi mais forte que eu...	Reconhecimento do pacto secreto existente valorizado	Fecunda
4. Encontraram o que	(F) é assim eu acho que sim embora a gente...tenha momentos complicados na vida e mas superamos isso tudo, temos vindo a superar (M) as coisas foram surgindo naturalmente..."	Expectativas e necessidades atendidas satisfatoriamente.	Fecunda
5. Novas descobertas	(F) é assim eu acho que sim embora a gente...tenha momentos complicados na vida e mas superamos isso tudo, temos vindo a superar (M) as coisas foram surgindo naturalmente...	Renovação	Fecunda

6. Momentos difíceis	<p>(F) tivemos, tivemos ali na altura da minha mãe, a minha mãe e o meu pai chegaram a uma altura em que não podiam viver sozinhos e eu tinha mais irmãos e isso interferiu muito na minha família porque eu e que estava sempre de volta deles, e o meu pai era mas a minha mãe também foi sempre uma mulher de trabalho e ajudou-nos sempre muito, a mãe dele também e eu naquela hora apesar de ter irmãos sentia que não lhes devia virar as costas só porque tinha irmãos, mas em contra partida o meu marido achava que num era só eu e isso interferiu e deu muita confusão, mas depois la conseguimos resolver e através dos irmãos, conseguimos resolver as coisa da melhor forma, o lar foi a solução mas graças a deus, ela esta la ainda e esta bem com 94 anitos, mas também era uma pessoa que não merecia que eu lhe disse-se assim só porque tem irmãos...olha num vou la num quero saber...nem pensar e eu sempre foi a mais nova e a que estive mais próximo dela</p>	Presença de empenho e responsabilidade pela relação; sentimentos de impotência	Fecunda
8.1 e 8.2 Encontro com a família	<p>(M) as famílias era uma coisa boa...o mau pai já conhecia o pai dela...e foi uma coisa boa, tanto para um como para o outro, conheciam-se tinham episódios... (F) é tanto que os meus sogros gostavam imenso da minha mãe, davam-se muito bem e depois moramos perto uns dos outros e havia ali muito convívio entre eles... (M) foi sempre bom e o facto de eles já se conhecerem foi bom (F) então la está quando morávamos todos perto era uma coisa...então eles os 4...</p>	Reconhecimento da diferença; sentimentos positivos.	Fecunda
9. Futuro do casal	<p>(F) ooh aguentar com ele e um chato como o caraças (risos) e ele aguentar comigo... (M) aquilo que eu prevejo para o futuro é aquilo que eu vejo nos meus pais, que dizer mais dia menos dia, estamos nós... (F) com eles eu não quero contar, porque não lhes quero estragar o dia e com a experiencia que eu tive com a minha mãe que esta num lar, que era a coisa que ela num queria, que ela que tem um coração tao bom e tao bom acabou por, eu que pensei vai para o lar e vai de tiro e queda, sabia que tinha que ser feito, ela num dizia mas eu percebia e eu essa experiencia a mim já disse aos meus filhos que não se preocupem comigo, nem co pai porque o lar existe pra nós, porque não eu vejo a minha mãe ta tao bem cuidada, quentinha, fresquinha, esta linda com 94 anos e já esta lá desde 2007, quando veio a casa no Natal e chega aquela hora e quer ir e por isso nos temos que aceitar, sermos bem tratados...</p>	Sentimentos de confiança e esperança na relação.	Fecunda

Casal 3	Eixo III - Passagem Generativa		
Questão	Unidade de análise	Classificação taxonómica	Classificação tipológica
1. Prefiguração da vida	(M) era ter filhos, uma casa e prontos... (F) tentar comprar a nossa casinha (M) eu sempre quis ter 2 filhos, porque eu era filho único e num gostava que fossem (F) ter uma vida... (M) estável... (F) e o melhor possível (M) sem dívidas sem problemas (F) sem grandes luxos, grande riquezas mas bem confortável e dar o melhor aos nossos filhos.	Prefigurações concretizadas	Fecunda
2. Imagens realizadas e não realizadas	(M) de diferente não aconteceu nada, tudo o que eu previ, esta a acontecer, de diferente só sair-me o totoloto (risos) mas isso tem que se esperar (F) é mas também digo, digo e eu vou acrescentar não me saiu o euromilhões mas eu não poe posso queixar em relação a muita gente eu tenho trabalho e o meu marido tem trabalho e a gente com o pouco que tem vai conseguindo levar uma vida normal, nada de grandes voos, mas por isso se o euromilhões sair é bem-vindo mas se num vier e a gente continuar com trabalho já sou feliz	Imagens estereotipadas	Fecunda
3.1 e 3.2 Valores e modelos a passar aos filhos	(F) o que eu pretendo transmitir aos meus filhos é... (M) aquilo que me foi transmitido pelos meus pais, se é um bem essencial (F) exatamente (M) só que diferente num é porque estamos numa época totalmente diferente daquela que se vivia a uns anos atras num é a visão das coisas e totalmente diferente, as coisas acontecem muito mais rápido, eu costumo dizer isto e acho que é, antigamente eramos mais felizes, porque isto era muito mais lento, agora as coisas parece que nem são vividas (F) e também lhes fazemos ver que a vida também não é fácil, que foi o que eu fiz ao meu filho em agosto...o meu filho chumbou e quem teve de férias durante o ano tem que trabalhar nas férias e eu pós o meu filho a trabalhar nem era pra ganhar dinheiro...que por acaso ate ganhou um bom dinheiro e até ele...mas pra ele sentir que e já lhe disse agora cuidado que tu vais outra vez trabalhar se quês férias...vais trabalhar outra vez...o meu marido até nem queria porque era menor tinha 15 anos mas é nesta altura que ele tem que sentir e depois acabou por concordar la esta umas ideias diferentes mas que ele depois também viu que realmente e isso mesmo que eu tenho que fazer...o sacrificio (M) sim, esses valores foram-nos transmitidos e que nos serviu para a vida, para o dia-a-dia e ainda nos serve.	Transmissão precisa de valores; sentimentos de angústia e dúvida.	

4. Sentido de eficácia parental	(M) o obstáculo que aqui a gente ultrapassou é bastante complexo por que, aquilo que eu disse anteriormente é totalmente diferente aquilo que nos recebemos dos nossos pais, para eles agora... (F) recebem tudo de mão beijada e é tudo mais fácil (M) e nós antigamente não era assim, tínhamos o nosso peteirinho, tínhamos isto, tínhamos aquilo e se queríamos comprar umas sapatilhas tínhamos que juntar dinheiro e agora as coisas aparecem muito rapidamente...	Sentimento de impotência	Ambivalente
5. Identidade dos filhos	(F) olha a rapariga é muito parecida com o pai fisicamente e acho que a maneira de ela ser é mais pai, é mais direta a dizer as coisas e o pai também é, tanto que por exemplo a relação deles os 2 nunca foi uma relação como a dele e co miúdo...ele houve uma altura em que a miúda cresceu e ela teve uma grande conversa com o pai e houve uma alteração muito grande entre eles os 2 e eu vi que até ele próprio em relação a ela já conversam mais já...há mais convívio que não existia antes e ela sentia falta dele e uma vez houve uma conversa bastante forte entre eles os 2 mas que foi muito boa, prontos ate para ele foi muito bom porque ficou...muito melhor eu sinto da parte dela e dele também...e defendeu mais agora	Sentimento de pertença (unicidade/diferenciação)	Fecunda
6. Sofrimento,	(F) o nascimento deles foi logo assim um momento (M) menos positivo foi assim a morte de familiares próximos que deixa a família assim a pensar nas coisas que se perdem e principalmente do meu sogro...é uma figura que faz falta...chegasse aquelas alturas a mesa e faz falta	Sentimentos de êxito; sentimentos de dúvida e de confusão acerca da vida familiar.	Fecunda

Casal 4	Eixo I – As Origens			
Questão	Unidade de análise	Classificação taxonómica		Classificação tipológica
1. Ambiente das Origens	<p>(F) um ambiente rural; não sou de cá, nasci na vila de Melgaço e vivi aí até aos 18 anos numa aldeia a 1km da vila, um ambiente muito familiar com os vizinhos, todos se conheciam; era um ambiente livre, aberto e seguro em termos de segurança. Imagens? muitas: desde escola, colegas, brincar na rua...morava com a minha mãe e avós, minha mãe está separada do meu pai desde que eu tinha 6 anos...um bom relacionamento com os meus avós, tios, primos e mãe...vem-me, principalmente, a imagem dos meus avós, que morreram já muito velhinhos, e eram o pilar da família...</p>	<p>Conteúdos mentais: Ricos Positivos</p>	<p>Qualidade dos afetos: Ricos Positivos</p>	Fecunda
	<p>(M) também me vem a imagem de um ambiente rural, embora ao pé da praia, pois sou de Vila Praia de Âncora...sempre vivi perto dos meus avós, praticamente lado a lado... habituei-me desde cedo a trabalhar e a estudar, porque eu e os meus irmãos (quatro) fomos habituados a ajudar os meus pais. Acompanhámos os nossos pais, logo, desde os 5 anos e sempre trabalhámos muito...lembro-me de estar a trabalhar e a ver quando é que podia ir para a praia com os meus irmãos, que por serem mais novos que eu, iam sempre primeiro; era o mais velho, tinha que estar ao pé do meu pai...há uma mágoa porque sei que se perdeu algo da minha infância, adolescência e mesmo juventude...em termos de valores só tenho a agradecer aquilo que os meus pais me ensinaram, que procurei passar à minha filha...relações familiares: tenho boas recordações apesar de ter encontrado algumas dificuldades nos meus pais enquanto casal, devido à dureza da vida, mas ainda hoje são um casal...a imagem que eu tenho é que no meio desta dureza toda havia coisas muito boas: a forma como nós brincávamos, a liberdade que tínhamos que hoje não existe; íamos para a escola sozinhos; eu ia para a praia sozinho...</p>	<p>Conteúdos mentais: Ricos Positivos</p>	<p>Qualidade dos afetos: Ricos Positivos</p>	
1.2 Ambiente das Origens	<p>(F) Podes falar se quiseres (M) Em relação à família, eu sempre me habituei, pelo menos nos primeiros anos, a família, incluindo os meus avós e irmãos, sempre nos habituamos que o fim-de-semana era o dia da família, em que nós nos juntávamos todos, os irmãos dos meus pais, os netos; era uma família que se juntava, era quase prática comum em que a família se juntava toda; estavam todos reunidos à mesa, conviviam aquele domingo toda a tarde, ao fim jogavam cartas, era isto mais ou menos que acontecia...fora isso, era trabalho e estudo e fim-de-semana era dia de família...</p>	<p>Ritualidade ativa e reconhecida</p>		

	(F) Os momentos mais marcantes e importantes seriam, as horas das refeições, que eram sagradas, comia-se, conversava-se...depois havia aqueles acontecimentos, típicos de aldeia: matança do porco, em que se juntava a família toda; as lavouras em que se juntava a família e depois comiam todos juntos...		
4. Regras de Ouro	<p>(F) Regras de ouro, regras de ouro...eu tive uma infância que nunca me impuseram regras de ouro...não era preciso que me impusessem...já era de base...nunca menti, nunca cheguei a casa fora de horas, vinha da escola, vinha direta para casa...regras impostas faziam parte da formação de base da pessoa...foram adquiridas tão naturalmente, que não era preciso dizer “tens que chegar a esta hora ...regras de ouro ... é que isto é difícil de explicar ... ser honesto, dizer a verdade acima de tudo...com o exterior era o meu avô a ser ouvido, em termos de fora de casa.....</p> <p>..... (M) íamos aprendendo sem que houvesse uma autoridade, uma imposição...a educação e os valores foram adquiridos naturalmente, à medida que me foram transmitidos, e nunca impostos...lá em casa quem mandava, tanto da parte dos meus avós como dos meus pais, era o homem; o homem tinha sempre a última palavra...sentia, sem dúvida, no meu pai alguma autoridade...se tivesse que dar uma bofetada, dava...em relação ao exterior...tínhamos que ser educados, humildes, tentar ajudar sempre que necessário ...o trabalho era sagrado para os meus pais, a regra de ouro era que eu tirasse um curso...era o mais velho tinha que ser o exemplo da família...tinha que estudar, trabalhar</p>	Presença de regras informais construtivas	
5.1 Relação com a mãe	<p>(F) Em relação à minha mãe ela sempre foi doméstica, estava sempre em casa...começamos pela cozinha: “a menina tem que aprender a cozinhar”... ao domingo era sagrado haver naquela casa um bolinho, ou uma sobremesa diferente; com a minha avó era ela a ter galinhas, coelhos, patos, e lembro-me dela me dizer “anda-me ajudar a fazer isto, e aquilo”...depois ela é que fazia tudo, mas ía com ela...e também me lembro de ir com a minha avó e tia para o tanque lavar roupa, não havia máquina...</p> <p>... (M) Boas recordações? Tenho muitas...a minha mãe sempre a fazer aquele papel de mãe galinha, sempre a proteger-nos...</p>	Expressiva	Fecunda
5.2 Relação com o pai	(F) em relação ao meu pai era uma relação distante, quer dizer quase nem era porque era raro estar com ele...	Carente	

	... (M) o meu pai, por vezes, mais autoritário; o meu pai adorava pesca e ao domingo era sagrado... íamos de manhã com o meu pai para a praia à pesca e a minha mãe estava em casa a fazer comida para nós todos e depois vinha a pé e comíamos todos na praia.	Expressiva	
5.3 Relação com os irmãos	(F) com os meus primos era mais ao nível de brincadeira e de estudo...	Expressiva	
	(M) Em relação aos meus irmãos sempre foi uma boa relação, embora eu como mais velho acabasse sair sempre mais prejudicado... tinha que ser o exemplo, e o meu pai incumbia os meus irmãos de ver se eu estudava ou não ... tinha os mais novos a vigiarem-me... e isto criava algum conflito... mas no geral era uma relação estável com todos.		
6. Aprendizagem da relação de pais e filhos	(F) Acima de tudo tolerância, respeito... isto em relação aos meus avós... acho que nunca ouvi os meus avós discutirem... o carinho e a transmissão de valores... muito cúmplices em tudo... o meu avô consultava sempre a minha avó	Valorização Imitação	Fecunda
	(M) Eu partilho da mesma ideia... tolerância, respeito, carinho... mas também em 50 anos de casados também tiveram muitas discussões, e algumas exageradas, mas que eram fruto do tempo... mas que me ensinou que há que haver tolerância... o exemplo pode ser a imagem da praia: a mãe trazia a comida e o pai pescava...		
7. Relação entre estirpes	(M) Sempre senti que os meus pais tinham uma relação excelente com os meus avós... a minha avó faleceu na casa dos meus pais... e antes de morrer estava acamada... um grande sentimento de entreajuda do princípio ao fim... a minha avó materna, a mesma coisa, embora não tenha falecido na casa dos meus pais, mas na casa da minha tia...	Presença de recordações construtivas	
	(F) Da parte da minha mãe, talvez mais dependência dos pais dela, por todos os motivos que já falámos... mais em termos de consulta e pedir conselhos... eu, por exemplo, tomei decisões sem depender tanto dela como ela dependeu dos meus avós.		

Casal 4		Eixo II - O Casal	
Questão	Unidade de Análise	Classificação taxonómica	Classificação tipológica
1. O encontro	(M) Como é que nos conhecemos...Escola de Enfermagem, Viana do Castelo, janeiro de 1986. (F) Eh, foi na Escola de Enfermagem...	Tempo favorável.	Fecunda
2. Do encontro a relação	(M) Eu acho que isso é fruto da ocasião. Éramos jovens, convivíamos, fomos conhecendo, e depois surge o click, acho que é igual para todos... (F) Não foi um olhar fatal (risos) afinidades...	Há distinção entre encontro e relação; estado da identidade de casal: existe	Fecunda
3. O que casaram no outro	(risos) (F) que pergunta difícil...costumamos casar com o oposto ... e ele é mais tolerante e eu mais impulsiva (M) ...se calhar nunca lho disse, mas na altura uma coisa que vi e que gostei foi a espontaneidade dela, a forma alegre como vivia o dia-a-dia, isso de alguma forma me cativou...porque sendo eu uma pessoa diferente, mais sossegado, mais reservado...	Reconhecimento do pacto secreto existente; banalizado.	Fecunda
4. Encontraram o que procuravam	: (F) Isso, eu acho que encontrei... (M) Também partilho a mesma opinião. Essencialmente encontramos respeito um pelo outro...apesar de também termos as nossas dificuldades e arrelias...	Expectativas e necessidades atendidas satisfatoriamente.	Fecunda
5. Novas descobertas	(F) Perguntas difíceis... (M) Obriga a uma reflexão ... acho que estamos sempre a descobrir coisas novas um no outro, porque senão não fazia sentido nenhum...não consigo dizer: “descobri uma coisa nova na Ni”... acho que todos os dias descobrimos coisas novas...	Renovação	Fecunda
6. Momentos difíceis	(F) Não, eu acho que não...há aquelas discussões... (M) que todos os casais têm...	Presença de empenho e responsabilidade pela relação	Fecunda

8.1 e 8.2 Encontro com a família	(F) O encontro? Reporto-me à minha família? (a família do Fernando) ah, já percebi...tenho um episódio engraçado... os pais dele encontraram-nos uma vez na rua, aqui em Viana e nós estávamos abraçados e num acharam muita piada (M) Em relação à família da Ni, nunca houve nada de especial; a minha sogra já me conhecia, vinha muitas vezes a Viana... (M) Não...só dizer que o que a Ni disse é também fruto da época...	Reconhecimento da diferença; sentimentos positivos.	Fecunda
9. Futuro de casal	(M) Aquilo que eu gostava mais é que as coisas continuassem como estão agora...se já estamos juntos há 21 anos, que sejam outros 20 juntos...o que eu quero mesmo é que esta relação continue... (F) uma imagem: velinhos de pantufas; juntos até ao fim (risos)	Sentimentos de confiança e esperança na relação.	Fecunda

Casal 4	Eixo III - Passagem Generativa		
Questão	Unidade de análise	Classificação taxonómica	Classificação tipológica
1. Prefiguração da vida familiar	(M) Eu posso começar...fruto daquilo que já dissemos e que reportei à minha família, aquilo que eu sempre mais quis foi construir uma nova família para além da que tenho; construir uma família sólida, e foi sempre por isso que eu lutei...estou sempre a lutar por isso, para que nos mantemos juntos, mas claro que nem tudo são rosas...os problemas também vão surgindo...agora eu faço tudo por tudo para manter o elo de ligação...e os meus irmãos também vêm em mim o elo de ligação; talvez por ser o filho mais velho... a vida familiar que imaginava não era só virada para a nova família, mas manter os laços com as famílias de origem...(F) também concordo com isso, plenamente...não perder os laços familiares: os descendentes com os ascendentes, apesar de não ser fácil, claro.... mas os laços têm que se perder um pouco, porque uns estão em lisboa, outros no porto...	Prefigurações concretizadas	Fecunda

<p>2. Imagens realizadas e não realizadas</p>	<p>(M)...eu nunca me imaginei de chegar ao fim de 20 anos de trabalho e ver que o meu emprego pode estar em risco...eu hoje olho para o futuro de modo diferente e nunca pensei nisto, atendendo à conjuntura atual acho que o meu emprego pode estar em risco a qualquer momento, mas não vou pensar nisto todos os dias...mas sei que as coisas não vão ser iguais ao que eram quando nos casámos...é um sentimento de insegurança...(F) mas também realizámos coisas que idealizámos; agora também vivemos em função dela, da filha... já fizemos coisas que queríamos...fomos às Caraíbas...e agora já não podemos, devido às dificuldades económicas...mas se calhar o essencial conseguimos realizar, e até realizámos outras coisas que não estavam previstas...conseguimos ter uma casita lá na aldeia que queríamos muito... talvez o que tenha mudado mais foi passar a ter um horizonte de insegurança...</p>	<p>Confronto alimentado pela dúvida e pelo medo.</p>	<p>Fecunda</p>
<p>3.1 e 3.2 Valores e modelos a passar aos filhos</p>	<p>(F) Valores, valores...laços familiares, comunhão, respeito, a humildade, que noto que falha um pouco...mas que também faz parte da idade...e a educação, reconhecer os erros... mas está numa fase difícil...(M) A honestidade... quanto à humildade, são os dezassete aninhos...é a ideia da independência, e que nós também já passámos por isso; e educar não é fácil; considero que educar é uma tarefa difícil; a mudança dela ter ido para a faculdade custou-me muito...tem uma personalidade muito forte...e depois é filha única, habituou-se a ter de tudo...(F)mas não coisas supérfluas...(M) Não, mas ela percebe que vai tendo as coisas.... mas concordo com a Ni, acho que é essencialmente isso... F) quase tudo, quase tudo...(M) mas, por exemplo, não vou querer ser como o meu pai foi para mim, aquela autoridade... mas também não faz mal nenhum uma bofetada na hora certa...mas também tem que haver alguma autoridade e sinto que desempenho um bocado esse papel e que tenho que ser um bocadinho mais duro; mas não sou igual ao meu pai...</p>	<p>Transmissão precisa de valores</p>	<p>Fecunda</p>
<p>4. Sentido de eficácia parental</p>	<p>(M) Às vezes pensamos que tivemos tanto trabalho, que custa tanto educar, e parece que por vezes nos sentimos impotentes; mas é fruto da idade e isto vai passar...(F) mas há uma coisa que nós passamos, que foi a responsabilidade; sempre a ensinámos que ela tem que dar provas...nós cumprimos com a nossa parte, mas ela também tem que fazer a parte dela e até agora ela sempre mostrou isso...nunca teve nada de mão beijada... nunca lhe pedimos 18 ou 20 na escola, mas que faça o melhor dela e com responsabilidade...</p>	<p>Sentimento de ineficácia e impotência; sentimento de eficácia construtiva;</p>	<p>Ambivalente</p>

<p>5. Identidade dos filhos</p>	<p>(M) Acho que essa pergunta fazemos muitas vezes, a quem é que ela saiu; tem uma personalidade muito vincada ... (F) é, tem uma personalidade muito vincada....(M) É, é; mas é que não somos só nós; toda a gente tem comentado isso e nesta fase está-se a notar mais...fisicamente sai à mãe (F) é refilona como a mãe...(M) é organizada, e tanto eu como a Ni somos organizados... também houve algumas coisas que eu ajudei neste tipo de personalidade...eu pedia-lhe sempre, quando ela era miúda, que não fosse uma pessoa que ficasse calada, se tivesse que dizer, tinha que dizer, pedia-lhe que não guardasse para ela...que seja frontal, e ela está a ser um bocado isso, mas às vezes dói, não queríamos que fosse tanto...mas com os de fora modera mais.</p>	<p>Sentimento de pertença (unicidade/diferenciação)</p>	<p>Fecunda</p>
<p>6. Sofrimento, esperança e confiança na vida familiar</p>	<p>(M) O que trouxe mais dor na vida familiar, que me lembre, foi a morte do meu avô que eu adorava; esperança, é a minha filha, adoro a minha filha...(F) Enquanto casal nunca tivemos momentos de dor; também tenho muito presente a figura dos meus avós que gostava muito deles; esperança? essencialmente na nossa filha, e também em nós...(M)...e a nossa relação também é importante, também dá confiança, e na vida profissional, só se consegue se houver algum equilíbrio em todas as partes...(F)claro...(M) mas a filha é que está, agora, mais presente...mas os amigos também são muito importantes, apesar de não termos falado deles...</p>	<p>Sentimentos de êxito</p>	<p>Fecunda</p>

Casal 5	Eixo I – As Origens			
Questão	Unidade de análise	Classificação taxonómica		Classificação tipológica
1. Ambiente das origens	<p>(M)posso começar eu, eu transportei-me para um momento crítico, crítico consigo analisa-lo agora que é crítico, mas no momento não teve o impacto, não foi tao esclarecido como o vejo, foi quando, os primeiros, quando me lembro de qualquer coisa entre os 5 e os 10 anos , 12 anos mais o menos que foi...eu sou retornado das ex-colónias lembro-me de começar a pensar quando sai de Angola e chego a Portugal lembro-me perfeitamente, tenho muitas memorias quase cotidianos das coisas e o impacto enorme que foi não para mim como criança mas o impacto que surgiu em torno familiar, que as pessoas viveram na pele muitas mudanças de vida e consigo perceber hoje e consigo vê-las, isso muito provavelmente marcou a essência do que sou hoje...depois lembro-me de uma adolescência muito, muito divertida, alegre e feliz sem sair muito do núcleo familiar mas muito feliz... voltava lá outra vez...</p>	<p>Conteúdos mentais: Ricos Ambivalentes Positivos</p>	<p>Qualidade dos afetos: Ricos Positivos</p>	<p>Fecunda</p>
	<p>(F)então é assim eu não sou nada ligada ao passado sou uma pessoa do presente, nem ao futuro, mas pronto também tenho...na minha infância o que eu penso sempre é...nos somos 3 raparigas, o meu pai e a minha mãe e vivemos sempre numa casa muito grande, sempre com muita gente, família, amigos, sempre tive muita gente, muito movimento a volta, relacionei-me sempre com muitas pessoa e muito tipo de pessoas diferentes e claro que isso contribuiu para a minha maneira de ser de hoje em dia...e com animais, com cães, com gatos...uma casa muito aberta...a porta ate costumava estar aberta...num havia problemas de assaltos...literalmente aberta...depois também contribuiu para a minha formação pessoal...depois fui estudar para fora muito cedo e convivi sempre muito, muito sociável, tive sempre muitos amigos e experiencias diferentes e acho eu tive uma boa infância, com algumas complicações familiares, alguns conflitos que me trouxeram muita resiliência na vida e neste momento sou assistente social no centro de saúde de Valença.</p>			
1.2 Ambiente das origens	<p>(M)Os meus pais não eram muito...vivi sempre com os meus pais, mas nunca foram pessoas de muita convivência familiar era sobretudo convivência com os familiares que estavam longe e os aiamos visitar e que nos recebiam e muita convivências com os amigos em casa ou em casa deles, não tenho assim grandes</p>	<p>Ritualidade ativa e reconhecida</p>		

	<p>memórias de haver muitas, muitos momentos tradicionais quer na família ou em casa só o natal por exemplo, nas festas de anos num se festejava, num...mas lembro-me, lembro-me de ter sempre muita ansiedade de quando ia ver os meus primos fora ou se recebíamos alguém em casa e isso criava-me uma ansiedade e entusiasmo...os meus pais foram sempre umas pessoas que nos deram muita liberdade...mais a mim que as minhas irmãs...para andar na rua, para brincar e vir as horas que...respeitando os horários decentes...nunca me perguntaram onde é que andava, nunca foi assim, num é desligado, mas é muito autónomo do seio familiar, acho que é uma recordação que tenho, que hoje por exemplo é uma dificuldade para nós e é uma grande diferença que o meu núcleo familiar hoje é muito mais próximo e muito mais, tem muito mais atenção sobre os menores, que talvez não tenha tido eu (F) a sociedade assim o obriga (M) eramos muito independentes, mas isso não era necessariamente mau...para nos funcionava bem assim...</p>		
	<p>(F) eu ate estava a pensar que aquela questão de ser uma casa aberta e muitas pessoas diferentes tem haver com várias coisas...nomeadamente um é o facto de a minha família ser do distrito de Aveiro e portanto cá só estava a família nuclear o que justifica a rede de amigos e social, portanto visitávamos a família pontualmente e nas épocas festivas e as pessoas quando iam a Espanha paravam lá, mas realmente o nosso convívio era muito mais com amigos, muitos professores que também vinham de fora e portanto havia uma grande proximidade...e depois tinham também momentos em família, o facto de sermos 3 raparigas até em termos educacionais a minha mãe era uma pessoa muito metódica e depois há aqui uma curiosidade porque desde s 18 anos que estamos juntos e portanto temos agora 45 e portanto maior parte da nossa vida é já passada juntos...</p>	<p>Ritualidade ativa e reconhecida</p>	
<p>4. Regras de Ouro</p>	<p>(M) a regra de ouro...a trave mestra que me passaram foi ser respeitador com as pessoas, ser um pessoa respeitada no ambiente essa foi a que mais me inculcaram...tenho sempre essa noção, e desta liberdade que me era permitida era essa a regra básica...não havia muitas imposições, talvez alguma, que se possa subentender desta liberdade, e mais pela mãe que propriamente com o pai, uma ideia de orientação e o meu pai mais de mostrar como, e de não estar preso as coisa</p>	<p>Presença de regras informal e construtiva</p>	

	através do meu pai...pois foi muito novo para Angola e fez sempre da vida uma aventura		
	(F)...é um pouquinho diferente...sempre mantemos uma certa união...e se por um lado discutíamos e dizíamos tudo uns aos outros, dizias tudo o que vai na alma, depois também é assim ai de quem diga mal dos meus, ouse...somos muito unidos independentemente das circunstâncias...depois assim valores transmitidos...a amizade, a consideração pelos outros, o respeitar os outros, a solidariedade e a consciência das dificuldades da vida, apesar de certas facilidades		
5.1 Relação com a mãe	(M)eu tenho ideia que fui sempre menino da mama, e ainda hoje se notam algumas coisas, a um afeto...uma proximidade muito particular entre mim e a minha mãe...Lembro-me de que o meu pai era muito ausente, trabalhava muito e a minha mãe é que estava sempre comigo...quando eu me lembro das coisas já a minha irmã tinha uma idade de brincar e com as primas e eu fui mais aquele menino da mama que anda ali pertinho e lembro-me na...quando nos viemos embora de Angola lembro-me de estar com a minha mãe, as vezes a ouvir os tiros ao longe e as...e estar sempre ca minha mãe em qualquer parte...a minha irmã aventurava-se mais e saia e ia buscar agua a cozinha e eu não sai dali...já com uma idade mais avançada, por exemplo os primeiros dias custavam-me muito mesmo na primária...quando...detestava apanhar as vacinas, era uma fobia, um pânico que ainda hoje tenho e é sempre a minha mãe que ia comigo e ainda hoje há uma proteção da minha mãe mais especial	Expressiva	
	(F) eu é um bocadinho diferente, eu sou a filha do meio e então estava sempre ali balançada, mas herdei um bocadinho o espirito revolucionário da minha mãe, sempre mais contestatária e pronto e acho que não que tenha um feitio igual ao dela mas se calhar entro mais em choque, não tem nada haver com sentimentos mas facilmente entramos em conflito mas não que isso afete a nossa relação...		
5.2 Relação com o pai	(M) o pai sempre foi aquela pessoa de prumo, apesar de estar muitas vezes fisicamente presente, o trabalho dele era muito de viajar e sempre notei essa distância, com o tempo vim a perceber que essa é também uma distancia de personalidade não ser tao afetivo não estar tão...mas foi sempre a figura de orientação e da educação mais lata e foi talvez aquela pessoa que apesar de ser um exemplo de trabalho, de empreendedor que se calhar poderia ter outros inputs...e	Carente	

	<p>hoje como eu sou pai sou capaz de perceber que teria tido mais alguma, teria acrescentado mais se fosse mais afetivo e mais próximo</p>		
	<p>(F) eu tive sempre melhor relação com o meu pai, porque me defendia sempre e depois delegou sempre a educação na minha mãe apesar de haver uma autoridade partilhada, ate porque trabalhavam os dois, ganham os dois e portanto mandavam os dois, havia papeis muito iguais, mas era uma relação de muito respeito, o meu pai nunca nos levantou a voz, nunca nos bateu...</p>	Expressiva	
5.3 Relação com os irmãos	<p>(M) eu era mais pequeno e a minha irmã era...tinha um espirito de contradição e picava-me bastante, mas nunca foi muito de lhe dar confiança, de lhe fazer frente e tenho lembranças de num período desde criança até meados da adolescência tenho ideia de ser bastante afastado dela, falávamos muito pouco, nunca brincamos muito...a seis anos de diferença que se notam muito... também foi estudar para fora cedo e começou a trabalhar cedo mas lembro-me que não eramos muito próximos</p>	Instrumental	
	<p>(F) nós somos 3 irmãs e em questão de idades somos próximas, mas temos ambas personalidades muito diferentes, mas unidas...conhecemo-nos muito bem e somos muito apoiadas umas nas outras...com a mais nova por exemplo...ela adorava-me e fazia tudo o que eu queria... com a mais velha era um bocadinho diferente porque foi uma adolescente muito complicada, muito complexada e então a minha mãe também a protegia mais e na altura isso...pronto claro que agora vejo as coisas de outra maneira e não interfere nada...</p>	Expressiva	
6. Aprendizagem da relação de casal dos pais	<p>(M) não tenho nenhuma grande recordação que me fique na memória, tenho talvez uma, foi a primeira vez que...por uma questão jurídica não sei bem, lembro-me de conversarem se não seria melhor fazer uma separação fictícia...e aquilo fez-me muita confusão, na altura...de resto era uma família muito harmoniosa, uma relação estável...</p>	Valorização	
	<p>(F) eles sempre se deram bem, apesar de algumas quezílias e enquanto estavam em pé de igualdade, porque depois o meu pai teve um cancro da laringe e o facto de</p>		

	não ser tao fácil dialogar, causa algum stress e leva assim a uma relação mais estranha		
7. Relação entre as estirpes	(M) da parte do meu pai, o meu avó era uma figura muito carismática, o homem que desbravou todo o terreno, que foi para Africa também muito cedo e foi estruturando e cristalizando toda a família a sua volta e dos negócios, o meu avó era a figura...o meu pai tinha-lhe uma estima imensa e uma admiração, embora percebe-se os seus pontos fracos e percebesse que a sua autoridade era intransponível mas nesses pontos fracos o meu pai ia esticando a corda e brincava e desafiava-o...o meu pai também uma pessoa de presença forte e muito ativa mentalmente e então tentava sempre procurar as falhas dele e ter a sua oportunidade por ai, mas sempre muito leal e cumpridor, também talvez uma tentativa de se emancipar... e lembro-me que a morte do meu avó abalou muito o meu pai e a estrutura da família...da parte da minha mãe o meu avó teve uma morte trágica, foi assassinado na altura, e eu só soube a pouco tempo... e a minha avó faleceu cedo...	Presença de recordações construtivas	
	(F) bem como a distancia era grande não tenho assim muitos momentos, meu avó da parte do meu pai faleceu tinha 7 anos, a minha avô ainda convivi bastante com muito humor, muito bem disposta, mas não tenho assim nenhuma lembrança da relação deles, da minha mãe era uma educação mais conservadora e sei que se relacionava muito melhor com o pai e que foi quem por fim o acompanhou, a minha avó inda hoje é viva e a minha mãe sempre teve uma reação muito conflituosa com ela mas nunca e podem faltar uma a outra...		

Casal 5	Eixo II - O Casal		
Questão	Unidade de Análise	Classificação taxonómica	Classificação tipológica

1. O encontro	“(M/F) na escola...(M)no primeiro dia de aulas do 10ºano foi engraçado porque já nesse dia nos demos muito bem (F) sim e ficamos amigos já nessa altura...”	Tempo favorável.	Fecunda
2. Do encontro à relação	(F) é claro que nessa altura tornamo-nos bons amigos e conversávamos muito, fazíamos inclusive vários trabalhos juntos, apesar de cada um ter o seu grupo de amigos... e só mais tarde, um bocadinho por acaso, já eu tinha ido estudar para Coimbra (M) e eu pro Porto (F) e encontramos-nos numa passagem de ano e afinal percebemos que realmente havia algo mais e então começamos a ter uma relação...	Há distinção entre encontro e relação; estado da identidade de casal: existe	Fecunda
3. O que casaram no outro	(F) com...com...tinha-mos ideias em comum, gostos...(M) muita afinidade	Reconhecimento do pacto secreto existente; valorizado	Fecunda
4. Encontraram o que procura	(F/M) sim...	Expetativas atendidas satisfatoriamente	Fecunda
5. Novas descobertas	(M) algumas assunções, porque as pessoas não são iguais (F) isso também já sabíamos que não eramos iguais (M) sim mas eramos parecidos tínhamos muitos gostos, muitos valores muito... que atraíam mas não há grandes surpresas (F) acho que realmente o tempo de namoro foi bastante importante nesse aspeto	Vivificação da relação	Fecunda
6. Momentos difíceis	(M) na relação em si...não mas em situações exteriores que destabilizaram e criaram algum mal estar, irritabilidade e dificuldades, esses momentos deram para fortalecer e perceber com quem se pode contar (F) costuma-se dizer que é nos momentos difíceis que se percebe com quem se pode contar...	Presença de empenho e responsabilidade pela relação	Fecunda

<p>8.1 e 8.2 Encontro com a família</p>	<p>(F) sempre que ia la em casa só me lembro da mãe cheia de ciúmes (risos) mas foi sempre muito bem recebida (M) eu encontrei uma família onde as relações eram muito mais próximas, mais envolventes pessoas mais abertas...mas com uma linha educacional que eu também tive...e depois houve uma cumplicidade muito grande com o pai e uma relação muito próxima...(F) acho que temos a vontade... mas também nos compreendemos bem e soubemos lidar bem com as diferenças, por exemplo uma coisa que sempre me admirou foi ele não ligar para casa e...(M) era um código, nós íamos para o estrangeiro semanas e o facto de ela ligar todos os dias a dizer que estava tudo bem...se eu ligasse e por havia algum problema...mas também faz parte da autonomia que eu tive...lembro-me de ser novo e ir para a praia com os amigos e jogar futebol e só chegar a noite... (F) já nós sempre tivemos horários para tudo...</p>	<p>Reconhecimento da diferença; sentimentos positivos.</p>	<p>Fecunda</p>
<p>9. Futuro do casal</p>	<p>(F) pelo menos como tem sido ate a agora...(M) com a oportunidade de poder dar aos nossos filhos aquilo que também nós tivemos e podermos viajar já que é algo que ambos gostamos...</p>	<p>Sentimentos de confiança e esperança na relação.</p>	<p>Fecunda</p>

Casal 5		Eixo III - Passagem Generativa	
Questão	Unidade de análise	Classificação taxonómica	Classificação tipológica
1. Prefiguração da vida familiar	(M) eu fui sempre de prefigurar uma casa e viver dentro de uma casa e ter uma vida familiar com um espaço próprio, por outro lado também fui sempre uma pessoa com a ideia que viajar ou conhecer...ir buscar fora coisas e fundamental para se ter uma maneira de estar mais ampla, não ser tao conservador...este é o ponto de partida e esta la sempre (F) eu nunca planeie assim muito as coisas, sempre fui mais de deixar fluir, nunca tive a ideia de casar ou não casar sei que se tivesse filhos tinham que ser 2, imaginava sempre ter mais que um filho porque tenho a ideia que ter irmãos e uma coisa muito boa...	Prazer de imaginar.	Fecunda
2. Imagens realizadas e não realizadas	(M) acho que não há nada de imprevisível, obviamente que os fatores externos influenciam mas não que condicionam assim a vida	Confronto alimentado pela dúvida e pelo medo.	Ambivalente
3.1 e 3.2 Valores e modelos a passar aos filhos	(F) o respeito...(M) ser uma pessoa respeitável, fazer-se respeitar, ganhar uma condição moral...serem pessoas humanas (F) solidárias com os outros, não só em dar mas no dia-a-dia (M) não somos pais que lhes imponham muitas coisas, vamos vendo os skills que ele vão tendo na escola, o desporto, no dia-a-dia, nunca pensamos em fazer uma soma...(F) tentamos-lhes proporcionar experiencias diferentes, conhecimentos diferentes mas nunca para atingir objetivos(F)sim...si...claro (M) e de alguma aprendizagem daquilo que teve alguns defeitos	Transmissão precisa de valores;	Fecunda

4. Sentido de eficácia parental	(F) um obstáculo é sem dúvida a sociedade em que vivemos é cada vez mais difícil explicar a importância que os valores têm na sociedade...recurso será somos nos...o passarmos a prática e não dizermos só e tentando mostrar a importância (M) talvez alguma intransigência em queremos educar conforme o padrão que nós inculcaram...	Sentimento de ineficácia e impotência; sentimento de eficácia construtiva;	Fecunda
5. Identidade dos filhos	(M) em relação a mim a coisas e que noto mas a alguns aspectos do caráter mais parecidos (F) tem ambos vários aspectos que se assemelham a cada um de nós mas não há assim uma totalidade que nos leve a dizer que sai a este ou a outro...	Sentimento de pertença (unicidade/diferenciação)	Fecunda
6. Sofrimento, esperança e confiança na vida	(M) no nosso núcleo, as vezes decepções com os membros da família alargada, (F) não são nossas nucleares...(M) porque poderiam ser a continuidade da vivência que tivemos com a família e então talvez a família se nuclearize e esse distanciamento para os mais novos talvez possa ser uma preocupação, porque a amizade nem sempre é eterna e o laço de sangue que o deveria ser as vezes...(F) o conceito de família que nós temos eu acho que é o estarmos os 4 juntos e bem uns com os outros...	Sentimentos de dúvida e de confusão acerca da vida familiar.	Ambivalente

Casal 6	Eixo I – O casal			
Questão	Unidade de análise	Classificação taxonómica		Classificação tipológica
1. Ambiente das origens	(F) eram boas...o meu pai era uma pessoa que tinha, que trabalhava, tinha três turnos...era um pai um pouquinho ausente, a minha mãe, sempre foi doméstica...não...teve um problema na visão e ficou reformada muito cedo e esteve em casa muito tempo connosco, principalmente. A minha mãe era o pai e a mãe da nossa casa. Era ela que ia as reuniões da escola, era ela que tratava disso tudo...	Conteúdos mentais: Pobres	Qualidade dos afetos: Positivos	Falida
	(M) sim o meu pai era mais ausente, erro o único que trabalhava, a cabeça de família, a minha mãe era doméstica...ele saia cedo de manhã, entrava a noite...ela é que cuidava de nós, com o auxílio de uma tia já falecida, essa sim era a verdadeira mãe, foi ela que nos criou, a mim e aos meus irmãos, aaah pronto o meu pai sempre foi um pouco ausente mas sempre foi disciplinador e autoritário um bocado.	Conteúdos mentais: Pobres	Qualidade dos afetos: Positivos	
1.2 Ambiente das origens	(M) era mais as festas... o natal...o estarmos todos juntos em casa basicamente, é isso...bem era diferente do que é agora, éramos crianças levávamos outra mentalidade sobre o natal e o aconchego familiar era outro, pronto que dizer a nossa mente era outra, éramos crianças e no fundo era mais virtual...	Ritualidade ativa e reconhecida		Fecundo
	(F) é assim comigo era um natal...p'ra além de que só tinha uma tia, que foi a tia que nos criou, fazíamos um natal todo juntos, que não é nada como agora, as prendas que a gente tinha...o menino Jesus as prendas que trazia era só trabalho da mãe e do pai e era assim era um natal...pronto os doces habituais, era uma tradição igual a que é agora, só acho que, agora, é um mundo muito mais de fantasia do que era antigamente			
4. Regras de Ouro	(M) era o meu pai, o pai sempre foi o elo mais forte dentro de casa...primeiro era a disciplina...havia horários para todo, para comer, p'ra levantar, prontos sempre foi uma vida disciplinadora e regrada e sempre nos diziam para ao nível de exterior nós próprios aplicarmos essa escola de vida na sociedade em que estávamos integrados...	Presença de regras rígidas Construtiva		Fecunda
	(C) é assim em relação a mim nos sempre tivemos um bocadinho de liberdade, liberdade entre aspas, como fomos sempre criados num colégio e era a minha tia que nos ia buscar...porque a minha mãe pegava muito cedo no trabalho as 6h da manhã e a minha mãe levava-nos a minha tia e a minha tia é que nos ia levar ao colégio, do colégio a minha tia ia-nos buscar até chegar a minha mãe e foi isso assim até entrar para a 1º classe que era...não na minha freguesia mas na freguesia onde a minha tia vivia. Assim fomos educadas mais pela minha tia do que pela minha mãe...e é como			

	eu digo a minha tia, sempre nós deu aquele... acho que tínhamos mais respeito a minha tia que a minha mãe, a minha tia imponha uma regra a gente tinha que obedecer; pronto era o vir da escola logo para casa, a gente saia ao meio dia e no máximo ao meio e um quarto a gente tinha de estar em casa para almoçar...saíamos as quatro e meia e as cinco menos um quarto já tínhamos de chegar...sempre tudo muito certinho, muito direitinho em relação a adolescência isso já foi um bocadinho mais flexível, porque a minha mãe estava em casa e já era mais flexível		
5.1 Relação com a mãe	(M) as memórias que eu tenho de infância, quem me criou foi uma tia... prontos tinha uma vida doméstica, lavar a roupa e fazer a comida...	Instrumental	Fecunda
	(F) eu sempre foi muito chegada a minha mãe, sempre gostei muito da minha mãe...sempre fui daquelas pessoas que a minha mãe se ausentava pra ir dar um passeio e me deixava com a minha tia eu chorava noite e dia...num dormia...mas a minha mãe sempre foi uma pessoa que...ela desde que se reformou criava bebes...e sempre que precisava de se ausentar para ir ao médico ou sempre me disse...olha faz isto e isto e isto e foi assim é das coisas mais marcantes é a minha mãe lentamente me ter metido a fazer coisas e isso ter influenciado o que sou hoje...	Expressiva	
5.2 Relação com o pai	(M) era ausente de casa, por motivos profissionais pois era o responsável das empresas onde trabalhava, sempre foi.... o meu espelho de vida, foi ele sempre, essa é a memória que tenha, a minha referencia de vida é o meu pai...	Instrumental	
	(F) o meu pai foi sempre uma pessoa muito fria, pronto nunca demonstrou assim, não tenho uma recordação de o meu pai me por o colo, de dar um mimo, o meu pai sempre foi uma pessoa muito...é assim tinha a sua opinião e a gente não podia retrucar porque o meu pai entrava em histeria...e ainda agora é assim...em relação a minha mãe não...é como e digo a minha mãe sempre foi pai e mãe	Carente	
5.3 Relação com os irmãos	(M) numa família onde tenho, sem contar com os amigos p'ra cima de 100 primos, uma família grande onde sempre nós demos bem...nós irmãos, recordo-me era eu a vitima, chegavam estava a descansar, tinha que me por a pé, ia fazer comida p'ra eles, mas era um ambiente familiar harmonioso...	Expressiva	
	(F) a relação com as minhas irmãs é assim, eu tenho a minha irmã mais velha que é filha do primeiro casamento do meu pai...a esposa faleceu muito cedo, veio para junto de nós com 3anos, e com a minha irmã mais velha biológica, filha de pai e de mãe, foi um bocadinho separada, porque foi mais criada com a minha tia que era solteira, de		

	<p>resto era eu a minha irmã...que é minha irmã...filha do meu pai mas é minha irmã...e foi sempre uma relação muito, muito boa...pronto foi uma relação um bocadinho problemática no início porque a minha irmã veio para a nossa companhia com 3 anos de idade e foi um bocadinho difícil de se adaptar mas de resto foi...foi bom! Quando essa tia faleceu a minha irmã voltou mais para a nossa companhia...mas foi uma infância boa, é assim também birras de irmãos a sempre, o agora arrumas tua e sou sempre eu e agora já fiz e tu não fizeste...pronto mas é uma relação boa...até hoje...</p>		
6. Aprendizagem da relação de casal	(M) disciplina familiar...horários para tudo...educação, acima de tudo presença nos momentos mais precisos e segurança sobretudo para os meus filhos...	Valorização	
	(F) é essencialmente é isso, o dar boa educação, o ser...mostrar que tem que se cumprir horários e ter um estilo de vida bom perante os nossos filhos...eu sei que a vida esta um bocadinho diferente de quando éramos mais novos...mas acho que temos que lhes inculcar a eles o que a gente passou embora...		
7. Relação entre as estirpes	(M) o que imagino é que não conheci muito das origens do meus pais, posso só referenciar o que se passou com a minha família materna, a minha avó que era muito amiga do povo em tempos difíceis da vida, cozinhava para um...cozinhava para toda a gente e nesse aspeto identifico a minha mãe e a minha falecida avó porque ela nesse aspeto é igual, por mais defeitos que possa ter essa é a recordação que é essa	Presença de recordações	Falida
	(F) e relação a mim eu não tenho muito conhecimento, da parte materna não tenho lembrança nenhuma dos meus avós...pois o meu avô já era falecido quando eu nasci...a minha avó ainda era viva...mas eu não tenho recordação nenhuma dela, mas da parte paterna, lá esta a relação com o meu pai...foi o segundo casamento que teve, com a minha mãe e relação com os meus avós paternos nunca foi muito boa...foi um bocadinho uma relação afastada por causa da minha irmã, por causa...pronto são coisas, que o sangue puxa pra um lado e puxa pro outro e foram problemas sucessivos que tivemos, eu só me lembro de visitar a minha avó ou na Páscoa ou...acho que no natal nunca me lembro de lá ir...pronto conheci-os mas nunca tive grande relação com eles...		

Casal 6	Eixo II - O Casal		
Questão	Unidade de Análise	Classificação taxonómica	Classificação tipológica
1.O encontro	<p>(risos)... (M) na escola, na boémia dos intervalos, no café...prontos criou-se uma amizade pessoal, os amigos da escola, pronto e partir daí surgiu o namoro... (F) ...foi um namoro um bocado complicado, não foi...complicado...o ele na altura em que me conheceu namorava...e conhecemo-nos na escola como ele diz...ele acompanhava-me a casa, que ainda era um bom bocadinho da escola, mais de meia hora de caminho e ia-me levar a casa e tal...e foi aí que começou...a uma história muito curiosa, não sei se posso contar (claro que sim! Esteja a vontade) eu e a minhas irmãs estávamos a passear, num domingo e encontramos o J. na avenida central e a suposta namorada e nós seguimos cada qual o nosso caminho...”Olá” e seguimos, mas como o nosso encontro e gostávamos muito do café lá em baixo, em S. João da Ponte, num café perto da escola, acabamos por nós encontrar...ele e a suposta namorada numa mesa e eu, as minhas irmãs e os nossos supostos colegas noutra...ele não sei não tem por mais nada, põem-se a pé e vem-nos cumprimentar...vens nós cumprimentar, chegou a minha beira, não sei como é que aconteceu, não sei...em vez de ser um beijo na cara foi mesmo um beijo na boca, ali assim...(risos)ele ficou...não sabia onde é que se havia de meter...e foi assim que começou, acabamos por nós encontrar porque ele trabalha no Diário do Minho, eu na Cooperativa Novos Pioneiros, que ficava na Avenida da Liberdade, ele começou...nunca passou por mim...nunca...no caminho de casa-trabalho, trabalho-casa, passamos a encontrar-nos a meio...e foi assim que começou...ele...achei um bocadinho mal, porque ele não acabou com a namorada e começou a namorar comigo sem ter acabado com a namorada, mas foi assim que começou, foi assim uma coisa assim muito...diz ele que diz “eu estava a ver quando é que a minha namorada se punha a pé e te ia dar um murro” (risos) e foi assim que começou...num foi? é verdade...ai num te lembrás? (risos)</p>	Tempo favorável	Fecunda

<p>2. Do encontro à relação</p>	<p>(F) Sim, porque...vou falar por mim...a gente já tinha uma afinidade muito grande, é assim, não era de namoro mas...era de Inverno, ele tinha uma gabardine muito grande, muito cumprida ele dava-me a mão para eu não ter as mãos frias, eu metia a mão junto da gabardine...que dizer começou assim uma coisa, assim...não sei se agora é exatamente a mesma coisa, não sei se é igual se não é, mas sei que naquela altura foi assim...e ele depois falou comigo e começamos a namorar (M) igual, igual não é! Que agora não há gabardines (risos) (C) não, mas foi divertido, foi uma coisa... (M) foi uma coisa da adolescência e sem duvida foi um laço que toda a vida o vivemos ate hoje...nasceu da amizade (F) sim , essencialmente disso</p>	<p>Há distinção entre encontro e relação; estado da identidade de casal: existe</p>	<p>Fecunda</p>
<p>3. O que casaram no outro</p>	<p>(silêncio) ...(M) ao fim de quase 17 anos de casado (F) 17? O J. são...vai fazer 16 (M) sim, 16 aliás...ao fim de este tempo eu fui enganado logo de namoro (risos)...foi (risos)...foi porque eu sempre pensei, como é que hei de explicar...enganado mas no bom sentido! (risos) apesar de ser eu o sacrificado (risos)...nunca pesei que tinha de lavar a loiça e hoje sou, mas pronto (risos) não, mas... não isto é na brincadeira...na altura pronto o amor pode esconder certas coisas mas também não foi pela beleza dela (risos) não...to a brincar...foi sobretudo pela companhia diária que tínhamos na escola, aaah...quer dizer fomo-nos afeiçoando um ao outro ao nível do quotidiano, do dia-a-dia, a gente foi-se conhecendo melhor ate que a coisa surgiu e até hoje tudo bem, não se passa nada... (F) (risos) é assim eu não vou dizer nada de mal dele porque ele é...ele ajuda muito é verdade...mas é assim, em relação a ele foi assim, eu comecei a namorar para J. numa fase complicada uma parte complicada familiar, da parte dos meus pais, o meu pai estava desempregado...um ambiente muito complicado dentro de casa e sempre foi uma pessoa que sempre me deu apoio e acho que foi a partir dai que a gente também se começou a dar melhor...sempre soube conversar e sempre soube me dar os melhores conselhos...o J. mesmo hoje em dia é uma pessoa que sabe falar, sabe conversar, embora eu seja uma pessoa mais histérica entre aspas, ferve mais em pouca água que ele, mas foi mais isso em si, a pessoa calma, a pessoa serena que ele é...</p>	<p>Reconhecimento do pacto secreto existente; valorizado</p>	<p>Fecunda</p>

<p>4. Encontraram o que procuram no outro</p>	<p>(M) sim...sim, porque...a essência da vida diz-me que há uma coisa simples e eficaz que é nos momentos difíceis, saber ultrapassa-los, e em 16 anos tivemos já muitos momentos difíceis e muitos bons também, mas nos momentos difíceis sempre soubemos ultrapassa-los e quando os dois rumam para o mesmo lado o barco chega a bom porto, e pronto...tenho orgulho disso... (F) é o essencial, que acho que nós sempre fomos um casal que nunca fizemos nada, nem compramos nada sem opinião um do outro, ou se sim ou se não, temos a nossa liberdade...por exemplo se eu quiser comprar uma coisa eu compro, mas se for uma ocasião especial...nunca damos...o comprar um móvel uma coisa...sempre temos opinião...se um estiver de acordo tudo bem, se o outro não estiver arranjamos a melhor maneira, sempre fomos assim tivemos os nossos momentos difíceis, e muitos difíceis...que tivemos...mas tentamos ultrapassar e agora graças a deus somos muito felizes...</p>	<p>Expectativas e necessidades atendidas satisfatoriamente.</p>	<p>Fecunda</p>
<p>5. Novas descobertas</p>	<p>(M) ao longo da vida sempre se aprende, sempre se descobre não é?!aaaah a gente esta sempre aprender, agora falando de tempos actuais, não digo que aprendi mas estou a repetir quer dizer, a melhorar, estou a ter outra visão das coisas...sinto-me mais novo apesar de estar mais velho...mas sempre aprender e a descobrir coisas novas...não só sozinho, com ela...e amanhã estamos a aprender outra vez, e depois outra vez...(e em relação ao casal, ou a sua esposa?) não...é assim o que tinha a descobrir já descobri a muito tempo (F) que sou muito rabugenta (M) ela tem as qualidades dela, eu tenho as minhas, toda a gente tem virtudes, toda a gente tem defeitos, prontos não passa disso...já são 16 anos a coisa já esta desmistificada...que mesmo assim... (F) e assim eu vou falar o que ele não disse, eu que acho que em relação ao meu humor eu sou uma pessoa que se tiver cansada, sou muito rabugenta...sou e tenho noção disso e muitas vezes lhe digo “peço desculpa por muitas vezes eu ser muito rabugenta e muito chata” ...mas em relação a ele...eu acho que ele é uma pessoa muito pacífica, muito sossegada, não se chateia com muita coisa...quando ele se chateia é porque já esta cheio, porque já esta com a cabeça super lutada...e verdade é uma pessoa super calma que é...</p>	<p>Renovação</p>	<p>Fecunda</p>

<p>6. Momentos difíceis</p>	<p>(M) sim...sim...aaah mais ao menos ao fim de...13 anos de casamento, não consigo perceber porque, ainda hoje não consigo, sei que um dia me chateie a sério...cheguei ate a pedir o divórcio a minha mulher, estivemos ali 3 ou 4 meses conflituosos...que não atavam nem desatava...huum situações inimagináveis entre o casal...mas felizmente ate hoje sempre soubemos passar esses momentos e passou e esta tudo bem...mas digo não sei...não sei como é que surgiram...mas pronto...não tenho explicação...(F) a pessoa que dizem que consoante o tempo há um momento que a gente que satura e fica...talvez nesse momento devia ter sido o momento mais difícil para o J. que para mim...foi da parte dele que as coisas ficaram piores mas eu nunca desisti, foi sempre luta porque era a pessoa que eu gostava, era a pessoa que eu amava, era a pessoa que...era o pai do meu filho, na altura, nunca desisti e graças a deus conseguimos e hoje somos felizes...(M) foi difícil...num foi um momento foram vários momentos...foi...não sei...se calhar muitos momentos já nem me recordo...não sei ...não sei explicar...enfrentei sei...(respiração muito profunda) com muitos nervos, com muita ansiedade, muita...como é que hei-de dizer...com muito bloqueio na altura, não sei o que se estava a passar comigo...não tem explicação não sei...estava completamente...e ainda bem que passou mas ficam coisas que dentro que ainda hoje, naqueles momentos mais calmos, quando estou só, num consigo imaginar explicação, refletir o que se tinha passado (F) é assim em relação a mim graças a deus eu tive uma segunda mãe que a minha vizinha dali, ali da frente, que sempre me apoiou e mal deu por ela que as coisas não estavam bem, veio me bater a porta e me disse “dona C. tudo o que for preciso eu estou aqui e para lhe dar os conselhos que forem precisos, faça como se eu fosse sua mãe”...e foi assim...eu acho que consegui conquistar o J. por aquela senhora...uma senhora que eu deixei de passar a ferro ao J. , eu deixei...estava a fazer tudo ao contrário, em vez de o reconquistar, eu estava o a afastar cada vez mais e ela disse-me “dona C. você não faça isso, faça como se ele fosse seu marido e se tivesse as coisas bem”...foi assim que eu fiz...e conversei com o J., depois que ele ficou mais calmo, nas horas em que ele ficava mais calmo...e foi assim que eu fiz e foi assim que eu conquistei o meu marido (sentem que esse momento esta já ultrapassado...) (M) já... (F) é assim...em mim ultrapassado...é ultrapassado...mas é uma coisa que ainda mexe muito comigo (é o receio de que...) exatamente, aquele receio de a gente ter uma discussão e volte ao mesmo...não muito por minha causa mas mais pelo mais velho, porque foi a pessoa que mais sentiu neste...não que ele assiste-se a discussões, não porque...mas porque ele sentiu muito a separação dos pais...</p>	<p>Presença de empenho e responsabilidade pela relação</p>	<p>Fecunda</p>
-----------------------------	--	--	----------------

<p style="text-align: center;">8.1 e 8.2 Encontro com a família</p>	<p>(risos) (M) eu namorava para a C. e havia uma festa qualquer lá na casa dela...não me lembro se alguém fazia anos ou se...(F) huum não sei já não me lembro mas foi (M) e ela...foi em S.Vitor e ela estávamos perto da igreja da senhora a Branca...e vou ter dir a casa tem lá uma festa, queres esperar ou logo a noite encontramos...a e tal eu espero aqui um bocado, se for rápido eu...acho que foi na Páscoa até...não sei passados para ai uns 10 minutos não sei o que...vieram-me chamar, as minhas cunhadas, a mais nova...olha anda, anda lá a cima, o pai diz para ires lá a cima...eu pronto na altura disse que não queria...mas a forçaram e lá foi...pronto foi ai que conheci a família dela pessoalmente, apesar de ter conhecido visualmente o pai dela, mas foi assim...foi assim que nos conhecemos...foi na casa dela...(pode descrever o que sentiu nesse momento...) aaah um pouco estranho...um pouco nervoso, era a primeira vez, estranho, não me sentia a vontade, é óbvio...não me senti...uma vez que ate já sabia d'ante mão que por, pela namorada, que o pai dela tinha dito a mãe que viu a filha com um marmanjo (risos) ela perguntou-lhe quem era o marmanjo, se lhe tinha dado confiança para isso (risos) será conhecido...mas foi a habitual (F) olha sinceramente não me lembro, mas eu acho que foi também pela Páscoa, eu acho que foi...a S. (mãe de J.) tinha sempre muita gente em casa, lá em baixo na Devesa, eu acho que também foi pela Páscoa...tas a imaginar eu sentada numa cadeira e aquela gente toda e eu...não conhecia ninguém...são aquelas tais situações que a gente fica super nervosa, não sabe o que há de fazer, não sabe o que há de dizer...não sabe nada...acho que foi nessa altura...(F) da mãe dele o que eu tenho a dizer é coma...coma...coma...não tenha vergonha, é só isso que eu tenho a dizer (risos) que ainda hoje é assim (M) não há nada para dizer...foi , foi normal...tudo na boa...</p>	<p>Sentimentos de angústia</p>	<p>Fecunda</p>
<p style="text-align: center;">9.Futuro do casal</p>	<p>(M) com é que? (como é que veem o futuro do casal?) como ate hoje foi, quer dizer...ou seja, sempre unido...aaah sempre disposto a passar as dificuldades...que é mesmo assim...a vida são...dificuldade, após dificuldade passa-la sempre a frente, conversando sempre com tranquilidade com...e com garra, pensar que temos dói filhos e lutar pelo futuro deles...e é assim que temos que lutar, é pelos filhos neste momento e aaah tentar dar todo o melhor para o bem deles e nós também ...mas principalmente nos nossos filhos (F) é assim, neste momento penso mais nos nossos filhos do que em nós...as dificuldades que a gente vê todos os dias e que a gente vê na televisão...a gente não sabe aquilo que vai ser o futuro dos nossos filhos e como eles são muito pequeninos a gente tem que pensar no futuro deles mais que nós nossos ...acho que é, neste momento, é naquilo que eu penso todos os dias...é o que vai ser o futuro dos nossos filhos.</p>	<p>Sentimentos de confiança e esperança na relação.</p>	<p>Fecunda</p>

Casal 6	Eixo III - Passagem Generativa		
Questão	Unidade de análise	Classificação taxonómica	Classificação tipológica
1. Prefiguração da vida familiar	<p>(M) sim...graças a deus...com a escola de vida que tive e aos meus pais que tive e tenho...graças a deus ainda estão cá...sempre soube imaginar uma vida de casal, segura, a dois, com disciplina criando, quer dizer no tempo de namorado...o vamos fazer isto, vamos fazer aquilo, criar uma ideologia para a vida e foi nessa ideologia que nos baseamos e hoje ainda estamos juntos, pronto foi nessa base, que no passado e também nos nossos pais, nossos avós...a metodologia de vida da família...(F) eu faço minhas as palavras de J., é exactamente isso...sermos um casal mas sermos um só...</p>	Prazer de imaginar	Fecunda
2. Imagens realizadas e não realizadas	<p>(M) nos tempos em que hoje vivemos acho que as coisas diferentes acontecem mais rápido...digamos...coisas de igual...saber montar a nossa casa, a nossa vida familiar, isso é igual...agora diferentes é a rapidez com que as coisas acontecem...que dizer a gente pode estar a pensar uma coisa quando daqui a um mês e outra...na conjuntura social em que vivemos, não podemos estar a perspetivar nada para amanhã, nem para depois de amanhã...o futuro é já amanhã, que dizer não podemos perspetivar para daqui a um mês, porque daqui a mês e meio já é diferente, e é isso que temos que inculcar nos filhos e é essa a nossa perspetiva...a metodologia é diferente hoje em dia, tem que ser diferente...tem que ser... (F) é tem que ver o dia-a-dia, cada dia um dia...e tem que ser mesmo assim...temos que gastar o diário e pensar que se ele vai dar para o dia seguinte, e para os outros dias e para os outros dias... eu acho que cada dia temos que pensar no dia seguinte, no dia seguinte...por exemplo quando eu casei nós tínhamos...chegávamos ao fim do mês e nos fazíamos compras para todo o mês...hoje em dia não...hoje em dia temos que estipular tudo muito bem para ver se o dinheiro chega até ao fim do mês, porque senão a gente não se consegue...e é isso que eu digo...principalmente ao mais velho...tentar dizer-lhe que a vida não está fácil, que não sabemos se lhe vamos conseguir dar aquilo que temos dado até agora porque é assim que nos temos que dizer aos nossos filhos p'ra não cortar de vez aquilo que eles estavam habituados a ter (então, como casal, sentem que cumpriram e continuam a cumprir aqueles sonhos...) (F) sim...sim...devagarinho... (M) sim na dificuldade vamos lutando pelos nossos filhos e por nós...</p>	<p>Imagens estereotipadas e sentimentos; Confronto alimentado pela dúvida e pelo medo.</p>	Fecunda

3.1 e 3.2 Valores e modelos a passar aos filhos	(M) seriedade, trabalho, respeito aaahh...são as bases de autoconfiança e confiança para com os outros e coragem, força para que possam lutar e ter um futuro digno...é isso que eu espero e é para isso que nós...eu, ela... para que nada lhes falte, não só a nível monetário...mas tudo...a nível anímico e progressista...que seja essencial para a vida deles (F) é isso...essencialmente a gente tenta dizer ao mais velho que as coisas, jogos e brinquedos não são as coisas mais essenciais, neste momento...claro são as coisas que eles mais adoram mas há meninos que não tem brinquedos, não tem comida, não têm casa sequer...ele fica um bocadinho sério, a olhar para nós, mas a gente tem de conhecer a dizer a realidade que esta lá fora que ainda não chegou ate nós felizmente...mas ninguém nós garante que não chegara.	Transmissão precisa de valores	Fecunda
4.Sentido de eficácia	(M) sim...os pais são o espelho da nossa educação...são a nossa força, o nosso exemplo...e isso é nos ajuda a superar as dificuldades da vida... (F) sim, sem dúvida alguma...	Sentimento de eficácia construtiva	Fecunda
5. Identidade dos filhos	(M) graças a deus sim...sempre...com algum sacrifício, mas com saúde para trabalhar e tirando para mim e a mãe...para os poder ajudar a eles...em certas ocasiões e muitas vezes dando contra vontade, pronto mas é o filho...é um dia especial...é isto e aquilo...tenta-mos conjugar sempre (F) e é nesse aspecto, como eu disse a bocadinho que a gente tem de alertar agora para que se acontecer não acontecer assim de repente...porque é o que eu digo ao mais velho a meninos que não tem nada...não tem que comer, não tem que beber e muitas vezes ele pede e ...o mais velho não pode ser, não pode ser não é que a mama as vezes não tenha dinheiro, mas é que também temos que começar a por regras e não pode ser tudo.	Sentimento de pertença (unicidade/diferenciação)	Fecunda
6. Sofrimento, esperança e	(risos) (M) aaah...não sei pelo menos o mais velho para já sai a mim...bem como resmungão sai a mãe (risos) (F) é muito complicado...dizer uma coisa dessas é muito complicado...o mais velho é muito parecido com o pai tem coisas que é o pai, pronto em questão de refilar eu acho que todas as crianças refilam e ...é assim eu sou refilona mas não acho que se possam comparar essa parte, mas fisicamente é muito parecido com o pai e tem coisas parecidas...o mais novinho não sei...para já é não sai a ninguém...é muito pequenino ainda...	Sentimentos de êxito	Fecunda

Casal 7	Eixo I – As Origens			
Questão	Unidade de análise	Classificação taxonómica		Classificação tipológica
1. Ambiente das origens	(F) posso começar eu...o meu ambiente de vida é, foi sempre muito ligado a família, fomos sempre muito unidos, cresci numa casa com os avós, com os meus pais...sempre...com um irmão...sempre em ambiente familiar...de vez em quando com primos...uma adolescência feliz!	Conteúdos mentais: Pobres	Qualidade dos afetos: Positivos	Ambivalente
	(M) era parecido, o que é que uma transição...nasci em Moçambique num é...eeeh brincava com os meus irmãos, somos 7, mas depois quando rebentou o 25 de abril tivemos que vir para cá num é...vim com o meu pai ahhh...a mudança é complicado num é...deixar a mãe, deixar a vida em Moçambique...	Conteúdos mentais: Pobres	Qualidade dos afetos: Positivos	
1.2 Ambiente das origens	(F) era nas festas de anos e nos natais, na pascoa era assim mais gente, no natal iam todos lá a casa, a pascoa era a festa maior...	Rituidade ativa e reconhecida		Fecundo
	(M) era também as mesmas alturas e no verão...no verão...também tínhamos muitas festas...festas de anos, tínhamos também os meus primos que vinham da Bélgica, no mês de Agosto...			
4. Regras de Ouro	(F) eram sustentadas pelo meu pai num é, mas o meu avô também chegava aaaah... e era tudo no princípio de honestidade...era o princípio maior...	Presença de regras		Fecunda
	(M) a educação, o respeito pelas pessoas... o pai era o...a minha madrinha também, estava no lugar de mãe e....			
5.1 Relação com a mãe	(F) tive sempre uma relação muito boa com a minha mãe, sempre próxima, isso tiveram sempre lá presentes em tudo...	Construtiva		
	(M) minha mãe não me lembro muito, era pequeno na altura...aaah a minha madrinha... que cuidava de nós que...	Instrumental		
5.2 Relação com o pai	(F) 100% para mim foi mais até que a mãe, mais chegado num é, a mãe também era mas eu se me desse mais era com o mais com o pai...	Construtiva		
	(M) aah as raparigas puxam mais para os pais num é... o meu pai é vivo...e é assim nada de especial...era a figura num é...	Instrumental		
5.3 Relação com	(F) eu só tenho um irmão num é...mas dávamo-nos muito bem...era assim tipo cão e gato, como se costuma dizer, se um chegasse a casa e o outro não estivesse já sentia a falta, sempre tivemos uma relação muito boa...	Expressiva		

	(M) eu também tive uma boa relação com os meus irmãos, somos 7 e lidamos todos bem...era sempre animado, havia uma diferença de idade muito grande mas...a mais nova tem agora 33 e então havia assim mais cuidado...ainda é uma relação muito boa entre todos...”		
6. Aprendizagem da relação de	(M) a vida de casal, nem sempre é um mar de rosas num é e na altura era preciso saber o que se passava e agora acho que é diferente qualquer discussão vai logo um para cada lado e...	Idealização	
	(F) os meus pais sempre foram muito unidos, foi sempre tudo na base do respeito, nunca houve assim conflitos...	Valorização	
7. Relação entre as estirpes	(M) eu num me lembro de nada porque do lado da minha mãe pronto... e do meu pai não cheguei conhecer e por isso...	Presença de recordações	
	(F) era boa...as vezes havia os seus conflitos num é porque moravam juntos mas passava, mas sempre com respeito...		

Casal 7	Eixo II - O Casal		
Questão	Unidade de Análise	Classificação taxonómica	Classificação tipológica
1.O encontro	(F) aaaah nós andávamos lá em Afife e até nos bailes e ... (M)isso aconteceu foi numa peça de revista que nós fizemos (F)sim foi aí...participamos... (M)os dois....	Acaso	Fecunda
2. Do encontro à relação	M)aaah num foi bem ai (F) num foi nessa altura...(F)foi mais por ele...(risos)(M) quando a vi interessei-me por ela, mas num cheguei a falar com ela...entretanto tive outras namoradas mas era aquela...eee(F)e depois ficamos amigos começamos a conviver mais... aaaah andávamo-nos sempre juntos eee...(M) e depois acho que foi na discoteca num é... (F) é foi quando prontos começamos assim a serio...	Há distinção entre encontro e relação; estado da identidade de casal: existe	Fecunda
3. O que casaram no outro	(F) aaah porque gostava dele como ele era... assim as ideias parecidas eee (M) a maneira de ser e gostos...	Reconhecimento do pacto secreto existente; banalizado.	Fecunda
4. Encontraram o que	“...(F) eu encontrei...(M) sim...”	Expectativas e necessidades atendidas satisfatoriamente	Fecunda
5. Novas descobertas	(M) acho que descobrir, descobre-se sempre mas(F)é a lutarmos pelas mesmas coisas, pelo bem estar um do outro...	Vivificação da relação	Fecunda
6. Momentos difíceis	(F) acho que não... (M) tentamos sempre seguir um o outro e conversar chegar acordo...	Presença de empenho e responsabilidade pela relação	Fecunda

8.1 e 8.2 Encontro com a família	(F) Foi bem recebida mas também as famílias já se conheciam...(M) sim e isso ajudou num é, mas foi normal...(F) como se conheciam e já sabiam as origens e tudo foi normal...(M) é...somos da mesma terra e por isso...	Sentimentos positivos	Fecunda
9. Futuro do casal	(F) eu acho que vai vem que em principio é para durar...(M) daqui a 20 anos espero ter netos...porque mais filhos já não da...ter saúde, uma vida estável...cuidar dos netos ir leva-los a escola...dar aos netos o que agora no é tao fácil dar e ter tempo, estar com eles...	Sentimentos de confiança e esperança na relação.	Fecunda

Casal 7	Eixo III - Passagem Generativa		
Questão	Unidade de análise	Classificação taxonômica	Classificação tipológica
1.Prefiguração da vida familiar	(F) eu assim num imaginava porque nem pensava em casar...num era uma coisa que fosse o foco de vida, mas depois...mas sempre pensei ter uma vida estável (M) mas na altura que era e com a idade que tínhamos...acho que agora somos mais maduros...	Ausência de prefigurações	Ambivalente
2.Image ns realizadas e não	(F) não vejo assim nada...(M) temos uma coisa, gostávamos de ter mais um filho, na altura foi mais pessimista e num era uma fase boa, mas agora ate já é um pouco tarde...	Sentimentos de estagnação;	Ambivalente
3.1 e 3.2 Valores e modelos	(F) eu...ser honesto, ser trabalhador, amigo do próximo, a amizade (M) ser humilde, ser sérios...(M) sim mesmo a forma de estar...(F)sim claro(M) sim mesmo a forma de estar...(F)sim claro	Transmissão estereotipada	Fecunda
4. Sentido de eficácia parental	(F) é um bocado complicado porque ele já não aceita tao bem e é uma idade complicada ele é que sabe e é preciso insistir...(M) é muito da idade mas eu acho que os valores estão lá...	Sentimento de ineficácia e impotência; sentimento de eficácia construtiva;	Fecunda
5. Identidade dos filhos	(F) a quem saiu num sei...dizem que saiu ao pai...é muito brincalhão, nisso é parecido ao tio (M) nisso faz lembrar...	Réplica	Ambivalente
6. Sofrimento, esperança	(F) Minha maior dor foi perder o meu pai...isso para mim foi difícil e para o meu filho também, até para ele...e esperança e na vida que vai continuar...(M) é o que virá para a frente...	Sentimentos de vazio	Ambivalente

Casal 8	Eixo II - O Casal		
Questão	Unidade de Análise	Classificação taxonómica	Classificação tipológica
1. O encontro	(F) quem é que responde...(M) posso ser eu (F) vamos la ver se ais explicar bem (M) a ver se me lembro (F) mas olha que eu lembro-me bem que isto é o problema das mulheres e aquela memória de elefante...(M)penso que nos conhecemos na discoteca num foi...eu já estava num estado de entusiasmo considerável (risos) estive a noite toda a pedir-lhe cigarros até ela pedir para me apresentar num foi...(F) passou a noite a bater-me nas costas a pedir-me um cigarro...foram 7 cigarros...chegou uma altura em que lhe disse “opah, pelo menos apresentate, senão passo aqui a noite toda a dar-te cigarros e nem sequer sei o teu nome”...frequentávamos os mesmos locais e nunca tínhamos reparado (M) andava-mos na mesma escola, a noite...escola secundaria dos casquilhos...onde eu vou por aqui um promenorzinho...tinha uma colega de secretaria que era a rute marlene, amiga minha de a muitos anos, vivia ao pé de mim...(F) e eu nem sequer reparei que ela andava na escola, na altura...(M) na discoteca carvoaria no barreiro...	Acaso	Fecunda
2. Do encontro à relação	(M) responde tu a gora se quiseres (F) ora isto é complicado, porque eu na altura não admitia que gostava dele (M) tu namoravas atenção... (F) eu namorava com um rapaz de braga (M) quase 150 km pra cima (F) ia ter comigo de 15 em 15 dias ou eu ia eu...nos tínhamos que nos ver de 15 em 15 dias, isto no espaço de 3 meses que eu vivia tudo muito intensamente...e então levava aquilo muito a serio...mas então inicialmente encontrávamo-nos na escola e começamos a dar-nos muito bem e saíamos todos juntos os meus amigos e os dele juntávamo-nos todos no carro e íamos lanchar, íamos passear...e entretanto as minhas colegas começaram a dizer...ai que ele gosta de ti e num sei que e eu dizia...não...não...ele gosta é de ti e...e tava sempre a empurrar e nunca assumia que gostava dele...até que as coisas começaram a realmente, comecei-me aperceber que estava a gostar dele e tive que acabar com o rapaz com quem namorava...e na aquela mesma noite por causa dum estratagema que os nossos amigos montaram na mesma noite começamos a namorar...foi, foi...o que acho que nos aproximou foi essencialmente o falar muito um com o outro já desde ai passávamos imensas horas a falar e a conversar...e o facto de já ao termos mãe...e temos algumas coisas em comum, por uma lado sentíamos-nos sozinhos e responsáveis já com a idade que tínhamos...	Há distinção entre encontro e relação; estado da identidade de casal: existe	Fecunda

3. O que casaram no outro	(M) boa pergunta...posso responder...eu não acredito no acaso, e alias nós consideramo-nos espirituais, portanto não foi por acaso, não acredito que nos só vivemos cá uma vez...eu tive um grande amor antes da patrícia que ainda hoje é uma pessoa que mexe comigo...e o que me chamou atenção nela foi a forma como ela olhava e fazia assim com os olhos, naqueles oculinhos que tinha e fisicamente eu gostava das tuas pernas, andava sempre assim com umas saias engraçaditas...ainda me lembro da saia de veludo...	Reconhecimento do pacto secreto existente	Fecunda
4. Encontraram o que procuravam um no outro	(F) eu não encontrei porque eu não procurava nada...o mais engraçado é que encontrei aquilo que eu não procurava, como eu disse eu vivia tudo intensamente e as poucas relações que tive, de curto prazo, cansava-me facilmente porque tinha sempre tudo, por acaso os namorados que tinha entregavam-se...ele não...deu-me luta...foi o 1º que me deu grande luta e foi ao contrário em vez de desistir lutei por ele e foi se calhar por ai que a coisa resultou (M) eu foi um bocadinho diferente, eu andava com outra pessoa, uma relação esporádica nessa altura que gostava muito dele e chegou uma altura que tive que decidir, uma decisão coerente...não foi uma decisão fácil, falamos sobre isso agora se calhar também contou muito a outra rapariga ser de longe, que apesar de eu ter facilidade de mobilidade porque já tinha carro nessa altura, vivia relativamente bem...	Inexistência de expetativas	Fecunda
5. Novas descobertas	(M) posso responder primeiro depois...descobrimos que o sexo não é sempre igual, acho que tem vindo a melhorar n minha opinião, não em quantidade mas em qualidade...alguém a muitos anos me disse que o sexo era um caminho, a questão emocional...penso que aqui explica tudo...nos tamos ca vai para 11 anos praticamente e 3 anos antes de virmos para cima de vez tinha tentado vir para o Minho, ou seja estive aqui um mês e meio sozinho que para mim foi extremamente e emocionalmente duro com a agravante que a empresa onde estive a trabalhar não me pagou ou seja...(F) não valeu a pena de todo (M) ou seja, e pensei seriamente se queria vir viver para o norte...eu um dia que tenha que viver sozinho novamente, porque vivi...não vai ser fácil, admito isso e conhecendo-a como conheço também não ira ser...temos uma grande interdependência um do outro...sou apologista que a mulher deve ser independente do homem financeiramente, devem ser emocionalmente independentes um do outro e nos temos pautado a nossa relação por isso...eu não mando nela, ela não manda em mim...e temos lutado no sentido de...estamos um com o outro porque temos liberdade de viver...	Renovação	Fecunda

<p>6. Momentos difíceis</p>	<p>(F) muito difícil (M) quês falar tu ou falo eu...foi através de mim (F) quem teve mais marcas disso foi a Beatriz...(M) eu tive, ainda vivíamos la em baixo, conheci uma rapariga, numa viagem para cima, uma rapariga de monção que vivia em lisboa que mexeu muito comigo, tenho que ser objetivo, se calhar mexeu comigo porque tinha que mexer, se calhar tinha que acontecer para eu valorizar o que tinha e tivemos ali um momento difícil que tive que tomar uma decisão, nunca tive um envolvimento sexual com ela, isso é perentório, mas emocionalmente foi muito forte...até um dia que tomei a decisão de cortar de deixar de ligar...(F) foi ai que eu me impos, porque nós damo-nos muito bem...e a relação que temos, continuamos a sair e tínhamos conversas...nós conversamos como amigos e ele numa dessas conversas, nós estávamos os 2 a jantar e saísse com aquela que estava a ficar...não deixava...e depois o que mais me fazia confusão é que ele estava constantemente a compara-la comigo...porque ela é assim mas é parecida contigo, mas ela é assado mas é parecida contigo...aquilo fazia-me confusão...sofri imenso...na altura chorava baba e ranho, ia para o trabalho sem saber como, não se notou nada mas...e ele como não consegue conter aquilo que sente foi dizer a miúda com 4 anos que estava a pensar separar-se da mãe e marca-o que ainda hoje fala nisso e tem...sente algum trauma daquilo que o pai lhe disse na altura...e chorei, chorei, chorei até o ponto de enxugar as lágrimas e dizer olha tudo bem eu acredito que é algo passageiro, aquelas coisas que nos temos, e vai passar e tens que tomar a decisão que eu não quero estar contigo a pensar noutra mulher e disse-lhe ou eu ou ela tens que te decidir e ele acabou por a tomar...as coisas não ficaram logo bem mas ao fim e ao cabo acho que ainda veio fortalecer mais a relação...</p>	<p>Presença de empenho e responsabilidade pela relação</p>	<p>Fecunda</p>
------------------------------------	---	--	----------------

<p style="text-align: center;">8.1 e 8.2 Encontro com a família</p>	<p>(F) lembro-me a 1º vez que conheci o pai e a madrasta, isto foi quando fomos uma vez...que nos antes de casarmos ele foi ficando na minha casa, foi depois da avó falecer...ou seja eu conheci a avó dele 1º que era a pessoa...conheci a avó dele que tive com ela poucas vez foi num dia em que ele fez anos e começamos a namorar e fui jantar a cada dele, ela tratou-me super bem, gostei logo dela e foi uma altura que fomos sair, fomos passear ate a castelo de palmela, que era o nosso local de namoro, que ela foi connosco e nos íamos as duas atras e ele ia de motorista a frente e lembro-me de ele ir a mandar bitaites pras miúdas...oh jeitosa, oh boa...e ela ponha-me assim a mão pra eu não ligar, tive assim uma ligação muito especial, mas de muito pouco tempo...com o pai foi quando fomos uma altura a praça, que eles nem se davam, falava muito do pai tinha muito traumas, não podia dizer certas coisas que ele dizia-me...não és como a minha madrasta não me falas assim...tinha muitos traumas e então um dia fomos a praça e ele quis-me ir apresentar ao pai e deu-nos uma sacada de fruta e legumes e coisas para levar para casa e acho que foi a partir dai que ele se começou a dar mais com a família, alias começamos, depois quando a Beatriz nasceu também houve ali uma aproximação, quando casamos também... mas depois voltamo-nos a afastar desde que nasceram entretanto outros netos começou a haver mais frieza familiar...(M) a minha relação com o meu sogro é uma relação difícil, nos temos feitos antagónicos...eu respeitando a pessoa em si, ele hoje tem 70 anos mas esta num estado emocional e também num principio de demência...é uma pessoa dificílima de lidar, para quem vive com ele todos os dias, é uma pessoa de luas, agora ta bem, se lhe disserem alguma coisa já ta mal...eu nesse sentido consigo ser uma pessoa, admito isso, uma pessoa mais estável, bastante mais estável, sou o que sou...posso-me irritar mas depois passa, mas a relação com o meu sogro não é fácil, nada fácil eu vivo com ele já a 21 anos, não foi logo fácil desde inicio, o que me levou a tomar decisões na altura de querer sair de casa, mas pronto tenho-me vindo aguentar e dar sempre o beneficio da dúvida... até porque fizemos aqui uma opção desde inicio a patrícia é que é a responsável por ele e pelo irmão e isto ate em termos financeiros levou-nos a fazer opções de interdependência do meu sogro que falo aqui abertamente que estou mais que arrependido de ter tomado certas decisões e uma pessoa vai-se adaptando a vida e vamo-nos adaptando as situações mas admito aqui que num sendo inadaptado, respeito a pessoa que foi assim que fui educado, apesar de já ter tido varias faltes de respeito para comigo mas sei levar a pessoa mas temos uma relação quase amor-odio...muito conflituosa (F) isto para mim é assim...nos quando casamos eu disse-lhe se calhar o melhor e irmos viver para outra casa, eu continuo a cuidar do meu irmão, mas vamos pra nossa casa, ele achou que não porque</p>	<p>Reconhecimento da diferença; sentimentos de contágio e distância;</p>	<p>Ambivalente</p>
--	--	--	--------------------

<p>eles precisavam e hoje em dia... alias logo passado uns tempos arrependemo-nos logo... porque um dia o meu pai teve la uma crise e o Lourenço agarrou pegou na miúda e levo-a com ele e o meu pai no dia a seguir estava desesperado, perdido a pedir por favor, ele não bate mas as crises que ele tem ofendem de tal forma que depois arrependesse e pede desculpa e tal e uma pessoa vai sempre desculpando, desculpando... e foi isto que aconteceu ele voltou para casa porque ele... ai esta o karma dele é este é ser rejeitado e coitado foi parar la a casa e o meu pai é um bocado assim com ele... muito com os ciúmes não é porque ele vê-me como dele... mas é assim eu se calhar não aguentava mas hoje em dia estamos com eles... e muitas das discussões que eu tenho com o meu pai e a defender o Lourenço e é o que mais o irrita, mas se estamos com eles e porque se vamos embora não sei o que vai acontecer... o meu pai é assim mas gosta dele e se eu faço alguma coisa ele defendi-o logo por tras, esta sempre preocupado o que é que eu fiz ao homem, e porque é que não faço a comida para o homem e num sei que ta sempre com essas coisas, mas de frente não lhe transmite isso... (M) não há muito a dizer, porque conseguimos entendermo-nos porque concordo perfeitamente com o que ela disse... eu sei o que aquilo é e não há volta a dar apesar de ele hoje em dia parece que esta a mudar e diz não pela primeira vez na vida e tenta remediar as coisas é assim... pronto...</p>		
--	--	--

<p style="text-align: center;">9. Futuro do casal</p>	<p>(M) bem (F) as vezes pensamos...desculpa...a quando formos velhinhos, gostava que fossemos um velhinhos unidos, mas tento não pensar muito nisso que não quero pensar no futuro tenho receio que a coisa não de certo e gosto de ir vivendo um dia de cada vez, não gosto de fazer prospeções de futuro...(M) eu desilusão não porque é assim já vivi 20 anos...21 anos...pronto...mesmo que cada um m dia tivesse que seguir o seu rumo, desilusão não é, porque se tiver que acabar acaba...nos andamos muitos anos a viver com objetivos, com objetivo de sair daqui, de termos aquilo e termos aqueloutro e termos um bom carro, uma boa casa e hoje em ia mudamos isso tudo, vivemos o dia-a-dia...porque chegamos a uma altura que...sei que a maior parte das pessoas não pensa assim...só andam atras do dinheiro e realmente é muito importante, faz falta para tudo mas nos chegamos a um patamar emocional, na minha opinião, que o dinheiro é importante e cria-nos alguns problemas, não vou dizer que não mas eu eu prefiro viver com pouco mas saber que posso fazer um telefonema e tenho um amigo e saber que a tenho ao meu lado...eu admito que fiz coisas por dinheiro, não coisas mas naturalmente, mas objetivos de venda, passar por cima de tudo e de todos pra alcançar, andar uma vida louca...</p> <p>(F) para cumprir objetivos muitas vezes acabava-se por tirar da mesa para os atingir...(M) e andámos um bocadinho para trás e voltamos um bocadinho as origens...(F) qualquer dia estamos a viver como no seculo passado (risos) neste momento os objetivos de casal passam por planear a curto prazo e disfrutar da vida...dar um passeio de mochila as costas, ir passar um fim de semana aqui ou ali...</p>	<p>Sentimentos de confiança e esperança na relação</p>	<p>Fecunda</p>
--	---	--	----------------

Casal 8	Eixo III - Passagem Generativa		
Questão	Unidade de análise	Classificação taxonómica	Classificação tipológica
1. Prefiguração da vida familiar	<p>(M) eu da minha parte nunca imaginei, é engraçado (F) a gente não pensa muito nisso (M) imaginava, sempre imaginei, agora estou me aqui a lembrar se iria ter namoradas, antes de mais (F) mas isso, eu também não me imaginava a casar e casei (M) e até casamos relativamente cedo, para a maioria das pessoas e das idades...quando tinha 17/18 anos é pah, eu tenho duas coisas que fazia comparação...aquela pessoa faleceu aos 70 e tal, aquele aos 80, bem se viver estes anos todos ainda tenho uns carreirão deles pela frente, hoje tenho 41, vivo as coisas de outra forma, se calhar e porque cheguei aos 40 (F) dizem que aos 40 é a melhor idade...mas não fazia planos, mas tinha que ter filhos, tanto que antes de casar, alias casamos porque eu disse se quês ter uma filha temos que casar e foi por ai, ate pensava ter mais...</p>	Prazer de imaginar.	Fecunda
2. Imagens realizadas e não realizadas	<p>(F) para mim uma das coisas foi, acho que nunca chegamos a ser um casal em pleno porque nunca vivemos sozinhos, nunca tivemos os nossos horários, como nós, tivemos sempre influência de outras pessoas, depois outra questão também foi fomos logo pais, engravidei logo, foi logo na noite de núpcias...quase que era a promessa tinha que se cumprir, e fui logo mãe nem tivemos tempo pra ser um casal só nos, estamos agora a viver isso e de vez em quando fugimos, escapamos e temos um fim-de-semana só para nós e se calhar era isso que não se realizou...acho que temos uma boa relação mesmo assim, a cumplicidade que temos, que eu acredito que é o que tem dado resultado (M) da minha parte esperava em termos financeiros estar noutra patamar mas também não estou porque tomei decisões assim...a 15 anos tivemos uma crise maior que esta (F) vitimas das nossas escolhas, querias comprar tudo e ter tudo...(M) conseguimos encaminhar as coisas demos 2 passos atras...adiante...eu em miúdo tinha sonhos mas era de ter uma família normal... (o que é que seria uma família normal) lá esta a família estereotipada que em via em amigos meus, que eu olhava para eles e tinham uma família normal, que cumpria as normas ter o pai a mãe e os filhos e darem-se bem eu ia a casa deles e gostava do que via...seriam felizes? Eu independentemente de tudo era feliz...mas la esta...andando um bocadinho ara trás nunca foi de almejar muitas coisas engraçado...</p>	Sentimentos de estagnação	Fecunda

<p>3.1 e 3.2 Valores e modelos a passar aos filhos</p>	<p>(F) os valores de referência estão sempre a ser dados que é, ser ele própria, seguir o que lhe vai no coração, não deixar que ninguém controle vida dela...aquilo que nos baseia a nós...por um lado queremos ser o exemplo enquanto casal, mesmo os problemas que ele teve ou tem com o namorado e tentar passar que ela nunca seja dependente nem economicamente, nem emocionalmente, pode gostar muito mas que não seja dependente daquela pessoa para viver e acima de tudo que se respeite a ela própria, porque se ela se respeitar qualquer um a vai respeitar, basicamente é isso (M) claro que sim, como já dissemos a bocado (F) é sem duvida</p>	<p>Transmissão precisa de valores</p>	<p>Fecunda</p>
<p>4. Sentido de eficácia parental</p>	<p>(F) eu acho que sim é engraçado que eu as vezes tou ouvi-la falar cas amigas, a ralhar cas amigas por isto ou por aquilo e fala exatamente da forma como nos falamos para ela, ela não faz aquilo que nos lhe dissemos, mas depois vai dar o recado igual e eu digo assim ela esta a falar exatamente igual como nós ...inclusive ele já assistiu mesmo ela a falar assim com uma amiga...ela os princípios que tem muito como o pai e toda ligada as politicas e as politiquices e um bocadinho mas eu sou mais a zen ponho em causa as coisas e tudo mas eles são mais firmes e ela o feitio dela é muito como o dele e os princípios ela tem agora se os poem em pratica neste momento também é uma idade difícil por isso não podemos ver ate que ponto, mas eu acredito que sim...por exemplo ela não conheceu a minha mãe mas fala muito sobre ela e inclusive já sonhou com ela e se calha é muito do que eu passo a minha ma dos princípios que e falo sempre e da historia...e mesmo da parte da avó dele ela fala que gostava de a ter conhecido porque daquilo que nós falamos elas tinham muito em comum...acho que ela absorve bem isso especificamente um recurso ela sabe que se precisar vem ter connosco e diz tudo, mas se eu lhe perguntar ela não me diz, por isso a relação que nós temos é um recurso...o obstáculo é a idade e um bocadinho difícil assumir que com esta idade damo ouvidos aos pais, sabe que nós gostamos de sair a noite e tal mas é tudo afastado nós no nosso quanto ela no dela com os amigos...</p>	<p>Sentimento de eficácia construtiva</p>	<p>Fecunda</p>
<p>5. Identidade dos filhos</p>	<p>(F) eu acho que ela saiu aos 2 no mal feitio (M) concordo (F) completamente fisicamente e mesmo ela é a mistura dos 2...em relação a mim nem sei o que é que ela sai em termos de comportamento e de atitude é mais pai nesse aspeto, não sei mas, e mandona, respingona é revolucionária, diz aquilo que tem a dizer e pronto luta sempre pelos direito dela e aquilo que acredita ser pra sociedade em si aaah... no fundo é os valores que nos lhe passamos</p>	<p>Sentimento de pertença (unicidade/diferenciação)</p>	<p>Fecunda</p>

<p>6. Sofrimento , esperança e confiança</p>	<p>(F) é a relação amor-ódio que temos com o meu pai, quando esta bem estamos super felizes, quando lhe da as crises acaba por criar conflito o que faz com que levemos tudo muito ao limite e traz sequelas mesma para a B...momentos de felicidade é quando estamos bem somos uma família unida e por isso são mais os fatores externos que influenciam a vida familiar</p>	<p>Sentimentos de dúvida e de confusão acerca da vida familiar</p>	<p>Ambivalente</p>
--	---	--	--------------------

Casal 9	Eixo I - As Origens			
Questão	Unidade de análise	Classificação taxonómica		Classificação tipológica
1. Ambiente das origens	(F)(risos) começa tu...(M) começa tu...(F) antigamente uuuuuh, meio ambiente de vida...uma família normal, o um pai a minha mãe filha única...uma vida normal essa é a minha experiencia...	Conteúdos mentais: Pobres	Qualidade dos afetos: Pobres	Falida
	(M) a minha é diferente somos 3 irmãos, os meus pais tinham um supermercado, depois cada um seguiu a sua vida e ...	Conteúdos mentais: Pobres	Qualidade dos afetos: Pobres	
1.2 Ambiente das origens	(F) eu penso que o normal, quer dizer a família junta-se nas datas festivas para celebrar um aniversário ou um natal, a família quando vinha de férias	Ritualidade ativa e reconhecida		Fecundo
	(M) senão cada um tem a sua vida			
4.Regras de Ouro	(F) pelo pai e pela mãe...e os valores era aqueles que nos hoje tentamos inculcar aos nossos filhos, é honestidade, o trabalho, ser amigo boas pessoas...	Presença de regras		Fecunda
	(M) fundamentalmente é isso...			
5.1 Relação com a mãe	(M) não tenho assim nenhuma história em particular...tu tens...és capaz de ter mais que eu (F) ainda hoje temos uma relação próxima sempre muito dependentes uma da outra e apoiar mais diretamente sempre que é preciso	Expressiva		
	(M) também estamos espacialmente muito perto deles por isso é que há maior ligação...bem eu por fim criado pelos meus avós e quando precisei dos meus pais não os tinha, então quando regressaram eu já tinha 10 anos e não foi assim... (então e em relação a avó, como era a relação) era muito carinhosa com a gente, mimava-nos o máximo que podia naquela altura, naqueles anos que eram difíceis, nunca nos faltou com nada graças a deus, muito meiguinha e até nos protegia pro meu avô na ralhar			

5.2 Relação com o pai	(M) o meu pai era muito mau para nos só ele é que sabia, só ele e que mandava, ele é que era o líder...tanto para os filhos como para a esposa, em casa nunca fazíamos bem, são medalhas que ficaram	Carente	Fecunda
	(F) eu não, eu tenho uma experiencia diferente, o meu pai sempre foi um bom pai...não tao próximo como a mãe mas na altura... era uma pessoa atenta e preocupada...	Expressiva	
5.3 Relação com os irmãos	(M) como fomos criados com os meus avós, la está, a minha irmã era a menina da casa...o meu irmão seguiu a vida dele...e na altura foi o que me liguei mais aos negócios da família até	Construtiva	
	(F) ah tinha amigos fiz amizade com muita gente mas suponho que não é a mesma coisa que ter irmãos...	Construtiva	
6. Aprendizagem da relação de casal dos	(F) aquilo que eu vi pela relação dos meus pais e que sempre houve muito respeito um pelo outro, sempre ouve aquela preocupação do trabalhar e de ser honesto e o poupar	Valorização	
	(M) o meu a pai apesar de tudo era muito trabalhador a minha mãe as vezes ate de mais fazia tudo para tudo correr bem...entre eles era complicado mas eu acho que gostavam um do outro...		
7. Relação entre estirpes	(F) é assim no caso dos meus pais nós, não nasci ca os meus pais eram emigrantes, eu nasci fora e depois quando regressamos... e nas férias, no verão, os meus pais vinham ver os pais da minha mãe porque o meu pai já não tinha pais porque eles faleceram cedo... os meus pais construíram a casa por trás da dos meus avós, portanto estávamos próximos, era uma relação quotidiana...	Presença de recordações	
	(M) nós fomos educados pelos avós da parte da minha mãe, os avós por arte do meu pai eram distantes só os ia visitar nas férias e poucas vezes...o meu avó materno também tinha um feitio complicado e chocavam ali um bocado (F) porque o avó também era o chefe de família e então... no caso dos pais dele já são \de um geração diferente da dos meus pais e o casal, os meus sogros...a figura masculina era o chefe da casa e a esposa tinha que o servir...		

Casal 9	Eixo II - O Casal		
Questão	Unidade de Análise	Classificação taxonómica	Classificação tipológica
1. O encontro	(F) fala tu...quês falas tu...(M) fala tu (F) ora bem, lembro-me que foi um dia numa discoteca em Espanha (M) em Tui (F) que já não existe (M) precisamente num dia 14 de fevereiro, dia dos namorados...	Acaso	Fecunda
2. Do encontro à	(F) não sei começamos ai a falar, depois é assim também surgiu pelo grupo de amigos...tínhamos amigos em comum e começamos a sair (M) tens boa memoria amor (F) isto é assim sem pormenores que já não me lembro...	Há distinção entre encontro e relação;	Fecunda
3. O que é que casaram	(F) vi nele uma pessoa muito trabalhadora, honesta...(M) o que vai cair ai...(F) basicamente uma boa pessoa, dava-se bem com toda a gente...também vi alguns defeitos mas pronto (M) é feito...mas é igual porque via a ela como uma miúda simpática e muito conversadora, no se sabia nada de mal...	Reconhecimento do pacto secreto existente;	Fecunda
4. Encontraram o	(M)sim...(F)acho que sim apesar que a coisas que se vão ajustando...	Expectativas e necessidades atendidas satisfatoriamente.	Fecunda
5. Novas descobertas	(F) uiui revelou-se um cozinheiro espetacular (risos) um bom pai, profissionalmente houve uma grande mudança e respondeu a desafio (M) temos amadurecido, esta mais tranquila (F) não há assim grandes mudanças, se calhar vê-se a vida de outra forma mais tranquila mais relaxada (M) casamos, depois passado um tempo nasceu logo o mais velho...que dizer podíamos ter disfrutado mais de nós...divertimo-nos mais...mas nós assumimos a relação e os filhos e...fomos feitos um pro outro penso eu (F) aah mas falta-te ai uma parte num falas de mim como mãe (M) então e os filhos, mas pronto na educação, no desempenho dos miúdos	Renovação	Fecunda

6. Momentos difíceis	(F) momento difícil, difícil, não mas as vezes a momentos de stress do dia a dia, a sensação de que vivemos sempre a correr dum lado pro outro...as vezes o não ter tempo para ti...leva alguma tensão...e nesses momentos há aquele desatino naquele momento mas depois vai-se dar uma volta e tal e passa e pronto (M) é isso é vai dar uma volta vai espairer e depois tudo passa	Presença de empenho e responsabilidade pela relação	Fecunda
8.1 e 8.2 Encontro com a família	(F) Já nem me lembro quer dizer, a 1ª vez foi, ele tralhava na loja dos pais, foi a tua loja já nun sei porque e foi assim (M) já foi mais complicado, porque era mais velho e tinha assim o cabelo comprido (F) eu tinha 16 anos e ele já tinha 23 e isso para os meus foi complicado, preocupa foi sempre bem aceite mas com o pé atras (M) mas assim que perceberam que era serio nunca puseram, os meus sogros, entraves nunca disseram nada...por muito também num a nada apontar a minha família, aos meus pais e foram sempre reconhecidos e os meus sogros souberam e nunca houve problemas...ate que ao final de um mês ia ter com ela a casa, víamos televisão tava com ela...(F) num há nada a dizer sempre me o trataram bem e gostavam muito de pronto (M) pronto dada a situação foi o melhor também gostaram logo dela e pronto...	Reconhecimento da diferença; sentimentos positivos.	Fecunda
9. Futuro do casal	(F) eu acho que como agora, não vejo assim nada acho que aquilo que queríamos já temos, não somos muito ambiciosos, já temos a nossa casa, os nossos filhos, é assim a partir do momento em que nasceram os nossos filhos nos vivemos muito para eles, são a nossa prioridade em tudo, nos já temos o que queríamos...(M) disfrutar da maneira que podemos não fazermos grandes planos...e abdicamos de nos para os miúdos...e agora e viver o dia a dia	Sentimentos de confiança e esperança na relação.	Fecunda

Casal 9	Eixo III - Passagem Generativa		
Questão	Unidade de análise	Classificação taxonómica	Classificação tipológica
1. Prefigur ação da vida	(F) aquilo que eu pensei é o que nos temos agora eu acho que tudo foi planeado e as coisas eram acontecendo da maneira que nos quisemos (M) foi casar, ter filhos, a nossa casa...	Prefigurações concretizadas	Fecunda
2. Imagens realizadas e não realizadas	(F) eu imaginava-me com os filhos sempre quis ser mãe e é um papel que eu levo muito a sério, e depois vem aquelas coisas até motivadas por eles e faz-nos ver que estamos a fazer bem, eles tem-se revelado miúdos excecionais (M) muito educados, a gente tenta também dar-lhes o bom para eles (F) e com valores que eles veem em nós também...o que não estava dentro dos planos era o 3º filho, 2 sempre estiveram mas (M) e mudou muito a nossa vida (F) mas veio e hoje tinha-o outra vez mas foi complicado porque tínhamos planeado tudo e tudo tinha dado certo...e aceitamos e é o miminho da casa e eu mais pelo futuro para eles porque a educação hoje é muito cara e (M) não há ajudas não há nada...	Imagens estereotipadas	Fecunda
3.1 e 3.2 Valores e modelos	(F) isso aai, que sejam honestos, responsáveis, lutadores que lutem por aquilo que querem e acreditam (M) a humildade, não terem nada apontar, amigos uns dos outros...(F) sim alguns sim, outros se calhar não...(M) sim...até o contrário, o ser diferente	Transmissão precisa de valores	Fecunda
4. Sentido de eficácia	(F) um obstáculo é sem dúvida a sociedade onde nos vivemos tu tentas transmitir uma coisa com palavras e com exemplos e saís porta fora e o que vê se é exatamente ao contrário, um recurso é o exemplo que se pode dar e eles também serem tão bons filhos	Sentimento de eficácia construtiva	Fecunda
5. Identidade dos filhos	(F) fisicamente saem ao pai...eles também são novos e a personalidade ainda se está a formar, mas não mais velho com 14 anos, por exemplo não se mete em confusão, está na dele, depois também tem algumas coisas minhas nas ações (M) e a Inês também já vai com a mesma coisa até o pequeno (F) apesar de mais regulado mais agitado... e nota-se a diferença quanto aos irmãos e mais expansivo	Sentimento de pertença (unicidade/diferenciação)	Fecunda

<p>6. Sofrimento, esperança</p>	<p>(F) quando as vezes o miúdos estão doentes e gente faz uns filmes, mas felizmente (M) apesar de já sabermos ainda há umas aflições (F) e maior esperanças foi os filhos</p>	<p>Sentimentos de êxito</p>	<p>Fecunda</p>
---	--	-----------------------------	----------------

Casal 10	Eixo I – As Origens			
Questão	Unidade de análise	Classificação taxonómica		Classificação tipológica
1. Ambiente das origens	(M) normal, numa família com dois filhos, o pai e a mãe, o pai um bocado ausente devido a questões profissionais...estudamos...fizemos as nossas traquinices... que depois reflete-se naquilo que nos somos como pessoas e reflete-se também ainda na relação com os meus pais e com o meu irmão, somos próximos e estamos juntos com regularidade	Conteúdos mentais: Ricos Positivos	Qualidade dos afetos: Ricos Positivos	Fecundo
	(F) somos 5 irmãos, sempre juntos os pais... mas eram tempos diferentes em que não havia muita abertura por parte dos pais e portanto senti um bocadinho essa lacuna na família	Conteúdos mentais: Ricos Positivos	Qualidade dos afetos: Ricos Ambivalentes	
1.2 Ambiente das origens	(M) quando nós nos juntávamos tanto com a nossa família... natais, das festas de família, dos aniversários, quer fosse meu, dos meus primos, do meu irmão... sempre tivemos uma tradição de familiar...e ainda hoje temo	Ritualidade ativa e reconhecida		
	(F) havia mais festas digamos assim, porque e depois também viviam connosco, os meus avós... recordo-me sempre com muita agrado os fins-de-semana, porque os meus tios e os meus primos vinham sempre visitar os meus avos... as pascoas...o recolher era na casa do meu avô com a família toda			
4. Regras de Ouro	(M) o meu pai era muito exigente... a hora do jantar termos que estar em casa... o meu pai era a pessoa que impunha mais as regras... a minha mãe era mais assim, mais benevolente... havia há o respeito	Presença de regras construtiva		
	(F) da educação...do respeito... olhavam para nós e praticamente não precisavam de dizer nada			
5.1 Relação com a mãe	(M) era muito apegado a minha mãe...e a escola era em frente a minha casa e pegava e pedia a minha mãe para no intervalo ir para a janela enquanto os meninos brincavam eu estava agarrado a rede a olhar p'a minha mãe e pronto ficava a chorar	Expressiva		Critica
	(F) sempre que nos zangávamos com a minha mãe ela vir com a colher de pau para nos bater... ela com 5 num era nada fácil	Instrumental		
5.2 Relação com o	(M) sempre foi uma pessoa muito reservada... num é uma pessoa que demostre muito os sentimentos... quando comecei a jogar futebol e a praticar	Ambígua		Critica

	desporto acompanhou-nos incondicionalmente e ate se tornou diretor do clube ia acompanhar os jogos e tal era muito critico... foi também uma forma de nós compensar e estar mais envolvido também		
	(F) fazíamos muitos passeios... eu vinha sempre as cavalitas do meu pai porque eu era a mais nova e pronto recordo isso com muito agrado	Instrumental	
5.3 Relação com os irmãos	(M) uma relação de amor-ódio e ainda hoje é assim... andávamos quase sempre a turra e massa... tenho pena de não ter mais alguma cumplicidade com o meu irmão... de juventude e de adolescência foi com o mesmo grupo de amigos	Ambígua	Fecunda
	(F) bons momentos tenho mais com o meu irmão mais velho... nos as raparigas era um quarto para as 4 eee claro as brincadeiras de manhã	Expressiva	
6. Aprendi zagem da relação	(M) faziam uma vida de casal la esta normal...ainda hoje o fazem...volta e meia estão de férias e convivem muito um com o outro e basicamente é isso...acima de tudo é a convivência, respeito	Valorização	Fecunda
	(F) nunca assisti a nada que poesse-se em causa a relação deles		
7. Relação entre as estirpes	(M) era uma relação diferente... tratam-se por você e hoje em dia quase ninguém se trata assim e eu trato os meus pais por tu	Presença de recordações construtivas	Fecunda
	(F) respeito uns pelos outros... mas apesar de a minha avó paterna não aceitar a minha mãe e a minha mãe sempre soube isso e num entanto sempre a tratou e a aceitou quando ela precisou e sempre a tratou como se fosse mãe		

Casal 10	Eixo II - O Casal		
Questão	Unidade de Análise	Classificação taxonómica	Classificação tipológica
1.O encontro	(M) no trabalho...(sorrisos)	Acaso	Fecunda
2. Do encontro à relação	(M) Primeiro gostam do que veem, depois gostam da conversa, da companhia...depois tudo veem...	Há distinção entre encontro e relação	Fecunda
3. O que casaram no outro	(M) Acho que casamos pela nossa maneira de ser... fomos nos conhecendo, gostamos daquilo que fomos conhecendo, obviamente que as vezes as coisas precipitam-se... (F) mas eu acho que acabaria por dar nisto	Reconhecimento do pacto secreto existente	Fecunda
4. Encontraram o que procuravam no outro	(M) Eu nunca procurei nada...não idealizei nada.....depois há aquele click... (F) somos diferentes do que eramos quando nos conhecemos...num é...(M) e portanto vamos moldando a medida que também o tempo vai passando...”	Inexistência de expectativas	Fecunda
5. Novas descobertas	(M) Vamos descobrindo ainda hoje...	Renovação	Fecunda
6. Momentos difíceis	(M) Temos coisas como qualquer casal mas assim uma coisa complicada não...	Presença de empenho e responsabilidade pela relação	Fecunda
8.1 e 8.2 Encontro com a família	(M) Fui entrando... uma recepção de uma família que se sabe que um dia a sua filha... (F) a curiosidade da tua mãe... acabou por ser uma aceitação rápida... ao fim de uma semana estar a morar na casa dele... conheci primeiro o teu pai depois e que te conheci a ti... (M) foi a primeira namorada que ela conheceu...	Reconhecimento da diferença; sentimentos positivos.	Fecunda

<p>9. Futuro do casal</p>	<p>(M) não muito diferente do que tem sido ate aqui...mas não fazemos futurologia...é dia adia... (F) acho que é importante termos algumas metas mas...</p>	<p>Sentimentos de confiança e esperança na relação.</p>	<p>Fecunda</p>
--	---	---	----------------

Casal 10	Eixo III - Passagem Generativa		
Questão	Unidade de análise	Classificação taxonômica	Classificação tipológica
1. Préfigur ação da vida	(M) Eu não a via diferente da que tenho agora...(F) eu imaginava-me com mais filhos...com este corridinho do dia-a-dia é difícil... mas de resto acho que vai de encontro as nossas expectativas...	Prazer de sonhar	Ambivalente
2. Imagens realizadas e não	(M) Eu acho que aconteceu tudo dentro daquilo que eu esperava... ter estabilidade profissional, ter crianças, viver em conjunto, viver em família...(F) acho que tudo se tem concretizado...	Imagens estereotipadas	Fecunda
3.1 e 3.2 Valores e modelos	(M)...respeito...pelo próximo e por elas mesmas... (F) e não façam aos outros o que não gostam que te façam a ti...(M) tentar ser justos... (F) sim, eu não tenho dúvida..."	Transmissão estereotipada	Fecunda
4. Sentido de eficácia parental	(M) Eu acho que conseguimos... um obstáculo é as novas tecnologias e a facilidade que as crianças estão expostas sem saber que estão... não deixa de ser um recurso, para os controlarmos.... porque posso consultar o que elas fizeram sem que se apercebam... o que realmente me assusta neste momento é a falta de privacidade que as pessoas a si próprias se impõem, se permitem...	Sentimento de eficácia construtiva	Fecunda
5. Identidade de dos filhos	(M) uma é mãe outra é pai... (F) são muito diferentes em tudo... (M) apesar de tudo eu acho que elas tem a sua personalidade e desenvolvem-na...	Sentimento de pertença (unicidade/diferenciação)	Fecunda
6. Sofrimento, esperança	(M) talvez neste momento aquilo que tenha trazido maior dor foi a questão de saúde da mãe dela... (F) foi um choque muito grande, algo inesperado...(M) maior esperança foram as nossas filhas.... porque são a nossa imortalidade... acho que o maior marco que uma pessoa deixa aqui e quando deixa descendência e portanto é essa a esperança...	Sentimentos de raiva, Sentimentos de êxito;	Ambivalente